UNE ✦ SACRA

Espiritismo

O Livro dos Espíritos

✦ ✦ ✦

Allan Kardec

Tradução (edição 1.4)

Créditos

Autor	Allan Kardec
Data	1857 (2ª edição, 1860)
Idioma original	Francês
Versão	Tradução (edição 1.4)
Tradução	Tradução popular, a partir do original francês
Fonte	Wikisource — Le Livre des Esprits (2e édition, Didier, 1860)
Licença	CC BY-NC-SA 4.0 · original: Domínio público

Sobre:

O Livro dos Espíritos, publicado em Paris em 18 de abril de 1857 por Allan Kardec (pseudônimo do educador francês Hippolyte Léon Denizard Rivail, 1804–1869), é a obra fundadora do Espiritismo.

Kardec reuniu e ordenou as respostas que, segundo ele, os Espíritos deram por meio de vários médiuns a perguntas sobre Deus, o universo, a natureza da alma, a vida depois da morte, a reencarnação, as leis morais e o futuro da humanidade.

A segunda edição, de 1860, foi inteiramente refeita e ampliada e fixou a forma definitiva do livro, com as perguntas numeradas de 1 a 1019.

O livro se divide em quatro partes — As causas primeiras, O mundo espírita ou dos Espíritos, As leis morais e Esperanças e consolações —, precedidas de uma longa Introdução e seguidas de uma Conclusão.

Cada trecho traz a pergunta, a resposta dos Espíritos entre aspas e, muitas vezes, o comentário de Kardec. Como no original de 1860, não há pergunta 1011.

Ao lado de O Livro dos Médiuns, O Evangelho segundo o Espiritismo, O Céu e o Inferno e A Gênese, forma as cinco obras básicas da doutrina, e foi a partir dele que o Espi-

ritismo se espalhou da França para o mundo — principalmente para o Brasil, hoje o país com mais espíritas.

Fonte: https://fr.wikisource.org/wiki/Le_Livre_des_Esprits

Esta tradução popular e o desenho deste arquivo são da Une Sacra, sob a licença Creative Commons AtribuiçãoNãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 (CC BY-NC-SA 4.0): pode copiar e compartilhar citando "Une Sacra (unesacra.com)", sem uso comercial e com a mesma licença. O texto original segue a licença da fonte. Termos de uso: unesacra.com/#/legal/terms

Edição digital gerada em 26 de novembro de 2026 pela Une Sacra, biblioteca aberta de textos sagrados. · UneSacra.com

Sumário

Introdução ao estudo da doutrina espírita

Prolegômenos

Livro I, cap. I — Deus

Deus e o infinito 1–3

Provas da existência de Deus 4–9

Atributos da Divindade 10–13

Panteísmo 14–16

Livro I, cap. II — Elementos gerais do universo

Conhecimento do princípio das coisas 17–20

Espírito e matéria 21–28

Propriedades da matéria 29–34

Espaço universal 35–36

Livro I, cap. III — Criação

Formação dos mundos 37–42

Formação dos seres vivos 43–49

Povoamento da Terra. Adão 50–51

Diversidade das raças humanas 52–54

Pluralidade dos Mundos 55–58

Considerações e concordâncias bíblicas sobre a criação 59

Livro I, cap. IV — Princípio vital

Seres orgânicos e inorgânicos 60–67

A vida e a morte 68–70

Inteligência e instinto 71–75

Livro II, cap. I — Dos Espíritos

Origem e natureza dos Espíritos 76–83
Mundo normal primitivo 84–87
Forma e ubiquidade dos Espíritos 88–92
Perispírito 93–95
Diferentes ordens de Espíritos 96–99
Escala espírita 100
TERCEIRA ORDEM. – ESPÍRITOS IMPERFEITOS 101–106
SEGUNDA ORDEM. – BONS ESPÍRITOS 107–111
PRIMEIRA ORDEM. – ESPÍRITOS PUROS 112–113
Progressão dos Espíritos 114–127
Anjos e demônios 128–131

Livro II, cap. II — Encarnação dos Espíritos
Objetivo da encarnação 132–133
Da alma 134–146
Materialismo 147–148

Livro II, cap. III — Retorno da vida corporal à vida espiritual
A alma após a morte 149–153
Separação da alma e do corpo 154–162
Perturbação espírita 163–165

Livro II, cap. IV — Pluralidade das existências
Da reencarnação 166–170
Justiça da reencarnação 171
Encarnação nos diferentes mundos 172–188
Transmigração progressiva 189–196
Destino das crianças após a morte 197–199
Sexos entre os Espíritos 200–202
Parentesco, filiação 203–206
Semelhanças físicas e morais 207–217

Ideias inatas 218–221

Livro II, cap. V — Considerações sobre a pluralidade das existências

Livro II, cap. VI — Vida espírita

Espíritos errantes 223–233

Mundos transitórios 234–236

Percepções, sensações e sofrimentos dos Espíritos 237–256

Ensaio teórico sobre a sensação nos Espíritos 257

Escolha das provas 258–273

Relações de além-túmulo 274–290

Relações de simpatia e antipatia entre os Espíritos. Metades eternas 291–303

Lembrança da existência corporal 304–319

Comemoração dos mortos. Funerais 320–329

Livro II, cap. VII — Retorno à vida corporal

Prelúdios do retorno 330–343

União da alma e do corpo 344–360

Faculdades morais e intelectuais 361–366

Influência do organismo 367–370

Idiotismo, loucura 371–378

Da infância 379–385

Simpatias e antipatias terrestres 386–391

Esquecimento do passado 392–399

Livro II, cap. VIII — Emancipação da alma

O sono e os sonhos 400–412

Visitas espíritas entre pessoas vivas 413–418

Transmissão oculta do pensamento 419–421

Letargia, catalepsia, mortes aparentes 422–424

Sonambulismo 425–438

Êxtase 439–446

Segunda visão 447–454

Resumo teórico do sonambulismo, do êxtase e da segunda vista 455

Livro II, cap. IX — Intervenção dos Espíritos no mundo corporal

Penetração do nosso pensamento pelos Espíritos 456–458

Influência oculta dos Espíritos sobre nossos pensamentos e nossas ações 459–472

Possessos 473–480

Convulsionários 481–483

Afeição dos Espíritos por certas pessoas 484–488

Anjos da guarda; Espíritos protetores, familiares ou simpáticos 489–521

Pressentimentos 522–524

Influência dos Espíritos sobre os acontecimentos da vida 525–535

Ação dos Espíritos sobre os fenômenos da natureza 536–540

Os Espíritos durante os combates 541–548

Dos pactos 549–550

Poder oculto. Talismãs. Feiticeiros 551–556

Bênção e maldição 557

Livro II, cap. X — Ocupações e missões dos Espíritos

Livro II, cap. XI — Os três reinos

Os minerais e as plantas 585–591

Os animais e o homem 592–610

Metempsicose 611–613

Livro III, cap. I — Lei divina ou natural

Características da lei natural 614–618

Conhecimento da lei natural 619–628

O bem e o mal 629–646

Divisão da lei natural 647–648

Livro III, cap. II — Lei de adoração

Finalidade da adoração 649–652

Adoração exterior 653–656

Vida contemplativa 657

Da prece 658–666

Politeísmo 667–668

Sacrifícios 669–673

Livro III, cap. III — Lei do trabalho

Necessidade do trabalho 674–681

Limite do trabalho. Repouso 682–685

Livro III, cap. IV — Lei de reprodução

População do globo 686–687

Sucessão e aperfeiçoamento das raças 688–692

Obstáculos à reprodução 693–694

Casamento e celibato 695–699

Poligamia 700–701

Livro III, cap. V — Lei de conservação

Instinto de conservação 702–703

Meios de conservação 704–710

Desfrute dos bens terrenos 711–714

Necessário e supérfluo 715–717

Privações voluntárias. Mortificações 718–727

Livro III, cap. VI — Lei de destruição

Destruição necessária e destruição abusiva 728–736

Flagelos destruidores 737–741

Guerras 742–745

Assassinato 746–751

Crueldade 752–756

Duelo 757–759

Pena de morte 760–765

Livro III, cap. VII — Lei de sociedade

Necessidade da vida social 766–768

Vida de isolamento. Voto de silêncio 769–772

Laços de família 773–775

Livro III, cap. VIII — Lei do progresso

Estado de natureza 776–778

Marcha do progresso 779–785

Povos degenerados 786–789

Civilização 790–793

Progresso da legislação humana 794–797

Influência do espiritismo sobre o progresso 798–802

Livro III, cap. IX — Lei de igualdade

Igualdade natural 803

Desigualdade das aptidões 804–805

Desigualdades sociais 806–807

Desigualdade das riquezas 808–813

Provas da riqueza e da miséria 814–816

Igualdade dos direitos do homem e da mulher 817–822

Igualdade perante o túmulo 823–824

Livro III, cap. X — Lei de liberdade

Liberdade natural 825–828

Escravidão 829–832

Liberdade de pensar 833–834

Liberdade de consciência 835–842

Livre-arbítrio 843–850

Fatalidade 851–867

Conhecimento do futuro 868–871

Resumo teórico do motivo das ações do homem 872

Livro III, cap. XI — Lei de justiça, de amor e de caridade

Justiça e direitos naturais 873–879

Direito de propriedade. Roubo 880–885

Caridade e amor ao próximo 886–889

Amor materno e filial 890–892

Livro III, cap. XII — Perfeição moral

As virtudes e os vícios 893–906

Das paixões 907–912

Do egoísmo 913–917

Características do homem de bem 918

Conhecimento de si mesmo 919

Livro IV, cap. I — Penas e alegrias terrenas

Felicidade e infelicidade relativas 920–933

Perda das pessoas amadas 934–936

Decepções. Ingratidão. Afeições desfeitas 937–938

Uniões sem afinidade 939–940

Temor da morte 941–942

Desgosto pela vida. Suicídio 943–957

Livro IV, cap. II — Penas e prazeres futuros

Nada. Vida futura 958–959

Intuição das penas e dos prazeres futuros 960–962

Intervenção de Deus nas penas e recompensas 963–964

Natureza das penas e dos prazeres futuros 965–982

Penas temporais 983–989
Expiação e arrependimento 990–1002
Duração das penas futuras 1003–1009
Ressurreição da carne 1010
Paraíso, inferno e purgatório 1012–1019

Conclusão

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA DOUTRINA ESPÍRITA

✦

Para coisas novas, são necessárias palavras novas; assim exige a clareza da linguagem, para evitar a confusão inseparável dos múltiplos sentidos dos mesmos termos.

As palavras espiritual, espiritualista e espiritualismo têm um significado bem definido; dar-lhes um novo significado para aplicá-las à doutrina dos Espíritos seria multiplicar as causas, já tão numerosas, de ambiguidade.

De fato, o espiritualismo é o oposto do materialismo; quem acredita ter em si algo além da matéria é espiritualista; mas disso não se segue que acredite na existência dos Espíritos ou em suas comunicações com o mundo visível.

Em lugar das palavras espiritual e espiritualismo, empregamos, para designar esta última crença, as palavras espírita e espiritismo, cuja forma lembra a origem e o sentido da raiz e que, por isso mesmo, têm a vantagem de ser perfeitamente compreensíveis, reservando à palavra espiritualismo seu significado próprio.

Diremos, portanto, que a doutrina espírita, ou o espiritismo, tem como princípios as relações do mundo material com os Espíritos, ou seres do mundo invisível. Os adeptos do espiritismo serão os espíritas ou, se preferirem, os espiritistas.

Em seu aspecto específico, O Livro dos Espíritos contém a doutrina espírita; em seu aspecto geral, liga-se à doutrina espiritualista, da qual apre-

senta uma das fases. Essa é a razão pela qual traz, no início de seu título, as palavras: Filosofia espiritualista.

Há outra palavra sobre a qual também é importante chegar a um entendimento, porque é um dos fundamentos de toda doutrina moral e é objeto de numerosas controvérsias por falta de um significado bem determinado: a palavra alma. A divergência de opiniões sobre a natureza da alma vem da aplicação particular que cada um faz dessa palavra. Uma língua perfeita, na qual cada ideia fosse representada por um termo próprio, evitaria muitas discussões; com uma palavra para cada coisa, todos se entenderiam.

Segundo alguns, a alma é o princípio da vida material orgânica; não tem existência própria e cessa com a vida: é o materialismo puro. Nesse sentido, e por comparação, dizem de um instrumento rachado que já não produz som: ele não tem alma. Segundo essa opinião, a alma seria um efeito, e não uma causa.

Outros pensam que a alma é o princípio da inteligência, agente universal do qual cada ser absorve uma porção. Segundo eles, haveria para todo o universo uma única alma, que distribui centelhas entre os diversos seres inteligentes durante a vida deles; após a morte, cada centelha retorna à fonte comum, onde se funde no todo, como os riachos e os rios retornam ao mar de onde saíram.

Essa opinião difere da anterior porque, nessa hipótese, há em nós mais do que matéria e resta alguma coisa após a morte; mas é quase como se nada restasse, pois, já não tendo individualidade, não teríamos mais consciência de nós mesmos. Nessa opinião, a alma universal seria Deus, e cada ser, uma porção da Divindade; é uma variedade do panteísmo.

Segundo outros, enfim, a alma é um ser moral, distinto, independente da matéria e que conserva sua individualidade após a morte. Esse significado é, sem dúvida, o mais difundido, porque, sob um nome ou outro, a ideia desse ser que sobrevive ao corpo existe como crença instintiva, independente de qualquer ensinamento, entre todos os povos, qualquer que seja o grau de sua civilização. Essa doutrina, segundo a qual a alma é a causa, e não o efeito, é a dos espiritualistas.

Sem discutir o mérito dessas opiniões e considerando apenas o aspecto linguístico da questão, diremos que essas três aplicações da palavra alma constituem três ideias distintas, cada uma das quais exigiria um termo diferente.

Essa palavra tem, portanto, um significado triplo, e cada um tem razão, de seu ponto de vista, na definição que lhe dá; a falha está na língua, que tem apenas uma palavra para três ideias.

Para evitar qualquer equívoco, seria preciso restringir o significado da palavra alma a uma dessas três ideias; a escolha é indiferente, o essencial é que nos entendamos, é uma questão de convenção. Acreditamos ser mais lógico tomá-la em seu significado mais comum; por isso chamamos de alma o ser imaterial e individual que reside em nós e que sobrevive ao corpo.

Ainda que esse ser não existisse e fosse apenas um produto da imaginação, seria necessário um termo para designá-lo.

Na falta de uma palavra específica para cada um dos outros dois pontos, chamamos de:

Princípio vital o princípio da vida material e orgânica, qualquer que seja sua fonte, e que é comum a todos os seres vivos, desde as plantas até o homem. Como a vida pode existir independentemente da faculdade de pensar, o princípio vital é uma coisa distinta e independente. A palavra vitalidade não expressaria a mesma ideia.

Para alguns, o princípio vital é uma propriedade da matéria, um efeito que se produz quando a matéria se encontra em determinadas circunstâncias; segundo outros, e essa é a ideia mais comum, ele reside em um fluido especial, espalhado por toda parte, do qual cada ser absorve e assimila uma parte durante a vida, assim como vemos os corpos inertes absorverem a luz; seria, então, o fluido vital que, segundo certas opiniões, nada mais seria do que o fluido elétrico animalizado, também designado pelos nomes de fluido magnético, fluido nervoso etc.

Seja como for, há um fato que não se pode contestar, pois é resultado da observação: os seres orgânicos têm em si uma força íntima que produz o fenômeno da vida enquanto essa força existe; a vida material é comum a todos os seres orgânicos e independe da inteligência e do pensamento; a inteligência e o pensamento são faculdades próprias de certas espécies orgânicas; enfim, entre as espécies orgânicas dotadas de inteligência e pensamento, há uma dotada de um senso moral especial que lhe dá uma incontestável superioridade sobre as outras: a espécie humana.

Compreende-se que, com múltiplos significados, a alma não exclui nem o materialismo nem o panteísmo. O próprio espiritualista pode muito bem entender a alma segundo uma ou outra das duas primeiras definições, sem deixar de admitir o ser imaterial distinto, ao qual dará então um nome

qualquer. Assim, essa palavra não representa uma opinião: é um proteu que cada um adapta à sua maneira; daí a origem de tantas disputas intermináveis.

Também se evitaria a confusão, mesmo usando a palavra alma nos três casos, acrescentando-lhe um qualificativo que especificasse o ponto de vista sob o qual é considerada ou a aplicação que dela se faz.

Seria então uma palavra genérica, representando ao mesmo tempo o princípio da vida material, da inteligência e do senso moral, que se distinguiria por um atributo, como os gases, por exemplo, que distinguimos acrescentando as palavras hidrogênio, oxigênio ou nitrogênio.

Poderíamos, portanto, dizer, e talvez fosse o melhor: alma vital para o princípio da vida material, alma intelectual para o princípio da inteligência e alma espírita para o princípio de nossa individualidade após a morte. Como se vê, tudo isso é uma questão de palavras, mas uma questão muito importante para nos entendermos.

Assim, a alma vital seria comum a todos os seres orgânicos: plantas, animais e homens; a alma intelectual seria própria dos animais e dos homens, e a alma espírita pertenceria somente ao homem.

Julgamos necessário insistir nessas explicações, sobretudo porque a doutrina espírita se apoia naturalmente na existência, em nós, de um ser independente da matéria e que sobrevive ao corpo. Como a palavra alma aparecerá com frequência ao longo desta obra, era importante definir o sentido que lhe atribuímos, a fim de evitar qualquer mal-entendido.

Passemos agora ao objeto principal desta instrução preliminar.

A doutrina espírita, como toda coisa nova, tem seus adeptos e seus opositores. Vamos tentar responder a algumas das objeções destes últimos, examinando o valor dos motivos em que se apoiam, sem ter, contudo, a pretensão de convencer a todos, pois há pessoas que acreditam que a luz foi feita somente para elas.

Dirigimo-nos às pessoas de boa-fé, sem ideias preconcebidas ou fixadas a qualquer custo, mas sinceramente desejosas de aprender, e lhes demonstraremos que a maioria das objeções feitas à doutrina provém de uma observação incompleta dos fatos e de um julgamento feito com demasiada leviandade e precipitação.

Recordemos primeiro, em poucas palavras, a sequência progressiva dos fenômenos que deram origem a essa doutrina.

O primeiro fato observado foi o de diversos objetos postos em movimento; ele foi popularmente designado pelo nome de mesas girantes ou dança das mesas. Esse fenômeno, que parece ter sido observado primeiro na América, ou melhor, que se renovou nessa região, pois a história prova que remonta à mais remota Antiguidade, ocorreu acompanhado de circunstâncias estranhas, como ruídos incomuns e pancadas sem causa aparente conhecida.

De lá, propagou-se rapidamente pela Europa e pelas outras partes do mundo; a princípio, despertou muita incredulidade, mas a multiplicidade das experiências logo não permitiu mais duvidar de sua realidade.

Se esse fenômeno tivesse se limitado ao movimento dos objetos materiais, poderia ser explicado por uma causa puramente física. Estamos longe de conhecer todos os agentes ocultos da natureza, assim como todas as propri-

edades daqueles que conhecemos; a eletricidade, aliás, multiplica a cada dia, ao infinito, os recursos que proporciona ao ser humano e parece destinada a iluminar a ciência com uma nova luz.

Nada havia, portanto, de impossível em que a eletricidade, modificada por certas circunstâncias, ou qualquer outro agente desconhecido, fosse a causa desse movimento. A reunião de várias pessoas, aumentando a força de ação, parecia apoiar essa teoria, pois se podia considerar esse conjunto como uma pilha múltipla cuja potência é proporcional ao número de elementos.

O movimento circular nada tinha de extraordinário: ele existe na natureza; todos os astros se movem circularmente; poderíamos, portanto, ter em pequena escala um reflexo do movimento geral do universo, ou, para melhor dizer, uma causa até então desconhecida poderia produzir acidentalmente, nos pequenos objetos e em determinadas circunstâncias, uma corrente semelhante à que arrasta os mundos.

Mas o movimento nem sempre era circular; muitas vezes era brusco, desordenado, e o objeto era violentamente sacudido, derrubado, levado em uma direção qualquer e, contrariando todas as leis da estática, erguido do chão e mantido no ar. Ainda nada havia nesses fatos que não pudesse ser explicado pela força de um agente físico invisível. Não vemos a eletricidade derrubar edifícios, arrancar árvores pela raiz, lançar longe os corpos mais pesados, atraí-los ou repeli-los?

Os ruídos incomuns, as pancadas, supondo que não fossem um dos efeitos comuns da dilatação da madeira ou de qualquer outra causa acidental, ainda poderiam muito bem ser produzidos pela acumulação do fluido oculto: a eletricidade não produz os ruídos mais violentos?

Até aí, como se vê, tudo pode entrar no domínio dos fatos puramente físicos e fisiológicos. Sem sair desse círculo de ideias, havia ali matéria para estudos sérios e dignos de prender a atenção dos cientistas. Por que não foi assim? É penoso dizer, mas isso se deve a causas que demonstram, entre mil fatos semelhantes, a leviandade do espírito humano.

Em primeiro lugar, talvez tenha contribuído para isso o caráter comum do objeto principal que serviu de base às primeiras experiências. Quantas vezes uma palavra não exerceu influência sobre as coisas mais sérias!

Sem considerar que o movimento podia ser transmitido a um objeto qualquer, prevaleceu a ideia das mesas, sem dúvida porque era o objeto mais conveniente e porque é mais natural sentar-se ao redor de uma mesa do que de qualquer outro móvel.

Ora, os homens superiores às vezes são tão infantis que não seria impossível que certas inteligências de elite tivessem considerado abaixo de sua dignidade ocupar-se do que se convencionou chamar de dança das mesas.

É até provável que, se o fenômeno observado por Galvani tivesse sido observado por pessoas comuns e tivesse continuado a ser identificado por um nome burlesco, ainda estivesse relegado ao lado da varinha de adivinhação. Qual seria, de fato, o cientista que não teria acreditado rebaixar-se ao se ocupar da dança das rãs?

Alguns, porém, modestos o bastante para admitir que a natureza talvez ainda não lhes tivesse dito sua última palavra, quiseram ver, para tranquilizar a consciência; mas aconteceu que o fenômeno nem sempre correspondeu à sua expectativa, e, por não ter se produzido constantemente segundo

sua vontade e seu modo de experimentar, concluíram pela negativa; apesar de seu veredito, as mesas, já que de mesas se trata, continuam a girar, e podemos dizer com Galileu: e, no entanto, elas se movem!

Diremos mais: os fatos se multiplicaram tanto que hoje têm seu lugar reconhecido, e se trata apenas de encontrar uma explicação racional para eles. Pode-se deduzir algo contra a realidade do fenômeno pelo fato de ele não se produzir sempre de maneira idêntica, segundo a vontade e as exigências do observador?

Os fenômenos da eletricidade e da química não estão subordinados a certas condições, e devemos negá-los porque não se produzem fora dessas condições? Há, então, algo de espantoso em que o fenômeno do movimento dos objetos pelo fluido humano também tenha suas condições de existência e deixe de se produzir quando o observador, colocando-se em seu próprio ponto de vista, pretende fazê-lo funcionar ao sabor de seu capricho ou sujeitá-lo às leis dos fenômenos conhecidos, sem considerar que, para fatos novos, pode e deve haver leis novas?

Ora, para conhecer essas leis, é preciso estudar as circunstâncias em que os fatos se produzem, e esse estudo só pode ser fruto de uma observação persistente, atenta e muitas vezes bastante longa.

Mas, objetam certas pessoas, muitas vezes há fraude evidente. Primeiro, perguntaremos a elas se têm mesmo certeza de que há fraude e se não tomaram por fraude efeitos que não conseguiam compreender, mais ou menos como aquele camponês que tomava um sábio professor de física fazendo experiências por um hábil ilusionista.

Mesmo supondo que isso tenha podido acontecer algumas vezes, seria uma razão para negar o fato? Devemos negar a física porque há prestidigitadores que se enfeitam com o título de físicos? É preciso, ademais, levar em conta o caráter das pessoas e o interesse que poderiam ter em enganar. Seria, então, uma brincadeira?

Pode-se muito bem divertir-se por um instante, mas uma brincadeira prolongada indefinidamente seria tão enfadonha para quem engana quanto para quem é enganado. Haveria, aliás, numa mistificação que se propaga de uma ponta a outra do mundo, entre as pessoas mais sérias, mais honradas e mais esclarecidas, algo pelo menos tão extraordinário quanto o próprio fenômeno.

Se os fenômenos de que nos ocupamos tivessem se limitado ao movimento dos objetos, teriam permanecido, como dissemos, no domínio das ciências físicas; mas não foi assim: estava reservado a eles nos colocar no caminho de fatos de uma ordem estranha.

Acreditou-se descobrir, não sabemos por iniciativa de quem, que o impulso dado aos objetos não era apenas o produto de uma força mecânica cega, mas que havia nesse movimento a intervenção de uma causa inteligente. Uma vez aberto esse caminho, surgia um campo inteiramente novo de observações; era o véu levantado sobre muitos mistérios. Existe, de fato, uma força inteligente?

Essa é a questão. Se essa força existe, o que é ela, qual é sua natureza, sua origem? Está acima da humanidade? Essas são as outras questões que decorrem da primeira.

As primeiras manifestações inteligentes ocorreram por meio de mesas que se levantavam e batiam com um dos pés um número determinado de pancadas, respondendo assim por sim ou por não, conforme o combinado, a uma pergunta feita. Até aí, certamente nada de convincente para os céticos, pois se podia acreditar em um efeito do acaso.

Obtiveram-se depois respostas mais desenvolvidas por meio das letras do alfabeto: o objeto móvel batia um número de pancadas correspondente ao número de ordem de cada letra, e assim se chegava a formar palavras e frases que respondiam às perguntas feitas. A precisão das respostas e sua relação com a pergunta despertaram espanto.

O ser misterioso que assim respondia, interrogado sobre sua natureza, declarou que era Espírito ou gênio, deu a si mesmo um nome e forneceu diversas informações a seu respeito. Essa é uma circunstância muito importante a observar. Ninguém, por conseguinte, imaginou os Espíritos como um meio de explicar o fenômeno; é o próprio fenômeno que revela a palavra.

Nas ciências exatas, muitas vezes se fazem hipóteses para ter uma base de raciocínio; ora, aqui não é esse o caso.

Esse meio de comunicação era demorado e incômodo. O Espírito, e essa é mais uma circunstância digna de nota, indicou outro. Foi um desses seres invisíveis que deu o conselho de prender um lápis a uma cesta ou a outro objeto.

Essa cesta, colocada sobre uma folha de papel, é posta em movimento pela mesma força oculta que faz as mesas se moverem; mas, em vez de um sim-

ples movimento regular, o lápis traça por si mesmo caracteres que formam palavras, frases e discursos inteiros de várias páginas, tratando das mais elevadas questões de filosofia, moral, metafísica, psicologia etc., e isso com tanta rapidez como se alguém escrevesse com a mão.

Esse conselho foi dado simultaneamente na América, na França e em diversas regiões. Eis os termos em que foi dado em Paris, em 10 de junho de 1853, a um dos mais fervorosos adeptos da doutrina, que já havia vários anos, desde 1849, se ocupava da evocação dos Espíritos: "Vá buscar, no quarto ao lado, a pequena cesta; prenda nela um lápis; coloque-o sobre um papel; ponha os dedos na borda."

Então, alguns instantes depois, a cesta se pôs em movimento e o lápis escreveu, de maneira muito legível, esta frase: "O que lhe digo aqui, proíbo expressamente que diga a qualquer pessoa; na primeira vez que eu escrever, escreverei melhor."

Como o objeto ao qual se prende o lápis é apenas um instrumento, sua natureza e sua forma são completamente indiferentes; procurou-se a disposição mais conveniente; é assim que muitas pessoas usam uma pequena prancheta.

A cesta, ou a prancheta, só pode ser posta em movimento sob a influência de certas pessoas dotadas, nesse aspecto, de uma força especial e designadas pelo nome de médiuns, isto é, meio, ou intermediários entre os Espíritos e os seres humanos.

As condições que conferem essa força especial se devem a causas ao mesmo tempo físicas e morais, ainda imperfeitamente conhecidas, pois se encon-

tram médiuns de todas as idades, de ambos os sexos e em todos os graus de desenvolvimento intelectual. Essa faculdade, aliás, se desenvolve com o exercício.

Mais tarde se reconheceu que a cesta e a prancheta eram, na realidade, apenas um apêndice da mão, e o médium, tomando diretamente o lápis, começou a escrever por um impulso involuntário e quase febril.

Por esse meio, as comunicações se tornaram mais rápidas, mais fáceis e mais completas; é hoje o mais difundido, ainda mais porque o número de pessoas dotadas dessa aptidão é muito considerável e aumenta a cada dia.

A experiência, por fim, revelou várias outras formas da faculdade mediúnica, e se soube que as comunicações também podiam ocorrer pela fala, pela audição, pela visão, pelo tato etc., e até pela escrita direta dos Espíritos, isto é, sem a participação da mão do médium nem do lápis.

Obtido o fato, restava verificar um ponto essencial: o papel do médium nas respostas e a participação que ele pode ter nelas, mecânica e moralmente. Duas circunstâncias fundamentais, que não poderiam escapar a um observador atento, podem resolver a questão.

A primeira é a maneira como a cesta se move sob sua influência, pela simples colocação dos dedos sobre a borda; o exame demonstra a impossibilidade de qualquer direcionamento.

Essa impossibilidade se torna sobretudo evidente quando duas ou três pessoas se colocam ao mesmo tempo junto à mesma cesta; seria necessário haver entre elas uma concordância de movimentos verdadeiramente fenome-

nal; seria necessária, além disso, uma concordância de pensamentos para que pudessem entrar em acordo sobre a resposta a dar à pergunta feita.

Outro fato, não menos singular, vem ainda aumentar a dificuldade: a mudança radical da escrita conforme o Espírito que se manifesta, e, cada vez que o mesmo Espírito retorna, sua escrita se reproduz.

Seria necessário, portanto, que o médium tivesse se dedicado a mudar a própria escrita de vinte maneiras diferentes e, sobretudo, que pudesse se lembrar daquela que pertence a este ou àquele Espírito.

A segunda circunstância resulta da própria natureza das respostas, que, na maioria das vezes, sobretudo quando se trata de questões abstratas ou científicas, estão claramente além dos conhecimentos e, às vezes, da capacidade intelectual do médium, que, aliás, geralmente não tem consciência do que se escreve sob sua influência; que, com muita frequência, nem sequer ouve ou compreende a pergunta feita, pois ela pode ser formulada numa língua que lhe é desconhecida, ou mesmo mentalmente, e a resposta pode ser dada nessa língua. Por fim, acontece muitas vezes de a cesta escrever espontaneamente, sem pergunta prévia, sobre um assunto qualquer e inteiramente inesperado.

Essas respostas, em certos casos, têm tamanha marca de sabedoria, de profundidade e de adequação ao momento; revelam pensamentos tão elevados, tão sublimes, que só podem vir de uma inteligência superior, impregnada da mais pura moralidade; em outras ocasiões, são tão levianas, tão frívolas, tão vulgares até, que a razão se recusa a acreditar que possam proceder da mesma fonte.

Essa diversidade de linguagem só pode ser explicada pela diversidade das inteligências que se manifestam. Essas inteligências estão na humanidade ou fora da humanidade? Esse é o ponto a esclarecer, cuja explicação completa se encontrará nesta obra, tal como é dada pelos próprios Espíritos.

Eis, portanto, efeitos evidentes que se produzem fora do círculo habitual de nossas observações, que não acontecem em segredo, mas à plena luz do dia, que todos podem ver e constatar, que não são privilégio de um único indivíduo, mas que milhares de pessoas repetem todos os dias à vontade. Esses efeitos têm necessariamente uma causa e, a partir do momento em que revelam a ação de uma inteligência e de uma vontade, saem do domínio puramente físico.

Várias teorias foram apresentadas a esse respeito; nós as examinaremos daqui a pouco e veremos se podem explicar todos os fatos que se produzem. Admitamos, por enquanto, a existência de seres distintos da humanidade, pois essa é a explicação fornecida pelas inteligências que se revelam, e vejamos o que nos dizem.

6. **Os seres que assim se comunicam designam a si mesmos, como dissemos, pelo nome de Espíritos ou gênios, e afirmam ter pertencido, pelo menos alguns deles, aos homens que viveram na Terra. Eles constituem o mundo espiritual, assim como nós constituímos, durante nossa vida, o mundo corporal.**

Resumimos aqui em poucas palavras os pontos mais marcantes da doutrina que eles nos transmitiram, a fim de responder mais facilmente a certas objeções.

« Deus é eterno, imutável, imaterial, único, todo-poderoso, soberanamente justo e bom.

Ele criou o universo, que compreende todos os seres animados e inanimados, materiais e imateriais.

Os seres materiais constituem o mundo visível ou corporal, e os seres imateriais, o mundo invisível ou espírita, isto é, dos Espíritos.

O mundo espírita é o mundo normal, primitivo, eterno, que preexiste e sobrevive a tudo.

O mundo corporal é apenas secundário; poderia deixar de existir, ou nunca ter existido, sem alterar a essência do mundo espírita.

Os Espíritos se revestem temporariamente de um envoltório material perecível, cuja destruição, pela morte, lhes devolve a liberdade.

Entre as diferentes espécies de seres corporais, Deus escolheu a espécie humana para a encarnação dos Espíritos que chegaram a certo grau de desenvolvimento, e é isso que lhe dá a superioridade moral e intelectual sobre as outras.

A alma é um Espírito encarnado, do qual o corpo é apenas o envoltório.

Há no homem três coisas: 1° o corpo ou ser material, semelhante aos

animais e animado pelo mesmo princípio vital; 2° a alma ou ser imaterial, Espírito encarnado no corpo; 3° o laço que une a alma e o corpo, princípio intermediário entre a matéria e o Espírito.

O homem tem, assim, duas naturezas: pelo corpo, participa da natureza dos animais, dos quais tem os instintos; pela alma, participa da natureza dos Espíritos.

O laço ou perispírito que une o corpo e o Espírito é uma espécie de envoltório semimaterial. A morte é a destruição do envoltório mais grosseiro; o Espírito conserva o segundo, que constitui para ele um corpo etéreo, invisível para nós no estado normal, mas que ele pode tornar ocasionalmente visível, e até tangível, como acontece no fenômeno das aparições.

O Espírito não é, por conseguinte, um ser abstrato, indefinido, que só o pensamento pode conceber; é um ser real, delimitado, que, em certos casos, pode ser percebido pelos sentidos da visão, da audição e do tato.

Os Espíritos pertencem a diferentes classes e não são iguais em poder, inteligência, saber ou moralidade. Os da primeira ordem são os Espíritos superiores, que se distinguem dos outros por sua perfeição, seus conhecimentos, sua proximidade de Deus, a pureza de seus sentimentos e seu amor ao bem: são os anjos ou Espíritos puros. As outras classes se afastam cada vez mais dessa perfeição; os das categorias inferiores são inclinados à maioria de nossas paixões: o ódio, a inveja, o ciúme, o orgulho etc.; eles se comprazem no mal. Entre eles há os que não são nem muito bons nem muito maus; mais perturbadores e importunos do que maldosos, a malícia e as incoerências parecem ser suas características: são os Espíritos travessos ou levianos.

Os Espíritos não pertencem perpetuamente à mesma ordem. Todos se

aperfeiçoam passando pelos diferentes graus da hierarquia espírita. Esse aperfeiçoamento se dá pela encarnação, que é imposta a uns como expiação e a outros como missão. A vida material é uma prova pela qual devem passar várias vezes, até atingirem a perfeição absoluta; é uma espécie de filtro ou de instrumento de depuração do qual saem mais ou menos purificados.

Ao deixar o corpo, a alma volta ao mundo dos Espíritos, de onde havia saído, para retomar uma nova existência material depois de um período mais ou menos longo, durante o qual permanece no estado de Espírito errante.

Como o Espírito deve passar por várias encarnações, resulta daí que todos nós tivemos várias existências e ainda teremos outras, mais ou menos aperfeiçoadas, seja nesta Terra, seja em outros mundos.

A encarnação dos Espíritos se dá sempre na espécie humana; seria um erro acreditar que a alma ou Espírito pode encarnar no corpo de um animal.

As diferentes existências corporais do Espírito são sempre progressivas e nunca regressivas; mas a rapidez do progresso depende dos esforços que fazemos para chegar à perfeição.

As qualidades da alma são as do Espírito que está encarnado em nós; assim, o homem de bem é a encarnação de um Espírito bom, e o homem perverso, a de um Espírito impuro.

A alma tinha sua individualidade antes da encarnação; ela a conserva depois de se separar do corpo.

Ao voltar ao mundo dos Espíritos, a alma reencontra todos aqueles que conheceu na Terra, e todas as suas existências anteriores se apresentam novamente à sua memória, com a lembrança de todo o bem e de todo o

mal que fez.

O Espírito encarnado está sob a influência da matéria; o homem que supera essa influência pela elevação e pela purificação de sua alma se aproxima dos Espíritos bons, com os quais estará um dia. Aquele que se deixa dominar pelas más paixões e coloca todas as suas alegrias na satisfação dos apetites grosseiros se aproxima dos Espíritos impuros, dando predominância à natureza animal.

Os Espíritos encarnados habitam os diferentes globos do universo.

Os Espíritos não encarnados, ou errantes, não ocupam uma região determinada e delimitada; estão por toda parte, no espaço e ao nosso lado, vendo-nos e convivendo conosco sem cessar; é toda uma população invisível que se movimenta ao nosso redor.

Os Espíritos exercem sobre o mundo moral, e mesmo sobre o mundo físico, uma ação incessante; agem sobre a matéria e sobre o pensamento e constituem uma das forças da natureza, causa efetiva de uma infinidade de fenômenos até então inexplicados ou mal explicados, que só encontram uma solução racional no espiritismo.

As relações dos Espíritos com os homens são constantes. Os Espíritos bons nos convidam ao bem, nos sustentam nas provas da vida e nos ajudam a suportá-las com coragem e resignação; os maus nos convidam ao mal: para eles é um prazer nos ver sucumbir e nos tornar semelhantes a eles.

As comunicações dos Espíritos com os homens são ocultas ou ostensivas. As comunicações ocultas se dão pela influência boa ou má que exercem sobre nós sem que saibamos; cabe ao nosso discernimento distinguir as boas e as más inspirações. As comunicações ostensivas se dão por meio da escrita, da fala ou de outras manifestações materiais, na

maioria das vezes por intermédio dos médiuns, que lhes servem de instrumentos.

Os Espíritos se manifestam espontaneamente ou por evocação. Podemos evocar todos os Espíritos: os que animaram homens desconhecidos, assim como os das personalidades mais ilustres, qualquer que seja a época em que tenham vivido; os de nossos parentes, de nossos amigos ou de nossos inimigos, e obter deles, por comunicações escritas ou verbais, conselhos, informações sobre sua situação além-túmulo, sobre seus pensamentos a nosso respeito, assim como as revelações que lhes é permitido nos fazer.

Os Espíritos são atraídos por sua simpatia pela natureza moral do meio que os evoca. Os Espíritos superiores se comprazem nas reuniões sérias, em que predominam o amor ao bem e o desejo sincero de aprender e de se aperfeiçoar. Sua presença afasta os Espíritos inferiores, que, ao contrário, encontram livre acesso e podem agir com toda a liberdade entre pessoas frívolas ou guiadas apenas pela curiosidade, e em toda parte onde se encontram maus instintos. Longe de obter deles bons conselhos ou informações úteis, só se deve esperar futilidades, mentiras, brincadeiras de mau gosto ou mistificações, pois muitas vezes usam nomes venerados para melhor induzir ao erro.

A distinção entre os Espíritos bons e maus é extremamente fácil; a linguagem dos Espíritos superiores é sempre digna, nobre, marcada pela mais elevada moralidade, livre de toda paixão inferior; seus conselhos expressam a mais pura sabedoria e têm sempre por objetivo nosso aperfeiçoamento e o bem da humanidade. A dos Espíritos inferiores, ao contrário, é incoerente, muitas vezes trivial e até grosseira; se às vezes dizem coisas boas e verdadeiras, dizem com mais frequência coisas fal-

sas e absurdas, por malícia ou ignorância; exploram a credulidade e se divertem à custa dos que os interrogam, adulando sua vaidade e alimentando seus desejos com falsas esperanças. Em resumo, as comunicações sérias, em toda a acepção da palavra, só se dão nos meios sérios, naqueles cujos membros estão unidos por uma íntima comunhão de pensamentos voltada para o bem.

A moral dos Espíritos superiores se resume, como a do Cristo, nesta máxima evangélica: Agir para com os outros como gostaríamos que os outros agissem para conosco; isto é, fazer o bem e não fazer o mal. O homem encontra nesse princípio a regra universal de conduta para suas menores ações.

Eles nos ensinam que o egoísmo, o orgulho e a sensualidade são paixões que nos aproximam da natureza animal, prendendo-nos à matéria; que o homem que, já neste mundo, se desprende da matéria pelo desprezo às futilidades mundanas e pelo amor ao próximo se aproxima da natureza espiritual; que cada um de nós deve se tornar útil segundo as faculdades e os meios que Deus colocou em suas mãos para pô-lo à prova; que o Forte e o Poderoso devem apoio e proteção ao Fraco, pois aquele que abusa de sua força e de seu poder para oprimir seu semelhante viola a lei de Deus. Ensinam, enfim, que, no mundo dos Espíritos, como nada pode ser ocultado, o hipócrita será desmascarado e todas as suas torpezas serão reveladas; que a presença inevitável e constante daqueles para com os quais tivermos agido mal é um dos castigos que nos estão reservados; que aos estados de inferioridade e de superioridade dos Espíritos estão ligadas penas e alegrias que desconhecemos na Terra.

« Mas eles também nos ensinam que não há faltas irremissíveis e que

> não possam ser apagadas pela expiação. O homem encontra esse meio nas diferentes existências, que lhe permitem avançar, conforme seu desejo e seus esforços, no caminho do progresso e em direção à perfeição, que é seu objetivo final. »

Esse é o resumo da doutrina espírita, tal como resulta do ensinamento dado pelos Espíritos superiores. Vejamos agora as objeções que lhe são feitas.

Para muita gente, a oposição das instituições científicas é, se não uma prova, ao menos uma forte presunção em contrário. Não somos daqueles que atacam os sábios, pois não queremos que digam de nós que damos o coice do asno; pelo contrário, nós os temos em grande estima e nos sentiríamos muito honrados de estar entre eles; mas sua opinião não pode ser, em todas as circunstâncias, um julgamento irrevogável.

Assim que a ciência sai da observação material dos fatos e se trata de avaliar e explicar esses fatos, o campo se abre às conjecturas; cada um apresenta seu pequeno sistema, que deseja fazer prevalecer e defende com obstinação. Não vemos todos os dias as opiniões mais divergentes serem, alternadamente, defendidas e rejeitadas?

Ora repelidas como erros absurdos, depois proclamadas como verdades incontestáveis? Os fatos, eis o verdadeiro critério de nossos julgamentos, o argumento sem réplica; na ausência de fatos, a dúvida é a opinião do sábio.

Quanto às coisas conhecidas, a opinião dos sábios merece crédito com razão, porque sabem mais e melhor que as pessoas em geral; mas, em matéria de princípios novos, de coisas desconhecidas, sua maneira de ver é sempre apenas hipotética, porque eles, tanto quanto os outros, não estão livres de preconceitos; direi até que o sábio talvez tenha mais preconceitos que ou-

tra pessoa, porque uma tendência natural o leva a subordinar tudo ao ponto de vista que aprofundou: o matemático só vê prova numa demonstração algébrica, o químico relaciona tudo à ação dos elementos etc.

Todo homem que se dedica a uma especialidade prende a ela todas as suas ideias; tirem-no dali e muitas vezes ele raciocina sem acerto, porque quer submeter tudo ao mesmo crivo: é uma consequência da fraqueza humana.

Consultarei, portanto, de bom grado e com toda a confiança, um químico sobre uma questão de análise, um físico sobre a potência elétrica, um mecânico sobre uma força motriz; mas eles me permitirão, sem que isso prejudique a estima que seu saber especializado merece, não dar o mesmo peso à sua opinião negativa em matéria de espiritismo, assim como ao julgamento de um arquiteto sobre uma questão de música.

As ciências comuns se apoiam nas propriedades da matéria, que podemos experimentar e manipular à vontade; os fenômenos espíritas se apoiam na ação de inteligências que têm vontade própria e nos provam a cada instante que não estão sujeitas aos nossos caprichos.

As observações, portanto, não podem ser feitas da mesma maneira; exigem condições especiais e outro ponto de partida; querer submetê-las aos nossos procedimentos habituais de investigação é estabelecer analogias que não existem.

A ciência propriamente dita, como ciência, não tem, por conseguinte, competência para se pronunciar sobre a questão do espiritismo: não lhe cabe ocupar-se dele, e seu julgamento, seja qual for, favorável ou não, não pode ter peso algum.

O espiritismo é o resultado de uma convicção pessoal que os sábios podem ter como indivíduos, independentemente de sua condição de sábios; mas querer submeter a questão à ciência seria o mesmo que fazer uma assembleia de físicos ou astrônomos decidir sobre a existência da alma; de fato, o espiritismo está inteiramente na existência da alma e em seu estado após a morte; ora, é profundamente ilógico pensar que um homem deva ser um grande psicólogo porque é um grande matemático ou um grande anatomista.

O anatomista, ao dissecar o corpo humano, procura a alma e, por não encontrá-la sob seu bisturi, como encontra um nervo, ou por não vê-la escapar como um gás, conclui que ela não existe, porque se coloca num ponto de vista exclusivamente material; disso se segue que ele tenha razão contra a opinião universal? Não. Vejam, portanto, que o espiritismo não é da alçada da ciência.

Quando as crenças espíritas estiverem difundidas, quando forem aceitas pelas massas, e, a julgar pela rapidez com que se propagam, esse tempo não pode estar muito distante, acontecerá o mesmo que com todas as ideias novas que encontraram oposição: os sábios se renderão à evidência; chegarão a ela individualmente pela força das coisas; até lá, é inoportuno desviá-los de seus trabalhos especializados para obrigá-los a se ocupar de algo alheio, que não está nem em suas atribuições nem em seu programa.

Enquanto isso, aqueles que, sem um estudo prévio e aprofundado do assunto, se pronunciam pela negativa e ridicularizam quem não compartilha de sua opinião esquecem que o mesmo aconteceu com a maioria das grandes descobertas que honram a humanidade; expõem-se a ver seus nomes

aumentarem a lista dos ilustres perseguidores das ideias novas e serem inscritos ao lado dos nomes dos membros da douta assembleia que, em 1752, recebeu com uma imensa gargalhada o estudo de Franklin sobre os pararaios, julgando-o indigno de figurar entre as comunicações que lhe eram dirigidas; e dos daquela outra que fez a França perder o benefício da iniciativa da navegação a vapor, ao declarar o sistema de Fulton um sonho impraticável; e, no entanto, eram questões de sua alçada.

Se, portanto, essas assembleias, que contavam entre seus membros com a elite dos sábios do mundo, só tiveram zombaria e sarcasmo para ideias que não compreendiam, ideias que, poucos anos depois, revolucionariam a ciência, os costumes e a indústria, como esperar que uma questão alheia aos seus trabalhos obtenha mais acolhimento?

Esses erros de alguns, lamentáveis para sua memória, não podem tirar deles os méritos que, sob outros aspectos, conquistaram perante nossa estima, mas será necessário um diploma oficial para ter bom senso, e fora das cadeiras acadêmicas só existem tolos e imbecis?

Que se olhe para os adeptos da doutrina espírita, e se verá se entre eles só se encontram ignorantes, e se o número imenso de homens de mérito que a abraçaram permite relegá-la à categoria das crendices de velhas. Seu caráter e seu saber bem merecem que se diga: já que tais homens afirmam, é preciso que haja ao menos alguma coisa.

Repetimos ainda que, se os fatos de que nos ocupamos se limitassem ao movimento mecânico dos corpos, a busca da causa física desse fenômeno estaria no domínio da ciência; mas, assim que se trata de uma manifestação fora das leis da humanidade, ela sai da competência da ciência material,

pois não pode ser expressa nem por números nem pela potência mecânica. Quando surge um fato novo que não pertence a nenhuma ciência conhecida, o sábio, para estudá-lo, deve deixar de lado sua ciência e dizer a si mesmo que se trata, para ele, de um estudo novo, que não pode ser feito com ideias preconcebidas.

O homem que acredita que sua razão é infalível está muito perto do erro; mesmo aqueles que têm as ideias mais falsas se apoiam em sua razão, e é em virtude disso que rejeitam tudo o que lhes parece impossível.

Todos aqueles que outrora repeliram as admiráveis descobertas de que a humanidade se orgulha recorriam a esse juiz para rejeitá-las; o que se chama razão muitas vezes é apenas orgulho disfarçado, e quem se acredita infalível se coloca como igual a Deus.

Nós nos dirigimos, portanto, àqueles que são sábios o bastante para duvidar do que não viram e que, julgando o futuro pelo passado, não acreditam que o homem tenha chegado ao seu apogeu, nem que a natureza tenha virado para ele a última página de seu livro.

Acrescentemos que o estudo de uma doutrina como a doutrina espírita, que de repente nos lança numa ordem de coisas tão nova e tão grandiosa, só pode dar frutos quando feito por homens sérios, perseverantes, livres de ideias preconcebidas e animados por uma vontade firme e sincera de chegar a um resultado.

Não podemos dar essa qualificação àqueles que julgam de antemão, levianamente e sem ter visto tudo; que não dedicam aos seus estudos a continuidade, a regularidade e o recolhimento necessários; menos ainda pode-

mos dá-la a certas pessoas que, para não faltar à sua reputação de pessoas espirituosas, se esforçam para encontrar um lado cômico nas coisas mais verdadeiras, ou julgadas assim por pessoas cujo saber, caráter e convicções têm direito ao respeito de quem se preza de ter boas maneiras.

Que aqueles, portanto, que não julgam os fatos dignos de si e de sua atenção se abstenham; ninguém pensa em violentar sua crença, mas que tenham a bondade de respeitar a dos outros.

O que caracteriza um estudo sério é a continuidade com que se faz. Devemos nos surpreender por muitas vezes não obter nenhuma resposta sensata a perguntas sérias em si mesmas, quando são feitas ao acaso e lançadas de supetão no meio de uma multidão de perguntas disparatadas?

Além disso, uma pergunta muitas vezes é complexa e exige, para ser esclarecida, perguntas preliminares ou complementares. Quem deseja adquirir uma ciência deve estudá-la de maneira metódica, começar pelo começo e acompanhar o encadeamento e o desenvolvimento das ideias.

Aquele que, por acaso, faz a um sábio uma pergunta sobre uma ciência da qual não sabe absolutamente nada terá avançado alguma coisa? O próprio sábio poderá, com a melhor vontade, dar-lhe uma resposta satisfatória? Essa resposta isolada será necessariamente incompleta e, muitas vezes, por isso mesmo, incompreensível, ou poderá parecer absurda e contraditória.

Acontece exatamente o mesmo nas relações que estabelecemos com os Espíritos. Se queremos aprender em sua escola, é preciso fazer um curso com eles; mas, como entre nós, é preciso escolher os professores e trabalhar com assiduidade.

Dissemos que os Espíritos superiores só vêm às reuniões sérias, sobretudo àquelas em que reina uma perfeita comunhão de pensamentos e sentimentos voltados para o bem.

A leviandade e as perguntas inúteis os afastam, assim como, entre os homens, afastam as pessoas sensatas; o campo fica então livre à multidão dos Espíritos mentirosos e frívolos, sempre à espreita de ocasiões para zombar e se divertir à nossa custa. O que acontece com uma pergunta séria numa reunião assim? Ela será respondida; mas por quem?

É como se, no meio de um grupo de pessoas que só querem se divertir, vocês lançassem estas perguntas: O que é a alma? O que é a morte? E outras coisas igualmente recreativas.

Se querem respostas sérias, sejam vocês mesmos sérios em todo o sentido da palavra e se coloquem em todas as condições necessárias: só então obterão grandes coisas; sejam, ademais, dedicados e perseverantes em seus estudos, pois, sem isso, os Espíritos superiores os abandonam, como faz um professor com seus alunos negligentes.

O movimento dos objetos é um fato estabelecido; a questão é saber se, nesse movimento, há ou não uma manifestação inteligente e, em caso afirmativo, qual é a fonte dessa manifestação.

Não falamos do movimento inteligente de certos objetos, nem de comunicações verbais, nem mesmo daquelas que são escritas diretamente pelo médium; esse gênero de manifestação, evidente para aqueles que viram e estudaram o assunto a fundo, não é, à primeira vista, suficientemente independente da vontade para firmar a convicção de um observador iniciante.

Falaremos, portanto, apenas da escrita obtida com a ajuda de um objeto qualquer munido de um lápis, como uma cesta, uma prancheta etc.; a maneira como os dedos do médium são colocados sobre o objeto impede, como dissemos, que mesmo a habilidade mais apurada possa participar de qualquer modo do traçado dos caracteres.

Mas admitamos ainda que, por uma habilidade extraordinária, ele possa enganar o olhar mais atento: como explicar a natureza das respostas, quando elas estão fora de todas as ideias e de todos os conhecimentos do médium?

E observe-se bem que não se trata de respostas monossilábicas, mas muitas vezes de várias páginas escritas com a mais espantosa rapidez, seja espontaneamente, seja sobre um assunto determinado; sob a mão do médium mais alheio à literatura, nascem às vezes poesias de uma sublimidade e de uma pureza irrepreensíveis, que os melhores poetas humanos não se recusariam a reconhecer como suas; o que torna esses fatos ainda mais estranhos é que eles se produzem por toda parte e que os médiuns se multiplicam ao infinito.

Esses fatos são reais ou não? A isso temos apenas uma coisa a responder: vejam e observem; não lhes faltarão oportunidades; mas, acima de tudo, observem muitas vezes, por muito tempo e nas condições necessárias.

Diante da evidência, o que respondem os adversários? Vocês são, dizem eles, vítimas do charlatanismo ou de uma ilusão. Diremos primeiro que é preciso afastar a palavra charlatanismo onde não há lucro; os charlatães não exercem seu ofício de graça. Seria, portanto, no máximo, uma mistificação.

Mas por que estranha coincidência esses mistificadores teriam entrado em acordo, de uma ponta do mundo à outra, para agir da mesma maneira, produzir os mesmos efeitos e dar, sobre os mesmos assuntos e em línguas diversas, respostas idênticas, se não nas palavras, ao menos no sentido?

Como pessoas ponderadas, sérias, honradas e instruídas se prestariam a semelhantes manobras, e com que objetivo? Como se encontrariam nas crianças a paciência e a habilidade necessárias? Pois, se os médiuns não são instrumentos passivos, precisam de uma habilidade e de conhecimentos incompatíveis com certas idades e certas posições sociais.

Acrescenta-se então que, se não há fraude, ambos os lados podem ser vítimas de uma ilusão. Pela boa lógica, a qualidade das testemunhas tem certo peso; ora, cabe aqui perguntar se a doutrina espírita, que hoje conta seus adeptos aos milhões, só os recruta entre os ignorantes.

Os fenômenos em que ela se apoia são tão extraordinários que compreendemos a dúvida; mas o que não se pode admitir é a pretensão de certos incrédulos ao monopólio do bom senso, os quais, sem respeito pelas conveniências ou pelo valor moral de seus adversários, acusam sem cerimônia de insensatez todos aqueles que não compartilham de sua opinião.

Aos olhos de toda pessoa sensata, a opinião de pessoas esclarecidas que por muito tempo viram, estudaram e meditaram sobre uma coisa será sempre, se não uma prova, ao menos um indício a seu favor, uma vez que ela pôde prender a atenção de homens sérios, que não têm interesse em propagar um erro nem tempo a perder com futilidades.

Entre as objeções, há algumas mais plausíveis, ao menos na aparência, porque são tiradas da observação e feitas por pessoas ponderadas.

Uma dessas objeções é tirada da linguagem de certos Espíritos, que não parece digna da elevação que se supõe em seres sobrenaturais. Se consultarem o resumo da doutrina que apresentamos acima, verão que os próprios Espíritos nos ensinam que não são iguais nem em conhecimentos nem em qualidades morais, e que não se deve tomar ao pé da letra tudo o que dizem.

Cabe às pessoas sensatas distinguir o bom do mau. Certamente, aqueles que desse fato tiram a conclusão de que só lidamos com seres malfazejos, cuja única ocupação é nos enganar, não conhecem as comunicações que ocorrem nas reuniões em que só se manifestam Espíritos superiores; caso contrário, não pensariam assim.

É lamentável que o acaso lhes tenha sido tão desfavorável a ponto de lhes mostrar apenas o lado mau do mundo espírita, pois preferimos não supor que uma afinidade atraia para junto deles os maus Espíritos em vez dos bons, os Espíritos mentirosos ou aqueles cuja linguagem é de uma grosseria revoltante.

Poderíamos, no máximo, concluir que a firmeza de seus princípios não é forte o bastante para afastar o mal e que, como encontram certo prazer em satisfazer sua curiosidade a esse respeito, os maus Espíritos se aproveitam disso para se introduzir entre eles, enquanto os bons se afastam.

Julgar a questão dos Espíritos com base nesses fatos seria tão pouco lógico quanto julgar o caráter de um povo pelo que se diz e se faz numa reunião

de alguns inconsequentes ou de pessoas de má fama, que nem os sábios nem as pessoas sensatas frequentam.

Essas pessoas se encontram na situação de um estrangeiro que, chegando a uma grande capital pelo seu pior subúrbio, julgasse todos os habitantes pelos costumes e pela linguagem desse bairro miserável.

No mundo dos Espíritos, também há uma boa e uma má sociedade; que essas pessoas se disponham a estudar o que se passa entre os Espíritos de elite, e ficarão convencidas de que a cidade celeste abriga algo além da escória do povo. Mas, dizem elas, os Espíritos de elite vêm até nós?

A isso responderemos: não fiquem no subúrbio; vejam, observem e poderão julgar; os fatos estão ao alcance de todos; a menos que seja a elas que se apliquem estas palavras de Jesus: Eles têm olhos e não veem; ouvidos e não ouvem.

Uma variante dessa opinião consiste em ver nas comunicações espíritas e em todos os fatos materiais a que elas dão lugar apenas a intervenção de um poder diabólico, novo Proteu que assumiria todas as formas para melhor nos enganar. Não a consideramos digna de um exame sério, por isso não nos deteremos nela: ela se encontra refutada pelo que acabamos de dizer; acrescentaremos apenas que, se assim fosse, seria preciso admitir que o diabo é às vezes muito sábio, muito sensato e, sobretudo, muito moral, ou então que também há bons diabos.

Como acreditar, de fato, que Deus permita apenas ao Espírito do mal se manifestar para nos levar à perdição, sem nos dar, como contrapeso, os conselhos dos bons Espíritos? Se ele não pode fazê-lo, é impotência; se pode e

não o faz, isso é incompatível com sua bondade; ambas as suposições seriam uma blasfêmia.

Observem que admitir a comunicação dos maus Espíritos é reconhecer o princípio das manifestações; ora, a partir do momento em que elas existem, só pode ser com a permissão de Deus; como acreditar, sem impiedade, que ele permita apenas o mal, com exclusão do bem? Tal doutrina é contrária às noções mais simples do bom senso e da religião.

Uma coisa estranha, acrescenta-se, é que só se fala dos Espíritos de personagens conhecidos, e pergunta-se por que só eles se manifestam. Esse é um erro que provém, como muitos outros, de uma observação superficial.

Entre os Espíritos que vêm espontaneamente, há ainda mais desconhecidos para nós do que ilustres; eles se apresentam com um nome qualquer e, muitas vezes, com um nome alegórico ou característico.

Quanto àqueles que são evocados, a menos que se trate de um parente ou de um amigo, é bastante natural dirigir-se àqueles que conhecemos de preferência àqueles que não conhecemos; o nome das personagens ilustres chama mais a atenção, e é por isso que elas são mais notadas.

Também se acha singular que os Espíritos de homens eminentes venham familiarmente ao nosso chamado e se ocupem às vezes de coisas pequenas em comparação com aquelas que realizaram durante a vida. Nada há de espantoso nisso para aqueles que sabem que o poder ou a consideração de que esses homens desfrutaram neste mundo não lhes dá nenhuma supremacia no mundo espírita; os Espíritos confirmam nisso estas palavras do Evangelho: Os grandes serão rebaixados e os pequenos elevados, o que se

deve entender como a posição que cada um de nós ocupará entre eles; é assim que aquele que foi o primeiro na Terra pode se encontrar entre os últimos; aquele diante de quem inclinávamos a cabeça durante sua vida pode, portanto, vir até nós como o mais humilde artesão, pois, ao deixar a vida, deixou toda a sua grandeza, e o monarca mais poderoso talvez esteja ali abaixo do último de seus soldados.

Um fato demonstrado pela observação e confirmado pelos próprios Espíritos é que os Espíritos inferiores muitas vezes usam nomes conhecidos e respeitados. Quem pode nos garantir que aqueles que dizem ter sido, por exemplo, Sócrates, Júlio César, Carlos Magno, Fénelon, Napoleão, Washington etc. tenham realmente animado essas personalidades?

Essa dúvida existe entre alguns adeptos muito fervorosos da doutrina espírita; eles admitem a intervenção e a manifestação dos Espíritos, mas se perguntam como se pode verificar sua identidade.

Essa verificação é, de fato, bastante difícil de estabelecer; se não pode ser feita de maneira tão autêntica quanto por um documento de registro civil, pode ao menos ser feita por presunção, com base em certos indícios.

Quando se manifesta o Espírito de alguém que conhecemos pessoalmente, de um parente ou de um amigo, por exemplo, sobretudo se morreu há pouco tempo, em geral sua linguagem corresponde perfeitamente ao caráter que conhecíamos nele; isso já é um indício de identidade; mas quase não há mais lugar para a dúvida quando esse Espírito fala de assuntos particulares e recorda circunstâncias de família conhecidas apenas pelo interlocutor.

Um filho certamente não se enganará com a linguagem de seu pai e de sua mãe, nem os pais com a de seu filho. Nessas evocações íntimas, às vezes acontecem coisas impressionantes, capazes de convencer o mais incrédulo. O cético mais obstinado muitas vezes fica aterrorizado com as revelações inesperadas que lhe são feitas.

Outra circunstância muito característica vem apoiar a identidade. Dissemos que a escrita do médium geralmente muda conforme o Espírito evocado e que essa escrita se reproduz exatamente igual sempre que o mesmo Espírito se apresenta; constatou-se muitas vezes que, sobretudo no caso de pessoas mortas há pouco tempo, essa escrita tem uma semelhança impressionante com a da pessoa em vida; já se viram assinaturas de uma exatidão perfeita.

Estamos, aliás, longe de apresentar esse fato como regra e, sobretudo, como algo constante; nós o mencionamos como uma coisa digna de atenção.

Somente os Espíritos que chegaram a certo grau de purificação estão livres de toda influência corporal; mas, quando não estão completamente desmaterializados (é a expressão que usam), conservam a maioria das ideias, das inclinações e até das manias que tinham na Terra, e isso também é um meio de reconhecê-los; mas esses meios se encontram sobretudo numa infinidade de pequenos fatos que só uma observação atenta e contínua pode revelar. Veem-se escritores discutir suas próprias obras ou suas doutrinas, aprovar ou condenar certas partes; outros Espíritos recordar circunstâncias ignoradas ou pouco conhecidas de sua vida ou de sua morte, enfim, coisas que são, no mínimo, provas morais de identidade, as únicas que se podem invocar em assuntos abstratos.

Se, portanto, a identidade do Espírito evocado pode, até certo ponto, ser estabelecida em alguns casos, não há razão para que não seja em outros; e, se não temos, para as pessoas cuja morte é mais antiga, os mesmos meios de verificação, temos sempre o da linguagem e do caráter; pois certamente o Espírito de um homem de bem não falará como o de um homem perverso ou de um devasso.

Quanto aos Espíritos que se enfeitam com nomes respeitáveis, logo se traem por sua linguagem e suas máximas; aquele que se dissesse Fénelon, por exemplo, e que ferisse, ainda que apenas ocasionalmente, o bom senso e a moral, mostraria com isso a fraude.

Se, ao contrário, os pensamentos que expressa são sempre puros, sem contradições e constantemente à altura do caráter de Fénelon, não há motivos para duvidar de sua identidade; de outro modo, seria preciso supor que um Espírito que só prega o bem pode empregar conscientemente a mentira, e isso sem utilidade.

A experiência nos ensina que os Espíritos do mesmo grau, do mesmo caráter e animados pelos mesmos sentimentos se reúnem em grupos e em famílias; ora, o número de Espíritos é incalculável, e estamos longe de conhecer todos eles; a maioria nem sequer tem nomes para nós.

Um Espírito da categoria de Fénelon pode, portanto, vir em seu lugar, muitas vezes até enviado por ele como representante; apresenta-se com seu nome porque lhe é idêntico e pode substituí-lo, e porque precisamos de um nome para fixar nossas ideias; mas que importa, afinal, que um Espírito seja realmente ou não o de Fénelon?

Desde que só diga coisas boas e fale como o próprio Fénelon teria falado, é um bom Espírito; o nome pelo qual se faz conhecer é indiferente e muitas vezes é apenas um meio de fixar nossas ideias. O mesmo não poderia ocorrer nas evocações íntimas; mas aí, como dissemos, a identidade pode ser estabelecida por provas de certo modo evidentes.

Além disso, é certo que a substituição dos Espíritos pode dar lugar a uma infinidade de equívocos e que disso podem resultar erros e, muitas vezes, mistificações; essa é uma dificuldade do espiritismo prático; mas nunca dissemos que essa ciência fosse uma coisa fácil, nem que se pudesse aprendê-la brincando, assim como nenhuma outra ciência.

Nunca será demais repetir: ela exige um estudo assíduo e muitas vezes bastante longo; como não se podem provocar os fatos, é preciso esperar que se apresentem por si mesmos, e muitas vezes eles surgem pelas circunstâncias em que menos se pensa.

Para o observador atento e paciente, os fatos são abundantes, porque ele descobre milhares de nuances características que são, para ele, raios de luz. O mesmo acontece nas ciências comuns; enquanto o homem superficial só vê numa flor uma forma elegante, o cientista descobre nela tesouros para o pensamento.

As observações acima nos levam a dizer algumas palavras sobre outra dificuldade: a divergência que existe na linguagem dos Espíritos.

Como os Espíritos são muito diferentes uns dos outros quanto aos conhecimentos e à moralidade, é evidente que a mesma questão pode receber respostas em sentidos opostos, conforme a posição que ocupam, exatamente

como se fosse apresentada, entre os homens, alternadamente a um sábio, a um ignorante ou a um brincalhão de mau gosto. O ponto essencial, como dissemos, é saber a quem nos dirigimos.

Mas, acrescentam, como é que os Espíritos reconhecidos como superiores nem sempre estão de acordo? Diremos primeiro que, além da causa que acabamos de apontar, há outras que podem exercer certa influência sobre a natureza das respostas, independentemente da qualidade dos Espíritos; esse é um ponto fundamental que o estudo explicará; por isso dizemos que esses estudos exigem atenção constante, observação profunda e, sobretudo, como aliás todas as ciências humanas, continuidade e perseverança.

São necessários anos para formar um médico medíocre, e três quartos da vida para formar um sábio, e se desejaria adquirir em poucas horas a ciência do infinito!

Que ninguém se engane, portanto: o estudo do espiritismo é imenso; ele abrange todas as questões da metafísica e da ordem social; é um mundo inteiro que se abre diante de nós; devemos nos admirar de que seja preciso tempo, e muito tempo, para adquirir esse conhecimento?

A contradição, aliás, nem sempre é tão real quanto pode parecer. Não vemos todos os dias homens que se dedicam à mesma ciência variar na definição que dão de uma coisa, seja porque empregam termos diferentes, seja porque a consideram de outro ponto de vista, embora a ideia fundamental seja sempre a mesma?

Que se conte, se for possível, o número de definições que já foram dadas da gramática! Acrescentemos ainda que a forma da resposta muitas vezes de-

pende da forma da pergunta. Seria, portanto, infantil encontrar uma contradição onde na maioria das vezes há apenas uma diferença de palavras.

Os Espíritos superiores não se prendem de modo algum à forma; para eles, o conteúdo do pensamento é tudo.

Tomemos como exemplo a definição da alma. Como essa palavra não tem um significado fixo, os Espíritos podem, assim como nós, diferir na definição que dão dela: um poderá dizer que ela é o princípio da vida, outro chamá-la de centelha anímica, um terceiro dizer que ela é interna, um quarto que é externa etc., e todos terão razão de seu ponto de vista.

Poderíamos até acreditar que alguns deles defendem teorias materialistas, e, no entanto, não é assim. O mesmo acontece com Deus; será: o princípio de todas as coisas, o Criador do universo, a inteligência soberana, o infinito, o grande Espírito etc., etc., e, afinal, será sempre Deus. Citemos, por fim, a classificação dos Espíritos.

Eles formam uma sequência ininterrupta desde o grau inferior até o grau superior; a classificação é, portanto, arbitrária: um poderá dividi-los em três classes, outro em cinco, dez ou vinte, à vontade, sem por isso estar errado; todas as ciências humanas nos oferecem esse exemplo; cada cientista tem seu sistema; os sistemas mudam, mas a ciência não muda.

Quer se aprenda a botânica pelo sistema de Lineu, de Jussieu ou de Tournefort, não se saberá menos botânica por isso. Deixemos, portanto, de dar às coisas de pura convenção mais importância do que merecem, para nos dedicarmos ao que é verdadeiramente sério, e muitas vezes a reflexão fará

descobrir, no que parece mais divergente, uma semelhança que havia escapado a um primeiro exame.

Passaríamos rapidamente pela objeção de certos céticos a respeito dos erros de ortografia cometidos por alguns Espíritos, se ela não desse motivo a uma observação essencial.

A ortografia deles, é preciso dizer, nem sempre é irrepreensível; mas é preciso estar com muita falta de argumentos para fazer disso o objeto de uma crítica séria, dizendo que, já que os Espíritos sabem tudo, devem saber ortografia.

Poderíamos lhes contrapor os numerosos erros desse gênero cometidos por mais de um sábio da Terra, o que em nada lhes diminui o mérito; mas há nesse fato uma questão mais grave. Para os Espíritos, e sobretudo para os Espíritos superiores, a ideia é tudo, a forma não é nada.

Livres da matéria, a linguagem entre eles é rápida como o pensamento, pois é o próprio pensamento que se comunica sem intermediário; devem, portanto, sentir-se pouco à vontade quando são obrigados, para se comunicar conosco, a se servir das formas longas e complicadas da linguagem humana, e sobretudo diante da insuficiência e da imperfeição dessa linguagem para expressar todas as ideias; é o que eles próprios dizem; por isso, é curioso ver os meios que muitas vezes empregam para atenuar esse inconveniente.

O mesmo aconteceria conosco se tivéssemos de nos expressar numa língua com palavras e construções mais longas e expressões mais pobres do que aquela que usamos. É a dificuldade que sente o homem de gênio ao se im-

pacientar com a lentidão de sua pena, sempre atrasada em relação ao pensamento.

Compreende-se, assim, que os Espíritos deem pouca importância à questão pueril da ortografia, sobretudo quando se trata de um ensinamento grave e sério; além disso, já não é maravilhoso que se expressem indistintamente em todas as línguas e compreendam todas elas?

Não se deve, contudo, concluir daí que desconheçam as regras convencionais da linguagem; eles as observam quando isso é necessário; é assim, por exemplo, que a poesia ditada por eles muitas vezes resistiria à crítica do mais meticuloso purista, apesar da ignorância do médium.

Há também pessoas que veem perigo em toda parte e em tudo o que não conhecem; por isso, não deixam de tirar uma conclusão desfavorável do fato de certas pessoas terem perdido a razão ao se dedicar a esses estudos. Como podem homens sensatos ver nesse fato uma objeção séria? Não acontece o mesmo com todas as ocupações intelectuais quando atuam sobre um cérebro frágil?

Sabe-se o número de loucos e de maníacos produzidos pelos estudos matemáticos, médicos, musicais, filosóficos e outros? Deve-se, por isso, banir esses estudos? O que isso prova? Com os trabalhos físicos, danificam-se os braços e as pernas, que são os instrumentos da ação material; com os trabalhos da inteligência, danifica-se o cérebro, que é o instrumento do pensamento.

Mas, se o instrumento está quebrado, nem por isso o espírito está: ele permanece intacto; e, quando se liberta da matéria, continua a desfrutar da

plenitude de suas faculdades. É, à sua maneira, como homem, um mártir do trabalho.

Todas as grandes preocupações do espírito podem causar a loucura: as ciências, as artes e até a religião fornecem sua parcela. A loucura tem como causa primeira uma predisposição orgânica do cérebro que o torna mais ou menos suscetível a certas impressões. Havendo uma predisposição à loucura, ela assumirá o caráter da preocupação principal, que então se torna uma ideia fixa.

Essa ideia fixa poderá ser a dos Espíritos naquele que se ocupou deles, assim como poderá ser a de Deus, dos anjos, do diabo, da fortuna, do poder, de uma arte, de uma ciência, da maternidade, de um sistema político e social.

É provável que o louco religioso se tornasse um louco espírita se o espiritismo tivesse sido sua preocupação dominante, assim como o louco espírita teria enlouquecido de outra forma, conforme as circunstâncias.

Digo, portanto, que o espiritismo não tem nenhum privilégio nesse aspecto; mas vou além: digo que, bem compreendido, ele é uma proteção contra a loucura.

Entre as causas mais comuns de excitação excessiva do cérebro, devem-se contar as decepções, as desgraças, os afetos contrariados, que são, ao mesmo tempo, as causas mais frequentes de suicídio.

Ora, o verdadeiro espírita vê as coisas deste mundo de um ponto de vista tão elevado; elas lhe parecem tão pequenas, tão mesquinhas diante do futuro que o espera; a vida é para ele tão curta, tão passageira, que as tribulações são, aos seus olhos, apenas os incidentes desagradáveis de uma viagem.

O que em outra pessoa produziria uma emoção violenta pouco o afeta; ele sabe, além disso, que as tristezas da vida são provas que servem ao seu progresso, se as enfrentar sem se queixar, pois será recompensado conforme a coragem com que as tiver suportado.

Suas convicções lhe dão, portanto, uma resignação que o protege do desespero e, por consequência, de uma causa constante de loucura e de suicídio. Ele conhece também, pelo quadro que lhe apresentam as comunicações com os Espíritos, o destino daqueles que abreviam voluntariamente seus dias, e esse quadro é bem capaz de fazê-lo refletir; por isso, é considerável o número daqueles que foram detidos nessa inclinação funesta.

Esse é um dos resultados do espiritismo. Que os incrédulos riam disso quanto quiserem; desejo a eles as consolações que ele proporciona a todos os que se deram ao trabalho de sondar suas misteriosas profundezas.

Entre as causas de loucura, é preciso incluir ainda o medo, e o medo do diabo já perturbou mais de um cérebro. Sabe-se o número de vítimas que se fizeram ao impressionar imaginações frágeis com esse quadro que tanto se procura tornar mais assustador por meio de detalhes horrendos?

O diabo, dizem, só assusta as criancinhas; é um freio para fazê-las se comportar; sim, como o bicho-papão e o lobisomem, e, quando elas deixam de ter medo deles, ficam piores do que antes; e, para alcançar esse belo resultado, não se conta o número de casos de epilepsia causados pelo abalo de um cérebro delicado.

A religião seria muito fraca se, por falta de temor, seu poder pudesse ficar comprometido; felizmente, não é assim; ela tem outros meios de agir sobre

as almas; o espiritismo lhe fornece meios mais eficazes e mais sérios, se ela souber aproveitá-los; ele mostra a realidade das coisas e, assim, neutraliza os efeitos funestos de um temor exagerado.

Resta-nos examinar duas objeções, as únicas que realmente merecem esse nome, porque se baseiam em teorias fundamentadas no raciocínio. Ambas admitem a realidade de todos os fenômenos materiais e morais, mas excluem a intervenção dos Espíritos.

Segundo a primeira dessas teorias, todas as manifestações atribuídas aos Espíritos seriam apenas efeitos magnéticos. Os médiuns estariam num estado que se poderia chamar de sonambulismo desperto, fenômeno que toda pessoa que estudou o magnetismo pode ter testemunhado.

Nesse estado, as faculdades intelectuais adquirem um desenvolvimento anormal; o campo das percepções intuitivas se estende além dos limites de nossa concepção comum. Assim, o médium tiraria de si mesmo, graças à sua lucidez, tudo o que diz e todas as noções que transmite, mesmo sobre as coisas que mais desconhece em seu estado habitual.

Não seremos nós que contestaremos o poder do sonambulismo, cujos prodígios vimos e cujas fases estudamos durante mais de trinta e cinco anos; reconhecemos que, de fato, muitas manifestações espíritas podem ser explicadas por esse meio; mas uma observação contínua e atenta mostra uma infinidade de fatos nos quais a intervenção do médium, a não ser como instrumento passivo, é materialmente impossível.

Aos que compartilham essa opinião, diremos como aos outros: «Vejam e observem, pois certamente vocês não viram tudo.» Em seguida, apresenta-

remos a eles duas considerações tiradas de sua própria doutrina. De onde veio a teoria espírita? É um sistema imaginado por alguns homens para explicar os fatos? De modo algum. Quem, então, a revelou?

Precisamente esses mesmos médiuns cuja lucidez vocês exaltam. Se, portanto, essa lucidez é como vocês supõem, por que eles teriam atribuído aos Espíritos o que teriam tirado de si mesmos? Como teriam dado informações tão precisas, tão lógicas, tão sublimes sobre a natureza dessas inteligências extra-humanas?

Das duas, uma: ou são lúcidos, ou não são; se são e se confiamos em sua veracidade, não podemos, sem contradição, admitir que não estejam com a verdade. Em segundo lugar, se todos os fenômenos tivessem sua origem no médium, seriam idênticos no mesmo indivíduo, e não veríamos a mesma pessoa usar uma linguagem incoerente nem expressar, alternadamente, as coisas mais contraditórias.

Essa falta de unidade nas manifestações obtidas pelo médium prova a diversidade das fontes; se, portanto, não podemos encontrá-las todas no médium, é preciso procurá-las fora dele.

Segundo outra opinião, o médium é de fato a fonte das manifestações, mas, em vez de tirá-las de si mesmo, como afirmam os criadores da teoria sonambúlica, ele as tira do ambiente ao seu redor.

O médium seria, assim, uma espécie de espelho que reflete todas as ideias, todos os pensamentos e todos os conhecimentos das pessoas que o cercam; não diria nada que não fosse conhecido ao menos por algumas delas.

Não se pode negar, e esse é até um princípio da doutrina, a influência exercida pelos presentes sobre a natureza das manifestações; mas essa influência é muito diferente daquela que se supõe existir, e daí a dizer que o médium seja o eco de seus pensamentos vai uma grande distância, pois milhares de fatos demonstram categoricamente o contrário.

Trata-se, portanto, de um erro grave, que prova mais uma vez o perigo das conclusões prematuras. Essas pessoas, não podendo negar a existência de um fenômeno que a ciência comum não consegue explicar e não querendo admitir a presença dos Espíritos, explicam-no à sua maneira. Sua teoria teria uma aparência de verdade se pudesse abranger todos os fatos; mas não é assim.

Quando lhes demonstramos com toda a evidência que certas comunicações do médium são completamente alheias aos pensamentos, aos conhecimentos e até às opiniões de todos os presentes, que essas comunicações muitas vezes são espontâneas e contradizem todas as ideias preconcebidas, elas não se deixam deter por tão pouco.

A irradiação, dizem, estende-se muito além do círculo imediato que nos cerca; o médium é o reflexo de toda a humanidade, de tal modo que, se não busca suas inspirações ao seu lado, vai procurá-las fora, na cidade, na região, em todo o globo e até nas outras esferas.

Não penso que se encontre nessa teoria uma explicação mais simples e mais provável que a do espiritismo, pois ela supõe uma causa muito mais maravilhosa. A ideia de que seres que povoam os espaços e estão em contato permanente conosco nos comunicam seus pensamentos não tem nada que

choque mais a razão do que a suposição dessa irradiação universal que vem de todos os pontos do universo se concentrar no cérebro de um indivíduo.

Mais uma vez, e este é um ponto fundamental sobre o qual nunca insistiremos demais, a teoria sonambúlica e aquela que se poderia chamar de reflexiva foram imaginadas por alguns homens; são opiniões individuais criadas para explicar um fato, enquanto a doutrina dos Espíritos não é uma concepção humana; foi ditada pelas próprias inteligências que se manifestam, quando ninguém pensava nela e a própria opinião geral a rejeitava.

Ora, perguntamos onde os médiuns foram buscar uma doutrina que não existia no pensamento de ninguém na Terra; perguntamos, além disso, por que estranha coincidência milhares de médiuns espalhados por todos os pontos do globo, que nunca se viram, concordam em dizer a mesma coisa.

Se o primeiro médium que apareceu na França sofreu a influência de opiniões já aceitas na América, por que estranheza foi buscar suas ideias a 2,000 léguas além dos mares, entre um povo de costumes e língua estrangeiros, em vez de buscá-las ao seu redor?

Mas há outra circunstância sobre a qual não se refletiu o suficiente. As primeiras manifestações, tanto na França como na América, não ocorreram pela escrita nem pela fala, mas por pancadas que correspondiam às letras do alfabeto e formavam palavras e frases. Foi por esse meio que as inteligências que se revelaram declararam ser Espíritos.

Portanto, se fosse possível supor a intervenção do pensamento dos médiuns nas comunicações verbais ou escritas, o mesmo não poderia acontecer com as pancadas, cujo significado não podia ser conhecido de antemão.

Poderíamos citar muitos fatos que demonstram, na inteligência que se manifesta, uma individualidade evidente e uma independência absoluta de vontade. Recomendamos, portanto, aos que discordam uma observação mais atenta e, se quiserem estudar sem preconceitos e não concluir antes de terem visto tudo, reconhecerão a incapacidade de sua teoria para explicar tudo.

Nós nos limitaremos a fazer as seguintes perguntas: por que a inteligência que se manifesta, seja ela qual for, se recusa a responder a certas perguntas sobre assuntos perfeitamente conhecidos, como, por exemplo, o nome ou a idade de quem pergunta, o que ele tem na mão, o que fez na véspera, seu plano para o dia seguinte etc.?

Se o médium é o espelho do pensamento dos presentes, nada lhe seria mais fácil do que responder.

Os adversários devolvem o argumento, perguntando, por sua vez, por que os Espíritos, que devem saber tudo, não conseguem dizer coisas tão simples, segundo o axioma: quem pode o mais pode o menos; daí concluem que não são Espíritos.

Se um ignorante ou um brincalhão de mau gosto, apresentando-se diante de uma assembleia de sábios, perguntasse, por exemplo, por que é dia em pleno meio-dia, será que ela se daria ao trabalho de responder seriamente? E seria lógico concluir, de seu silêncio ou das zombarias dirigidas a quem fez a pergunta, que seus membros não passam de burros?

Ora, é precisamente porque os Espíritos são superiores que não respondem a perguntas inúteis e ridículas e não querem ser submetidos a interrogató-

rio; por isso se calam ou dizem que se ocupem de coisas mais sérias.

Perguntaremos, enfim, por que os Espíritos vêm e vão embora muitas vezes em determinado momento e por que, passado esse momento, não há preces nem súplicas que possam trazê-los de volta. Se o médium só agisse pelo impulso mental dos presentes, é evidente que, nessa circunstância, o esforço de todas as vontades reunidas deveria estimular sua clarividência.

Se, portanto, ele não cede ao desejo da assembleia, reforçado por sua própria vontade, é porque obedece a uma influência alheia a ele mesmo e aos que o cercam, e essa influência revela, assim, sua independência e sua individualidade.

O ceticismo em relação à doutrina espírita, quando não é resultado de uma oposição sistemática movida por interesses, tem quase sempre sua origem em um conhecimento incompleto dos fatos, o que não impede certas pessoas de decidir a questão como se a conhecessem perfeitamente.

Pode-se ter muita inteligência, até mesmo instrução, e não ter discernimento; ora, o primeiro sinal de uma falha no julgamento é acreditar que o próprio julgamento é infalível. Muitas pessoas também veem nas manifestações espíritas apenas um objeto de curiosidade; esperamos que, pela leitura deste livro, encontrem nesses fenômenos estranhos algo além de um simples passatempo.

A ciência espírita compreende duas partes: uma experimental, sobre as manifestações em geral, e outra filosófica, sobre as manifestações inteligentes. Quem observou apenas a primeira está na posição de alguém que só conhe-

cesse a física por experiências recreativas, sem ter penetrado no fundo da ciência.

A verdadeira doutrina espírita está no ensinamento dado pelos Espíritos, e os conhecimentos que esse ensinamento abrange são sérios demais para serem adquiridos de outra forma que não por um estudo sério e contínuo, feito no silêncio e no recolhimento; pois somente nessa condição se pode observar um número infinito de fatos e de nuances que escapam ao observador superficial e permitem fundamentar uma opinião.

Ainda que este livro tivesse como único resultado mostrar o lado sério da questão e estimular estudos nesse sentido, isso já seria muito, e nos felicitaríamos por termos sido escolhidos para realizar uma obra pela qual, aliás, não pretendemos reivindicar nenhum mérito pessoal, pois os princípios que ela contém não são criação nossa; o mérito, portanto, pertence inteiramente aos Espíritos que a ditaram.

Esperamos que ela tenha outro resultado: guiar os homens que desejam se esclarecer, mostrando-lhes, nesses estudos, um objetivo grande e sublime, o do progresso individual e social, e indicando-lhes o caminho a seguir para alcançá-lo.

Terminemos com uma última consideração. Astrônomos, ao sondar os espaços, encontraram, na distribuição dos corpos celestes, lacunas sem justificativa e em desacordo com as leis do conjunto; suspeitaram que essas lacunas deviam ser preenchidas por globos que haviam escapado aos seus olhares; por outro lado, observaram certos efeitos cuja causa lhes era desconhecida e disseram a si mesmos: Ali deve haver um mundo, pois essa lacuna não pode existir, e esses efeitos devem ter uma causa.

Julgando então a causa pelo efeito, puderam calcular seus elementos, e mais tarde os fatos vieram confirmar suas previsões. Apliquemos esse raciocínio a outra ordem de ideias. Quando se observa a série dos seres, percebe-se que eles formam uma cadeia sem interrupção, desde a matéria bruta até o homem mais inteligente.

Mas entre o homem e Deus, que é o alfa e o ômega de todas as coisas, que imensa lacuna! É racional pensar que os elos dessa cadeia terminem no homem? Que ele transponha sem transição a distância que o separa do infinito?

A razão nos diz que entre o homem e Deus deve haver outros degraus, assim como disse aos astrônomos que entre os mundos conhecidos devia haver mundos desconhecidos. Qual é a filosofia que preencheu essa lacuna?

O espiritismo nos mostra essa lacuna preenchida pelos seres de todas as categorias do mundo invisível, e esses seres nada mais são que os Espíritos dos homens que chegaram aos diferentes graus que conduzem à perfeição: assim, tudo se liga, tudo se encadeia, desde o alfa até o ômega.

Vocês que negam a existência dos Espíritos, preencham então o vazio que eles ocupam; e vocês que riem deles, ousem então rir das obras de Deus e de sua onipotência!

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PROLEGÔMENOS

✦

Fenômenos que escapam às leis da ciência comum se manifestam por toda parte e revelam, em sua causa, a ação de uma vontade livre e inteligente.

A razão diz que um efeito inteligente deve ter como causa uma potência inteligente, e os fatos provaram que essa potência pode entrar em comunicação com os homens por meio de sinais materiais.

Essa potência, interrogada sobre sua natureza, declarou pertencer ao mundo dos seres espirituais que se despojaram do envoltório corporal do homem. Foi assim que se revelou a doutrina dos Espíritos.

As comunicações entre o mundo espírita e o mundo corporal estão na natureza das coisas e não constituem nenhum fato sobrenatural; por isso, encontram-se seus vestígios entre todos os povos e em todas as épocas; hoje, elas são gerais e evidentes para todos.

Os Espíritos anunciam que chegaram os tempos marcados pela Providência para uma manifestação universal e que, sendo os ministros de Deus e os agentes de sua vontade, sua missão é instruir e esclarecer os homens, abrindo uma nova era para a regeneração da humanidade.

Este livro é a coletânea de seus ensinamentos; foi escrito por ordem e sob o ditado de Espíritos superiores para estabelecer os fundamentos de uma filosofia racional, livre dos preconceitos do apego a sistemas; nada contém que não seja a expressão de seu pensamento e que não tenha passado por sua verificação. Somente a ordem e a distribuição metódica dos assuntos,

assim como as observações e a forma de algumas partes da redação, são obra daquele que recebeu a missão de publicá-lo.

Entre os Espíritos que contribuíram para a realização desta obra, vários viveram em diversas épocas na Terra, onde pregaram e praticaram a virtude e a sabedoria; outros não correspondem, por seus nomes, a nenhum personagem cuja lembrança a história tenha conservado, mas sua elevação é atestada pela pureza de sua doutrina e por sua união com aqueles que trazem nomes venerados.

Eis os termos em que deram por escrito, por intermédio de vários médiuns, a missão de escrever este livro:

« Dedique-se com zelo e perseverança ao trabalho que você empreendeu com nossa colaboração, pois esse trabalho é nosso. Nele lançamos as bases do novo edifício que se ergue e deverá um dia reunir todos os homens em um mesmo sentimento de amor e caridade; mas, antes de divulgá-lo, vamos revê-lo juntos, para verificar todos os seus detalhes.

Estaremos com você sempre que pedir e para ajudá-lo em seus outros trabalhos, pois esta é apenas uma parte da missão que lhe foi confiada e que já lhe foi revelada por um de nós.

Entre os ensinamentos que lhe são dados, há alguns que você deve guardar somente para si até nova ordem; indicaremos quando chegar o momento de publicá-los: enquanto isso, medite sobre eles, para estar pronto quando lhe dissermos.

Você colocará no início do livro a cepa de videira que desenhamos para você, porque ela é o emblema do trabalho do Criador; nela se encontram

reunidos todos os elementos materiais que melhor podem representar o corpo e o espírito: o corpo é a cepa; o espírito é o líquido; a alma, ou o espírito unido à matéria, é o bago. O homem aperfeiçoa o espírito pelo trabalho, e você sabe que é somente pelo trabalho do corpo que o espírito adquire conhecimentos.

Não se deixe desanimar pela crítica. Você encontrará opositores obstinados, sobretudo entre as pessoas interessadas nos abusos. Encontrará alguns até mesmo entre os Espíritos, pois aqueles que não estão completamente desmaterializados muitas vezes procuram semear a dúvida por malícia ou por ignorância; mas siga sempre em frente; creia em Deus e caminhe com confiança: estaremos presentes para apoiá-lo, e está próximo o tempo em que a verdade se manifestará por toda parte.

A vaidade de certos homens que acreditam saber tudo e querem explicar tudo à sua maneira fará surgir opiniões divergentes; mas todos aqueles que tiverem em vista o grande princípio de Jesus se reunirão no mesmo sentimento de amor ao bem e se unirão por um laço fraterno que abraçará o mundo inteiro; deixarão de lado as miseráveis disputas de palavras para se ocupar apenas das coisas essenciais, e a doutrina será sempre a mesma, em sua essência, para todos aqueles que receberem as comunicações dos Espíritos superiores.

É com perseverança que você conseguirá colher o fruto de seus trabalhos. O prazer que sentirá ao ver a doutrina se propagar e ser bem compreendida será uma recompensa cujo valor você conhecerá plenamente, talvez mais no futuro do que no presente. Portanto, não se preocupe com os espinhos e as pedras que os incrédulos ou os maus espalharão em seu caminho; con-

serve a confiança: com confiança você alcançará o objetivo e merecerá ser sempre ajudado.

Lembre-se de que os Bons Espíritos só auxiliam aqueles que servem a Deus com humildade e desprendimento e de que repudiam qualquer um que procure no caminho do céu um degrau para alcançar as coisas da Terra; eles se afastam do orgulhoso e do ambicioso. O orgulho e a ambição serão sempre uma barreira entre o homem e Deus; são um véu lançado sobre as claridades celestes, e Deus não pode se servir do cego para fazer compreender a luz. »

Nota. — Os princípios contidos neste livro resultam tanto das respostas dadas pelos Espíritos às perguntas diretas que lhes foram propostas em diversas épocas e por intermédio de um grande número de médiuns, quanto das instruções dadas por eles espontaneamente a nós ou a outras pessoas sobre os assuntos que ele contém.

Tudo foi organizado de maneira a apresentar um conjunto regular e metódico e só foi publicado depois de ter sido cuidadosamente revisto várias vezes e corrigido pelos próprios Espíritos. Esta segunda edição também foi objeto de um novo e minucioso exame por parte deles.

O que está entre aspas após as perguntas é a resposta textual dada pelos Espíritos. O que está assinalado por outro tipo de letra, ou indicado de maneira especial para esse fim, compreende as observações ou os desenvolvimentos acrescentados pelo autor, que também passaram pela verificação dos Espíritos.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO I, CAP. I — DEUS

✦

Deus e o infinito

1. **O que é Deus?**

> « Deus é a inteligência suprema, causa primeira de todas as coisas. »

2. **O que se deve entender por infinito?**

> « Aquilo que não tem começo nem fim: o desconhecido; tudo o que é desconhecido é infinito. »

3. **Poderíamos dizer que Deus é o infinito?**

> « Definição incompleta. Pobreza da linguagem dos homens, que é insuficiente para definir as coisas que estão acima de sua inteligência. »

Deus é infinito em suas perfeições, mas o infinito é uma abstração; dizer que Deus é o infinito é tomar o atributo pela própria coisa e definir uma coisa que não é conhecida por outra que também não é.

Provas da existência de Deus

4. Onde se pode encontrar a prova da existência de Deus?

> « Num axioma que vocês aplicam às suas ciências: não há efeito sem causa. Procurem a causa de tudo o que não é obra do homem, e a razão de vocês responderá. »

Para crer em Deus, basta olhar para as obras da criação. O universo existe, portanto tem uma causa. Duvidar da existência de Deus seria negar que todo efeito tem uma causa e afirmar que o nada pôde fazer alguma coisa.

5. Que consequência se pode tirar do sentimento intuitivo da existência de Deus que todos os homens trazem em si mesmos?

> « Que Deus existe; pois de onde viria ao homem esse sentimento, se ele não se apoiasse em nada? É mais uma consequência do princípio de que não há efeito sem causa. »

6. O sentimento íntimo que temos em nós mesmos da existência de Deus não seria resultado da educação e produto de ideias adquiridas?

> « Se fosse assim, por que os seus selvagens teriam esse sentimento? »

Se o sentimento da existência de um ser supremo fosse apenas produto de um ensinamento, não seria universal e só existiria, como as noções das ciências, entre aqueles que tivessem podido receber esse ensinamento.

7. Seria possível encontrar a causa primeira da formação das coisas nas propriedades íntimas da matéria?

> « Mas, então, qual seria a causa dessas propriedades? É sempre necessária uma causa primeira. »

Atribuir a formação primeira das coisas às propriedades íntimas da matéria seria tomar o efeito pela causa, pois essas propriedades são, elas mesmas, um efeito que deve ter uma causa.

8. O que pensar da opinião que atribui a formação primeira a uma combinação fortuita da matéria, ou seja, ao acaso?

> « Outro absurdo! Que homem de bom senso pode considerar o acaso um ser inteligente? E, além disso, o que é o acaso? Nada. »

A harmonia que rege os mecanismos do universo evidencia combinações e propósitos determinados e, por isso mesmo, revela a potência inteligente. Atribuir a formação primeira ao acaso seria um contrassenso, pois o acaso é cego e não pode produzir os efeitos da inteligência. Um acaso inteligente já não seria o acaso.

9. **Onde se vê, na causa primeira, uma inteligência suprema e superior a todas as inteligências?**

> « Vocês têm um provérbio que diz: Pela obra se reconhece o trabalhador. Pois bem! Olhem a obra e procurem o trabalhador. É o orgulho que gera a incredulidade. O homem orgulhoso não quer nada acima de si, por isso se diz um espírito forte. Pobre ser, que um sopro de Deus pode derrubar! »

Julga-se o poder de uma inteligência por suas obras; como nenhum ser humano pode criar o que a natureza produz, a causa primeira é, portanto, uma inteligência superior à humanidade. Quaisquer que sejam os prodígios realizados pela inteligência humana, essa inteligência também tem uma causa, e quanto maior é o que ela realiza, maior deve ser a causa primeira. É essa inteligência que é a causa primeira de todas as coisas, seja qual for o nome pelo qual o homem a tenha designado.

Atributos da Divindade

10. **O homem pode compreender a natureza íntima de Deus?**

> « Não; falta-lhe um sentido para isso. »

11. **Um dia será dado ao homem compreender o mistério da Divindade?**

> « Quando seu espírito já não estiver obscurecido pela matéria e, por sua perfeição, tiver se aproximado dele, então o verá e o compreenderá. »

A inferioridade das faculdades do homem não lhe permite compreender a natureza íntima de Deus. Na infância da humanidade, o homem muitas vezes o confunde com a criatura, atribuindo-lhe as imperfeições dela; mas, à medida que o senso moral se desenvolve nele, seu pensamento penetra melhor o fundo das coisas, e ele passa a formar uma ideia mais justa e mais conforme à sã razão, embora sempre incompleta.

12. **Se não podemos compreender a natureza íntima de Deus, podemos ter uma ideia de algumas de suas perfeições?**

> « Sim, de algumas. O homem as compreende melhor à medida que se eleva acima da matéria; ele as vislumbra pelo pensamento. »

13. Quando dizemos que Deus é eterno, infinito, imutável, imaterial, único, todo-poderoso, soberanamente justo e bom, não temos uma ideia completa de seus atributos?

> « Do ponto de vista de vocês, sim, porque acreditam abranger tudo; mas saibam bem que há coisas acima da inteligência do homem mais inteligente, e para as quais a linguagem de vocês, limitada às suas ideias e às suas sensações, não tem expressões. A razão lhes diz, de fato, que Deus deve ter essas perfeições no grau supremo, pois, se lhe faltasse uma só delas, ou se uma delas não estivesse em grau infinito, ele não seria superior a tudo e, por consequência, não seria Deus. Para estar acima de todas as coisas, Deus não deve sofrer nenhuma vicissitude nem ter nenhuma das imperfeições que a imaginação pode conceber. »

Deus é eterno; se tivesse tido um começo, teria saído do nada, ou ele próprio teria sido criado por um ser anterior. É assim que, de causa em causa, remontamos ao infinito e à eternidade. Ele é imutável; se estivesse sujeito a mudanças, as leis que regem o universo não teriam nenhuma estabilidade. Ele é imaterial; isto é, sua natureza difere de tudo o que chamamos matéria; caso contrário, ele não seria imutável, pois estaria sujeito às transformações da matéria. Ele é único; se houvesse vários Deuses, não haveria unidade de propósitos nem unidade de poder na organização do universo. Ele é todo-poderoso; porque é único. Se não tivesse o poder soberano, haveria algo mais poderoso ou tão poderoso quanto ele; ele não teria feito todas as coisas, e aquelas que não tivesse feito seriam obra de outro Deus. Ele é soberanamente justo e bom. A sabedoria providencial das leis divinas se revela nas menores coisas, assim como nas maiores, e essa sabedoria não permite duvidar nem de sua justiça nem de sua bondade.

Panteísmo

14. **Deus é um ser distinto ou seria, segundo a opinião de alguns, o resultado de todas as forças e de todas as inteligências do universo reunidas?**

> « Se fosse assim, Deus não existiria, pois seria o efeito e não a causa; ele não pode ser ambos ao mesmo tempo. »

> « Deus existe, vocês não podem duvidar disso, é o essencial; acreditem em mim, não vão além; não se percam num labirinto do qual não poderiam sair; isso não os tornaria melhores, mas talvez um pouco mais orgulhosos, porque acreditariam saber, quando, na realidade, nada saberiam. Deixem, portanto, de lado todos esses sistemas; vocês têm bastante com que se ocupar em coisas que lhes dizem respeito mais diretamente, a começar por vocês mesmos; estudem suas próprias imperfeições para se livrarem delas; isso lhes será mais útil do que querer penetrar o que é impenetrável. »

15. **O que pensar da opinião segundo a qual todos os corpos da natureza, todos os seres, todos os globos do universo seriam partes da Divindade e constituiriam, em seu conjunto, a própria Divindade; em outras palavras, da doutrina panteísta?**

> « O homem, não podendo se tornar Deus, quer ao menos ser uma parte de Deus. »

16. **Os que professam essa doutrina afirmam encontrar nela a demonstração de alguns dos atributos de Deus: sendo os mundos infinitos, Deus é, por isso mesmo, infinito; não estando o vazio ou o nada em parte alguma, Deus está em toda parte; estando Deus em toda parte, já que tudo é parte integrante de Deus, ele dá a todos os fenômenos da natureza uma razão de ser inteligente. O que se pode opor a esse raciocínio?**

> « A razão; reflitam bem, e não lhes será difícil reconhecer seu absurdo. »

Essa doutrina faz de Deus um ser material que, embora dotado de uma inteligência suprema, seria em grande escala o que somos em pequena escala. Ora, como a matéria se transforma sem cessar, se fosse assim, Deus não teria nenhuma estabilidade; estaria sujeito a todas as vicissitudes, até mesmo a todas as necessidades da humanidade; faltaria a ele um dos atributos essenciais da Divindade: a imutabilidade. As propriedades da matéria não podem se associar à ideia de Deus sem rebaixá-lo em nosso pensamento, e todas as sutilezas do sofisma não conseguirão resolver o problema de sua natureza íntima. Não sabemos tudo o que ele é, mas sabemos o que ele não pode deixar de ser, e esse sistema está em contradição com suas propriedades mais essenciais; confunde o criador com a criatura, exatamente como se alguém quisesse que uma máquina engenhosa fosse parte integrante do mecânico que a concebeu. A inteligência de Deus se revela em suas obras como a de um pintor em seu quadro; mas as obras de Deus não são o próprio Deus, assim como o quadro não é o pintor que o concebeu e executou.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO I, CAP. II — ELEMENTOS GERAIS DO UNIVERSO

✦

Conhecimento do princípio das coisas

17. É dado ao homem conhecer o princípio das coisas?

> « Não, Deus não permite que tudo seja revelado ao homem neste mundo. »

18. O homem penetrará um dia o mistério das coisas que lhe estão ocultas?

> « O véu se levanta para ele à medida que se purifica; mas, para compreender certas coisas, precisa de faculdades que ainda não possui. »

19. O homem não pode, pelas investigações da ciência, penetrar alguns dos segredos da natureza?

> « A ciência lhe foi dada para seu progresso em todas as coisas, mas ele não pode ultrapassar os limites fixados por Deus. »

Quanto mais é dado ao homem penetrar nesses mistérios, maior deve ser sua admiração pelo poder e pela sabedoria do Criador; mas, seja por orgulho, seja por fraqueza, sua própria inteligência muitas vezes o torna um joguete da ilusão; ele acumula sistemas sobre sistemas, e cada dia lhe mostra quantos erros tomou por verdades e quantas verdades rejeitou como erros. São outras tantas decepções para seu orgulho.

20. Além das investigações da ciência, é dado ao homem receber comunicações de uma ordem mais elevada sobre aquilo que escapa ao testemunho de seus sentidos?

> « Sim, se Deus julgar útil, pode revelar o que a ciência não pode ensinar. »

É por essas comunicações que o homem obtém, dentro de certos limites, o conhecimento de seu passado e de seu destino futuro.

Espírito e matéria

21. A matéria existe desde toda a eternidade, como Deus, ou foi criada por ele em algum momento?

> « Só Deus sabe. Entretanto, há uma coisa que a razão de vocês deve indicar: Deus, modelo de amor e caridade, nunca esteve inativo. Por mais distante que vocês possam imaginar o início de sua ação, podem concebê-lo por um segundo na ociosidade? »

22. **Geralmente se define a matéria como aquilo que tem extensão; aquilo que pode impressionar nossos sentidos; aquilo que é impenetrável. Essas definições são exatas?**

> « Do ponto de vista de vocês, isso é exato, porque só falam com base no que conhecem; mas a matéria existe em estados que vocês desconhecem; ela pode, por exemplo, ser tão etérea e sutil que não cause nenhuma impressão em seus sentidos; no entanto, continua sendo matéria, embora para vocês não fosse. »

– **Que definição podem dar da matéria?**

> « A matéria é o laço que prende o espírito; é o instrumento que lhe serve e sobre o qual, ao mesmo tempo, ele exerce sua ação. »

Desse ponto de vista, pode-se dizer que a matéria é o agente, o intermediário por meio do qual e sobre o qual o espírito age.

23. **O que é o espírito?**

> « O princípio inteligente do universo. »

– **Qual é a natureza íntima do espírito?**

> « Não é fácil analisar o espírito na linguagem de vocês. Para vocês, ele não é nada, porque o espírito não é uma coisa palpável; mas, para nós, é alguma coisa. Saibam bem: nada é o nada absoluto, e o nada absoluto não existe. »

24. **Espírito é sinônimo de inteligência?**

> « A inteligência é um atributo essencial do espírito; mas ambos se confundem em um princípio comum, de modo que, para vocês, são uma mesma coisa. »

25. **O espírito é independente da matéria ou é apenas uma propriedade dela, assim como as cores são propriedades da luz e o som é uma propriedade do ar?**

> « Ambos são distintos; mas é necessária a união do espírito e da matéria para dar inteligência à matéria. »

– Essa união também é necessária para a manifestação do espírito? (Entendemos aqui por espírito o princípio da inteligência, deixando de lado as individualidades designadas por esse nome).

> « Ela é necessária para vocês, porque não são constituídos de modo a perceber o espírito sem a matéria; seus sentidos não foram feitos para isso. »

26. **Pode-se conceber o espírito sem a matéria e a matéria sem o espírito?**

> « Pode-se, sem dúvida, pelo pensamento. »

27. **Haveria, assim, dois elementos gerais do universo: a matéria e o espírito?**

> « Sim, e acima de tudo isso, Deus, o criador, o pai de todas as coisas; essas três coisas são o princípio de tudo o que existe, a trindade universal. Mas ao elemento material é preciso acrescentar o fluido universal, que desempenha o papel de intermediário entre o espírito e a matéria propriamente dita, grosseira demais para que o espírito possa agir sobre ela. Embora, de certo ponto de vista, se possa incluí-lo no elemento material, ele se distingue por propriedades especiais; se fosse efetivamente matéria, não haveria razão para que o Espírito também não fosse. Ele está entre o espírito e a matéria; é fluido, assim como a matéria é matéria, capaz, por suas inúmeras combinações com ela e sob a ação do espírito, de produzir a infinita variedade das coisas, das quais vocês conhecem apenas uma pequena parte. Esse fluido universal, ou primitivo, ou elementar, sendo o agente que o espírito emprega, é o princípio sem o qual a matéria estaria em estado perpétuo de divisão e nunca adquiriria as propriedades que a gravidade lhe dá. »

– **Esse fluido seria aquele que designamos pelo nome de eletricidade?**

> « Dissemos que ele é capaz de inúmeras combinações; o que vocês chamam de fluido elétrico e fluido magnético são modificações do fluido universal, que, a rigor, é apenas uma matéria mais perfeita, mais sutil, e que se pode considerar independente. »

28. Já que o espírito é, ele próprio, alguma coisa, não seria mais exato e menos sujeito a confusão designar esses dois elementos gerais pelas palavras: matéria inerte e matéria inteligente?

> « As palavras pouco nos importam; cabe a vocês formular sua linguagem de maneira que se entendam. Suas discussões vêm quase sempre do fato de não se entenderem quanto às palavras, porque sua linguagem é incompleta para as coisas que não impressionam seus sentidos. »

Um fato evidente domina todas as hipóteses: vemos matéria que não é inteligente; vemos um princípio inteligente independente da matéria. A origem e a conexão dessas duas coisas nos são desconhecidas.

Se têm ou não uma fonte comum, pontos de contato necessários; se a inteligência tem existência própria ou se é uma propriedade, um efeito; se ela é até mesmo, segundo a opinião de alguns, uma emanação da Divindade, é o que ignoramos; elas nos parecem distintas, e por isso as admitimos como dois princípios constituintes do universo.

Vemos acima de tudo isso uma inteligência que domina todas as outras, que governa todas elas, que delas se distingue por atributos essenciais: é essa inteligência suprema que se chama Deus.

Propriedades da matéria

29. A ponderabilidade é um atributo essencial da matéria?

> « Da matéria tal como vocês a entendem, sim; mas não da matéria considerada como fluido universal. A matéria etérea e sutil que forma esse fluido é imponderável para vocês, e nem por isso deixa de ser o princípio da matéria pesada que conhecem. »

A gravidade é uma propriedade relativa; fora das esferas de atração dos mundos, não há peso, assim como não há alto nem baixo.

30. A matéria é formada de um só ou de vários elementos?

> « Um só elemento primitivo. Os corpos que vocês consideram corpos simples não são verdadeiros elementos, mas transformações da matéria primitiva. »

31. De onde vêm as diferentes propriedades da matéria?

> « São modificações que as moléculas elementares sofrem por sua união e em certas circunstâncias. »

32. De acordo com isso, os sabores, os odores, as cores, o som, as qualidades venenosas ou salutares dos corpos seriam apenas modificações de uma única e mesma substância primitiva?

> « Sim, sem dúvida, e só existem pela disposição dos órgãos destinados a percebê-las. »

Esse princípio é demonstrado pelo fato de que nem todos percebem as qualidades dos corpos da mesma maneira: um acha uma coisa agradável ao paladar, outro a acha ruim; uns veem azul o que outros veem vermelho; o que é um veneno para uns é inofensivo ou salutar para outros.

33. **A mesma matéria elementar é capaz de receber todas as modificações e adquirir todas as propriedades?**

> « Sim, e é isso que se deve entender quando dizemos que tudo está em tudo. »

O oxigênio, o hidrogênio, o nitrogênio, o carbono e todos os corpos que consideramos simples são apenas modificações de uma substância primitiva. Na impossibilidade em que estamos até agora de chegar a essa matéria primeira a não ser pelo pensamento, esses corpos são para nós verdadeiros elementos, e podemos, sem que isso tenha consequências, considerá-los assim até nova orientação.

– Essa teoria parece dar razão à opinião daqueles que só admitem na matéria duas propriedades essenciais: a força e o movimento, e que pensam que todas as outras propriedades são apenas efeitos secundários que variam conforme a intensidade da força e a direção do movimento?

> « Essa opinião é exata. É preciso acrescentar: também conforme a disposição das moléculas, como você vê, por exemplo, em um corpo opaco que pode se tornar transparente, e vice-versa. »

34. **As moléculas têm uma forma determinada?**

> « Sem dúvida, as moléculas têm uma forma, mas vocês não conseguem percebê-la. »

– Essa forma é constante ou variável?

> « Constante para as moléculas elementares primitivas, mas variável para as moléculas secundárias, que são apenas aglomerações das primeiras; pois o que vocês chamam de molécula ainda está longe da molécula elementar. »

Espaço universal

35. O espaço universal é infinito ou limitado?

> « Infinito. Suponha que ele tenha limites: o que haveria além? Isso confunde sua razão, eu sei bem, e, no entanto, sua razão lhe diz que não pode ser de outra maneira. O mesmo acontece com o infinito em todas as coisas; não é na pequena esfera de vocês que podem compreendê-lo. »

Se supomos um limite para o espaço, por mais distante que o pensamento possa concebê-lo, a razão diz que, além desse limite, há alguma coisa, e assim sucessivamente até o infinito; pois essa alguma coisa, mesmo que fosse o vazio absoluto, ainda seria espaço.

36. O vazio absoluto existe em alguma parte do espaço universal?

> « Não, nada está vazio; o que está vazio para você é ocupado por uma matéria que escapa aos seus sentidos e aos seus instrumentos. »

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO I, CAP. III — CRIAÇÃO

✦

Formação dos mundos

37. O universo compreende a infinidade dos mundos que vemos e dos que não vemos, todos os seres animados e inanimados, todos os astros que se movem no espaço, assim como os fluidos que o preenchem.
O universo foi criado ou existe desde toda a eternidade, como Deus?

> « Sem dúvida, ele não pôde se fazer sozinho, e, se existisse desde toda a eternidade, como Deus, não poderia ser obra de Deus. »

A razão nos diz que o universo não pôde fazer a si mesmo e que, não podendo ser obra do acaso, deve ser obra de Deus.

38. Como Deus criou o universo?

> « Para usar uma expressão: sua Vontade. Nada retrata melhor essa vontade todo-poderosa do que estas belas palavras do Gênesis: Deus disse: Que haja luz, e houve luz. »

39. Podemos conhecer o modo como os mundos se formaram?

> « Tudo o que se pode dizer, e o que vocês podem compreender, é que os mundos se formam pela condensação da matéria disseminada no espaço. »

40. **Os cometas seriam, como se pensa atualmente, um início de condensação da matéria e mundos em formação?**

> « Isso é exato; mas o que é absurdo é acreditar em sua influência. Quero dizer essa influência que popularmente lhes atribuem; pois todos os corpos celestes têm sua parcela de influência em certos fenômenos físicos. »

41. **Um mundo completamente formado pode desaparecer, e a matéria que o compõe ser novamente disseminada no espaço?**

> « Sim, Deus renova os mundos como renova os seres vivos. »

42. **Podemos conhecer a duração da formação dos mundos: da Terra, por exemplo?**

> « Não posso lhe dizer, pois só o Criador sabe, e seria muito insensato quem pretendesse saber ou conhecer o número de séculos dessa formação. »

Formação dos seres vivos

43. **Quando a Terra começou a ser povoada?**

> « No começo, tudo era caos; os elementos estavam misturados. Pouco a pouco, cada coisa tomou seu lugar; então surgiram os seres vivos apropriados ao estado do globo. »

44. **De onde vieram os seres vivos sobre a Terra?**

> « A Terra continha seus germes, que esperavam o momento favorável para se desenvolver. Os princípios orgânicos se reuniram assim que cessou a força que os mantinha separados, e formaram os germes de todos os seres vivos. Os germes permaneceram em estado latente e inerte, como a crisálida e as sementes das plantas, até o momento propício para o surgimento de cada espécie; então os seres de cada espécie se reuniram e se multiplicaram. »

45. Onde estavam os elementos orgânicos antes da formação da Terra?

> « Encontravam-se, por assim dizer, em estado de fluido no espaço, em meio aos Espíritos, ou em outros planetas, esperando a criação da Terra para começar uma nova existência em um novo globo. »

A química nos mostra as moléculas dos corpos inorgânicos unindo-se para formar cristais de regularidade constante, conforme cada espécie, assim que se encontram nas condições necessárias.

A menor perturbação nessas condições basta para impedir a reunião dos elementos ou, pelo menos, a disposição regular que constitui o cristal. Por que não aconteceria o mesmo com os elementos orgânicos?

Conservamos durante anos sementes de plantas e de animais que só se desenvolvem a uma determinada temperatura e em um meio propício; já se viram grãos de trigo germinar depois de vários séculos.

Há, por conseguinte, nessas sementes, um princípio latente de vitalidade que só espera uma circunstância favorável para se desenvolver. O que acontece diariamente diante de nossos olhos não pode ter existido desde a origem do globo?

Essa formação dos seres vivos saindo do caos pela própria força da natureza tira alguma coisa da grandeza de Deus? Longe disso, ela corresponde melhor à ideia que fazemos de seu poder exercendo-se sobre mundos infinitos por meio de leis eternas.

Essa teoria não resolve, é verdade, a questão da origem dos elementos vitais; mas Deus tem seus mistérios e estabeleceu limites às nossas investigações.

46. **Ainda há seres que nascem espontaneamente?**

> « Sim, mas o germe primitivo já existia em estado latente. Vocês testemunham esse fenômeno todos os dias. Os tecidos do homem e dos animais não contêm os germes de uma multidão de vermes que esperam, para eclodir, a fermentação pútrida necessária à sua existência? É um pequeno mundo que dorme e que se cria. »

47. **A espécie humana se encontrava entre os elementos orgânicos contidos no globo terrestre?**

> « Sim, e surgiu a seu tempo; foi isso que levou a dizer que o homem havia sido formado do barro da terra. »

48. **Podemos conhecer a época do aparecimento do homem e dos outros seres vivos sobre a Terra?**

> « Não, todos os seus cálculos são quimeras. »

49. **Se o germe da espécie humana se encontrava entre os elementos orgânicos do globo, por que não se formam espontaneamente homens como em sua origem?**

> « O princípio das coisas está nos segredos de Deus; no entanto, pode-se dizer que os homens, uma vez espalhados pela Terra, absorveram em si os elementos necessários à sua formação para transmiti-los segundo as leis da reprodução. O mesmo acontece com as diferentes espécies de seres vivos. »

Povoamento da Terra. Adão

50. A espécie humana começou com um só homem?

> « Não; aquele que vocês chamam de Adão não foi o primeiro nem o único que povoou a Terra. »

51. Podemos saber em que época Adão vivia?

> « Aproximadamente naquela que vocês lhe atribuem; cerca de 4.000 anos antes de Cristo. »

O homem cuja tradição se conservou sob o nome de Adão foi um dos que sobreviveram, em uma região, após alguns dos grandes cataclismos que, em diversas épocas, abalaram a superfície do globo, e tornou-se o ancestral de uma das raças que o povoam hoje.

As leis da natureza se opõem à possibilidade de que os progressos da humanidade, constatados muito antes de Cristo, tenham podido se realizar em poucos séculos, se o homem estivesse na Terra apenas desde a época atribuída à existência de Adão.

Alguns consideram, e com mais razão, Adão como um mito ou uma alegoria que personifica as primeiras eras do mundo.

Diversidade das raças humanas

52. De onde vêm as diferenças físicas e morais que distinguem as variedades de raças humanas na Terra?

> « Do clima, da vida e dos hábitos. O mesmo acontece com dois filhos da mesma mãe que, criados longe um do outro e de maneiras diferentes, em nada se parecerão moralmente. »

53. **O homem surgiu em vários pontos do globo?**

> « Sim, e em diversas épocas, e essa é uma das causas da diversidade das raças; depois, os homens, dispersando-se por diferentes climas e unindo-se a outras raças, formaram novos tipos. »

– **Essas diferenças constituem espécies distintas?**

> « Certamente não, todos são da mesma família: as diferentes variedades de um mesmo fruto o impedem de pertencer à mesma espécie? »

54. **Se a espécie humana não procede de um só indivíduo, os homens devem, por isso, deixar de se considerar irmãos?**

> « Todos os homens são irmãos em Deus, porque são animados pelo espírito e tendem ao mesmo objetivo. Vocês sempre querem tomar as palavras ao pé da letra. »

Pluralidade dos Mundos

55. Todos os globos que circulam no espaço são habitados?

> « Sim, e o homem da Terra está longe de ser, como acredita, o primeiro em inteligência, bondade e perfeição. Há, no entanto, homens que se julgam muito superiores, que imaginam que só este pequeno globo tem o privilégio de abrigar seres racionais. Orgulho e vaidade! Eles acreditam que Deus criou o universo só para eles. »

Deus povoou os mundos com seres vivos, que todos contribuem para o objetivo final da Providência. Acreditar que os seres vivos se limitam ao único ponto que habitamos no universo seria pôr em dúvida a sabedoria de Deus, que nada fez de inútil; ele deve ter destinado a esses mundos um objetivo mais sério do que o de alegrar nossa vista.

Aliás, nada, nem na posição, nem no volume, nem na constituição física da Terra, pode razoavelmente fazer supor que só ela tenha o privilégio de ser habitada, com exclusão de tantos milhares de mundos semelhantes.

56. A constituição física dos diferentes globos é a mesma?

> « Não; eles não se parecem em nada. »

57. Como a constituição física dos mundos não é a mesma para todos, disso resulta uma organização diferente para os seres que os habitam?

> « Sem dúvida, assim como, entre vocês, os peixes são feitos para viver na água e os pássaros no ar. »

58. Os mundos mais distantes do Sol são privados de luz e calor, já que o Sol só se mostra a eles com a aparência de uma estrela?

> « Vocês acreditam, então, que não há outras fontes de luz e calor além do Sol? E consideram sem valor a eletricidade, que, em certos mundos, desempenha um papel que vocês desconhecem e muito mais importante do que na Terra? Aliás, não está dito que todos os seres sejam da mesma matéria que vocês e tenham órgãos com a mesma conformação que os seus. »

As condições de existência dos seres que habitam os diferentes mundos devem ser apropriadas ao meio em que são chamados a viver. Se nunca tivéssemos visto peixes, não compreenderíamos que seres pudessem viver na água.

O mesmo acontece com os outros mundos, que sem dúvida contêm elementos que desconhecemos. Não vemos, na Terra, as longas noites polares iluminadas pela eletricidade das auroras boreais?

Há algo de impossível em que, em certos mundos, a eletricidade seja mais abundante do que na Terra e ali desempenhe um papel geral cujos efeitos não podemos compreender? Esses mundos podem, portanto, conter em si mesmos as fontes de calor e de luz necessárias a seus habitantes.

Considerações e concordâncias bíblicas sobre a criação

Os povos formaram ideias muito divergentes sobre a criação, conforme seu grau de conhecimento. A razão apoiada na ciência reconheceu a falta de verossimilhança de certas teorias. A que é apresentada pelos Espíritos confirma a opinião há muito admitida pelos homens mais esclarecidos.

A objeção que se pode fazer a essa teoria é que ela está em contradição com o texto dos livros sagrados; mas um exame sério permite reconhecer que

essa contradição é mais aparente do que real e que resulta da interpretação dada a um sentido muitas vezes alegórico.

A questão do primeiro homem na pessoa de Adão, como único ancestral da humanidade, não é a única sobre a qual as crenças religiosas tiveram de se modificar. O movimento da Terra pareceu, em certa época, tão contrário ao texto sagrado que não houve espécie de perseguição para a qual essa teoria não tenha servido de pretexto; e, no entanto, a Terra gira apesar dos anátemas, e ninguém hoje poderia contestá-lo sem prejudicar a própria razão.

A Bíblia também diz que o mundo foi criado em seis dias e fixa essa época em cerca de 4.000 anos antes da era cristã. Antes disso, a Terra não existia; foi tirada do nada: o texto é explícito; e eis que a ciência positiva, a ciência inexorável, vem provar o contrário.

A formação do globo está escrita em caracteres que não se apagam no mundo fóssil, e está provado que os seis dias da criação são outros tantos períodos, cada um talvez de várias centenas de milhares de anos.

Isso não é um sistema, uma doutrina, uma opinião isolada; é um fato tão comprovado quanto o movimento da Terra, e que a teologia não pode se recusar a admitir, prova evidente do erro em que se pode cair ao tomar ao pé da letra as expressões de uma linguagem muitas vezes figurada. Deve-se concluir disso que a Bíblia é um erro? Não; mas que os homens se enganaram ao interpretá-la.

A ciência, investigando os arquivos da Terra, reconheceu a ordem em que os diferentes seres vivos apareceram em sua superfície, e essa ordem está de acordo com a indicada no Gênesis, com a diferença de que essa obra, em

vez de ter saído milagrosamente das mãos de Deus em poucas horas, realizou-se, sempre por sua vontade, mas segundo a lei das forças da natureza, em alguns milhões de anos.

Deus é, por isso, menos grandioso e menos poderoso? Sua obra é menos sublime por não ter o prestígio da instantaneidade? Evidentemente não; seria preciso fazer da Divindade uma ideia muito mesquinha para não reconhecer sua onipotência nas leis eternas que estabeleceu para reger os mundos.

A ciência, longe de diminuir a obra divina, mostra-a sob um aspecto mais grandioso e mais conforme às noções que temos do poder e da majestade de Deus, justamente por ela ter se realizado sem contrariar as leis da natureza.

A ciência, de acordo nisso com Moisés, coloca o homem em último lugar na ordem da criação dos seres vivos; mas Moisés situa o dilúvio universal no ano do mundo 1654, enquanto a geologia nos mostra o grande cataclismo como anterior ao aparecimento do homem, visto que, até hoje, não se encontra nas camadas primitivas nenhum vestígio de sua presença, nem da presença dos animais da mesma categoria do ponto de vista físico; mas nada prova que isso seja impossível; várias descobertas já levantaram dúvidas a esse respeito; pode ser, portanto, que de um momento para outro se adquira a certeza material dessa anterioridade da raça humana, e então se reconhecerá que, nesse ponto, como em outros, o texto bíblico é uma figura de linguagem.

A questão é saber se o cataclismo geológico é o mesmo de Noé; ora, a duração necessária à formação das camadas fósseis não permite confundi-los, e, a partir do momento em que forem encontrados vestígios da existência do

homem antes da grande catástrofe, ficará provado ou que Adão não é o primeiro homem, ou que sua criação se perde na noite dos tempos.

Contra a evidência, não há raciocínios possíveis, e será preciso aceitar esse fato, como se aceitaram o movimento da Terra e os seis períodos da criação.

A existência do homem antes do dilúvio geológico é, na verdade, ainda hipotética, mas eis algo que o é menos. Admitindo que o homem tenha aparecido pela primeira vez na Terra 4.000 anos antes de Cristo, se 1.650 anos mais tarde toda a raça humana foi destruída, com exceção de uma única família, resulta que o povoamento da Terra data apenas de Noé, isto é, de 2.350 antes de nossa era.

Ora, quando os hebreus emigraram para o Egito no século dezoito, encontraram esse país muito povoado e já bastante avançado em civilização. A história prova que, nessa época, as Índias e outras regiões também eram florescentes, mesmo sem levar em conta a cronologia de certos povos, que remonta a uma época muito mais distante.

Teria sido necessário, portanto, que do século vinte e quatro ao dezoito, isto é, no espaço de 600 anos, não só a descendência de um único homem tivesse podido povoar todas as imensas regiões então conhecidas, supondo que as outras não fossem povoadas, mas que, nesse curto intervalo, a espécie humana tivesse podido se elevar da ignorância absoluta do estado primitivo ao mais alto grau de desenvolvimento intelectual, o que é contrário a todas as leis antropológicas.

A diversidade das raças também vem apoiar essa opinião. O clima e os hábitos sem dúvida produzem modificações nas características físicas, mas se

conhece até onde pode ir a influência dessas causas, e o exame fisiológico prova que há, entre certas raças, diferenças de constituição mais profundas do que as que o clima pode produzir.

O cruzamento das raças produz os tipos intermediários; tende a apagar as características extremas, mas não as produz: cria apenas variedades; ora, para que tenha havido cruzamento de raças, era preciso que houvesse raças distintas, e como explicar sua existência atribuindo-lhes um ancestral comum e, sobretudo, tão recente?

Como admitir que, em poucos séculos, certos descendentes de Noé tenham se transformado a ponto de produzir a raça etíope, por exemplo? Tal metamorfose não é mais admissível do que a hipótese de um ancestral comum entre o lobo e a ovelha, o elefante e o pulgão, o pássaro e o peixe. Mais uma vez, nada pode prevalecer contra a evidência dos fatos.

Tudo se explica, ao contrário, admitindo a existência do homem antes da época que popularmente lhe é atribuída; a diversidade dos ancestrais; Adão, que vivia há 6.000 anos, como tendo povoado uma região ainda desabitada; o dilúvio de Noé como uma catástrofe parcial confundida com o cataclismo geológico; levando em conta, enfim, a forma alegórica própria do estilo oriental e que se encontra nos livros sagrados de todos os povos.

Por isso, é prudente não se apressar em declarar falsas as doutrinas que podem, mais cedo ou mais tarde, como tantas outras, desmentir aqueles que as combatem. As ideias religiosas, longe de perder, crescem ao caminhar

com a ciência; esse é o único meio de não apresentar ao ceticismo um lado vulnerável.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO I, CAP. IV — PRINCÍPIO VITAL

✦

Seres orgânicos e inorgânicos

60. **Os seres orgânicos são aqueles que têm em si uma fonte de atividade íntima que lhes dá a vida; eles nascem, crescem, reproduzem-se por si mesmos e morrem; são dotados de órgãos especiais para a realização dos diferentes atos da vida, apropriados às suas necessidades de conservação. Compreendem os homens, os animais e as plantas. Os seres inorgânicos são todos aqueles que não têm vitalidade nem movimentos próprios e são formados apenas pela agregação da matéria; tais são os minerais, a água, o ar etc.**
É a mesma força que une os elementos da matéria nos corpos orgânicos e nos corpos inorgânicos?

> «Sim, a lei de atração é a mesma para todos.»

61. **Há alguma diferença entre a matéria dos corpos orgânicos e a dos corpos inorgânicos?**

> «É sempre a mesma matéria, mas nos corpos orgânicos ela é animalizada.»

62. **Qual é a causa da animalização da matéria?**

> «Sua união com o princípio vital.»

63. O princípio vital reside em um agente particular ou é apenas uma propriedade da matéria organizada; em uma palavra, é um efeito ou uma causa?

> «É uma coisa e outra. A vida é um efeito produzido pela ação de um agente sobre a matéria; esse agente, sem a matéria, não é a vida, assim como a matéria não pode viver sem esse agente. Ele dá a vida a todos os seres que o absorvem e o assimilam.»

64. Vimos que o espírito e a matéria são 2 elementos constitutivos do universo; o princípio vital forma um terceiro?

> «É, sem dúvida, um dos elementos necessários à constituição do universo, mas ele próprio tem sua fonte na matéria universal modificada; é um elemento para vocês, como o oxigênio e o hidrogênio, que, no entanto, não são elementos primitivos, pois tudo isso parte de um mesmo princípio.»

– Parece resultar daí que a vitalidade não tem seu princípio em um agente primitivo distinto, mas em uma propriedade especial da matéria universal, devida a certas modificações.

> «É a consequência do que dissemos.»

65. O princípio vital reside em algum dos corpos que conhecemos?

> «Ele tem sua fonte no fluido universal; é o que vocês chamam de fluido magnético ou fluido elétrico animalizado. É o intermediário, o elo entre o espírito e a matéria.»

66. **O princípio vital é o mesmo para todos os seres orgânicos?**

> «Sim, modificado conforme as espécies. É o que lhes dá o movimento e a atividade e os distingue da matéria inerte; pois o movimento da matéria não é a vida; ela recebe esse movimento, não o dá.»

67. **A vitalidade é um atributo permanente do agente vital ou só se desenvolve pelo funcionamento dos órgãos?**

> «Ela só se desenvolve com o corpo. Não dissemos que esse agente, sem a matéria, não é a vida? É necessária a união das duas coisas para produzir a vida.»

– Pode-se dizer que a vitalidade está em estado latente quando o agente vital não está unido ao corpo?

> «Sim, é isso.»

O conjunto dos órgãos constitui uma espécie de mecanismo que recebe seu impulso da atividade íntima ou princípio vital que existe neles. O princípio vital é a força motriz dos corpos orgânicos. Ao mesmo tempo que o agente vital dá o impulso aos órgãos, a ação dos órgãos mantém e desenvolve a atividade do agente vital, mais ou menos como o atrito desenvolve o calor.

A vida e a morte

68. **Qual é a causa da morte nos seres orgânicos?**

> «Esgotamento dos órgãos.»

– Poderíamos comparar a morte à interrupção do movimento em uma máquina desorganizada?

> «Sim, se a máquina está mal montada, a mola se quebra; se o corpo está doente, a vida se vai.»

69. **Por que uma lesão do coração causa a morte mais do que a de outros órgãos?**

> «O coração é uma máquina de vida; mas o coração não é o único órgão cuja lesão provoca a morte; é apenas uma das engrenagens essenciais.»

70. O que acontece com a matéria e o princípio vital dos seres orgânicos quando morrem?

> «A matéria inerte se decompõe e forma novos seres; o princípio vital retorna à massa.»

Quando o ser orgânico morre, os elementos de que é formado passam por novas combinações que constituem novos seres; estes retiram da fonte universal o princípio da vida e da atividade, absorvem-no e o assimilam para devolvê-lo a essa fonte quando deixarem de existir. Os órgãos estão, por assim dizer, impregnados de fluido vital. Esse fluido dá a todas as partes do organismo uma atividade que promove sua aproximação em certas lesões e restabelece funções momentaneamente suspensas. Mas, quando os elementos essenciais ao funcionamento dos órgãos são destruídos ou profundamente alterados, o fluido vital é incapaz de lhes transmitir o movimento da vida, e o ser morre. Os órgãos reagem uns sobre os outros de maneira mais ou menos necessária; é da harmonia de seu conjunto que resulta sua ação recíproca. Quando uma causa qualquer destrói essa harmonia, suas funções param, como o movimento de um mecanismo cujas engrenagens essenciais estão desajustadas. Assim acontece com um relógio que se desgasta com o tempo ou se desarranja por acidente e que a força motriz é incapaz de pôr em movimento. Temos uma imagem mais exata da vida e da morte em um aparelho elétrico. Esse aparelho contém a eletricidade em estado latente, como todos os corpos da natureza. Os fenômenos elétricos só se manifestam quando o fluido é posto em atividade por uma causa especial: então se poderia dizer que o aparelho está vivo. Quando a causa da atividade cessa, o fenômeno cessa: o aparelho volta ao estado de inércia. Os corpos orgânicos seriam, assim, espécies de pilhas ou aparelhos elétricos nos quais a atividade do fluido produz o fenômeno da vida: a interrupção dessa atividade produz a morte. A quantidade de fluido vital não é absoluta em todos os seres orgânicos; varia conforme as espécies e não é constante, seja no mesmo indivíduo, seja nos indivíduos da mesma espécie. Há os que estão,

por assim dizer, saturados dele, enquanto outros mal têm uma quantidade suficiente; daí, para alguns, a vida mais ativa, mais persistente e, de certa forma, superabundante. A quantidade de fluido vital se esgota; pode se tornar insuficiente para a manutenção da vida se não for renovada pela absorção e assimilação das substâncias que o contêm. O fluido vital se transmite de um indivíduo a outro. Aquele que tem mais pode dar àquele que tem menos e, em certos casos, reanimar a vida prestes a se apagar.

Inteligência e instinto

71. A inteligência é um atributo do princípio vital?

> «Não, pois as plantas vivem e não pensam: elas só têm a vida orgânica. A inteligência e a matéria são independentes, pois um corpo pode viver sem inteligência; mas a inteligência só pode se manifestar por meio dos órgãos materiais; é necessária a união do espírito para dar inteligência à matéria animalizada.»

A inteligência é uma faculdade especial, própria de certas classes de seres orgânicos, que lhes dá, com o pensamento, a vontade de agir, a consciência de sua existência e de sua individualidade, assim como os meios de estabelecer relações com o mundo exterior e de suprir suas necessidades. Podemos, assim, distinguir: 1° os seres inanimados, formados apenas de matéria, sem vitalidade nem inteligência: são os corpos brutos; 2° os seres animados que não pensam, formados de matéria e dotados de vitalidade, mas desprovidos de inteligência; 3° os seres animados que pensam, formados de matéria, dotados de vitalidade e que têm, além disso, um princípio inteligente que lhes dá a faculdade de pensar.

72. **Qual é a fonte da inteligência?**

> «Já dissemos: a inteligência universal.»

– Poderíamos dizer que cada ser retira uma porção de inteligência da fonte universal e a assimila, assim como retira e assimila o princípio da vida material?

> «Isso é apenas uma comparação, mas não é exata, porque a inteligência é uma faculdade própria de cada ser e constitui sua individualidade moral. Além disso, como vocês sabem, há coisas que não é dado ao homem compreender, e esta é uma delas, por enquanto.»

73. **O instinto é independente da inteligência?**

> «Não, não exatamente, pois é uma espécie de inteligência. O instinto é uma inteligência sem raciocínio; é por meio dele que todos os seres suprem suas necessidades.»

74. **Pode-se estabelecer um limite entre o instinto e a inteligência, isto é, precisar onde termina um e onde começa a outra?**

> «Não, pois muitas vezes se confundem; mas é perfeitamente possível distinguir os atos que pertencem ao instinto daqueles que pertencem à inteligência.»

75. É correto dizer que as faculdades instintivas diminuem à medida que crescem as faculdades intelectuais?

> «Não, o instinto sempre existe, mas o homem o negligencia. O instinto também pode conduzir ao bem; ele nos guia quase sempre e, às vezes, com mais segurança do que a razão; nunca se desvia.»

– Por que a razão nem sempre é um guia infalível?

> «Ela seria infalível se não fosse distorcida pela má educação, pelo orgulho e pelo egoísmo. O instinto não raciocina; a razão permite a escolha e dá ao homem o livre-arbítrio.»

O instinto é uma inteligência rudimentar que difere da inteligência propriamente dita porque suas manifestações são quase sempre espontâneas, enquanto as da inteligência são o resultado de uma combinação e de um ato deliberado. O instinto varia em suas manifestações conforme as espécies e suas necessidades. Nos seres que têm a consciência e a percepção das coisas exteriores, ele se alia à inteligência, isto é, à vontade e à liberdade.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO II, CAP. I — DOS ESPÍRITOS

✦

Origem e natureza dos Espíritos

76. Que definição se pode dar dos Espíritos?

> « Pode-se dizer que os Espíritos são os seres inteligentes da criação. Eles povoam o universo fora do mundo material. »

Nota. – A palavra Espírito é empregada aqui para designar as individualidades dos seres extracorpóreos, e não mais o elemento inteligente universal.

77. Os Espíritos são seres distintos da Divindade, ou seriam apenas emanações ou porções da Divindade e chamados, por essa razão, filhos ou crianças de Deus?

> « Meu Deus, são sua obra, exatamente como um homem que faz uma máquina; essa máquina é a obra do homem, e não o próprio homem. Você sabe que, quando o homem faz uma coisa bela, útil, ele a chama de sua filha, sua criação. Pois bem! O mesmo acontece com Deus: somos seus filhos, já que somos sua obra. »

78. **Os Espíritos tiveram um começo, ou existem, como Deus, desde toda a eternidade?**

> « Se os Espíritos não tivessem tido um começo, seriam iguais a Deus, enquanto são sua criação e estão sujeitos à sua vontade. Deus existe desde toda a eternidade, isso é incontestável; mas, quanto a saber quando e como ele nos criou, nada sabemos. Você pode dizer que não temos começo, se com isso entende que Deus, sendo eterno, deve ter criado sem cessar; mas quando e como cada um de nós foi feito, repito, ninguém sabe: aí está o mistério. »

79. **Já que há dois elementos gerais no universo: o elemento inteligente e o elemento material, poderia se dizer que os Espíritos são formados do elemento inteligente, assim como os corpos inertes são formados do elemento material?**

> « É evidente; os Espíritos são a individualização do princípio inteligente, assim como os corpos são a individualização do princípio material; o que se desconhece é a época e o modo dessa formação. »

80. **A criação dos Espíritos é permanente, ou só ocorreu na origem dos tempos?**

> « É permanente, isto é, Deus nunca deixou de criar. »

81. **Os Espíritos se formam espontaneamente, ou procedem uns dos outros?**

> « Deus os cria, como todas as outras criaturas, por sua vontade; mas, mais uma vez, sua origem é um mistério. »

82. É correto dizer que os Espíritos são imateriais?

> « Como se pode definir uma coisa quando faltam termos de comparação e se dispõe de uma linguagem insuficiente? Uma pessoa cega de nascença pode definir a luz? Imaterial não é a palavra; incorpóreo seria mais exato, pois você deve compreender que o Espírito, sendo uma criação, deve ser alguma coisa; é uma matéria quintessenciada, mas sem nada semelhante para vocês, e tão etérea que seus sentidos não podem percebê-la. »

Dizemos que os Espíritos são imateriais porque sua essência difere de tudo o que conhecemos pelo nome de matéria. Um povo de cegos não teria termos para expressar a luz e seus efeitos.

O cego de nascença acredita ter todas as percepções pela audição, pelo olfato, pelo paladar e pelo tato; não compreende as ideias que lhe daria o sentido que lhe falta. Da mesma forma, quanto à essência dos seres sobre-humanos, somos verdadeiros cegos.

Só podemos defini-los por comparações sempre imperfeitas ou por um esforço de nossa imaginação.

83. **Os Espíritos têm um fim? Compreende-se que o princípio do qual emanam seja eterno, mas o que perguntamos é se sua individualidade tem um término e se, em um tempo determinado, mais ou menos longo, o elemento de que são formados não se dispersa e retorna à massa, como acontece com os corpos materiais. É difícil compreender que uma coisa que começou possa não acabar.**

> « Há muitas coisas que vocês não compreendem porque sua inteligência é limitada, e isso não é motivo para rejeitá-las. A criança não compreende tudo o que seu pai compreende, nem o ignorante tudo o que o sábio compreende. Dizemos a você que a existência dos Espíritos não termina; é tudo o que podemos dizer agora. »

Mundo normal primitivo

84. **Os Espíritos constituem um mundo à parte, fora daquele que vemos?**

> « Sim, o mundo dos Espíritos ou das inteligências incorpóreas. »

85. **Qual dos dois, o mundo espírita ou o mundo corpóreo, é o principal na ordem das coisas?**

> « O mundo espírita; ele preexiste a tudo e a tudo sobrevive. »

86. **O mundo corpóreo poderia deixar de existir, ou nunca ter existido, sem alterar a essência do mundo espírita?**

> « Sim; eles são independentes e, no entanto, sua correlação é incessante, pois agem incessantemente um sobre o outro. »

87. Os Espíritos ocupam uma região determinada e circunscrita no espaço?

> « Os Espíritos estão por toda parte; os espaços infinitos são povoados por eles em número infinito. Há sempre alguns ao lado de vocês, que os observam e agem sobre vocês sem que saibam, pois os Espíritos são uma das forças da natureza e os instrumentos de que Deus se serve para realizar seus desígnios providenciais; mas nem todos vão a toda parte, pois há regiões proibidas aos menos adiantados. »

Forma e ubiquidade dos Espíritos

88. Os Espíritos têm uma forma determinada, limitada e constante?

> « Aos olhos de vocês, não; aos nossos, sim; é, se quiserem, uma chama, um clarão ou uma centelha etérea. »

– Essa chama ou centelha tem alguma cor?

> « Para vocês, ela varia do escuro ao brilho do rubi, conforme o Espírito seja mais ou menos puro. »

Geralmente se representam os gênios com uma chama ou uma estrela na testa; é uma alegoria que lembra a natureza essencial dos Espíritos. Ela é colocada no alto da cabeça porque ali está a sede da inteligência.

89. Os Espíritos levam algum tempo para atravessar o espaço?

> « Sim, mas rápido como o pensamento. »

– O pensamento não é a própria alma que se transporta?

> « Quando o pensamento está em algum lugar, a alma também está ali, já que é a alma que pensa. O pensamento é um atributo. »

90. O Espírito que se transporta de um lugar para outro tem consciência da distância que percorre e dos espaços que atravessa, ou é subitamente transportado para o lugar aonde quer ir?

> « Uma coisa e outra; o Espírito pode muito bem, se quiser, perceber a distância que percorre, mas essa distância também pode desaparecer completamente; isso depende de sua vontade e também de sua natureza mais ou menos purificada. »

91. A matéria oferece obstáculo aos Espíritos?

> « Não, eles penetram tudo: o ar, a terra, as águas, até mesmo o fogo lhes são igualmente acessíveis. »

92. Os Espíritos têm o dom da ubiquidade; em outras palavras, o mesmo Espírito pode se dividir ou existir em vários pontos ao mesmo tempo?

> « Não pode haver divisão de um mesmo Espírito; mas cada um é um centro que irradia para diferentes lados, e é por isso que parece estar em vários lugares ao mesmo tempo. Você vê o sol: ele é um só e, no entanto, irradia por toda a sua volta e leva seus raios muito longe; apesar disso, não se divide. »

– Todos os Espíritos irradiam com a mesma força?

> « Longe disso; depende do grau de sua pureza. »

Cada Espírito é uma unidade indivisível, mas cada um deles pode estender seu pensamento para diversos lados sem, por isso, se dividir. É apenas nesse sentido que se deve entender o dom da ubiquidade atribuído aos Espíritos.

Assim é uma centelha que projeta ao longe sua claridade e pode ser vista de todos os pontos do horizonte. Assim também é um homem que, sem mudar de lugar e sem se dividir, pode transmitir ordens, sinais e movimento a diferentes pontos.

Perispírito

93. O Espírito propriamente dito fica descoberto, ou está, como alguns afirmam, envolvido por alguma substância?

> « O Espírito está envolvido por uma substância vaporosa para você, mas ainda muito grosseira para nós; suficientemente vaporosa, porém, para poder se elevar na atmosfera e se transportar para onde quiser. »

Assim como o germe de um fruto é cercado pelo perisperma, o Espírito propriamente dito é cercado por um envoltório que, por comparação, se pode chamar de perispírito.

94. De onde o Espírito retira seu envoltório semimaterial?

> « Do fluido universal de cada globo. É por isso que ele não é o mesmo em todos os mundos; ao passar de um mundo para outro, o Espírito muda de envoltório, como vocês mudam de roupa. »

– Assim, quando os Espíritos que habitam mundos superiores vêm para o nosso meio, eles assumem um perispírito mais grosseiro?

> « É preciso que se revistam da matéria de vocês; já dissemos isso. »

95. O envoltório semimaterial do Espírito assume formas determinadas e pode ser percebido?

> « Sim, uma forma conforme a vontade do Espírito, e é assim que ele aparece a vocês algumas vezes, seja nos sonhos, seja em estado de vigília, e pode assumir uma forma visível e até palpável. »

Diferentes ordens de Espíritos

96. **Os Espíritos são iguais, ou existe entre eles alguma hierarquia?**

> « Eles são de diferentes ordens, conforme o grau de perfeição a que chegaram. »

97. **Há um número determinado de ordens ou de graus de perfeição entre os Espíritos?**

> « Seu número é ilimitado, porque não há entre essas ordens uma linha de demarcação traçada como uma barreira, de modo que se podem multiplicar ou restringir as divisões à vontade; no entanto, considerando as características gerais, podem ser reduzidas a três principais. »

> « Podemos colocar na primeira posição aqueles que chegaram à perfeição: os Espíritos puros; os da segunda ordem chegaram ao meio da escala: o desejo do bem é sua preocupação. Os do último grau ainda estão na parte inferior da escala: os Espíritos imperfeitos. Eles se caracterizam pela ignorância, pelo desejo do mal e por todas as más paixões que retardam seu progresso. »

98. **Os Espíritos da segunda ordem têm apenas o desejo do bem; têm também o poder de fazê-lo?**

> « Eles têm esse poder conforme o grau de sua perfeição: uns têm o conhecimento, outros têm a sabedoria e a bondade, mas todos ainda têm provas a enfrentar. »

99. **Os Espíritos da terceira ordem são todos essencialmente maus?**

> « Não, uns não fazem nem bem nem mal; outros, ao contrário, têm prazer no mal e ficam satisfeitos quando encontram a oportunidade de fazê-lo. Além disso, há ainda os Espíritos levianos ou travessos, mais perturbadores do que maus, que gostam mais de fazer travessuras do que maldades e encontram prazer em enganar e causar pequenos aborrecimentos dos quais riem. »

Escala espírita

Observações preliminares. – A classificação dos Espíritos se baseia no grau de seu adiantamento, nas qualidades que adquiriram e nas imperfeições de que ainda precisam se desfazer.

Essa classificação, aliás, nada tem de absoluto; cada categoria só apresenta um caráter bem definido em seu conjunto; mas, de um grau a outro, a transição é imperceptível e, nos limites, a diferença se apaga, como nos reinos da natureza, nas cores do arco-íris ou ainda nos diferentes períodos da vida humana.

Pode-se, portanto, estabelecer um número maior ou menor de classes, conforme o ponto de vista pelo qual se considera a questão. O mesmo acontece em todos os sistemas de classificação científica; esses sistemas podem ser mais ou menos completos, mais ou menos racionais, mais ou menos fáceis de compreender; mas, sejam quais forem, nada mudam na essência da ciência.

Os Espíritos interrogados sobre esse ponto puderam, portanto, variar no número de categorias, sem que isso tenha consequências. Essa aparente

contradição foi usada como argumento, sem se considerar que eles não dão nenhuma importância ao que é puramente convencional; para eles, o pensamento é tudo: deixam a nosso critério a forma, a escolha dos termos, as classificações, em uma palavra, os sistemas.

Acrescentemos ainda esta consideração, que nunca se deve perder de vista: entre os Espíritos, assim como entre os homens, há os muito ignorantes, e nunca é demais se precaver contra a tendência de acreditar que todos devem saber tudo por serem Espíritos. Toda classificação exige método, análise e conhecimento profundo do assunto.

Ora, no mundo dos Espíritos, aqueles que têm conhecimentos limitados são, como os ignorantes aqui na Terra, incapazes de compreender um conjunto, de formular um sistema; só conhecem ou compreendem de maneira imperfeita qualquer classificação; para eles, todos os Espíritos que lhes são superiores pertencem à primeira ordem, sem que possam avaliar as diferenças de saber, de capacidade e de moralidade que os distinguem, assim como acontece entre nós com um homem rude em relação aos homens civilizados.

Mesmo aqueles que são capazes disso podem variar nos detalhes conforme seu ponto de vista, sobretudo quando uma divisão nada tem de absoluto. Lineu, Jussieu e Tournefort tiveram, cada um, seu método, e a botânica não mudou por isso; é que eles não inventaram as plantas nem suas características; observaram as semelhanças segundo as quais formaram os grupos ou classes.

Foi assim que procedemos; não inventamos os Espíritos nem suas características; vimos e observamos, julgamos por suas palavras e seus atos, depois

classificamos por semelhanças, com base nos dados que nos forneceram.

Os Espíritos geralmente admitem três categorias principais ou três grandes divisões. Na última, a que está na parte inferior da escala, estão os Espíritos imperfeitos, caracterizados pelo predomínio da matéria sobre o espírito e pela propensão ao mal. Os da segunda se caracterizam pelo predomínio do espírito sobre a matéria e pelo desejo do bem: são os bons Espíritos. A primeira, enfim, compreende os Espíritos puros, aqueles que atingiram o grau supremo de perfeição.

Essa divisão nos parece perfeitamente racional e apresenta características bem definidas; só nos restava destacar, por meio de um número suficiente de subdivisões, as principais diferenças do conjunto; foi o que fizemos com a ajuda dos Espíritos, cujas instruções bondosas nunca nos faltaram.

Com a ajuda desse quadro, será fácil determinar a posição e o grau de superioridade ou de inferioridade dos Espíritos com os quais podemos entrar em contato e, por consequência, o grau de confiança e de estima que merecem; é, de certo modo, a chave da ciência espírita, pois só ele pode explicar as anomalias que as comunicações apresentam, esclarecendo-nos sobre as desigualdades intelectuais e morais dos Espíritos. Observaremos, contudo, que os Espíritos nem sempre pertencem exclusivamente a esta ou àquela classe; como seu progresso só ocorre gradualmente, e muitas vezes mais em um sentido do que em outro, podem reunir características de várias categorias, o que é fácil avaliar por sua linguagem e por seus atos.

TERCEIRA ORDEM. — ESPÍRITOS IMPERFEITOS

Características gerais. – Predomínio da matéria sobre o espírito. Propensão ao mal. Ignorância, orgulho, egoísmo e todas as más paixões que deles decorrem.

Têm a intuição de Deus, mas não o compreendem.

Nem todos são essencialmente maus; em alguns, há mais leviandade, irreflexão e malícia do que verdadeira maldade. Uns não fazem nem o bem nem o mal; mas, só por não fazerem o bem, revelam sua inferioridade. Outros, ao contrário, sentem prazer no mal e ficam satisfeitos quando encontram a oportunidade de praticá-lo.

Podem aliar a inteligência à maldade ou à malícia; mas, qualquer que seja seu desenvolvimento intelectual, suas ideias são pouco elevadas e seus sentimentos mais ou menos abjetos.

Seus conhecimentos sobre as coisas do mundo espírita são limitados, e o pouco que sabem se mistura às ideias e aos preconceitos da vida corporal. Só podem nos dar noções falsas e incompletas a esse respeito; mas o observador atento encontra muitas vezes em suas comunicações, mesmo imperfeitas, a confirmação das grandes verdades ensinadas pelos Espíritos superiores.

Seu caráter se revela por sua linguagem. Todo Espírito que, em suas comunicações, deixa transparecer um mau pensamento pode ser colocado na terceira ordem; por consequência, todo mau pensamento que nos é sugerido vem de um Espírito dessa ordem.

Veem a felicidade dos bons, e essa visão é para eles um tormento incessante, pois sentem todas as angústias que a inveja e o ciúme podem produzir.

Conservam a lembrança e a percepção dos sofrimentos da vida corporal, e essa impressão muitas vezes é mais penosa do que a realidade. Sofrem, portanto, verdadeiramente, tanto pelos males que suportaram quanto pelos que fizeram os outros suportar; e, como sofrem por muito tempo, acreditam que sofrerão para sempre; Deus, para puni-los, quer que acreditem assim.

Podem ser divididos em cinco classes principais.

Décima classe. Espíritos impuros. – São inclinados ao mal e fazem dele o objeto de suas preocupações. Como Espíritos, dão conselhos traiçoeiros, semeiam a discórdia e a desconfiança e usam todas as máscaras para enganar melhor. Ligam-se às pessoas de caráter fraco o bastante para ceder às suas sugestões, a fim de levá-las à perdição, satisfeitos por poderem retardar seu adiantamento, fazendo com que sucumbam nas provas pelas quais passam.

Nas manifestações, são reconhecidos por sua linguagem; a vulgaridade e a grosseria das expressões, entre os Espíritos como entre os homens, são sempre um indício de inferioridade moral, quando não intelectual. Suas comunicações revelam a baixeza de suas inclinações, e, se querem enganar falando de maneira sensata, não conseguem sustentar seu papel por muito tempo e acabam sempre revelando sua origem.

Certos povos fizeram deles divindades maléficas; outros os designam pelos nomes de demônios, gênios maus, Espíritos do mal.

Os seres vivos que eles animam, quando estão encarnados, são inclinados a todos os vícios que as paixões vis e degradantes geram: a sensualidade, a crueldade, a falsidade, a hipocrisia, a cobiça, a avareza sórdida. Fazem o mal pelo prazer de fazê-lo, na maioria das vezes sem motivos, e, por ódio ao bem, escolhem quase sempre suas vítimas entre as pessoas honestas. São flagelos para a humanidade, qualquer que seja a posição social a que pertençam, e o verniz da civilização não os protege da desonra e da infâmia.

Nona classe. Espíritos levianos. – São ignorantes, maliciosos, irrefletidos e zombeteiros. Metem-se em tudo, respondem a tudo, sem se preocupar com a verdade. Gostam de causar pequenas tristezas e pequenas alegrias, de provocar aborrecimentos, de induzir maliciosamente ao erro por meio de enganações e travessuras.

A essa classe pertencem os Espíritos vulgarmente designados pelos nomes de duendes, trasgos, gnomos e diabretes. Estão sob a dependência dos Espíritos superiores, que muitas vezes os empregam como fazemos com os servidores.

Em suas comunicações com os homens, sua linguagem às vezes é espirituosa e divertida, mas quase sempre sem profundidade; percebem os defeitos e os aspectos ridículos, que expressam em comentários mordazes e satíricos. Se usam nomes falsos, é mais frequentemente por malícia do que por maldade.

Oitava classe. Espíritos pseudossábios. – Seus conhecimentos são bastante extensos, mas acreditam saber mais do que sabem na realidade. Como realizaram alguns progressos sob diversos pontos de vista, sua linguagem tem um caráter sério que pode enganar quanto às suas capacidades e aos seus

conhecimentos; mas, na maioria das vezes, é apenas um reflexo dos preconceitos e das ideias sistemáticas da vida terrestre; é uma mistura de algumas verdades ao lado dos erros mais absurdos, em meio aos quais transparecem a presunção, o orgulho, o ciúme e a teimosia de que não conseguiram se desfazer.

Sétima classe. Espíritos neutros. – Não são bons o bastante para fazer o bem, nem maus o bastante para fazer o mal; inclinam-se tanto para um quanto para o outro e não se elevam acima da condição comum da humanidade, tanto na moral quanto na inteligência. Apegam-se às coisas deste mundo, de cujas alegrias grosseiras sentem saudade.

Sexta classe. Espíritos batedores e perturbadores. – Esses Espíritos não formam, propriamente falando, uma classe distinta quanto às suas qualidades pessoais; podem pertencer a todas as classes da terceira ordem. Muitas vezes manifestam sua presença por efeitos perceptíveis e físicos, como pancadas, movimento e deslocamento anormal de corpos sólidos, agitação do ar etc.

Parecem, mais do que outros, apegados à matéria; parecem ser os principais agentes das mudanças dos elementos do globo, quer atuem sobre o ar, a água, o fogo, os corpos duros ou nas entranhas da Terra. Reconhece-se que esses fenômenos não se devem a uma causa fortuita e física quando apresentam um caráter intencional e inteligente.

Todos os Espíritos podem produzir esses fenômenos, mas os Espíritos elevados geralmente os deixam a cargo dos Espíritos subalternos, mais aptos às coisas materiais do que às coisas que exigem inteligência. Quando jul-

gam que manifestações desse gênero são úteis, servem-se desses Espíritos como auxiliares.

SEGUNDA ORDEM. — BONS ESPÍRITOS

Características gerais. – Predomínio do espírito sobre a matéria; desejo do bem. Suas qualidades e seu poder de fazer o bem são proporcionais ao grau que alcançaram: uns têm a ciência, outros a sabedoria e a bondade; os mais adiantados reúnem o saber às qualidades morais.

Como ainda não estão completamente desmaterializados, conservam mais ou menos, conforme sua posição, os traços da existência corporal, seja na forma da linguagem, seja em seus hábitos, nos quais se encontram até algumas de suas manias; caso contrário, seriam Espíritos perfeitos.

Eles compreendem Deus e o infinito e já desfrutam da felicidade dos bons. São felizes pelo bem que fazem e pelo mal que impedem. O amor que os une é para eles a fonte de uma felicidade inexprimível, que não é perturbada pela inveja, pelos remorsos nem por nenhuma das más paixões que atormentam os Espíritos imperfeitos, mas todos ainda têm provas a enfrentar até atingirem a perfeição absoluta.

Como Espíritos, inspiram bons pensamentos, desviam os homens do caminho do mal, protegem na vida aqueles que se tornam dignos disso e neutralizam a influência dos Espíritos imperfeitos sobre aqueles que não se comprazem em sofrê-la.

Aqueles em quem estão encarnados são bons e benevolentes com seus semelhantes; não são movidos pelo orgulho, pelo egoísmo nem pela ambição;

não sentem ódio, rancor, inveja nem ciúme e fazem o bem pelo bem.

A esta ordem pertencem os Espíritos designados nas crenças populares pelos nomes de bons gênios, gênios protetores, Espíritos do bem. Nos tempos de superstição e ignorância, fizeram deles divindades benfeitoras.

Podemos dividi-los em quatro grupos principais:

Quinta classe. Espíritos benevolentes. – Sua qualidade dominante é a bondade; têm prazer em prestar serviços aos homens e em protegê-los, mas seu saber é limitado: seu progresso se realizou mais no sentido moral do que no sentido intelectual.

Quarta classe. Espíritos eruditos. – O que os distingue especialmente é a extensão de seus conhecimentos. Preocupam-se menos com as questões morais do que com as questões científicas, para as quais têm mais aptidão; mas só consideram a ciência do ponto de vista da utilidade e não misturam a ela nenhuma das paixões próprias dos Espíritos imperfeitos.

Terceira classe. Espíritos sábios. – As qualidades morais da ordem mais elevada formam seu caráter distintivo. Sem terem conhecimentos ilimitados, são dotados de uma capacidade intelectual que lhes permite julgar com bom senso os homens e as coisas.

Segunda classe. Espíritos superiores. – Reúnem a ciência, a sabedoria e a bondade. Sua linguagem só exprime benevolência; é sempre digna, elevada, muitas vezes sublime. Sua superioridade os torna mais aptos do que os outros a nos dar as noções mais exatas sobre as coisas do mundo incorpóreo, nos limites do que é permitido ao homem conhecer.

Comunicam-se de boa vontade com aqueles que buscam a verdade de boa-fé e cuja alma está suficientemente livre dos laços terrenos para compreendê-la; mas se afastam daqueles que são movidos apenas pela curiosidade ou que a influência da matéria desvia da prática do bem.

Quando, por exceção, encarnam na Terra, é para cumprir uma missão de progresso, e então nos oferecem o modelo da perfeição à qual a humanidade pode aspirar neste mundo.

PRIMEIRA ORDEM. — ESPÍRITOS PUROS

Características gerais. – Nenhuma influência da matéria. Superioridade intelectual e moral absoluta em relação aos Espíritos das outras ordens.

Primeira classe. Classe única. – Percorreram todos os graus da escala e se despojaram de todas as impurezas da matéria. Tendo atingido toda a perfeição de que a criatura é capaz, já não têm de passar por provas nem expiações. Como já não estão sujeitos à reencarnação em corpos perecíveis, vivem a vida eterna no seio de Deus.

Desfrutam de uma felicidade inalterável, porque não estão sujeitos às necessidades nem às vicissitudes da vida material; mas essa felicidade não é a de uma ociosidade monótona passada em contemplação perpétua. São os mensageiros e os ministros de Deus, cujas ordens executam para a manutenção da harmonia universal.

Comandam todos os Espíritos que lhes são inferiores, ajudam-nos a se aperfeiçoar e lhes atribuem sua missão. Ajudar os homens em suas aflições, incentivá-los ao bem ou à expiação das faltas que os afastam da felicidade

suprema é para eles uma doce ocupação. Às vezes são designados pelos nomes de anjos, arcanjos ou serafins.

Os homens podem entrar em comunicação com eles, mas seria muito presunçoso aquele que pretendesse tê-los constantemente às suas ordens.

Progressão dos Espíritos

114. **Os Espíritos são bons ou maus por sua natureza, ou são os mesmos Espíritos que se melhoram?**

> « São os mesmos Espíritos que se melhoram: ao se melhorarem, passam de uma ordem inferior para uma ordem superior. »

115. **Entre os Espíritos, uns foram criados bons e outros maus?**

> « Deus criou todos os Espíritos simples e ignorantes, isto é, sem conhecimento. Deu a cada um uma missão com o objetivo de esclarecê-los e fazê-los chegar progressivamente à perfeição pelo conhecimento da verdade e para aproximá-los dele. A felicidade eterna e sem mistura está, para eles, nessa perfeição. Os Espíritos adquirem esses conhecimentos passando pelas provas que Deus lhes impõe. Uns aceitam essas provas com submissão e chegam mais prontamente ao objetivo de seu destino; outros só passam por elas com queixas e assim permanecem, por sua culpa, afastados da perfeição e da felicidade prometida. »

– De acordo com isso, os Espíritos pareceriam ser, em sua origem, como as crianças, ignorantes e sem experiência, mas adquirindo pouco a pouco os conhecimentos que lhes faltam ao percorrerem as diferentes fases da vida?

> « Sim, a comparação é justa; a criança rebelde permanece ignorante e imperfeita; ela progride mais ou menos conforme sua docilidade; mas a vida do homem tem um fim, e a dos Espíritos se estende ao infinito. »

116. **Há Espíritos que permanecerão para sempre nas posições inferiores?**

> « Não, todos se tornarão perfeitos; eles mudam, mas isso demora; pois, como dissemos em outra ocasião, um pai justo e misericordioso não pode banir eternamente seus filhos. Você desejaria, então, que Deus, tão grande, tão bom, tão justo, fosse pior do que vocês mesmos! »

117. **Depende dos Espíritos apressar seu progresso rumo à perfeição?**

> « Certamente; eles chegam mais ou menos depressa conforme seu desejo e sua submissão à vontade de Deus. Uma criança dócil não aprende mais depressa do que uma criança teimosa? »

118. **Os Espíritos podem degenerar?**

> « Não; à medida que avançam, compreendem o que os afastava da perfeição. Quando o Espírito termina uma prova, adquire o conhecimento e não o esquece. Pode ficar estacionário, mas não retrocede. »

119. **Deus não poderia dispensar os Espíritos das provas pelas quais devem passar para chegar à primeira posição?**

> « Se tivessem sido criados perfeitos, não teriam mérito para desfrutar dos benefícios dessa perfeição. Onde estaria o mérito sem a luta? Além disso, a desigualdade que existe entre eles é necessária à sua personalidade; e a missão que cumprem nesses diferentes graus faz parte dos desígnios da Providência para a harmonia do universo. »

Já que, na vida social, todos os homens podem chegar aos cargos mais elevados, seria o mesmo que perguntar por que o soberano de um país não faz de cada um de seus soldados um general; por que todos os funcionários subalternos não são funcionários superiores; por que todos os alunos não são professores.

Ora, há esta diferença entre a vida social e a vida espiritual: a primeira é limitada e nem sempre permite subir todos os graus, enquanto a segunda é indefinida e deixa a cada um a possibilidade de se elevar à posição suprema.

120. **Todos os Espíritos passam pelo caminho do mal para chegar ao bem?**

> « Não pelo caminho do mal, mas pelo da ignorância. »

121. **Por que certos Espíritos seguiram o caminho do bem, e outros o do mal?**

> « Não têm seu livre-arbítrio? Deus não criou Espíritos maus; criou-os simples e ignorantes, isto é, com tanta aptidão para o bem quanto para o mal; aqueles que são maus tornam-se assim por sua vontade. »

122. **Como os Espíritos, em sua origem, quando ainda não têm consciência de si mesmos, podem ter a liberdade de escolher entre o bem e o mal? Há neles um princípio, alguma tendência, que os leve mais para um caminho do que para outro?**

> « O livre-arbítrio se desenvolve à medida que o Espírito adquire consciência de si mesmo. Não haveria mais liberdade se a escolha fosse induzida por uma causa independente da vontade do Espírito. A causa não está nele, está fora dele, nas influências às quais cede em virtude de sua livre vontade. É a grande figura da queda do homem e do pecado original: uns cederam à tentação, outros resistiram. »

– **De onde vêm as influências que se exercem sobre ele?**

> « Dos Espíritos imperfeitos que procuram se apoderar dele, dominá-lo e que ficam felizes em fazê-lo sucumbir. Foi isso que se quis representar pela figura de Satanás. »

– **Essa influência só se exerce sobre o Espírito em sua origem?**

> « Ela o acompanha em sua vida de Espírito até que ele tenha adquirido tanto domínio sobre si mesmo que os maus renunciem a obsediá-lo. »

123. **Por que Deus permitiu que os Espíritos pudessem seguir o caminho do mal?**

> « Como vocês ousam pedir a Deus que preste contas de seus atos? Pensam que podem compreender seus desígnios? Contudo, podem dizer a si mesmos o seguinte: a sabedoria de Deus está na liberdade que deixa a cada um de escolher, pois cada um tem o mérito de suas obras. »

124. **Já que há Espíritos que, desde o princípio, seguem o caminho do bem absoluto, e outros o do mal absoluto, sem dúvida há graus entre esses dois extremos?**

> « Sim, certamente, e são a grande maioria. »

125. **Os Espíritos que seguiram o caminho do mal poderão chegar ao mesmo grau de superioridade que os outros?**

> « Sim, mas as eternidades serão mais longas para eles. »

Pela expressão as eternidades, deve-se entender a ideia que os Espíritos inferiores têm da perpetuidade de seus sofrimentos, porque não lhes é dado ver seu fim, e essa ideia se renova a cada prova em que sucumbem.

126. **Os Espíritos que chegaram ao grau supremo depois de terem passado pelo mal têm menos mérito do que os outros aos olhos de Deus?**

> « Deus contempla os que se desviaram com o mesmo olhar e ama a todos com o mesmo coração. São chamados maus porque sucumbiram: antes eram apenas Espíritos simples. »

127. Os Espíritos são criados iguais em faculdades intelectuais?

> « Eles são criados iguais, mas, como não sabem de onde vêm, é preciso que o livre-arbítrio siga seu curso. Progridem mais ou menos rapidamente tanto em inteligência quanto em moralidade. »

Os Espíritos que seguem desde o princípio o caminho do bem não são, por isso, Espíritos perfeitos; embora não tenham tendências más, ainda precisam adquirir a experiência e os conhecimentos necessários para alcançar a perfeição.

Podemos compará-los a crianças que, por melhores que sejam seus instintos naturais, precisam se desenvolver, se esclarecer e não passam sem transição da infância à idade adulta; apenas, assim como temos homens que são bons e outros que são maus desde a infância, também há Espíritos que são bons ou maus desde o princípio, com esta diferença fundamental: a criança tem instintos já formados, enquanto o Espírito, ao ser formado, não é mais mau do que bom; ele tem todas as tendências e toma uma ou outra direção pelo efeito de seu livre-arbítrio.

Anjos e demônios

128. Os seres que chamamos de anjos, arcanjos e serafins formam uma categoria especial, de natureza diferente da dos outros Espíritos?

> « Não, são os Espíritos puros: aqueles que estão no grau mais elevado da escala e reúnem todas as perfeições. »

A palavra anjo geralmente desperta a ideia de perfeição moral; no entanto, ela é muitas vezes aplicada a todos os seres bons e maus que estão fora da humanidade. Diz-se: o anjo bom e o anjo mau; o anjo de luz e o anjo das trevas; nesse caso, é sinônimo de Espírito ou de gênio. Aqui a empregamos em seu sentido positivo.

129. **Os anjos percorreram todos os graus?**

> « Eles percorreram todos os graus, mas, como dissemos: uns aceitaram sua missão sem reclamar e chegaram mais depressa; outros levaram um tempo mais ou menos longo para chegar à perfeição. »

130. **Se a opinião que admite seres criados perfeitos e superiores a todas as outras criaturas está errada, como se explica que ela faça parte da tradição de quase todos os povos?**

> « Saiba que seu mundo não existe desde toda a eternidade e que, muito antes de ele existir, Espíritos já haviam alcançado o grau supremo; os homens puderam então acreditar que eles sempre tinham sido assim. »

131. Existem demônios no sentido atribuído a essa palavra?

> « Se houvesse demônios, eles seriam obra de Deus, e Deus seria justo e bom por ter feito seres eternamente voltados ao mal e infelizes? Se há demônios, é em seu mundo inferior e em outros semelhantes que eles vivem; são esses homens hipócritas que fazem de um Deus justo um Deus mau e vingativo, e que acreditam agradar a ele com as abominações que cometem em seu nome. »

A palavra demônio só implica a ideia de Espírito mau em seu sentido moderno, pois a palavra grega daimôn, da qual ela se formou, significa gênio, inteligência, e era usada para os seres incorpóreos, bons ou maus, sem distinção. Os demônios, segundo o sentido comum da palavra, pressupõem seres essencialmente malfazejos; eles seriam, como todas as coisas, criação de Deus; ora, Deus, que é soberanamente justo e bom, não pode ter criado seres destinados ao mal por sua natureza e condenados por toda a eternidade. Se não fossem obra de Deus, seriam, portanto, como ele, eternos, ou então haveria várias potências soberanas. A primeira condição de toda doutrina é ser lógica; ora, a dos demônios, no sentido absoluto, falha nessa base essencial. É compreensível que, na crença dos povos atrasados que, por não conhecerem os atributos de Deus, admitem divindades malfazejas, também se admitam demônios; mas, para quem faz da bondade de Deus um atributo por excelência, é ilógico e contraditório supor que ele tenha podido criar seres voltados ao mal e destinados a praticá-lo perpetuamente, pois isso é negar sua bondade. Os defensores da existência dos demônios se apoiam nas palavras do Cristo; certamente não seremos nós que contestaremos a autoridade de seu ensinamento, que gostaríamos de ver mais no coração do que na boca dos homens; mas há plena certeza do sentido que ele atribuía à palavra demônio? Não se sabe que a forma alegórica é uma das marcas distintivas de sua linguagem, e tudo o que o Evangelho contém deve ser tomado ao pé da letra? Não precisamos de outra prova além desta passagem:

« Logo depois desses dias de aflição, o sol escurecerá e a lua deixará de dar sua luz, as estrelas cairão do céu e as potências do céu serão abaladas. Eu lhes digo em verdade que esta raça não passará sem que todas essas coisas tenham se cumprido. » Não vimos a forma do texto bíblico ser contrariada pela ciência no que diz respeito à criação e ao movimento da Terra? Não pode acontecer o mesmo com certas figuras empregadas pelo Cristo, que precisava falar de acordo com os tempos e os lugares? O Cristo não pode ter dito conscientemente uma coisa falsa; portanto, se em suas palavras há coisas que parecem contrariar a razão, é porque não as compreendemos ou porque as interpretamos mal.

Os homens fizeram com os demônios o que fizeram com os anjos; assim como acreditaram em seres perfeitos desde toda a eternidade, tomaram os Espíritos inferiores por seres perpetuamente maus. A palavra demônio deve, portanto, ser entendida como referente aos Espíritos impuros, que muitas vezes não valem mais do que aqueles designados por esse nome, mas com esta diferença: seu estado é apenas transitório. São Espíritos imperfeitos que reclamam das provas pelas quais passam e que, por isso, passam por elas durante mais tempo, mas que chegarão por sua vez quando tiverem vontade. Poderíamos, portanto, aceitar a palavra demônio com essa restrição; mas, como agora ela é entendida em um sentido exclusivo, poderia induzir ao erro, fazendo acreditar na existência de seres especiais criados para o mal.

Quanto a Satanás, ele é evidentemente a personificação do mal sob uma forma alegórica, pois não se pode admitir um ser mau lutando de igual para igual em poder com a Divindade, e cuja única preocupação seria contrariar seus desígnios. Como o homem precisa de figuras e

imagens para impressionar sua imaginação, ele retratou os seres incorpóreos sob uma forma material, com atributos que lembram suas qualidades ou seus defeitos. Foi assim que os antigos, querendo personificar o Tempo, o retrataram na figura de um velho com uma foice e uma ampulheta; uma figura de jovem teria sido um contrassenso; o mesmo acontece com as alegorias da Fortuna, da Verdade etc. Os modernos representaram os anjos, ou Espíritos puros, sob uma figura radiante, com asas brancas, emblema da pureza; Satanás, com chifres, garras e os atributos da bestialidade, emblemas das paixões inferiores. O povo, que toma as coisas ao pé da letra, viu nesses emblemas um indivíduo real, assim como antes havia visto Saturno na alegoria do Tempo.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO II, CAP. II — ENCARNAÇÃO DOS ESPÍRITOS

✦

Objetivo da encarnação

132. Qual é o objetivo da encarnação dos Espíritos?

> « Deus a impõe a eles com o objetivo de fazê-los chegar à perfeição: para uns, é uma expiação; para outros, é uma missão. Mas, para chegar a essa perfeição, eles devem passar por todas as vicissitudes da existência corporal: é nisso que está a expiação. A encarnação também tem outro objetivo: colocar o Espírito em condições de assumir sua parte na obra da criação; é para realizá-la que, em cada mundo, ele assume um organismo em harmonia com a matéria essencial desse mundo para nele executar, sob esse aspecto, as ordens de Deus; de tal modo que, ao mesmo tempo que contribui para a obra geral, ele próprio avança. »

A ação dos seres corporais é necessária à marcha do universo; mas Deus, em sua sabedoria, quis que, nessa mesma ação, eles encontrassem um meio de progredir e de se aproximar dele. É assim que, por uma lei admirável de sua providência, tudo se encadeia, tudo é solidário na natureza.

133. **Os Espíritos que, desde o princípio, seguiram o caminho do bem precisam da encarnação?**

> « Todos são criados simples e ignorantes; eles se instruem nas lutas e nas tribulações da vida corporal. Deus, que é justo, não poderia fazer uns felizes, sem sofrimento e sem trabalho e, por consequência, sem mérito. »

– Mas, então, de que serve aos Espíritos terem seguido o caminho do bem, se isso não os isenta dos sofrimentos da vida corporal?

> « Eles chegam mais depressa ao objetivo; além disso, os sofrimentos da vida são muitas vezes consequência da imperfeição do Espírito; quanto menos imperfeições ele tem, menos tormentos tem; aquele que não é invejoso, nem ciumento, nem avarento, nem ambicioso não terá os tormentos que nascem desses defeitos. »

Da alma

134. **O que é a alma?**

> « Um Espírito encarnado. »

– O que era a alma antes de se unir ao corpo?

> « Espírito. »

– As almas e os Espíritos são, portanto, exatamente a mesma coisa?

> « Sim, as almas são apenas os Espíritos. Antes de se unir ao corpo, a alma é um dos seres inteligentes que povoam o mundo invisível e que vestem temporariamente um envoltório carnal para se purificar e se esclarecer. »

135. Há no homem alguma coisa além da alma e do corpo?

> « Há o laço que une a alma e o corpo. »

– Qual é a natureza desse laço?

> « Semimaterial, isto é, intermediária entre o Espírito e o corpo. E isso é necessário para que possam se comunicar um com o outro. É por esse laço que o Espírito age sobre a matéria, e reciprocamente. »

O homem é, assim, formado de três partes essenciais: 1° O corpo, ou ser material análogo aos animais e animado pelo mesmo princípio vital; 2° A alma, Espírito encarnado cujo corpo é a habitação; 3° O princípio intermediário ou perispírito, substância semimaterial que serve de primeiro envoltório ao Espírito e une a alma e o corpo. Tais são, em um fruto, o germe, o perisperma e a casca.

136. A alma é independente do princípio vital?

> « O corpo é apenas o envoltório, repetimos isso sem cessar. »

– O corpo pode existir sem a alma?

> « Sim, e, no entanto, assim que o corpo deixa de viver, a alma o abandona. Antes do nascimento, ainda não há união definitiva entre a alma e o corpo; enquanto, depois que essa união foi estabelecida, a morte do corpo rompe os laços que o unem à alma, e a alma o abandona. A vida orgânica pode animar um corpo sem alma, mas a alma não pode habitar um corpo privado da vida orgânica. »

– O que seria nosso corpo se não tivesse alma?

> « Uma massa de carne sem inteligência, tudo o que vocês quiserem, exceto um homem. »

137. O mesmo Espírito pode encarnar em dois corpos diferentes ao mesmo tempo?

> « Não, o Espírito é indivisível e não pode animar simultaneamente dois seres diferentes. » (Ver, no capítulo das manifestações, a questão dos homens duplos.)

138. O que pensar da opinião daqueles que consideram a alma como o princípio da vida material?

> « É uma questão de palavras; não damos importância a isso; comecem por se entender entre vocês mesmos. »

139. Certos Espíritos, e antes deles certos filósofos, definiram a alma como: uma centelha anímica emanada do grande Todo; por que essa contradição?

> « Não há contradição; isso depende do sentido das palavras. Por que vocês não têm uma palavra para cada coisa? »

A palavra alma é empregada para expressar coisas muito diferentes. Uns chamam assim o princípio da vida, e, nesse sentido, é exato dizer em sentido figurado que: a alma é uma centelha anímica emanada do grande Todo.

Essas últimas palavras retratam a fonte universal do princípio vital do qual cada ser absorve uma porção, e que retorna à massa depois da morte. Essa ideia não exclui de modo algum a de um ser moral distinto, independente da matéria e que conserva sua individualidade.

É esse ser que também se chama alma, e é nesse sentido que se pode dizer que a alma é um Espírito encarnado. Ao dar definições diferentes da alma, os Espíritos falaram de acordo com a aplicação que faziam da palavra e com as ideias terrenas das quais ainda estavam mais ou menos imbuídos.

Isso se deve à insuficiência da linguagem humana, que não tem uma palavra para cada ideia, e daí vem a origem de uma multidão de equívocos e de discussões: eis por que os Espíritos superiores nos dizem para primeiro nos entendermos sobre as palavras.

140. O que pensar da teoria da alma subdividida em tantas partes quantos são os músculos, presidindo assim a cada uma das funções do corpo?

> « Isso depende ainda do sentido que se dá à palavra alma; se por ela se entende o fluido vital, tem-se razão; se por ela se entende o Espírito encarnado, está-se errado. Nós já dissemos: o Espírito é indivisível; ele transmite o movimento aos órgãos pelo fluido intermediário, sem por isso se dividir. »

– No entanto, há Espíritos que deram essa definição.

> « Os Espíritos ignorantes podem tomar o efeito pela causa. »

A alma age por intermédio dos órgãos, e os órgãos são animados pelo fluido vital que se distribui entre eles, e mais abundantemente naqueles que são os centros ou focos do movimento. Mas essa explicação não pode se aplicar à alma considerada como o Espírito que habita o corpo durante a vida e o abandona na morte.

141. Há alguma verdade na opinião daqueles que pensam que a alma é exterior e envolve o corpo?

> « A alma não está encerrada no corpo como o pássaro em uma gaiola; ela irradia e se manifesta no exterior como a luz através de um globo de vidro, ou como o som ao redor de um centro sonoro; é assim que se pode dizer que ela é exterior, mas nem por isso é o envoltório do corpo. A alma tem dois envoltórios: um sutil e leve, é o primeiro, aquele que você chama de perispírito; o outro grosseiro, material e pesado: é o corpo. A alma é o centro de todos esses envoltórios, como o germe em um caroço; já dissemos isso. »

142. **O que dizer dessa outra teoria segundo a qual a alma, na criança, se completa a cada período da vida?**

> « O Espírito é um só; ele está inteiro na criança como no adulto; são os órgãos ou instrumentos das manifestações da alma que se desenvolvem e se completam. É, mais uma vez, tomar o efeito pela causa. »

143. **Por que todos os Espíritos não definem a alma da mesma maneira?**

> « Os Espíritos não são todos igualmente esclarecidos sobre esses assuntos; há Espíritos ainda limitados que não compreendem as coisas abstratas; é como acontece com as crianças entre vocês; há também Espíritos de falso saber, que fazem alarde de palavras para impressionar: é ainda como acontece entre vocês. Além disso, os próprios Espíritos esclarecidos podem se expressar em termos diferentes, que no fundo têm o mesmo valor, sobretudo quando se trata de coisas que a linguagem de vocês é incapaz de expressar claramente; são necessárias figuras, comparações que vocês tomam pela realidade. »

144. **O que se deve entender por alma do mundo?**

> « É o princípio universal da vida e da inteligência de onde nascem as individualidades. Mas aqueles que se servem dessas palavras muitas vezes não compreendem a si mesmos. A palavra alma é tão elástica que cada um a interpreta ao sabor de seus devaneios. Às vezes também se atribuiu uma alma à Terra; deve-se entender por isso o conjunto dos Espíritos dedicados que dirigem suas ações pelo bom caminho quando vocês os escutam, e que são, de certo modo, os representantes de Deus junto ao seu globo. »

145. **Como tantos filósofos antigos e modernos discutiram por tanto tempo sobre a ciência psicológica sem terem chegado à verdade?**

> « Esses homens eram os precursores da doutrina espírita eterna; eles prepararam os caminhos. Eram homens e puderam se enganar, porque tomaram suas próprias ideias pela luz; mas seus próprios erros servem para fazer sobressair a verdade, mostrando os prós e os contras; além disso, entre esses erros se encontram grandes verdades que um estudo comparativo permite a vocês compreender. »

146. **A alma tem uma sede determinada e circunscrita no corpo?**

> « Não, mas ela está mais particularmente na cabeça nos grandes gênios, em todos aqueles que pensam muito, e no coração naqueles que sentem muito e cujas ações se voltam para toda a humanidade. »

– O que pensar da opinião daqueles que colocam a alma em um centro vital?

> « Isso quer dizer que o Espírito habita de preferência essa parte do organismo de vocês, pois é ali que chegam todas as sensações. Aqueles que a colocam no que consideram o centro da vitalidade a confundem com o fluido ou princípio vital. Contudo, pode-se dizer que a sede da alma está mais particularmente nos órgãos que servem às manifestações intelectuais e morais. »

Materialismo

147. **Por que os anatomistas, os fisiologistas e, em geral, aqueles que se aprofundam nas ciências da natureza são tão frequentemente inclinados ao materialismo?**

> « O fisiologista relaciona tudo ao que vê. Orgulho dos homens que acreditam saber tudo e que não admitem que alguma coisa possa ultrapassar seu entendimento. Sua própria ciência lhes dá presunção; eles pensam que a natureza não pode ter nada de oculto para eles. »

148. **Não é lamentável que o materialismo seja uma consequência de estudos que deveriam, ao contrário, mostrar ao homem a superioridade da inteligência que governa o mundo? Deve-se concluir disso que eles são perigosos?**

> « Não é verdade que o materialismo seja uma consequência desses estudos; é o homem que tira deles uma falsa consequência, pois ele pode abusar de tudo, até das melhores coisas. O nada, aliás, os assusta mais do que querem deixar transparecer, e os que se dizem livres de crenças são muitas vezes mais fanfarrões do que corajosos. A maioria só é materialista porque não tem nada para preencher esse vazio; diante desse abismo que se abre à sua frente, mostrem-lhes uma âncora de salvação, e eles se agarrarão a ela prontamente. »

Por uma aberração da inteligência, há pessoas que só veem nos seres orgânicos a ação da matéria e atribuem a ela todos os nossos atos. Elas só viram no corpo humano a máquina elétrica; só estudaram o mecanismo da vida no funcionamento dos órgãos; viram muitas vezes a vida se apagar pela ruptura de um fio, e não viram nada além desse fio; procuraram saber se restava alguma coisa e, como só encontraram a matéria que se tornara inerte, como não viram a alma escapar e não puderam captá-la, concluíram que tudo estava nas propriedades da matéria e que, assim, depois da morte só há o nada do pensamento; triste consequência, se assim fosse: pois então o bem e o mal não teriam finalidade, o homem teria razão em pensar apenas em si e em colocar acima de tudo a satisfação de seus prazeres materiais; os laços sociais seriam rompidos, e os afetos mais santos seriam desfeitos para sempre. Felizmente, essas ideias estão longe de ser gerais; pode-se até dizer que são muito restritas e constituem apenas opiniões individuais, pois em parte alguma foram erigidas em doutrina. Uma sociedade fundada nessas bases traria em si o germe de sua dissolução, e seus membros se dilacerariam uns aos outros como animais ferozes. O homem tem instintivamente a ideia de que, para ele, nem

tudo termina com a vida; ele tem horror ao nada; por mais que tenha resistido ao pensamento do futuro, quando chega o momento supremo, são poucos os que não se perguntam o que será deles; pois a ideia de deixar a vida sem retorno tem algo de angustiante. Quem poderia, de fato, encarar com indiferença uma separação absoluta, eterna de tudo o que amou? Quem poderia ver sem pavor se abrir diante de si o imenso abismo do nada, onde viriam se afundar para sempre todas as nossas faculdades, todas as nossas esperanças, e dizer a si mesmo: Como! Depois de mim, nada, mais nada além do vazio; tudo acabou sem retorno; mais alguns dias e minha lembrança será apagada da memória daqueles que me sobrevivem; em breve não restará nenhum vestígio de minha passagem pela Terra; até o bem que fiz será esquecido pelos ingratos a quem ajudei; e nada para compensar tudo isso, nenhuma outra perspectiva além da de meu corpo roído pelos vermes! Esse quadro não tem algo de horrível, de glacial? A religião nos ensina que não pode ser assim, e a razão nos confirma isso; mas essa existência futura, vaga e indefinida, não tem nada que satisfaça nosso amor pelo concreto; é isso que, em muitos, gera a dúvida. Temos uma alma, de acordo; mas o que é nossa alma? Ela tem uma forma, uma aparência qualquer? É um ser limitado ou indefinido? Uns dizem que é um sopro de Deus, outros uma centelha, outros uma parte do grande Todo, o princípio da vida e da inteligência; mas o que tudo isso nos ensina? Que nos importa ter uma alma se, depois de nós, ela se confunde na imensidão como as gotas de água no oceano! A perda de nossa individualidade não é para nós como o nada? Dizem ainda que ela é imaterial; mas uma coisa imaterial não poderia ter proporções definidas; para nós, isso não é nada. A religião também nos ensina que seremos felizes ou infelizes, conforme o bem ou o mal que tivermos feito; mas qual é essa felicidade que nos espera no seio de Deus? É uma beatitude, uma contemplação eterna, sem outra ocupação além de cantar os louvores do Criador? As chamas do inferno são uma realidade ou uma figura? A própria Igreja as entende nesse último sentido, mas quais são esses sofrimentos? Onde fica esse lugar de suplício? Em uma palavra, o que se faz, o que se vê nesse mundo que espera

por todos nós? Ninguém, dizem, voltou para nos contar. Isso é um erro, e a missão do espiritismo é precisamente nos esclarecer sobre esse futuro, fazer com que, até certo ponto, possamos tocá-lo com os dedos e vê-lo com os olhos, já não pelo raciocínio, mas pelos fatos. Graças às comunicações espíritas, já não se trata de uma suposição, de uma probabilidade sobre a qual cada um inventa a seu gosto, que os poetas embelezam com suas ficções ou semeiam de imagens alegóricas que nos enganam; é a realidade que nos aparece, pois são os próprios seres de além-túmulo que vêm nos descrever sua situação, nos dizer o que fazem, que nos permitem assistir, por assim dizer, a todas as peripécias de sua nova vida e, por esse meio, nos mostram o destino inevitável que nos está reservado conforme nossos méritos e nossas más ações. Há nisso alguma coisa contrária à religião? Muito pelo contrário, pois os incrédulos encontram nisso a fé, e os indiferentes, uma renovação do fervor e da confiança. O espiritismo é, portanto, o mais poderoso auxiliar da religião. Se isso acontece, é porque Deus o permite, e ele o permite para reanimar nossas esperanças vacilantes e nos reconduzir ao caminho do bem pela perspectiva do futuro.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO II, CAP. III — RETORNO DA VIDA CORPORAL À VIDA ESPIRITUAL

✦

A alma após a morte

149. **O que acontece com a alma no instante da morte?**

> « Ela volta a ser Espírito, isto é, retorna ao mundo dos Espíritos, que havia deixado momentaneamente. »

150. **A alma, após a morte, conserva sua individualidade?**

> « Sim, ela nunca a perde. O que seria dela se não a conservasse? »

– Como a alma constata sua individualidade, já que não tem mais seu corpo material?

> « Ela ainda tem um fluido que lhe é próprio, que retira da atmosfera de seu planeta e que representa a aparência de sua última encarnação: seu perispírito. »

– A alma não leva consigo nada deste mundo?

> « Nada além da lembrança e do desejo de ir para um mundo melhor. Essa lembrança é cheia de doçura ou de amargura, conforme o uso que ela fez da vida; quanto mais pura é, mais compreende a futilidade do que deixa na Terra. »

151. **O que pensar da opinião de que, após a morte, a alma retorna ao todo universal?**

> « O conjunto dos Espíritos não forma um todo? Não é um mundo inteiro? Quando você está numa assembleia, é parte integrante dessa assembleia e, no entanto, conserva sua individualidade. »

152. Que prova podemos ter da individualidade da alma após a morte?

> « Vocês não têm essa prova pelas comunicações que obtêm? Se não forem cegos, verão; e, se não forem surdos, ouvirão, pois muitas vezes uma voz lhes fala e revela a existência de um ser fora de vocês. »

Aqueles que pensam que, na morte, a alma retorna ao todo universal estão enganados se entendem com isso que, semelhante a uma gota de água que cai no Oceano, ela perde ali sua individualidade; estão certos se entendem por todo universal o conjunto dos seres incorpóreos do qual cada alma ou Espírito é um elemento. Se as almas se confundissem na massa, teriam apenas as qualidades do conjunto, e nada as distinguiria umas das outras; não teriam inteligência nem qualidades próprias; no entanto, em todas as comunicações, demonstram a consciência do eu e uma vontade distinta; a diversidade infinita que apresentam sob todos os aspectos é a própria consequência das individualidades. Se, após a morte, houvesse apenas o que se chama de grande Todo, absorvendo todas as individualidades, esse Todo seria uniforme e, portanto, todas as comunicações recebidas do mundo invisível seriam idênticas. Como nele se encontram seres bons e outros maus, sábios e ignorantes, felizes e infelizes; como há seres de todos os temperamentos: alegres e tristes, superficiais e profundos etc., é evidente que são seres distintos. A individualidade se torna ainda mais evidente quando esses seres comprovam sua identidade por sinais incontestáveis, por detalhes pessoais relativos à sua vida terrestre e que podem ser verificados; ela não pode ser posta em dúvida quando eles se manifestam à visão nas aparições. A individualidade da alma nos era ensinada, em teoria, como um artigo de fé; o espiritismo a torna evidente e, de certa forma, material.

153. **Em que sentido se deve entender a vida eterna?**

> « É a vida do Espírito que é eterna; a do corpo é transitória e passageira. Quando o corpo morre, a alma retorna à vida eterna. »

– Não seria mais exato chamar de vida eterna a dos Espíritos puros, daqueles que, tendo alcançado o grau de perfeição, não têm mais provas a enfrentar?

> « Isso é, antes, a felicidade eterna, mas essa é uma questão de palavras; chamem as coisas como quiserem, desde que se entendam. »

Separação da alma e do corpo

154. **A separação da alma e do corpo é dolorosa?**

> « Não, o corpo muitas vezes sofre mais durante a vida do que no momento da morte: a alma nada tem a ver com isso. Os sofrimentos que às vezes se experimentam no momento da morte são um prazer para o Espírito, que vê chegar o fim de seu exílio. »

Na morte natural, aquela que ocorre pelo esgotamento dos órgãos em consequência da idade, o homem deixa a vida sem perceber: é uma lâmpada que se apaga por falta de combustível.

155. **Como se dá a separação da alma e do corpo?**

> « Rompidos os laços que a prendiam, ela se desprende. »

– A separação se dá instantaneamente e por uma transição brusca? Há uma linha divisória claramente definida entre a vida e a morte?

> « Não, a alma se desprende gradualmente e não escapa como um pássaro cativo de repente devolvido à liberdade. Esses dois estados se tocam e se confundem; assim, o Espírito se desprende pouco a pouco de seus laços: eles se desatam, não se quebram. »

Durante a vida, o Espírito está ligado ao corpo por seu envoltório semimaterial, ou perispírito; a morte é a destruição apenas do corpo, e não desse segundo envoltório, que se separa do corpo quando a vida orgânica cessa nele.

A observação comprova que, no instante da morte, o desprendimento do perispírito não se completa subitamente; ele só se dá de forma gradual e com uma lentidão muito variável conforme os indivíduos; em uns, é bastante rápido, e pode-se dizer que o momento da morte é o da libertação, com uma diferença de algumas horas; mas, em outros, sobretudo naqueles cuja vida foi inteiramente material e sensual, o desprendimento é muito menos rápido e às vezes dura dias, semanas e até meses, o que não implica a menor vitalidade no corpo, nem a possibilidade de um retorno à vida, mas uma simples afinidade entre o corpo e o Espírito, afinidade que é sempre proporcional à preponderância que, durante a vida, o Espírito deu à matéria.

É racional conceber, de fato, que, quanto mais o Espírito se identificou com a matéria, mais dificuldade tem para se separar dela; enquanto a atividade intelectual e moral e a elevação dos pensamentos dão início ao desprendimento ainda durante a vida do corpo e, quando chega a morte, ele é quase instantâneo.

Esse é o resultado dos estudos feitos com todos os indivíduos observados no momento da morte. Essas observações comprovam ainda que a afinidade que, em

certos indivíduos, persiste entre a alma e o corpo às vezes é muito penosa, pois o Espírito pode experimentar o horror da decomposição.

Esse caso é excepcional e particular a certos modos de vida e a certos tipos de morte; ele ocorre com algumas pessoas que se suicidaram.

156. **A separação definitiva da alma e do corpo pode ocorrer antes da cessação completa da vida orgânica?**

> « Na agonia, às vezes a alma já deixou o corpo: só resta a vida orgânica. O homem já não tem consciência de si mesmo e, no entanto, ainda lhe resta um sopro de vida. O corpo é uma máquina que o coração põe em movimento; ele existe enquanto o coração faz o sangue circular nas veias e não precisa da alma para isso. »

157. **No momento da morte, a alma às vezes tem uma aspiração ou um êxtase que lhe permite entrever o mundo ao qual vai retornar?**

> « Muitas vezes a alma sente se quebrarem os laços que a prendem ao corpo; então faz todos os esforços para rompê-los inteiramente. Já em parte desprendida da matéria, vê o futuro se desenrolar diante dela e desfruta, por antecipação, do estado de Espírito. »

158. **O exemplo da lagarta que primeiro rasteja pela terra, depois se fecha em sua crisálida numa morte aparente para renascer numa existência brilhante, pode nos dar uma ideia da vida terrestre, depois do túmulo e, por fim, de nossa nova existência?**

> « Uma ideia em pequena escala. A imagem é boa; no entanto, não se deveria tomá-la ao pé da letra, como muitas vezes acontece com vocês. »

159. **Que sensação a alma experimenta no momento em que se reconhece no mundo dos Espíritos?**

> « Depende; se você fez o mal com o desejo de fazê-lo, no primeiro momento se sente muito envergonhado por tê-lo feito. Para o justo, é bem diferente: a alma se sente como que aliviada de um grande peso, pois não teme nenhum olhar que a examine. »

160. **O Espírito reencontra imediatamente aqueles que conheceu na Terra e que morreram antes dele?**

> « Sim, conforme o afeto que tinha por eles e o que eles tinham por ele; muitas vezes, vêm recebê-lo em seu retorno ao mundo dos Espíritos e o ajudam a se desprender das faixas da matéria; assim também há muitos que ele reencontra e que havia perdido de vista durante sua permanência na Terra; vê aqueles que estão errantes; os que estão encarnados, ele vai visitar. »

161. **Na morte violenta e acidental, quando os órgãos ainda não foram enfraquecidos pela idade ou pelas doenças, a separação da alma e a cessação da vida ocorrem simultaneamente?**

> « Geralmente é assim, mas, em todos os casos, o intervalo que as separa é muito curto. »

162. Após a decapitação, por exemplo, o homem conserva por alguns instantes a consciência de si mesmo?

> « Muitas vezes a conserva por alguns minutos, até que a vida orgânica se extinga completamente. Mas muitas vezes também o medo da morte o fez perder essa consciência antes do instante da execução. »

Trata-se aqui apenas da consciência que o condenado pode ter de si mesmo, como homem e por intermédio dos órgãos, e não como Espírito. Se não perdeu essa consciência antes da execução, pode, portanto, conservá-la por alguns instantes, mas de duração muito curta, e ela cessa necessariamente com a vida orgânica do cérebro, o que não implica, por isso, que o perispírito esteja inteiramente desprendido do corpo; ao contrário, em todos os casos de morte violenta, quando ela não é causada pela extinção gradual das forças vitais, os laços que unem o corpo ao perispírito são mais resistentes, e o desprendimento completo é mais lento.

Perturbação espírita

163. A alma, ao deixar o corpo, tem imediatamente consciência de si mesma?

> « Consciência imediata não é a expressão certa; ela fica algum tempo em perturbação. »

164. **Todos os Espíritos experimentam, no mesmo grau e pelo mesmo tempo, a perturbação que se segue à separação da alma e do corpo?**

> « Não, isso depende de sua elevação. Aquele que já está purificado se reconhece quase imediatamente, porque já se desprendeu da matéria durante a vida do corpo, enquanto o homem carnal, aquele cuja consciência não é pura, conserva por muito mais tempo a impressão dessa matéria. »

165. O conhecimento do espiritismo exerce alguma influência sobre a duração, mais ou menos longa, da perturbação?

> « Uma influência muito grande, já que o Espírito compreendia de antemão sua situação; mas a prática do bem e a consciência pura são o que tem mais influência. »

No momento da morte, tudo é confuso de início; a alma precisa de algum tempo para se reconhecer; fica como que atordoada, no estado de um homem que sai de um sono profundo e procura compreender sua situação. A clareza das ideias e a memória do passado lhe voltam à medida que se apaga a influência da matéria da qual acaba de se desprender e se dissipa a espécie de neblina que obscurece seus pensamentos. A duração da perturbação que se segue à morte é muito variável; pode ser de algumas horas, assim como de vários meses e até de vários anos. Aqueles em quem ela dura menos são os que se identificaram em vida com seu estado futuro, porque então compreendem imediatamente sua situação. Essa perturbação apresenta circunstâncias particulares conforme o caráter dos indivíduos e, sobretudo, conforme o tipo de morte. Nas mortes violentas, por suicídio, execução, acidente, apoplexia, ferimentos etc., o Espírito fica surpreso, espantado e não acredita estar morto; sustenta isso com obstinação; no entanto, vê seu corpo, sabe que aquele corpo é o seu e não compreende que esteja separado dele; vai até as pessoas por quem tem afeto, fala com elas e não entende por que não o ouvem. Essa ilusão dura até o completo desprendimento do perispírito; só então o Espírito se reconhece e compreende que já não faz parte dos vivos. Esse fenômeno se explica facilmente. Surpreendido de improviso pela morte, o Espírito fica atordoado com a mudança brusca que ocorreu nele; para ele, a morte ainda é sinônimo de destruição, de aniquilamento; ora, como pensa, vê e ouve, em seu entender não está morto; o que aumenta sua ilusão é que ele vê em si um corpo semelhante ao anterior na forma, mas cuja natureza etérea ainda não teve tempo de estudar; acredita que ele é sólido e compacto como o primeiro; e, quando chamam sua

atenção para esse ponto, se espanta por não poder apalpar a si mesmo. Esse fenômeno é semelhante ao dos sonâmbulos iniciantes, que não acreditam estar dormindo. Para eles, o sono é sinônimo de suspensão das faculdades; ora, como pensam livremente e veem, para eles não estão dormindo. Certos Espíritos apresentam essa particularidade, embora a morte não tenha ocorrido inesperadamente; mas ela é sempre mais comum naqueles que, embora doentes, não pensavam em morrer. Vê-se então o singular espetáculo de um Espírito acompanhando seu cortejo fúnebre como se fosse o de um estranho e falando dele como de algo que não lhe diz respeito, até o momento em que compreende a verdade. A perturbação que se segue à morte nada tem de penoso para o homem de bem; é calma e em tudo semelhante à que acompanha um despertar tranquilo. Para aquele cuja consciência não é pura, ela é cheia de ansiedade e de angústias que aumentam à medida que ele se reconhece. Nos casos de morte coletiva, observou-se que todos os que morrem ao mesmo tempo nem sempre se reveem imediatamente. Na perturbação que se segue à morte, cada um vai para seu lado ou se preocupa apenas com aqueles que lhe interessam.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO II, CAP. IV — PLURALIDADE DAS EXISTÊNCIAS

✦

Da reencarnação

166. **Como a alma, que não atingiu a perfeição durante a vida corporal, pode terminar de se purificar?**

> « Passando pela prova de uma nova existência. »

– **Como a alma realiza essa nova existência? É por sua transformação como Espírito?**

> « A alma, ao se purificar, sem dúvida passa por uma transformação, mas para isso precisa da prova da vida corporal. »

– **A alma tem, então, várias existências corporais?**

> « Sim, todos nós temos várias existências. Os que dizem o contrário querem manter vocês na ignorância em que eles mesmos se encontram; esse é o desejo deles. »

– **Parece resultar desse princípio que a alma, depois de deixar um corpo, toma outro; em outras palavras, que ela reencarna em um novo corpo; é assim que se deve entender?**

> « É evidente. »

167. **Qual é o objetivo da reencarnação?**

> « Expiação, melhoria progressiva da humanidade; sem isso, onde estaria a justiça? »

168. **O número de existências corporais é limitado, ou o Espírito reencarna para sempre?**

> « A cada nova existência, o Espírito dá um passo no caminho do progresso; quando se livra de todas as suas impurezas, já não precisa das provas da vida corporal. »

169. **O número de encarnações é o mesmo para todos os Espíritos?**

> « Não; aquele que avança depressa se poupa de provas. Porém, essas encarnações sucessivas são sempre muito numerosas, pois o progresso é quase infinito. »

170. **O que acontece com o Espírito depois de sua última encarnação?**

> « Torna-se um Espírito bem-aventurado; é um Espírito puro. »

Justiça da reencarnação

171. **Em que se baseia o dogma da reencarnação?**

> « Na justiça de Deus e na revelação, pois repetimos sem cessar a vocês: um bom pai sempre deixa aos filhos uma porta aberta ao arrependimento. A razão não lhe diz que seria injusto privar para sempre da felicidade eterna todos aqueles cuja melhoria não dependeu deles? Todos os homens não são filhos de Deus? É somente entre os homens egoístas que se encontram a iniquidade, o ódio implacável e os castigos sem perdão. »

Todos os Espíritos tendem à perfeição, e Deus lhes fornece os meios para isso pelas provas da vida corporal; mas, em sua justiça, reserva a eles a possibilidade de realizar, em novas existências, o que não puderam fazer ou concluir em uma primeira prova. Não estaria de acordo nem com a equidade nem com a bondade de Deus castigar para sempre aqueles que podem ter encontrado obstáculos à sua melhoria alheios à sua vontade, e no próprio meio em que se encontram. Se o destino do homem fosse irrevogavelmente fixado depois de sua morte, Deus não teria pesado as ações de todos na mesma balança, nem os teria tratado com imparcialidade. A doutrina da reencarnação, isto é, a que consiste em admitir para o homem várias existências sucessivas, é a única que corresponde à ideia que fazemos da justiça de Deus em relação aos homens colocados em uma condição moral inferior, a única que pode nos explicar o futuro e dar fundamento às nossas esperanças, pois nos oferece o meio de reparar nossos erros por novas provas. A razão nos indica isso, e os Espíritos nos ensinam. O homem que tem consciência de sua inferioridade encontra na doutrina da reencarnação uma esperança consoladora. Se acredita na justiça de Deus, não pode esperar ser, por toda a eternidade, igual àqueles que agiram melhor do que ele. A ideia de que essa inferioridade não o priva para sempre do bem supremo, e de que poderá conquistá-lo por novos es-

forços, o sustenta e reanima sua coragem. Quem, ao chegar ao fim de sua trajetória, não lamenta ter adquirido tarde demais uma experiência da qual já não pode aproveitar? Essa experiência tardia não está perdida; ele a aproveitará em uma nova vida.

Encarnação nos diferentes mundos

172. **Nossas diferentes existências corporais se realizam todas na Terra?**

> « Não, nem todas, mas nos diferentes mundos: a deste mundo não é a primeira nem a última, e é uma das mais materiais e das mais distantes da perfeição. »

173. **A alma, a cada nova existência corporal, passa de um mundo a outro, ou pode realizar várias no mesmo globo?**

> « Ela pode reviver várias vezes no mesmo globo, se não estiver suficientemente adiantada para passar a um mundo superior. »

– **Assim, podemos reaparecer várias vezes na Terra?**

> « Certamente. »

– **Podemos voltar a ela depois de ter vivido em outros mundos?**

> « Com certeza; vocês já podem ter vivido em outros lugares e na Terra. »

174. **É uma necessidade reviver na Terra?**

> « Não; mas, se vocês não avançarem, podem ir para outro mundo que não seja melhor, e que pode ser pior. »

175. **Há alguma vantagem em voltar a habitar a Terra?**

> « Nenhuma vantagem particular, a menos que se esteja nela em missão; então se avança, ali como em outros lugares. »

– **Não seria mais feliz permanecer Espírito?**

> « Não, não! Ficaria parado, e o que se quer é avançar em direção a Deus. »

176. **Os Espíritos, depois de terem encarnado em outros mundos, podem encarnar neste sem nunca terem aparecido aqui?**

> « Sim, como vocês nos outros. Todos os mundos são solidários: o que não se realiza em um se realiza em outro. »

– **Assim, há homens que estão na Terra pela primeira vez?**

> « Há muitos, e em diversos graus. »

– **É possível reconhecer por algum sinal quando um Espírito está em sua primeira aparição na Terra?**

> « Isso não teria nenhuma utilidade. »

177. **Para chegar à perfeição e à felicidade suprema, que é o objetivo final de todos os homens, o Espírito deve passar pela série de todos os mundos que existem no universo?**

> « Não, pois há muitos mundos que estão no mesmo grau, e nos quais o Espírito não aprenderia nada de novo. »

– Como explicar, então, a pluralidade de suas existências no mesmo globo?

> « Ele pode se encontrar ali, a cada vez, em situações muito diferentes, que são para ele outras tantas oportunidades de adquirir experiência. »

178. **Os Espíritos podem reviver corporalmente em um mundo relativamente inferior àquele em que já viveram?**

> « Sim, quando têm uma missão a cumprir para ajudar no progresso, e então aceitam com alegria as tribulações dessa existência, porque elas lhes fornecem um meio de avançar. »

– Isso não pode acontecer também por expiação, e Deus não pode enviar Espíritos rebeldes a mundos inferiores?

> « Os Espíritos podem permanecer parados, mas não retrocedem, e então sua punição é não avançar e recomeçar as existências mal aproveitadas no meio que convém à sua natureza. »

– Quais são os que devem recomeçar a mesma existência?

> « Os que falham em sua missão ou em suas provas. »

179. **Os seres que habitam cada mundo chegaram todos ao mesmo grau de perfeição?**

> « Não; é como na Terra: há os mais e os menos adiantados. »

180. **Ao passar deste mundo para outro, o Espírito conserva a inteligência que tinha neste?**

> « Sem dúvida, a inteligência não se perde, mas ele pode não ter os mesmos meios de manifestá-la; isso depende de sua superioridade e do estado do corpo que tomará. » (Ver Influência do organismo).

181. **Os seres que habitam os diferentes mundos têm corpos semelhantes aos nossos?**

> « Sem dúvida têm corpos, porque é preciso que o Espírito esteja revestido de matéria para agir sobre a matéria; mas esse envoltório é mais ou menos material conforme o grau de pureza a que os Espíritos chegaram, e é isso que faz a diferença entre os mundos que devemos percorrer; pois há várias moradas na casa de nosso Pai e, portanto, vários graus. Alguns sabem disso e têm consciência disso nesta Terra, e com outros não acontece de modo algum o mesmo. »

182. Podemos conhecer exatamente o estado físico e moral dos diferentes mundos?

> « Nós, Espíritos, só podemos responder de acordo com o grau em que vocês se encontram; isto é, não devemos revelar essas coisas a todos, porque nem todos estão em condições de compreendê-las, e isso os perturbaria. »

À medida que o Espírito se purifica, o corpo que ele reveste também se aproxima da natureza espiritual. A matéria é menos densa, ele já não se arrasta penosamente pela superfície do solo, as necessidades físicas são menos grosseiras, os seres vivos já não precisam se destruir uns aos outros para se alimentar. O Espírito é mais livre e tem, das coisas distantes, percepções que nos são desconhecidas; vê pelos olhos do corpo o que nós só vemos pelo pensamento. A purificação dos Espíritos traz o aperfeiçoamento moral aos seres nos quais estão encarnados. As paixões animais enfraquecem, e o egoísmo dá lugar ao sentimento fraterno. É assim que, nos mundos superiores à Terra, as guerras são desconhecidas; os ódios e as discórdias não têm motivo ali, porque ninguém pensa em prejudicar seu semelhante. A intuição que têm de seu futuro, a segurança que lhes dá uma consciência livre de remorsos, fazem com que a morte não lhes cause nenhuma apreensão; eles a veem chegar sem medo e como uma simples transformação. A duração da vida, nos diferentes mundos, parece ser proporcional ao grau de superioridade física e moral desses mundos, e isso é perfeitamente racional. Quanto menos material é o corpo, menos está sujeito às vicissitudes que o desorganizam; quanto mais puro é o Espírito, menos paixões tem que o corroam. Esse é mais um benefício da Providência, que assim quer abreviar os sofrimentos.

183. **Ao passar de um mundo a outro, o Espírito passa por uma nova infância?**

> « A infância é, em toda parte, uma transição necessária, mas não é em toda parte tão desprovida de inteligência como entre vocês. »

184. **O Espírito pode escolher o novo mundo que deve habitar?**

> « Nem sempre, mas pode pedi-lo, e pode consegui-lo se merecer; pois os mundos só são acessíveis aos Espíritos conforme o grau de sua elevação. »

– Se o Espírito não pede nada, o que determina o mundo em que será reencarnado?

> « O grau de sua elevação. »

185. **O estado físico e moral dos seres vivos é perpetuamente o mesmo em cada globo?**

> « Não; os mundos também estão sujeitos à lei do progresso. Todos começaram, como o de vocês, em um estado inferior, e a própria Terra passará por uma transformação semelhante; ela se tornará um paraíso terrestre quando os homens se tornarem bons. »

É assim que as raças que hoje povoam a Terra desaparecerão um dia e serão substituídas por seres cada vez mais perfeitos; essas raças transformadas sucederão à raça atual, assim como esta sucedeu a outras ainda mais grosseiras.

186. **Há mundos em que o Espírito, deixando de habitar um corpo material, só tem como envoltório o perispírito?**

> « Sim, e esse próprio envoltório se torna tão etéreo que, para vocês, é como se não existisse; esse é, então, o estado dos Espíritos puros. »

– Parece resultar disso que não há uma demarcação nítida entre o estado das últimas encarnações e o de Espírito puro?

> « Essa demarcação não existe; a diferença, apagando-se pouco a pouco, torna-se imperceptível, como a noite que se apaga diante das primeiras claridades do dia. »

187. **A substância do perispírito é a mesma em todos os globos?**

> « Não; ela é mais ou menos etérea. Ao passar de um mundo a outro, o Espírito se reveste da matéria própria de cada um; isso dura tão pouco quanto um relâmpago. »

188. **Os Espíritos puros habitam mundos especiais, ou estão no espaço universal sem estarem ligados a um globo mais do que a outro?**

> « Os Espíritos puros habitam certos mundos, mas não ficam confinados neles como os homens na Terra; podem, melhor que os outros, estar em toda parte. »

Transmigração progressiva

189. **Desde o início de sua formação, o Espírito desfruta da plenitude de suas faculdades?**

> « Não, pois o Espírito, como o homem, também tem sua infância. Em sua origem, os Espíritos têm apenas uma existência instintiva e mal têm consciência de si mesmos e de seus atos; só pouco a pouco a inteligência se desenvolve. »

190. **Qual é o estado da alma em sua primeira encarnação?**

> « O estado da infância na vida corporal; sua inteligência mal começa a desabrochar: ela ensaia seus primeiros passos na vida. »

191. **As almas dos nossos selvagens são almas no estado de infância?**

> « Infância relativa; mas são almas já desenvolvidas; eles têm paixões. »

– **As paixões são, então, um sinal de desenvolvimento?**

> « De desenvolvimento, sim, mas não de perfeição; elas são um sinal de atividade e da consciência do eu; enquanto na alma primitiva a inteligência e a vida estão em estado de germe. »

A vida do Espírito, em seu conjunto, percorre as mesmas fases que vemos na vida corporal; ele passa gradualmente do estado de embrião ao de infância, para chegar, por uma sucessão de períodos, ao estado adulto, que é o da perfeição, com a diferença de que não tem declínio nem decrepitude como na vida corporal; de que sua vida, que teve um começo, não terá fim; de que precisa de um tempo imenso, do nosso ponto de vista, para passar da infância espírita a um desenvolvimento completo, e seu progresso se realiza, não em uma única esfera, mas passando por diversos mundos. A vida do Espírito se compõe, assim, de uma série de existências corporais, cada uma das quais é para ele uma oportunidade de progresso, como cada existência corporal se compõe de uma série de dias, em cada um dos quais o homem adquire um acréscimo de experiência e de instrução. Mas, assim como na vida do homem há dias que não dão fruto algum, na do Espírito há existências corporais que não dão resultado, porque ele não soube aproveitá-las.

192. **É possível, já nesta vida, por meio de uma conduta perfeita, superar todos os graus e tornar-se Espírito puro sem passar por outros estágios intermediários?**

> « Não, pois aquilo que o homem considera perfeito está longe da perfeição; há qualidades que ele desconhece e não pode compreender. Ele pode ser tão perfeito quanto sua natureza terrestre permite, mas isso não é a perfeição absoluta. Da mesma forma, uma criança, por mais precoce que seja, deve passar pela juventude antes de chegar à idade madura; da mesma forma também o doente passa pela convalescença antes de recuperar toda a saúde. Além disso, o Espírito deve avançar em conhecimento e em moralidade; se progrediu apenas em um sentido, precisa progredir em outro para alcançar o alto da escala; mas quanto mais o homem avança em sua vida presente, menos longas e penosas são as provas seguintes. »

– O homem pode ao menos garantir, já nesta vida, uma existência futura menos cheia de amargura?

> « Sim, sem dúvida, ele pode diminuir a extensão e as dificuldades do caminho. Só o descuidado se encontra sempre no mesmo ponto. »

193. **Um homem, em suas novas existências, pode descer a um nível inferior àquele em que estava?**

> « Quanto à posição social, sim; como Espírito, não. »

194. **A alma de um homem de bem pode, em uma nova encarnação, animar o corpo de um criminoso?**

> « Não, pois ela não pode degenerar. »

– A alma de um homem perverso pode tornar-se a de um homem de bem?

> « Sim, se ele se arrependeu, e então isso é uma recompensa. »

A marcha dos Espíritos é progressiva e nunca retrógrada; eles se elevam gradualmente na hierarquia e não descem da posição à qual chegaram. Em suas diferentes existências corporais, podem descer como homens, mas não como Espíritos.

Assim, a alma de um poderoso da Terra pode mais tarde animar o mais humilde artesão, e vice-versa; pois as posições entre os homens estão muitas vezes na razão inversa da elevação dos sentimentos morais. Herodes era rei, e Jesus, carpinteiro.

195. **A possibilidade de melhorar em outra existência não pode levar certas pessoas a persistir em um mau caminho, pensando que sempre poderão se corrigir mais tarde?**

> « Quem pensa assim não acredita em nada, e a ideia de um castigo eterno tampouco o contém, porque sua razão a rejeita, e essa ideia leva à incredulidade em relação a todas as coisas. Se tivessem sido empregados apenas meios racionais para conduzir os homens, não haveria tantos céticos. Um Espírito imperfeito pode, de fato, pensar como você diz durante sua vida corporal; mas, uma vez liberto da matéria, pensa de outra forma, pois logo percebe que fez um cálculo errado, e é então que traz um sentimento contrário para uma nova existência. É assim que o progresso se realiza, e é por isso que vocês têm na Terra homens mais adiantados do que outros; uns já têm uma experiência que outros ainda não têm, mas que adquirirão pouco a pouco. Depende deles acelerar seu progresso ou adiá-lo indefinidamente. »

O homem que está em uma situação ruim deseja mudá-la o mais cedo possível. Quem está convencido de que as tribulações desta vida são consequência de suas imperfeições procurará garantir uma nova existência menos penosa; e esse pensamento o afastará mais do caminho do mal do que o do fogo eterno em que não acredita.

196. **Como os Espíritos só podem melhorar passando pelas tribulações da existência corporal, disso se concluiria que a vida material seria uma espécie de peneira ou de instrumento de purificação, pelo qual devem passar os seres do mundo espírita para chegar à perfeição?**

> « Sim, é exatamente isso. Eles melhoram nessas provas evitando o mal e praticando o bem. Mas é só depois de várias encarnações ou purificações sucessivas que alcançam, em um tempo mais ou menos longo, conforme seus esforços, o objetivo a que aspiram. »

– É o corpo que influencia o Espírito para melhorá-lo, ou o Espírito que influencia o corpo?

> « Seu Espírito é tudo; seu corpo é uma roupa que apodrece: isso é tudo. »

Encontramos uma comparação material dos diferentes graus de purificação da alma no suco da uva. Ele contém o líquido chamado espírito ou álcool, mas enfraquecido por uma multidão de matérias estranhas que alteram sua essência; esse líquido só chega à pureza absoluta depois de várias destilações, em cada uma das quais se livra de alguma impureza.

O alambique é o corpo no qual ele deve entrar para se purificar; as matérias estranhas são como o perispírito, que também se purifica à medida que o Espírito se aproxima da perfeição.

Destino das crianças após a morte

197. **O Espírito de uma criança que morreu em tenra idade é tão adiantado quanto o de um adulto?**

> « Às vezes, muito mais, pois ele pode ter vivido muito mais e ter mais experiência, sobretudo se progrediu. »

– O Espírito de uma criança pode, assim, ser mais adiantado do que o de seu pai?

> « Isso é muito frequente; vocês mesmos não veem isso muitas vezes na Terra? »

198. **Como a criança que morre em tenra idade não pôde fazer o mal, seu Espírito pertence aos graus superiores?**

> « Se não fez o mal, também não fez o bem, e Deus não a dispensa das provas pelas quais deve passar. Se é pura, não é porque era criança, mas porque era mais adiantada. »

199. **Por que a vida é muitas vezes interrompida já na infância?**

> « A duração da vida da criança pode ser, para o Espírito que está encarnado nela, o complemento de uma existência interrompida antes do prazo desejado, e sua morte é muitas vezes uma prova ou uma expiação para os pais. »

– O que acontece com o Espírito de uma criança que morre em tenra idade?

> « Ele recomeça uma nova existência. »

Se o homem tivesse apenas uma existência, e se depois dessa existência seu destino futuro fosse fixado por toda a eternidade, qual seria o mérito da metade da espécie humana que morre em tenra idade para desfrutar sem esforços da felicidade eterna, e com que direito ela seria dispensada das condições muitas vezes tão duras impostas à outra metade? Tal ordem de coisas não poderia estar de acordo com a justiça de Deus. Pela reencarnação, a igualdade é para todos; o futuro pertence a todos, sem exceção e sem favorecimento de ninguém; os que chegam por último só podem culpar a si mesmos. O homem deve ter o mérito de seus atos, assim como tem a responsabilidade por eles. Além disso, não é racional considerar a infância como um estado normal de inocência. Não se veem crianças dotadas dos piores instintos em uma idade na qual a educação ainda não pôde exercer sua influência? Não se veem algumas que parecem trazer, ao nascer, a astúcia, a falsidade, a perfídia, até mesmo o instinto do roubo e do assassinato, e isso apesar dos bons exemplos que as cercam? A lei civil absolve seus delitos porque, diz ela, agiram sem discernimento; ela tem razão, pois de fato agem mais por instinto do que por intenção deliberada; mas de onde podem vir esses instintos tão diferentes em crianças da mesma idade, criadas nas mesmas condições e sujeitas às mesmas influências? De onde vem essa perversidade precoce, senão da inferioridade do Espírito, já que a educação nada tem a ver com isso? Se algumas têm vícios, é por-

que seu espírito progrediu menos, e então ele sofre as consequências, não por seus atos de criança, mas pelos de suas existências anteriores, e é assim que a lei é a mesma para todos e que a justiça de Deus alcança todo mundo.

Sexos entre os Espíritos

200. Os Espíritos têm sexo?

> « Não como vocês entendem, pois os sexos dependem da constituição orgânica. Há entre eles amor e simpatia, mas baseados na semelhança dos sentimentos. »

201. O Espírito que animou o corpo de um homem pode, em uma nova existência, animar o de uma mulher, e vice-versa?

> « Sim, são os mesmos Espíritos que animam os homens e as mulheres. »

202. Quando se é Espírito, prefere-se encarnar no corpo de um homem ou de uma mulher?

> « Isso pouco importa ao Espírito; depende das provas pelas quais deve passar. »

Os Espíritos encarnam como homens ou mulheres porque não têm sexo; como devem progredir em tudo, cada sexo, assim como cada posição social, oferece a eles provas e deveres específicos e a oportunidade de adquirir experiência. Quem fosse sempre homem só saberia o que os homens sabem.

Parentesco, filiação

203. **Os pais transmitem aos filhos uma porção de sua alma, ou apenas lhes dão a vida animal, à qual uma nova alma vem mais tarde acrescentar a vida moral?**

> « Apenas a vida animal, pois a alma é indivisível. Um pai pouco inteligente pode ter filhos inteligentes, e vice-versa. »

204. **Já que tivemos várias existências, o parentesco remonta a antes de nossa existência atual?**

> « Não pode ser de outra forma. A sucessão das existências corporais estabelece entre os Espíritos laços que remontam às suas existências anteriores; daí vêm muitas vezes as causas da simpatia entre vocês e certos Espíritos que lhes parecem estranhos. »

205. **Aos olhos de certas pessoas, a doutrina da reencarnação parece destruir os laços de família ao fazê-los remontar a antes da existência atual.**

> « Ela os amplia, mas não os destrói. Sendo o parentesco baseado em afetos anteriores, os laços que unem os membros de uma mesma família são menos precários. Ela aumenta os deveres da fraternidade, pois em seu vizinho, ou em seu criado, pode estar um Espírito que esteve ligado a vocês pelos laços de sangue. »

– Ela diminui, porém, a importância que alguns atribuem à sua ascendência, pois se pode ter tido como pai um Espírito que pertenceu a uma raça inteiramente diferente, ou que viveu em uma condição inteiramente diferente.

> « É verdade, mas essa importância se baseia no orgulho; o que a maioria honra em seus antepassados são os títulos, a posição, a fortuna. Há quem se envergonharia de ter tido como avô um sapateiro honesto, mas se gabaria de descender de um nobre devasso. Contudo, digam ou façam o que quiserem, não impedirão que as coisas sejam como são, pois Deus não ajustou as leis da natureza à vaidade deles. »

206. **Do fato de não haver filiação entre os Espíritos dos descendentes de uma mesma família, segue-se que o culto aos antepassados seja uma coisa ridícula?**

> « Certamente não, pois devemos ficar felizes por pertencer a uma família na qual Espíritos elevados se encarnaram. Embora os Espíritos não se originem uns dos outros, nem por isso têm menos afeto por aqueles que estão ligados a eles pelos laços de família, pois esses Espíritos muitas vezes são atraídos para esta ou aquela família por razões de afinidade ou por laços anteriores; mas tenham certeza de que os Espíritos de seus antepassados de modo algum se sentem honrados pelo culto que vocês lhes prestam por orgulho; o mérito deles só se reflete em vocês na medida em que se esforçam para seguir os bons exemplos que eles lhes deram, e só então a lembrança que vocês guardam deles pode não apenas lhes ser agradável, mas até lhes ser útil. »

Semelhanças físicas e morais

207. **Os pais muitas vezes transmitem aos filhos uma semelhança física. Também lhes transmitem uma semelhança moral?**

> « Não, pois eles têm almas ou Espíritos diferentes. O corpo se origina do corpo, mas o Espírito não se origina do Espírito. Entre os descendentes das raças, há apenas consanguinidade. »

– De onde vêm as semelhanças morais que às vezes existem entre os pais e seus filhos?

> « São Espíritos afins, atraídos pela semelhança de suas inclinações. »

208. **O Espírito dos pais não exerce influência sobre o da criança depois de seu nascimento?**

> « Exerce uma influência muito grande; como dissemos, os Espíritos devem contribuir para o progresso uns dos outros. Pois bem! O Espírito dos pais tem a missão de desenvolver o de seus filhos pela educação; essa é uma tarefa sua: se falhar nela, será culpado. »

209. **Por que pais bons e virtuosos dão à luz filhos de natureza perversa? Em outras palavras, por que as boas qualidades dos pais nem sempre atraem, por afinidade, um bom Espírito para animar seu filho?**

> « Um mau Espírito pode pedir bons pais, na esperança de que seus conselhos o conduzam por um caminho melhor, e muitas vezes Deus o confia a eles. »

210. **Os pais podem, por seus pensamentos e suas preces, atrair para o corpo da criança um bom Espírito em vez de um Espírito inferior?**

> « Não, mas podem melhorar o Espírito da criança que fizeram nascer e que lhes foi confiada: esse é seu dever; filhos maus são uma prova para os pais. »

211. **De onde vem a semelhança de caráter que muitas vezes existe entre dois irmãos, sobretudo entre gêmeos?**

> « Espíritos afins que se aproximam pela semelhança de seus sentimentos e que ficam felizes por estarem juntos. »

212. **Nas crianças cujos corpos estão unidos e que têm certos órgãos em comum, há dois Espíritos, em outras palavras, duas almas?**

> « Sim, mas a semelhança entre eles muitas vezes faz com que pareçam um só aos seus olhos. »

213. **Já que os Espíritos se encarnam nos gêmeos por afinidade, de onde vem a aversão que às vezes se vê entre eles?**

> « Não é uma regra que os gêmeos tenham apenas Espíritos afins; Espíritos maus podem querer lutar juntos no palco da vida. »

214. **O que pensar das histórias de crianças que lutam no ventre da mãe?**

> « É uma figura de linguagem! Para retratar que seu ódio era arraigado, fazem com que ele remonte a antes de seu nascimento. Em geral, vocês não levam suficientemente em conta as figuras poéticas. »

215. **De onde vem o caráter próprio que se observa em cada povo?**

> « Os Espíritos também têm famílias formadas pela semelhança de suas inclinações, mais ou menos purificadas conforme sua elevação. Pois bem! Um povo é uma grande família na qual se reúnem Espíritos afins. A tendência dos membros dessas famílias a se unirem é a origem da semelhança que existe no caráter próprio de cada povo. Você acredita que Espíritos bons e humanos procurarão um povo duro e grosseiro? Não; os Espíritos têm afinidade com as massas, assim como têm afinidade com os indivíduos; ali, estão em seu meio. »

216. O homem conserva, em suas novas existências, traços do caráter moral de suas existências anteriores?

> « Sim, isso pode acontecer; mas, ao melhorar, ele muda. Sua posição social também pode já não ser a mesma; se de senhor ele se tornar escravo, seus gostos serão inteiramente diferentes, e vocês teriam dificuldade em reconhecê-lo. Sendo o Espírito o mesmo nas diversas encarnações, suas manifestações podem ter, de uma para outra, certas analogias, modificadas, porém, pelos hábitos de sua nova posição, até que um aperfeiçoamento considerável tenha mudado inteiramente seu caráter, pois de orgulhoso e mau ele pode se tornar humilde e humano, se tiver se arrependido. »

217. O homem, em suas diferentes encarnações, conserva traços do caráter físico das existências anteriores?

> « O corpo é destruído, e o novo não tem nenhuma relação com o antigo. Contudo, o Espírito se reflete no corpo; certamente, o corpo é apenas matéria, mas, apesar disso, é moldado segundo as capacidades do Espírito, que lhe imprime um certo caráter, principalmente no rosto, e foi com razão que se chamou os olhos de espelho da alma; isto é, o rosto, mais particularmente, reflete a alma; pois uma pessoa extremamente feia tem, ainda assim, algo que agrada quando é o envoltório de um Espírito bom, sábio e humano, enquanto há rostos muito belos que não fazem você sentir nada, pelos quais você sente até repulsa. Você poderia acreditar que apenas os corpos bem formados são o envoltório dos Espíritos mais perfeitos, embora encontre todos os dias pessoas de bem sob uma aparência disforme. Sem haver uma semelhança acentuada, a semelhança dos gostos e das inclinações pode, portanto, dar o que se chama um ar de família. »

Como o corpo que a alma reveste em uma nova encarnação não tem nenhuma relação necessária com aquele que ela deixou, pois pode recebê-lo de uma linhagem inteiramente diferente, seria absurdo concluir que houve uma sucessão de existências a partir de uma semelhança que é apenas fortuita. Contudo, as qualidades do Espírito muitas vezes modificam os órgãos que servem às suas manifestações e imprimem no rosto, e até no conjunto dos modos, uma marca própria. É assim que, sob o envoltório mais humilde, pode-se encontrar a expressão da grandeza e da dignidade, enquanto sob a roupa do grande senhor às vezes se vê a da baixeza e da ignomínia. Certas pessoas saídas da posição mais baixa adotam sem esforço

os hábitos e os modos da alta sociedade. Parece que ali reencontram seu ambiente, enquanto outras, apesar de seu nascimento e de sua educação, estão sempre deslocadas. Como explicar esse fato senão como um reflexo do que foi o Espírito?

Ideias inatas

218. **O Espírito encarnado não conserva nenhum traço das percepções que teve e dos conhecimentos que adquiriu em suas existências anteriores?**

> « Resta-lhe uma vaga lembrança que lhe dá o que se chama de ideias inatas. »

– **A teoria das ideias inatas não é, portanto, uma quimera?**

> « Não, os conhecimentos adquiridos em cada existência não se perdem; o Espírito, liberto da matéria, sempre se lembra deles. Durante a encarnação, ele pode esquecê-los parcialmente por algum tempo, mas a intuição que lhe resta deles ajuda em seu avanço; sem isso, seria preciso sempre recomeçar. A cada nova existência, o Espírito toma como ponto de partida aquele em que havia parado em sua existência anterior. »

– **Deve haver, assim, uma grande ligação entre duas existências sucessivas?**

> « Nem sempre tão grande quanto você poderia acreditar, pois as posições muitas vezes são bem diferentes, e, no intervalo, o Espírito pode ter progredido. » (216).

219. **Qual é a origem das faculdades extraordinárias dos indivíduos que, sem estudo prévio, parecem ter a intuição de certos conhecimentos, como as línguas, o cálculo etc.?**

> « Lembrança do passado; progresso anterior da alma, mas do qual o próprio indivíduo não tem consciência. De onde você quer que elas venham? O corpo muda, mas o Espírito não muda, embora troque de roupa. »

220. **Ao mudar de corpo, pode-se perder certas faculdades intelectuais, deixar de ter, por exemplo, o gosto pelas artes?**

> « Sim, se essa inteligência foi maculada, ou se foi feito mau uso dela. Uma faculdade pode, além disso, ficar adormecida durante uma existência, porque o Espírito quer exercer outra que não tem relação com ela; então, ela permanece em estado latente para reaparecer mais tarde. »

221. **É a uma lembrança retrospectiva que o homem deve, mesmo no estado selvagem, o sentimento instintivo da existência de Deus e o pressentimento da vida futura?**

> « É uma lembrança que ele conservou do que sabia como Espírito antes de se encarnar; mas o orgulho muitas vezes sufoca esse sentimento. »

– É a essa mesma lembrança que se devem certas crenças relativas à doutrina espírita e que se encontram em todos os povos?

> « Essa doutrina é tão antiga quanto o mundo; por isso ela se encontra em toda parte, e essa é uma prova de que é verdadeira. O Espírito encarnado, conservando a intuição de seu estado de Espírito, tem a consciência instintiva do mundo invisível, mas muitas vezes ela é distorcida pelos preconceitos, e a ignorância mistura a ela a superstição. »

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO II, CAP. V — CONSIDERAÇÕES SOBRE A PLURALIDADE DAS EXISTÊNCIAS

✦

222. O dogma da reencarnação, dizem algumas pessoas, não é novo; foi ressuscitado de Pitágoras. Nunca dissemos que a doutrina espírita fosse uma invenção moderna; sendo o espiritismo uma lei da natureza, deve ter existido desde a origem dos tempos, e sempre nos esforçamos para provar que encontramos seus vestígios na mais remota Antiguidade. Pitágoras, como se sabe, não é o autor do sistema da metempsicose; ele o buscou entre os filósofos indianos e os egípcios, entre os quais existia desde tempos imemoriais. A ideia da transmigração das almas era, portanto, uma crença comum, aceita pelos homens mais eminentes. Por que caminho lhes chegou? Por revelação ou por intuição? Não sabemos; mas, seja como for, uma ideia não atravessa os séculos nem é aceita pelas inteligências de elite sem ter um lado sério. A antiguidade dessa doutrina seria, portanto, mais uma prova do que uma objeção. Contudo, como também se sabe, há, entre a metempsicose dos antigos e a doutrina moderna da reencarnação, esta grande diferença: os Espíritos rejeitam da maneira mais absoluta a transmigração do homem para os animais, e vice-versa.

Os Espíritos, ao ensinarem o dogma da pluralidade das existências corporais, renovam, portanto, uma doutrina que nasceu nos primeiros tempos do mundo e que se conservou até nossos dias no pensamento íntimo de muitas pessoas; apenas a apresentam sob um ponto de vista mais racional, mais conforme às leis progressivas da natureza e mais em harmonia com a sabedoria do Criador, despojando-a de todos os elementos acessórios da superstição. Uma circunstância digna de nota é que não foi somente neste livro que eles a ensinaram nestes últimos tempos: desde antes de sua publicação, numerosas comunicações da mesma natureza foram obtidas em diversas regiões, e desde então se multiplicaram consideravelmente. Talvez fosse o caso de examinar aqui por que todos os Espíritos não parecem

concordar sobre esse ponto; voltaremos a isso mais tarde.

Examinemos a questão sob outro ponto de vista e, deixando de lado toda intervenção dos Espíritos, afastemo-los por um instante; suponhamos que essa teoria não seja obra deles; suponhamos até que nunca se tenha falado em Espíritos. Coloquemo-nos, portanto, por um momento, em terreno neutro, admitindo com o mesmo grau de probabilidade ambas as hipóteses, a saber: a pluralidade e a unicidade das existências corporais, e vejamos para que lado nos levarão a razão e nosso próprio interesse.

Algumas pessoas rejeitam a ideia da reencarnação pelo simples motivo de que ela não lhes convém, dizendo que uma existência já lhes basta e que não gostariam de recomeçar outra semelhante; conhecemos pessoas que ficam furiosas só de pensar em reaparecer na Terra. Temos apenas uma coisa a lhes perguntar: se pensam que Deus lhes pediu opinião e consultou suas preferências para ordenar o universo. Ora, de duas coisas, uma: ou a reencarnação existe, ou não existe; se existe, por mais que as contrarie, terão de se submeter a ela, pois Deus não lhes pedirá permissão. Parece-nos ouvir um doente dizer: «Já sofri bastante hoje, não quero mais sofrer amanhã.» Por maior que seja seu mau humor, nem por isso deixará de sofrer no dia seguinte e nos outros dias, até que esteja curado; portanto, se tiverem de reviver corporalmente, reviverão, reencarnarão; por mais que se revoltem, como uma criança que não quer ir à escola ou um condenado na prisão, terão de passar por isso. Semelhantes objeções são infantis demais para merecer um exame mais sério. Diremos a essas pessoas, no entanto, para tranquilizá-las, que a doutrina espírita sobre a reencarnação não é tão terrível quanto acreditam e que, se a tivessem estudado a fundo, não ficariam tão assustadas; saberiam que a condição dessa nova existência depende delas: será feliz ou infeliz conforme o que tiverem feito aqui na

Terra, e podem, desde esta vida, elevar-se tanto que não terão mais de temer cair de novo no lodaçal.

Supomos que falamos a pessoas que acreditam em algum futuro depois da morte, e não àquelas que têm o nada como perspectiva ou que querem afogar sua alma num todo universal, sem individualidade, como as gotas de chuva no Oceano, o que dá praticamente no mesmo. Se, portanto, vocês acreditam em algum futuro, certamente não admitem que ele seja igual para todos; caso contrário, para que serviria o bem? Por que se conter? Por que não satisfazer todas as paixões, todos os desejos, mesmo à custa dos outros, já que isso não faria diferença alguma? Vocês acreditam que esse futuro será mais ou menos feliz ou infeliz conforme o que tivermos feito durante a vida; têm, então, o desejo de ser nele tão felizes quanto possível, já que deverá durar pela eternidade? Teriam, por acaso, a pretensão de ser um dos homens mais perfeitos que já existiram na Terra e, assim, ter direito imediato à felicidade suprema dos eleitos? Não. Admitem, assim, que há homens melhores do que vocês e que têm direito a um lugar melhor, sem que por isso vocês estejam entre os condenados. Pois bem! Coloquem-se por um instante, em pensamento, nessa situação intermediária que será a de vocês, já que acabam de concordar com isso, e suponham que alguém venha lhes dizer: «Vocês sofrem, não são tão felizes quanto poderiam ser, enquanto têm diante de si seres que desfrutam de uma felicidade sem mistura; querem trocar sua posição pela deles?» – Sem dúvida, dirão vocês; o que é preciso fazer? – Quase nada: recomeçar o que fizeram mal e procurar fazer melhor. – Hesitariam em aceitar, mesmo ao preço de várias existências de provação? Façamos uma comparação mais prosaica. Se a um homem que, sem estar na mais extrema miséria, ainda assim sofre privações pela escassez de seus recursos, alguém viesse

dizer: «Aqui está uma imensa fortuna, você pode desfrutá-la; para isso, precisa trabalhar duro durante um minuto.» Ainda que fosse o mais preguiçoso da Terra, ele diria sem hesitar: «Trabalhemos um minuto, dois minutos, uma hora, um dia, se for preciso; o que é isso para terminar minha vida na abundância?» Ora, o que é a duração da vida corporal em comparação com a eternidade? Menos de um minuto, menos de um segundo.

Ouvimos este raciocínio: Deus, que é soberanamente bom, não pode impor ao homem que recomece uma série de misérias e tribulações. Será que se consideraria, por acaso, haver mais bondade em condenar o homem a um sofrimento perpétuo por alguns momentos de erro do que em lhe dar os meios de reparar suas faltas? «Dois fabricantes tinham, cada um, um operário que podia aspirar a se tornar sócio do patrão. Aconteceu que esses dois operários, certa vez, empregaram muito mal seu dia de trabalho e mereceram ser demitidos. Um dos fabricantes mandou seu operário embora apesar de suas súplicas, e este, não tendo encontrado trabalho, morreu de miséria. O outro disse ao seu: Você perdeu um dia, deve-me outro em compensação; fez mal seu trabalho, deve-me a reparação; permito que o recomece; procure fazer bem e eu o manterei, e você poderá continuar aspirando à posição superior que lhe prometi.» É preciso perguntar qual dos dois fabricantes foi mais humano? Deus, que é a própria clemência, seria mais inflexível do que um homem? O pensamento de que nosso destino está para sempre fixado por alguns anos de provação, mesmo quando nem sempre dependeu de nós alcançar a perfeição na Terra, tem algo de desolador, enquanto a ideia contrária é profundamente consoladora: deixa-nos a esperança. Assim, sem nos pronunciarmos a favor ou contra a pluralidade das existências, sem admitirmos uma hipótese de preferência

à outra, dizemos que, se tivéssemos escolha, ninguém preferiria um julgamento sem possibilidade de recurso. Um filósofo disse que, se Deus não existisse, seria preciso inventá-lo para a felicidade do gênero humano; poderíamos dizer o mesmo da pluralidade das existências. Mas, como dissemos, Deus não nos pede permissão; não consulta nossas preferências; isso existe ou não existe; vejamos de que lado estão as probabilidades e consideremos a questão sob outro ponto de vista, sempre deixando de lado o ensinamento dos Espíritos e tratando-a unicamente como estudo filosófico.

Se não há reencarnação, há apenas uma existência corporal, isso é evidente; se nossa existência corporal atual é a única, a alma de cada homem é criada no seu nascimento, a menos que se admita a existência anterior da alma, caso em que se perguntaria o que era a alma antes do nascimento e se esse estado não constituía uma existência sob alguma forma. Não há meio-termo: ou a alma existia, ou não existia antes do corpo; se existia, qual era sua situação? Tinha ou não consciência de si mesma? Se não tinha consciência, é quase como se não existisse; se tinha sua individualidade, progredia ou permanecia estacionária; em ambos os casos, a que grau havia chegado ao entrar no corpo? Admitindo, segundo a crença comum, que a alma nasce com o corpo ou, o que dá no mesmo, que antes de sua encarnação só tem faculdades em estado negativo, fazemos as seguintes perguntas:

1. Por que a alma apresenta aptidões tão diversas e independentes das ideias adquiridas pela educação?
2. De onde vem a aptidão fora do normal de certas crianças de pouca idade para determinada arte ou ciência, enquanto outras permanecem inferiores ou medíocres durante toda a vida?

3. De onde vêm, em uns, as ideias inatas ou intuitivas que não existem em outros?

4. De onde vêm, em certas crianças, esses instintos precoces de vícios ou virtudes, esses sentimentos inatos de dignidade ou baixeza que contrastam com o meio em que nasceram?

5. Por que certos homens, deixando de lado a educação, são mais adiantados do que outros?

6. Por que há selvagens e homens civilizados? Se vocês pegarem uma criança hotentote ainda de peito e a educarem em nossos colégios mais renomados, conseguirão algum dia fazer dela um Laplace ou um Newton?

Perguntamos: qual é a filosofia ou a teosofia capaz de resolver esses problemas? Ou as almas, ao nascer, são iguais, ou são desiguais, disso não há dúvida. Se são iguais, por que essas aptidões tão diversas? Dirão que isso depende do organismo? Mas então essa é a doutrina mais monstruosa e mais imoral. O homem passa a ser apenas uma máquina, um brinquedo da matéria; deixa de ter responsabilidade por seus atos; pode atribuir tudo às suas imperfeições físicas. Se são desiguais, é porque Deus as criou assim; mas, então, por que essa superioridade inata concedida a alguns? Essa parcialidade está de acordo com sua justiça e com o igual amor que dedica a todas as suas criaturas?

Admitamos, ao contrário, uma sucessão de existências anteriores progressivas, e tudo estará explicado. Os homens trazem, ao nascer, a intuição do que adquiriram; são mais ou menos adiantados conforme o número de existências que percorreram, conforme estejam mais ou menos distantes do ponto de partida: exatamente como numa reunião de indivíduos de todas as idades, cada um terá um desenvolvimento proporcional ao número de anos que tiver vivido; as existências sucessivas serão, para a vida da

alma, o que os anos são para a vida do corpo. Reúnam um dia mil indivíduos, de um a oitenta anos; suponham que um véu seja lançado sobre todos os dias anteriores e que, na ignorância de vocês, acreditem que todos nasceram no mesmo dia: naturalmente se perguntarão como é possível que uns sejam grandes e outros pequenos, uns velhos e outros jovens, uns instruídos e outros ainda ignorantes; mas, se a nuvem que lhes esconde o passado se dissipar, se souberem que todos viveram por mais ou menos tempo, tudo lhes será explicado. Deus, em sua justiça, não poderia criar almas mais ou menos perfeitas; mas, com a pluralidade das existências, a desigualdade que vemos deixa de ter qualquer coisa contrária à mais rigorosa equidade: é que vemos apenas o presente, e não o passado. Esse raciocínio se apoia num sistema, numa suposição sem fundamento? Não; partimos de um fato evidente, incontestável: a desigualdade das aptidões e do desenvolvimento intelectual e moral, e consideramos esse fato inexplicável por todas as teorias em circulação; enquanto, por outra teoria, sua explicação é simples, natural e lógica. É racional preferir a que não explica à que explica?

Quanto à sexta pergunta, sem dúvida dirão que o hotentote é de uma raça inferior: então perguntaremos se o hotentote é ou não um homem. Se é um homem, por que Deus privou a ele e à sua raça dos privilégios concedidos à raça caucasiana? Se não é um homem, por que procurar torná-lo cristão? A doutrina espírita é mais ampla do que tudo isso; para ela, não há várias espécies de homens, há apenas homens cujo espírito é mais ou menos atrasado, mas capaz de progredir: isso não está mais de acordo com a justiça de Deus?

Acabamos de ver a alma em seu passado e em seu presente; se a considerarmos em seu futuro, encontraremos as mesmas dificuldades.

1. Se apenas nossa existência atual deve decidir nosso destino futuro, qual é, na vida futura, a posição respectiva do selvagem e do homem civilizado? Estão no mesmo nível ou estão distantes quanto à medida da felicidade eterna?

2. O homem que trabalhou a vida inteira para melhorar está no mesmo nível daquele que permaneceu inferior, não por culpa sua, mas porque não teve tempo nem possibilidade de melhorar?

3. O homem que faz o mal, porque não pôde se esclarecer, está sujeito a responder por uma situação que não dependeu dele?

4. Trabalha-se para esclarecer os homens, para torná-los melhores, para civilizá-los; mas, para cada um que se esclarece, há milhões que morrem todos os dias antes que a luz tenha chegado até eles; qual é o destino destes? São tratados como condenados? Caso contrário, o que fizeram para merecer estar no mesmo nível dos outros?

5. Qual é o destino das crianças que morrem em tenra idade, antes de terem podido fazer o bem ou o mal? Se estão entre os eleitos, por que esse favor, sem terem feito nada para merecê-lo? Por qual privilégio estão livres das tribulações da vida?

Há alguma doutrina capaz de resolver essas questões? Admitam existências consecutivas, e tudo estará explicado de acordo com a justiça de Deus. O que não se pôde fazer numa existência, faz-se em outra; é assim que ninguém escapa à lei do progresso, que cada um será recompensado segundo seu mérito real e que ninguém é excluído da felicidade suprema, à qual pode aspirar, quaisquer que sejam os obstáculos que tenha encontrado em seu caminho.

Essas perguntas poderiam ser multiplicadas ao infinito, pois são incontáveis os problemas psicológicos e morais que só encontram solução na plu-

ralidade das existências; limitamo-nos aos mais gerais. Seja como for, talvez se diga, a doutrina da reencarnação não é aceita pela Igreja; seria, portanto, a ruína da religião. Nosso objetivo não é tratar dessa questão neste momento; basta-nos ter demonstrado que ela é profundamente moral e racional. Ora, o que é moral e racional não pode ser contrário a uma religião que proclama Deus a bondade e a razão por excelência. O que teria acontecido à religião se, contra a opinião universal e o testemunho da ciência, ela tivesse resistido à evidência e expulsado de seu seio quem não acreditasse no movimento do Sol ou nos seis dias da criação? Que crédito teria merecido, e que autoridade teria tido, entre povos esclarecidos, uma religião fundada em erros manifestos apresentados como artigos de fé? Quando a evidência foi demonstrada, a Igreja sabiamente se colocou ao lado dela. Se ficar provado que coisas que existem são impossíveis sem a reencarnação, se certos pontos do dogma só puderem ser explicados por esse meio, será preciso admiti-la e reconhecer que o antagonismo entre essa doutrina e esses dogmas é apenas aparente. Mais tarde, mostraremos que a religião talvez esteja menos distante dela do que se pensa e que não sofreria com ela mais do que sofreu com a descoberta do movimento da Terra e dos períodos geológicos, que, à primeira vista, pareceram desmentir os textos sagrados. O princípio da reencarnação, aliás, se evidencia em várias passagens das Escrituras e se encontra, em especial, formulado de maneira explícita no Evangelho:

> «Quando desciam da montanha (depois da transfiguração). Jesus lhes deu esta ordem e disse: Não falem a ninguém do que acabam de ver, até que o filho do homem tenha ressuscitado dentre os mortos. Seus discípulos então lhe perguntaram: Por que, então, os Escribas dizem que é preciso que Elias venha antes? Mas Jesus lhes respondeu: É ver-

> dade que Elias deve vir e que restabelecerá todas as coisas. Mas eu lhes declaro que Elias já veio, e eles não o reconheceram, mas o fizeram sofrer como quiseram. É assim que farão morrer o filho do homem. Então seus discípulos compreenderam que era de João Batista que ele lhes havia falado.» (São Mateus, cap. xvii).

Já que João Batista era Elias, houve, portanto, reencarnação do Espírito ou da alma de Elias no corpo de João Batista. Aliás, qualquer que seja a opinião que se tenha sobre a reencarnação, quer se aceite, quer não, será preciso passar por ela se existir, apesar de toda crença contrária; o ponto essencial é que o ensinamento dos Espíritos é profundamente cristão; apoia-se na imortalidade da alma, nas penas e recompensas futuras, na justiça de Deus, no livre-arbítrio do homem, na moral do Cristo; portanto, não é antirreligioso. Raciocinamos, como dissemos, deixando de lado todo ensinamento espírita, que, para certas pessoas, não tem autoridade. Se nós e tantos outros adotamos a opinião da pluralidade das existências, não foi apenas porque ela nos vem dos Espíritos, mas porque nos pareceu a mais lógica e porque só ela resolve questões até então insolúveis. Se ela nos tivesse vindo de um simples mortal, nós a teríamos adotado da mesma forma e não teríamos hesitado mais em renunciar às nossas próprias ideias; a partir do momento em que um erro é demonstrado, o amor-próprio tem mais a perder do que a ganhar ao se obstinar numa ideia falsa. Da mesma forma, nós a teríamos rejeitado, embora viesse dos Espíritos, se nos tivesse parecido contrária à razão, como rejeitamos muitas outras; pois sabemos por experiência que não se deve aceitar cegamente tudo o que vem deles, assim como o que vem dos homens. Seu primeiro mérito aos nossos olhos é, portanto, antes de tudo, ser lógica; ela tem outro: ser confirmada pelos fatos, fatos concretos e, por assim dizer, materiais, que um estudo atento e racional pode revelar a qualquer um que se dê ao trabalho de observar com paciência e perseverança, e diante dos quais a dúvida já não é permitida. Quando esses fatos se tornarem conhecidos de todos, como os da formação e do

movimento da Terra, será preciso se render à evidência, e os opositores terão perdido seus esforços de contestação. Reconheçamos, portanto, em resumo, que só a doutrina da pluralidade das existências explica o que, sem ela, é inexplicável; que ela é profundamente consoladora e conforme à mais rigorosa justiça, e que é, para o homem, a âncora de salvação que Deus lhe deu em sua misericórdia. (Ver o capítulo das Contradições.)

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO II, CAP. VI — VIDA ESPÍRITA

✦

Espíritos errantes

223. **A alma se reencarna imediatamente após sua separação do corpo?**

> « Às vezes imediatamente, mas, na maioria das vezes, após intervalos mais ou menos longos. Nos mundos superiores, a reencarnação é quase sempre imediata; como a matéria corporal é menos grosseira, o Espírito encarnado desfruta ali de quase todas as suas faculdades de Espírito; seu estado normal é o dos seus sonâmbulos lúcidos. »

224. **O que acontece com a alma no intervalo entre as encarnações?**

> « É um Espírito errante que anseia por seu novo destino; ele espera. »

– Qual pode ser a duração desses intervalos?

> « De algumas horas a alguns milhares de séculos. Além disso, não há, propriamente falando, um limite máximo estabelecido para o estado errante, que pode se prolongar por muito tempo, mas que, no entanto, nunca é perpétuo; o Espírito sempre encontra, cedo ou tarde, a oportunidade de recomeçar uma existência que serve à purificação de suas existências anteriores. »

– Essa duração depende da vontade do Espírito ou pode ser imposta como expiação?

> « É uma consequência do livre-arbítrio; os Espíritos sabem perfeitamente o que fazem, mas também há aqueles para quem isso é uma punição imposta por Deus; outros pedem para prolongá-la, a fim de se dedicar a estudos que só podem ser feitos com proveito no estado de Espírito. »

225. **A erraticidade é, por si mesma, um sinal de inferioridade entre os Espíritos?**

> « Não, pois há Espíritos errantes de todos os graus. A encarnação é um estado transitório, como já dissemos: em seu estado normal, o Espírito está livre da matéria. »

226. Pode-se dizer que todos os Espíritos que não estão encarnados são errantes?

> « Os que devem se reencarnar, sim; mas os Espíritos puros que chegaram à perfeição não são errantes: seu estado é definitivo. »

Quanto às qualidades íntimas, os Espíritos são de diferentes ordens ou graus que percorrem sucessivamente à medida que se purificam. Quanto ao estado, podem ser: encarnados, isto é, unidos a um corpo; errantes, isto é, livres do corpo material e à espera de uma nova encarnação para se aperfeiçoar; Espíritos puros, isto é, perfeitos e sem mais necessidade de encarnação.

227. De que maneira os Espíritos errantes se instruem? Certamente não o fazem da mesma maneira que nós?

> « Eles estudam seu passado e procuram os meios de se elevar. Veem, observam o que acontece nos lugares que percorrem; ouvem as palavras dos homens esclarecidos e os conselhos dos Espíritos mais elevados que eles, e isso lhes dá ideias que não tinham. »

228. Os Espíritos conservam algumas das paixões humanas?

> « Os Espíritos elevados, ao perderem seu envoltório, deixam as más paixões e guardam apenas a do bem; mas os Espíritos inferiores as conservam; caso contrário, seriam da primeira ordem. »

229. **Por que os Espíritos, ao deixarem a Terra, não deixam nela todas as suas más paixões, já que veem seus inconvenientes?**

> « Você tem neste mundo pessoas que são excessivamente ciumentas; acredita que, assim que o deixam, perdem esse defeito? Depois da partida daqui, resta, sobretudo àqueles que tiveram paixões muito marcadas, uma espécie de atmosfera que os envolve e lhes conserva todas essas coisas ruins, pois o Espírito não está inteiramente livre; só em certos momentos ele entrevê a verdade, como que para lhe mostrar o bom caminho. »

230. **O Espírito progride no estado errante?**

> « Ele pode se aperfeiçoar muito, sempre de acordo com sua vontade e seu desejo; mas é na existência corporal que põe em prática as novas ideias que adquiriu. »

231. **Os Espíritos errantes são felizes ou infelizes?**

> « Mais ou menos, conforme seu mérito. Sofrem com as paixões cujo princípio conservaram, ou então são felizes conforme estejam mais ou menos desmaterializados. No estado errante, o Espírito entrevê o que lhe falta para ser mais feliz; é então que procura os meios de alcançar isso; mas nem sempre lhe é permitido se reencarnar quando deseja, e isso é então uma punição. »

232. **No estado errante, os Espíritos podem ir a todos os mundos?**

> « Depende; quando o Espírito deixou o corpo, nem por isso está inteiramente livre da matéria, e ainda pertence ao mundo onde viveu, ou a um mundo do mesmo grau, a menos que, durante sua vida, tenha se elevado, e esse é o objetivo que deve buscar, pois, sem isso, nunca se aperfeiçoaria. Ele pode, no entanto, ir a certos mundos superiores, mas ali está como estrangeiro; por assim dizer, apenas os entrevê, e é isso que lhe dá o desejo de se aperfeiçoar para ser digno da felicidade de que ali se desfruta e poder habitá-los mais tarde. »

233. **Os Espíritos já purificados vêm aos mundos inferiores?**

> « Vêm muitas vezes para ajudá-los a progredir; sem isso, esses mundos ficariam entregues a si mesmos, sem guias para dirigi-los. »

Mundos transitórios

234. **Existem, como já se disse, mundos que servem aos Espíritos errantes como estações e pontos de repouso?**

> « Sim, há mundos especialmente destinados aos seres errantes, mundos nos quais podem habitar temporariamente; espécies de acampamentos, de campos para descansar de uma erraticidade longa demais, estado sempre um pouco penoso. São posições intermediárias entre os outros mundos, graduadas segundo a natureza dos Espíritos que podem ir até lá, e estes desfrutam de um bem-estar mais ou menos grande. »

– **Os Espíritos que habitam esses mundos podem deixá-los à vontade?**

> « Sim, os Espíritos que se encontram nesses mundos podem se afastar deles para ir aonde devem se dirigir. Imaginem aves de passagem pousando numa ilha, à espera de recuperar as forças para seguir até seu destino. »

235. **Os Espíritos progridem durante suas permanências nos mundos transitórios?**

> « Certamente; os que se reúnem assim o fazem com o objetivo de se instruir e de poder obter mais facilmente a permissão de ir a lugares melhores e alcançar a posição que os eleitos obtêm. »

236. **Os mundos transitórios são destinados perpetuamente, e por sua natureza especial, aos Espíritos errantes?**

> « Não, sua condição é apenas temporária. »

– São ao mesmo tempo habitados por seres corpóreos?

> « Não, a superfície é estéril. Aqueles que os habitam não precisam de nada. »

– Essa esterilidade é permanente e se deve à sua natureza especial?

> « Não, eles são estéreis de modo transitório. »

– Esses mundos devem então ser desprovidos de belezas naturais?

> « A natureza se manifesta pelas belezas da imensidão, que não são menos admiráveis do que aquilo que vocês chamam de belezas naturais. »

– Já que o estado desses mundos é transitório, nossa Terra um dia estará entre eles?

> « Ela já esteve. »

– Em que época?

> « Durante sua formação. »

Nada é inútil na natureza; cada coisa tem seu objetivo, sua destinação; nada é vazio, tudo é habitado, a vida está em toda parte. Assim, durante a longa série de séculos que se passaram antes do aparecimento do homem na Terra, durante esses lentos períodos de transição atestados pelas camadas geológicas, antes mesmo da formação dos primeiros seres orgânicos, nessa massa informe, nesse caos árido em que os elementos estavam misturados, não havia ausência de vida; seres que não tinham nem nossas necessidades nem nossas sensações físicas encontravam ali um refúgio.

Deus quis que, mesmo nesse estado imperfeito, ela servisse para alguma coisa. Quem, então, ousaria dizer que, entre esses bilhões de mundos que circulam na imensidão, um só, um dos menores, perdido na multidão, tivesse o privilégio exclusivo de ser povoado?

Qual seria, então, a utilidade dos outros? Deus os teria feito apenas para alegrar nossos olhos? Suposição absurda, incompatível com a sabedoria que se revela em todas as suas obras, e inadmissível quando se pensa em todos aqueles que não podemos perceber.

Ninguém contestará que há, nessa ideia de mundos ainda impróprios à vida material e, no entanto, povoados de seres vivos adaptados a esse meio, algo de grandioso e sublime, em que talvez se encontre a solução de mais de um problema.

Percepções, sensações e sofrimentos dos Espíritos

237. A alma, uma vez no mundo dos Espíritos, ainda tem as percepções que tinha em vida?

> « Sim, e outras que não possuía, porque seu corpo era como um véu que as obscurecia. A inteligência é um atributo do Espírito, mas que se manifesta mais livremente quando ele não tem obstáculos. »

238. As percepções e os conhecimentos dos Espíritos são ilimitados; em uma palavra, eles sabem todas as coisas?

> « Quanto mais se aproximam da perfeição, mais sabem; se são superiores, sabem muito; os Espíritos inferiores são mais ou menos ignorantes em relação a todas as coisas. »

239. Os Espíritos conhecem o princípio das coisas?

> « Isso depende de sua elevação e de sua pureza; os Espíritos inferiores não sabem mais a esse respeito do que os homens. »

240. Os Espíritos compreendem a duração como nós?

> « Não, e é isso que faz com que vocês nem sempre nos compreendam quando se trata de fixar datas ou épocas. »

Os Espíritos vivem fora do tempo tal como o compreendemos; a duração, para eles, se anula, por assim dizer, e os séculos, tão longos para nós, são a seus olhos apenas instantes que se apagam na eternidade, assim como as irregularidades do solo se apagam e desaparecem para aquele que se eleva no espaço.

241. Os Espíritos têm do presente uma ideia mais precisa e mais correta do que nós?

> « Mais ou menos como aquele que enxerga bem tem uma ideia mais correta das coisas do que o cego. Os Espíritos veem o que vocês não veem; portanto, julgam de maneira diferente de vocês; mas, mais uma vez, isso depende de sua elevação. »

242. Como os Espíritos têm conhecimento do passado, e esse conhecimento é sem limites para eles?

> « O passado, quando nos ocupamos dele, é um presente, exatamente como você se lembra de uma coisa que o marcou no decorrer de seu exílio. Só que, como já não temos o véu material que obscurece sua inteligência, lembramos de coisas que se apagaram para você, mas nem tudo é conhecido pelos Espíritos: a começar por sua criação. »

243. **Os Espíritos conhecem o futuro?**

> « Isso também depende da perfeição; muitas vezes apenas o entreveem, mas nem sempre lhes é permitido revelá-lo; quando o veem, ele lhes parece presente. O Espírito vê o futuro mais claramente à medida que se aproxima de Deus. Depois da morte, a alma vê e abrange num relance suas migrações passadas, mas não pode ver o que Deus lhe prepara; para isso, é preciso que ela esteja inteiramente nele, depois de muitas existências. »

– Os Espíritos que chegaram à perfeição absoluta têm um conhecimento completo do futuro?

> « Completo não é a palavra, pois só Deus é o senhor soberano, e ninguém pode igualá-lo. »

244. **Os Espíritos veem Deus?**

> « Somente os Espíritos superiores o veem e o compreendem; os Espíritos inferiores o sentem e o pressentem. »

– Quando um Espírito inferior diz que Deus lhe proíbe ou lhe permite alguma coisa, como sabe que isso vem dele?

> « Ele não vê Deus, mas sente sua soberania e, quando uma coisa não deve ser feita ou uma palavra dita, sente uma espécie de intuição, um aviso invisível que o proíbe de fazê-lo. Vocês mesmos não têm pressentimentos que são para vocês como avisos secretos para fazer ou não fazer tal ou tal coisa? O mesmo acontece conosco, apenas num grau superior, pois você compreende que, sendo a essência dos Espíritos mais sutil que a de vocês, eles podem receber melhor os avisos divinos. »

– A ordem lhe é transmitida diretamente por Deus ou por intermédio de outros Espíritos?

> « Ela não lhe vem diretamente de Deus; para se comunicar com ele, é preciso ser digno disso. Deus lhe transmite suas ordens por Espíritos que se encontram mais elevados em perfeição e em instrução. »

245. **A visão, nos Espíritos, é limitada a uma parte do corpo, como nos seres corpóreos?**

> « Não, ela reside neles. »

246. **Os Espíritos precisam de luz para ver?**

> « Eles veem por si mesmos e não precisam da luz exterior; para eles, não há trevas, exceto aquelas em que podem se encontrar por expiação. »

247. Os Espíritos precisam se deslocar para ver em dois pontos diferentes? Podem, por exemplo, ver simultaneamente nos dois hemisférios do globo?

> « Como o Espírito se desloca com a rapidez do pensamento, pode-se dizer que ele vê em toda parte ao mesmo tempo; seu pensamento pode irradiar e se dirigir ao mesmo tempo a vários pontos diferentes, mas essa faculdade depende de sua pureza: quanto menos purificado ele é, mais limitada é sua visão; somente os Espíritos superiores podem abranger um conjunto. »

A faculdade de ver, nos Espíritos, é uma propriedade inerente à sua natureza e reside em todo o seu ser, assim como a luz reside em todas as partes de um corpo luminoso; é uma espécie de lucidez universal que se estende a tudo, abrange ao mesmo tempo o espaço, os tempos e as coisas, e para a qual não há trevas nem obstáculos materiais.

Compreende-se que deva ser assim; no homem, como a visão se realiza pelo funcionamento de um órgão atingido pela luz, sem luz ele fica na escuridão; no Espírito, como a faculdade de ver é um atributo dele mesmo, independentemente de qualquer agente exterior, a visão independe da luz. (Ver Ubiquidade, nº 92).

248. O Espírito vê as coisas com tanta nitidez quanto nós?

> « Com mais nitidez, pois sua visão penetra o que vocês não podem penetrar; nada a obscurece. »

249. O Espírito percebe os sons?

« Sim, e percebe sons que os sentidos pouco apurados de vocês não podem perceber. »

– A faculdade de ouvir está em todo o seu ser, como a de ver?

« Todas as percepções são atributos do Espírito e fazem parte de seu ser; quando ele está revestido de um corpo material, elas só lhe chegam pelo canal dos órgãos; mas, no estado de liberdade, deixam de estar localizadas. »

250. Sendo as percepções atributos do próprio Espírito, é possível a ele se subtrair a elas?

« O Espírito só vê e ouve o que quer. Isso é dito de modo geral e sobretudo para os Espíritos elevados, pois os imperfeitos muitas vezes ouvem e veem, contra a própria vontade, o que pode ser útil para seu aperfeiçoamento. »

251. Os Espíritos são sensíveis à música?

« Você quer falar da música de vocês? O que é ela diante da música celeste? Dessa harmonia da qual nada na Terra pode lhes dar uma ideia? Uma está para a outra assim como o canto do selvagem está para a suave melodia. No entanto, Espíritos comuns podem sentir certo prazer ao ouvir a música de vocês, porque ainda não lhes é dado compreender uma mais sublime. A música tem encantos infinitos para os Espíritos, em razão de suas capacidades sensoriais muito desenvolvidas; refiro-me à música celeste, que é tudo o que a imaginação espiritual pode conceber de mais belo e de mais suave. »

252. **Os Espíritos são sensíveis às belezas da natureza?**

« As belezas da natureza dos globos são tão diferentes que estamos longe de conhecê-las. Sim, eles são sensíveis a elas conforme sua aptidão para apreciá-las e compreendê-las; para os Espíritos elevados, há belezas de conjunto diante das quais se apagam, por assim dizer, as belezas dos detalhes. »

253. **Os Espíritos sentem nossas necessidades e nossos sofrimentos físicos?**

« Eles os conhecem, porque passaram por eles, mas não os sentem materialmente como vocês: são Espíritos. »

254. **Os Espíritos sentem cansaço e necessidade de repouso?**

« Eles não podem sentir o cansaço tal como vocês o entendem e, por isso, não precisam do repouso corporal de vocês, pois não têm órgãos cujas forças precisem ser recuperadas; mas o Espírito repousa no sentido de que não está em atividade constante; ele não age de maneira material; sua ação é completamente intelectual e seu repouso inteiramente moral; isto é, há momentos em que seu pensamento deixa de ser tão ativo e não se dirige a um objeto determinado; é um verdadeiro repouso, mas que não se compara ao do corpo. A espécie de cansaço que os Espíritos podem sentir é proporcional à sua inferioridade; pois, quanto mais elevados são, menos necessário lhes é o repouso. »

255. **Quando um Espírito diz que sofre, que tipo de sofrimento sente?**

« Angústias morais que o torturam mais dolorosamente que os sofrimentos físicos. »

256. **De onde vem, então, o fato de Espíritos terem se queixado de sofrer de frio ou de calor?**

> « Lembrança do que haviam suportado durante a vida, às vezes tão penosa quanto a realidade; muitas vezes é uma comparação pela qual, na falta de algo melhor, expressam sua situação. Quando se lembram de seu corpo, sentem uma espécie de impressão, como quando tiramos um casaco e ainda acreditamos estar com ele algum tempo depois. »

Ensaio teórico sobre a sensação nos Espíritos

O corpo é o instrumento da dor; é, se não a causa primeira, pelo menos a causa imediata. A alma tem a percepção dessa dor: essa percepção é o efeito. A lembrança que ela conserva pode ser muito penosa, mas não pode ter ação física. De fato, nem o frio nem o calor podem desorganizar os tecidos da alma; a alma não pode congelar nem queimar.

Não vemos todos os dias a lembrança ou o receio de um mal físico produzir o efeito da realidade? Provocar até mesmo a morte? Todos sabem que as pessoas amputadas sentem dor no membro que já não existe. Certamente não é esse membro a sede, nem mesmo o ponto de partida da dor; o cérebro conservou sua impressão, eis tudo.

Pode-se, portanto, acreditar que haja algo semelhante nos sofrimentos do Espírito depois da morte. Um estudo mais aprofundado do perispírito, que desempenha um papel tão importante em todos os fenômenos espíritas, as aparições vaporosas ou tangíveis, o estado do Espírito no momento da morte, a ideia tão frequente nele de que ainda está vivo, o quadro tão impressionante dos suicidas, dos supliciados, das pessoas que se absorve-

ram nos prazeres materiais, e tantos outros fatos vieram esclarecer essa questão e deram lugar a explicações cujo resumo apresentamos aqui.

O perispírito é o laço que une o Espírito à matéria do corpo; é extraído do meio ambiente, do fluido universal; participa ao mesmo tempo da eletricidade, do fluido magnético e, até certo ponto, da matéria inerte. Poderíamos dizer que é a quintessência da matéria; é o princípio da vida orgânica, mas não o da vida intelectual: a vida intelectual está no Espírito.

É, além disso, o agente das sensações exteriores. No corpo, essas sensações são localizadas pelos órgãos que lhes servem de canais. Destruído o corpo, as sensações são gerais. Eis por que o Espírito não diz que sofre mais da cabeça do que dos pés.

É preciso, aliás, ter o cuidado de não confundir as sensações do perispírito, tornado independente, com as do corpo: só podemos tomar estas últimas como termo de comparação, e não como analogia.

Liberto do corpo, o Espírito pode sofrer, mas esse sofrimento não é o do corpo: não é, porém, um sofrimento exclusivamente moral, como o remorso, pois ele se queixa do frio e do calor; não sofre mais no inverno do que no verão: vimos alguns atravessarem as chamas sem sentir nada de penoso; a temperatura, portanto, não lhes causa nenhuma impressão.

A dor que sentem não é, assim, uma dor física propriamente dita: é um vago sentimento íntimo do qual o próprio Espírito nem sempre tem perfeita consciência, justamente porque a dor não está localizada e não é produzida pelos agentes exteriores: é mais uma lembrança do que uma reali-

dade, mas uma lembrança igualmente penosa. Às vezes, porém, há mais do que uma lembrança, como veremos.

A experiência nos ensina que, no momento da morte, o perispírito se desprende mais ou menos lentamente do corpo; nos primeiros instantes, o Espírito não compreende sua situação; não acredita estar morto, sente-se vivo; vê seu corpo de um lado, sabe que lhe pertence e não compreende que esteja separado dele; esse estado dura enquanto existir um laço entre o corpo e o perispírito.

Um suicida nos dizia: Não, não estou morto, e acrescentava: e, no entanto, sinto os vermes que me roem. Ora, certamente os vermes não roíam o perispírito, e menos ainda o Espírito; roíam apenas o corpo. Mas, como a separação entre o corpo e o perispírito não era completa, disso resultava uma espécie de repercussão moral que lhe transmitia a sensação do que se passava no corpo.

Repercussão talvez não seja a palavra, pois poderia fazer pensar em um efeito material demais; era antes a visão do que se passava em seu corpo, ao qual seu perispírito o ligava, que produzia nele uma ilusão que tomava por realidade. Assim, não era uma lembrança, pois, durante a vida, ele não havia sido roído pelos vermes: era a sensação do que acontecia naquele momento.

Vemos por aí as deduções que se podem tirar dos fatos quando são observados com atenção. Durante a vida, o corpo recebe as impressões exteriores e as transmite ao Espírito por intermédio do perispírito, que constitui, provavelmente, o que se chama fluido nervoso. Estando morto, o corpo já não sente nada, porque já não há nele Espírito nem perispírito.

O perispírito, desprendido do corpo, experimenta a sensação; mas, como ela já não lhe chega por um canal limitado, é geral. Ora, como ele é, na realidade, apenas um agente de transmissão, pois é o Espírito que tem a consciência, resulta que, se pudesse existir um perispírito sem Espírito, ele não sentiria mais do que o corpo quando está morto; da mesma forma, se o Espírito não tivesse perispírito, seria inacessível a toda sensação penosa; é o que acontece com os Espíritos completamente purificados.

Sabemos que, quanto mais se purificam, mais a essência do perispírito se torna etérea; daí resulta que a influência material diminui à medida que o Espírito progride, isto é, à medida que o próprio perispírito se torna menos grosseiro.

Mas, dirão, as sensações agradáveis são transmitidas ao Espírito pelo perispírito, assim como as sensações desagradáveis; ora, se o Espírito puro é inacessível a umas, deve ser igualmente às outras.

Sim, sem dúvida, quanto às que provêm unicamente da influência da matéria que conhecemos; o som dos nossos instrumentos, o perfume das nossas flores não lhe causam nenhuma impressão, e, no entanto, há nele sensações íntimas, de um encanto indefinível, das quais não podemos fazer ideia alguma, porque somos, a esse respeito, como os cegos de nascença em relação à luz; sabemos que isso existe; mas por que meio?

Aí termina, para nós, a ciência. Sabemos que há percepção, sensação, audição, visão; que essas faculdades são atributos de todo o ser, e não, como no homem, de uma parte do ser; mas, mais uma vez, por que intermédio? É o que não sabemos.

Os próprios Espíritos não podem nos explicar isso, porque nossa língua não foi feita para expressar ideias que não temos, assim como na língua dos selvagens não há termos para expressar nossas artes, nossas ciências e nossas doutrinas filosóficas.

Ao dizer que os Espíritos são inacessíveis às impressões da nossa matéria, queremos falar dos Espíritos muito elevados, cujo envoltório etéreo não tem semelhante neste mundo. Não acontece o mesmo com aqueles cujo perispírito é mais denso; esses percebem nossos sons e nossos odores, mas não por uma parte limitada de seu ser, como quando estavam vivos.

Poderíamos dizer que as vibrações moleculares se fazem sentir em todo o seu ser e chegam assim ao seu sensorium commune, que é o próprio Espírito, embora de maneira diferente, e talvez também com uma impressão diferente, o que produz uma modificação na percepção.

Eles ouvem o som da nossa voz e, no entanto, nos compreendem sem o auxílio da palavra, apenas pela transmissão do pensamento; e o que vem apoiar o que dizemos é que essa compreensão é tanto mais fácil quanto mais desmaterializado é o Espírito. Quanto à visão, ela independe da nossa luz.

A faculdade de ver é um atributo essencial da alma: para ela, não há escuridão; mas essa faculdade é mais ampla, mais penetrante naqueles que estão mais purificados.

A alma, ou o Espírito, tem, portanto, em si mesma a faculdade de todas as percepções; na vida corporal, elas são obscurecidas pela natureza grosseira

de seus órgãos; na vida extracorporal, são cada vez menos obscurecidas à medida que o envoltório semimaterial se torna mais transparente.

Esse envoltório, extraído do meio ambiente, varia conforme a natureza dos mundos. Ao passar de um mundo a outro, os Espíritos mudam de envoltório como nós mudamos de roupa ao passar do inverno ao verão, ou do polo ao equador.

Os Espíritos mais elevados, quando vêm nos visitar, revestem-se, portanto, do perispírito terrestre, e então suas percepções se dão como as dos nossos Espíritos comuns; mas todos, inferiores e superiores, só ouvem e sentem o que querem ouvir ou sentir.

Sem ter órgãos sensitivos, podem, à vontade, tornar suas percepções ativas ou nulas; há apenas uma coisa que são obrigados a ouvir: os conselhos dos bons Espíritos. A visão está sempre ativa, mas eles podem se tornar invisíveis uns aos outros. Conforme a posição que ocupam, podem se esconder daqueles que lhes são inferiores, mas não daqueles que lhes são superiores.

Nos primeiros momentos que se seguem à morte, a visão do Espírito é sempre turva e confusa; ela se torna mais clara à medida que ele se desprende e pode adquirir a mesma clareza que durante a vida, independentemente de sua capacidade de penetrar os corpos que são opacos para nós.

Quanto ao seu alcance através do espaço indefinido, no futuro e no passado, ele depende do grau de pureza e de elevação do Espírito.

Toda essa teoria, dirão, é pouco tranquilizadora. Pensávamos que, uma vez livres do nosso envoltório grosseiro, instrumento das nossas dores, já não sofreríamos, e eis que vocês nos ensinam que ainda sofremos; seja de uma

maneira ou de outra, nem por isso deixa de ser sofrimento. Infelizmente, sim, ainda podemos sofrer, e muito, e por muito tempo, mas também podemos deixar de sofrer, até mesmo desde o instante em que deixamos esta vida corporal.

Os sofrimentos deste mundo às vezes independem de nós, mas muitos são consequências da nossa vontade. Basta remontar à origem para ver que a maior parte resulta de causas que poderíamos ter evitado. Quantos males, quantas enfermidades o homem não deve aos seus excessos, à sua ambição, às suas paixões, em uma palavra?

O homem que tivesse vivido sempre com sobriedade, que não tivesse abusado de nada, que tivesse sido sempre simples nos gostos, modesto nos desejos, pouparia a si mesmo muitas tribulações.

O mesmo acontece com o Espírito; os sofrimentos que suporta são sempre consequência da maneira como viveu na Terra; sem dúvida, já não terá gota nem reumatismo, mas terá outros sofrimentos que não são melhores.

Vimos que seus sofrimentos resultam dos laços que ainda existem entre ele e a matéria; que, quanto mais livre está da influência da matéria, em outras palavras, quanto mais desmaterializado está, menos sensações penosas tem; ora, depende dele libertar-se dessa influência desde esta vida; ele tem seu livre-arbítrio e, por consequência, a escolha entre fazer e não fazer; que domine suas paixões animais, que não tenha ódio, inveja, ciúme nem orgulho; que não seja dominado pelo egoísmo; que purifique sua alma pelos bons sentimentos; que faça o bem; que dê às coisas deste mundo apenas a importância que merecem, e então, mesmo sob seu envoltório corporal, já estará purificado, já estará livre da matéria e, quando deixar esse envoltório, já

não sofrerá sua influência; os sofrimentos físicos que experimentou não lhe deixarão nenhuma lembrança penosa; deles não lhe restará nenhuma impressão desagradável, porque afetaram apenas o corpo, e não o Espírito; ele é feliz por estar livre deles, e a tranquilidade de sua consciência o liberta de todo sofrimento moral.

Interrogamos milhares deles, que haviam pertencido a todas as camadas da sociedade, a todas as posições sociais; nós os estudamos em todos os períodos de sua vida espírita, desde o instante em que deixaram o corpo; nós os acompanhamos passo a passo nessa vida além-túmulo para observar as mudanças que se realizavam neles, em suas ideias, em suas sensações, e, a esse respeito, os homens mais comuns não foram os que nos forneceram os temas de estudo menos preciosos.

Ora, sempre vimos que os sofrimentos estão relacionados à conduta cujas consequências eles sofrem, e que essa nova existência é a fonte de uma felicidade inefável para aqueles que seguiram o bom caminho; daí resulta que, se alguns sofrem, é porque assim quiseram, e só podem culpar a si mesmos, tanto no outro mundo quanto neste.

Escolha das provas

258. **No estado errante, e antes de assumir uma nova existência corporal, o Espírito tem consciência e previsão das coisas que lhe acontecerão durante a vida?**

> « Ele mesmo escolhe o tipo de provas pelas quais quer passar, e é nisso que consiste seu livre-arbítrio. »

– **Então não é Deus quem lhe impõe as tribulações da vida como castigo?**

> « Nada acontece sem a permissão de Deus, pois foi ele quem estabeleceu todas as leis que regem o universo. Perguntem, então, por que ele fez uma lei em vez de outra. Ao dar ao Espírito a liberdade de escolha, ele lhe deixa toda a responsabilidade por seus atos e pelas consequências deles; nada limita seu futuro; o caminho do bem está aberto para ele, assim como o do mal. Mas, se ele sucumbir, resta-lhe um consolo: nem tudo está acabado para ele, e Deus, em sua bondade, lhe dá a liberdade de recomeçar o que fez mal. Além disso, é preciso distinguir o que é obra da vontade de Deus e o que é obra do homem. Se um perigo ameaça vocês, não foram vocês que criaram esse perigo, foi Deus; mas vocês têm a vontade de se expor a ele, porque viram nisso um meio de progredir, e Deus o permitiu. »

259. Se o Espírito pode escolher o tipo de prova pela qual deve passar, disso se conclui que todas as tribulações que enfrentamos na vida foram previstas e escolhidas por nós?

> « Todas não é a palavra, pois isso não quer dizer que vocês escolheram e previram tudo o que lhes acontece no mundo, até nas menores coisas; vocês escolheram o tipo de prova, e os acontecimentos de detalhe são consequência da situação e, muitas vezes, de suas próprias ações. Se o Espírito quis nascer entre malfeitores, por exemplo, sabia a que influências se expunha, mas não conhecia cada um dos atos que praticaria; esses atos são o efeito de sua vontade ou de seu livre-arbítrio. O Espírito sabe que, ao escolher certo caminho, terá de enfrentar certo tipo de luta; sabe, portanto, a natureza das dificuldades que encontrará, mas não sabe se ocorrerá um acontecimento em vez de outro. Os acontecimentos de detalhe nascem das circunstâncias e da força das coisas. Só os grandes acontecimentos, aqueles que influem no destino, são previstos. Se você toma um caminho cheio de sulcos, sabe que precisa tomar grandes precauções, porque corre o risco de cair, mas não sabe em que lugar cairá, e pode ser que não caia, se for bastante prudente. Se, ao passar pela rua, uma telha cair na sua cabeça, não pense que isso estava escrito, como se costuma dizer. »

260. **Como o Espírito pode querer nascer entre pessoas de má vida?**

> « É preciso que ele seja enviado a um meio em que possa passar pela prova que pediu. Pois bem! É preciso, portanto, que haja uma correspondência; para lutar contra o instinto de roubar, é preciso que ele esteja entre pessoas desse tipo. »

– Se não houvesse pessoas de má vida na Terra, o Espírito não poderia então encontrar nela o meio necessário para certas provas?

> « Seria o caso de se queixar disso? É o que acontece nos mundos superiores, onde o mal não tem acesso; por isso, só há bons Espíritos. Façam com que em breve aconteça o mesmo na Terra de vocês. »

261. **Nas provas pelas quais deve passar para chegar à perfeição, o Espírito deve experimentar todos os tipos de tentações; deve passar por todas as circunstâncias que podem despertar nele o orgulho, o ciúme, a avareza, a sensualidade etc.?**

> « Certamente não, pois vocês sabem que há aqueles que seguem, desde o início, um caminho que os livra de muitas provas; mas aquele que se deixa levar pelo mau caminho corre todos os perigos desse caminho. Um Espírito, por exemplo, pode pedir a riqueza, e isso pode lhe ser concedido; então, conforme seu caráter, poderá se tornar avarento ou esbanjador, egoísta ou generoso, ou ainda se entregar a todos os prazeres da sensualidade; mas isso não quer dizer que terá obrigatoriamente de passar por toda a sequência dessas inclinações. »

262. **Como o Espírito, que em sua origem é simples, ignorante e sem experiência, pode escolher uma existência com conhecimento de causa e ser responsável por essa escolha?**

> « Deus supre sua inexperiência traçando-lhe o caminho que deve seguir, como você faz com uma criança desde o berço; mas, pouco a pouco, deixa a ele o poder de escolher, à medida que seu livre-arbítrio se desenvolve, e é então que muitas vezes ele se desvia, tomando o mau caminho, se não escutar os conselhos dos bons Espíritos; é isso que se pode chamar de queda do homem. »

– Quando o Espírito dispõe de seu livre-arbítrio, a escolha da existência corporal depende sempre exclusivamente de sua vontade, ou essa existência pode lhe ser imposta pela vontade de Deus como expiação?

> « Deus sabe esperar: não apressa a expiação; no entanto, Deus pode impor uma existência a um Espírito quando este, por sua inferioridade ou má vontade, não é capaz de compreender o que poderia lhe ser mais benéfico, e quando vê que essa existência pode servir à purificação e ao progresso dele, ao mesmo tempo que nela encontra uma expiação. »

263. **O Espírito faz sua escolha imediatamente depois da morte?**

> « Não, muitos acreditam na eternidade das penas; já lhes foi dito: isso é um castigo. »

264. **O que orienta o Espírito na escolha das provas pelas quais quer passar?**

> « Ele escolhe aquelas que podem ser para ele uma expiação, pela natureza de suas faltas, e fazê-lo progredir mais depressa. Alguns podem, portanto, impor a si mesmos uma vida de miséria e privações para tentar suportá-la com coragem; outros podem querer se pôr à prova pelas tentações da fortuna e do poder, muito mais perigosas pelo abuso e pelo mau uso que se pode fazer deles, e pelas más paixões que desenvolvem; outros, enfim, querem se pôr à prova pelas lutas que têm de enfrentar no contato com o vício. »

265. **Se certos Espíritos escolhem o contato com o vício como prova, há aqueles que o escolhem por afinidade e pelo desejo de viver em um meio de acordo com seus gostos, ou para poder se entregar materialmente a inclinações materiais?**

> « Há, certamente, mas isso só acontece entre aqueles cujo senso moral ainda é pouco desenvolvido; a prova vem por si mesma, e eles passam por ela durante mais tempo. Cedo ou tarde, compreendem que a satisfação das paixões brutais tem para eles consequências deploráveis, que sofrerão por um tempo que lhes parecerá eterno; e Deus poderá deixá-los nesse estado até que tenham compreendido sua falta e peçam, eles mesmos, para repará-la por meio de provas proveitosas. »

266. Não parece natural escolher as provas menos penosas?

> « Para vocês, sim; para o Espírito, não; quando está livre da matéria, a ilusão acaba, e ele pensa de outra maneira. »

O homem, na Terra, sob a influência das ideias carnais, só vê nessas provas o lado penoso; por isso, lhe parece natural escolher aquelas que, de seu ponto de vista, podem se conciliar com os prazeres materiais; mas, na vida espiritual, ele compara esses prazeres passageiros e grosseiros com a felicidade inalterável que vislumbra, e, diante disso, que lhe importam alguns sofrimentos passageiros? O Espírito pode, portanto, escolher a prova mais dura e, por consequência, a existência mais penosa, na esperança de chegar mais depressa a um estado melhor, assim como o doente muitas vezes escolhe o remédio mais desagradável para se curar mais cedo. Aquele que quer ligar seu nome à descoberta de um país desconhecido não escolhe um caminho florido; conhece os perigos que corre, mas também conhece a glória que o espera se tiver sucesso. A doutrina da liberdade na escolha de nossas existências e das provas pelas quais devemos passar deixa de parecer extraordinária quando se considera que os Espíritos, livres da matéria, avaliam as coisas de uma maneira diferente da nossa. Eles enxergam o objetivo, muito mais importante para eles do que os prazeres passageiros do mundo; depois de cada existência, veem o passo que deram e compreendem o que ainda lhes falta em pureza para alcançá-lo: é por isso que se submetem voluntariamente a todas as dificuldades da vida corporal, pedindo eles mesmos aquelas que podem fazê-los chegar mais depressa. É, portanto, sem razão que se estranha não ver o Espírito dar preferência à existência mais suave. Dessa vida livre de amargura, ele não pode desfrutar em seu estado de imperfeição; ele a vislumbra, e é para alcançá-la que procura melhorar. Aliás, não temos todos os dias diante dos olhos o exemplo de escolhas semelhantes? O homem que trabalha durante parte de sua vida sem trégua nem descanso para juntar o necessário para obter bem-estar, o que faz, senão uma tarefa que impõe a si mesmo com vistas a um futuro melhor? O militar que se oferece para

uma missão perigosa, o viajante que enfrenta perigos não menos grandes em benefício da ciência ou de sua fortuna, o que fazem também, senão provas voluntárias que devem lhes proporcionar honra e proveito se voltarem delas? A que o homem não se submete e não se expõe por seu interesse ou por sua glória? Todos os concursos não são também provas voluntárias às quais as pessoas se submetem para subir na carreira que escolheram? Só se chega a uma posição social de destaque nas ciências, nas artes ou na indústria passando pela sequência das posições inferiores, que são outras tantas provas. A vida humana é, assim, uma cópia da vida espiritual; nela encontramos, em pequena escala, todas as mesmas peripécias. Se, portanto, na vida, muitas vezes escolhemos as provas mais duras em busca de um objetivo mais elevado, por que o Espírito, que vê mais longe do que o corpo, e para quem a vida do corpo é apenas um episódio passageiro, não escolheria uma existência penosa e trabalhosa, se ela deve conduzi-lo a uma felicidade eterna? Aqueles que dizem que, se o homem pode escolher sua existência, pedirão para ser príncipes ou milionários são como os míopes, que só veem aquilo que tocam, ou como aquelas crianças gulosas a quem se pergunta qual profissão preferem, e que respondem: confeiteiro ou fabricante de doces. Assim é o viajante que, no fundo do vale encoberto pela neblina, não vê nem a extensão nem os pontos extremos de seu caminho; ao chegar ao alto da montanha, abrange com o olhar o caminho que percorreu e o que lhe resta percorrer; vê seu objetivo, os obstáculos que ainda tem de superar, e pode então planejar com mais segurança os meios de chegar. O Espírito encarnado é como o viajante ao pé da montanha; livre dos laços terrestres, tem uma visão ampla, como aquele que está no topo. Para o viajante, o objetivo é o repouso depois do cansaço; para o Espírito, é a felicidade suprema depois das tribulações e das provas.

Todos os Espíritos dizem que, no estado errante, procuram, estudam e observam para fazer sua escolha. Não temos um exemplo disso na vida corporal? Não procuramos muitas vezes, durante anos, a carreira sobre a qual fixamos livremente nossa escolha, porque a consideramos a mais ade-

quada para nos fazer progredir? Se fracassamos em uma, procuramos outra. Cada carreira que abraçamos é uma fase, um período da vida. Não empregamos cada dia em procurar o que faremos no dia seguinte? Ora, o que são as diferentes existências corporais para o Espírito, senão fases, períodos, dias de sua vida espírita, que é, como sabemos, sua vida normal, sendo a vida corporal apenas transitória e passageira?

267. **O Espírito poderia fazer sua escolha durante o estado corporal?**

> « Seu desejo pode ter influência; isso depende da intenção; mas, quando é Espírito, muitas vezes vê as coisas de maneira bem diferente. Só o Espírito faz essa escolha; mas, mais uma vez, pode fazê-la nesta vida material, pois o Espírito sempre tem momentos em que é independente da matéria que habita. »

– Muitas pessoas desejam as grandezas e as riquezas, e certamente não é como expiação nem como prova?

> « Sem dúvida, é a matéria que deseja essa grandeza para desfrutá-la, e é o Espírito que a deseja para conhecer suas vicissitudes. »

268. **Até chegar ao estado de pureza perfeita, o Espírito tem constantemente provas a enfrentar?**

> « Sim, mas elas não são como vocês entendem; vocês chamam de provas as tribulações materiais; ora, o Espírito, ao chegar a certo grau, sem ser perfeito, já não tem de enfrentá-las; mas sempre tem deveres que o ajudam a se aperfeiçoar e que nada têm de penoso para ele, ainda que seja apenas ajudar os outros a se aperfeiçoarem. »

269. **O Espírito pode se enganar quanto à eficácia da prova que escolhe?**

> « Pode escolher uma que esteja acima de suas forças, e então sucumbe; também pode escolher uma que não lhe traga proveito algum, como quando procura um gênero de vida ociosa e inútil; mas então, depois de voltar ao mundo dos Espíritos, percebe que nada ganhou e pede para recuperar o tempo perdido. »

270. **A que se devem as vocações de certas pessoas e sua vontade de seguir uma carreira em vez de outra?**

> « Parece-me que vocês mesmos podem responder a essa pergunta. Não é a consequência de tudo o que dissemos sobre a escolha das provas e sobre o progresso realizado em uma existência anterior? »

271. **No estado errante, quando o Espírito estuda as diversas condições em que poderá progredir, como pensa poder fazê-lo nascendo, por exemplo, entre os povos canibais?**

> « Não são os Espíritos já adiantados que nascem entre os canibais, mas Espíritos da mesma natureza dos canibais ou que lhes são inferiores. »

Sabemos que nossos antropófagos não estão no último grau da escala e que há mundos onde o embrutecimento e a ferocidade não têm equivalente na Terra. Esses Espíritos são, portanto, ainda inferiores aos mais inferiores de nosso mundo, e vir para o meio de nossos selvagens é, para eles, um progresso, assim como seria um progresso para nossos antropófagos exercer entre nós uma profissão que os obrigasse a derramar sangue. Se não aspiram a algo mais elevado, é porque sua inferioridade moral não lhes permite compreender um progresso mais completo. O Espírito só pode avançar gradualmente; não pode transpor de um salto a distância que separa a barbárie da civilização, e é nisso que vemos uma das necessidades da reencarnação, que está verdadeiramente de acordo com a justiça de Deus; caso contrário, o que seria desses milhões de seres que morrem todos os dias no mais baixo estado de degradação, se não tivessem meios de alcançar a superioridade? Por que Deus os teria privado dos favores concedidos aos outros homens?

272. **Espíritos vindos de um mundo inferior à Terra, ou de um povo muito atrasado, como os canibais, por exemplo, poderiam nascer entre nossos povos civilizados?**

> « Sim, há os que se enganam ao querer subir alto demais; mas então ficam deslocados entre vocês, porque têm costumes e instintos que destoam dos seus. »

Esses seres nos dão o triste espetáculo da ferocidade em meio à civilização; ao voltarem para o meio dos canibais, isso não será uma queda, pois apenas retomarão seu lugar e talvez ainda ganhem com isso.

273. **Um homem pertencente a uma raça civilizada poderia, por expiação, reencarnar em uma raça selvagem?**

> « Sim, mas isso depende do gênero de expiação; um senhor que tenha sido duro com seus escravos poderá se tornar escravo por sua vez e sofrer os maus-tratos que os fez suportar. Aquele que comandou em uma época pode, em uma nova existência, obedecer àqueles mesmos que se curvavam à sua vontade. É uma expiação se ele abusou de seu poder, e Deus pode impô-la a ele. Um bom Espírito também pode, para fazê-los avançar, escolher uma existência influente entre esses povos, e então é uma missão. »

Relações de além-túmulo

274. **As diferentes ordens de Espíritos estabelecem entre eles uma hierarquia de poderes; há entre eles subordinação e autoridade?**

> « Sim, muito grandes; os Espíritos têm uns sobre os outros uma autoridade proporcional à sua superioridade, que exercem por uma ascendência moral irresistível. »

– Os Espíritos inferiores podem se esquivar da autoridade daqueles que lhes são superiores?

> « Eu disse: irresistível. »

275. **O poder e a consideração de que um homem desfrutou na Terra lhe dão uma supremacia no mundo dos Espíritos?**

> « Não; pois os pequenos serão elevados e os grandes rebaixados. Leia os salmos. »

– Como devemos entender essa elevação e esse rebaixamento?

> « Você não sabe que os Espíritos são de diferentes ordens conforme seu mérito? Pois bem! O maior da Terra pode estar no último lugar entre os Espíritos, enquanto seu servidor estará no primeiro. Você entende isso? Jesus não disse: Todo aquele que se rebaixa será elevado, e todo aquele que se eleva será rebaixado? »

276. **Aquele que foi grande na Terra e se encontra em posição inferior entre os Espíritos sente humilhação por isso?**

> « Muitas vezes, uma humilhação muito grande, sobretudo se era orgulhoso e invejoso. »

277. **O soldado que, depois da batalha, reencontra seu general no mundo dos Espíritos ainda o reconhece como seu superior?**

> « O título nada é, a superioridade real é tudo. »

278. **Os Espíritos das diferentes ordens se misturam?**

> « Sim e não; isto é, eles se veem, mas se distinguem uns dos outros. Evitam-se ou se aproximam, conforme a semelhança ou a antipatia de seus sentimentos, como acontece entre vocês. É todo um mundo do qual o de vocês é o reflexo obscurecido. Os da mesma posição se reúnem por uma espécie de afinidade e formam grupos ou famílias de Espíritos unidos pela simpatia e pelo objetivo a que se propõem: os bons, pelo desejo de fazer o bem; os maus, pelo desejo de fazer o mal, pela vergonha de suas faltas e pela necessidade de se encontrar entre seres semelhantes a eles. »

Assim é uma grande cidade onde os homens de todas as posições e de todas as condições se veem e se encontram sem se confundir; onde as sociedades se formam pela semelhança dos gostos; onde o vício e a virtude se esbarram sem nada dizer um ao outro.

279. **Todos os Espíritos têm acesso recíproco ao convívio uns dos outros?**

> « Os bons vão a toda parte, e é preciso que seja assim para que possam exercer sua influência sobre os maus; mas as regiões habitadas pelos bons são proibidas aos Espíritos imperfeitos, para que estes não possam levar até lá a perturbação das más paixões. »

280. Qual é a natureza das relações entre os bons e os maus Espíritos?

> « Os bons procuram combater as más tendências dos outros para ajudá-los a subir; é uma missão. »

281. Por que os Espíritos inferiores sentem prazer em nos levar ao mal?

> « Por inveja de não terem merecido estar entre os bons. Seu desejo é impedir, tanto quanto podem, que os Espíritos ainda inexperientes cheguem ao bem supremo; querem fazer os outros sentirem o que eles mesmos sentem. Vocês não veem isso também entre vocês? »

282. Como os Espíritos se comunicam entre si?

> « Eles se veem e se compreendem; a palavra é material: é o reflexo do Espírito. O fluido universal estabelece entre eles uma comunicação constante; é o veículo da transmissão do pensamento, assim como, para vocês, o ar é o veículo do som; uma espécie de telégrafo universal que liga todos os mundos e permite aos Espíritos se corresponderem de um mundo a outro. »

283. Os Espíritos podem esconder seus pensamentos uns dos outros; podem se ocultar uns dos outros?

> « Não, para eles tudo está a descoberto, sobretudo quando são perfeitos. Podem se afastar, mas sempre se veem. Isso, contudo, não é uma regra absoluta, pois certos Espíritos podem muito bem se tornar invisíveis para outros Espíritos, se julgarem útil fazê-lo. »

284. **Como os Espíritos, que já não têm corpo, podem constatar sua individualidade e se distinguir dos outros seres espirituais que os cercam?**

> « Constatam sua individualidade pelo perispírito, que os torna seres distintos uns para os outros, como o corpo entre os homens. »

285. **Os Espíritos se reconhecem por terem habitado juntos a Terra? O filho reconhece seu pai, o amigo seu amigo?**

> « Sim, e assim de geração em geração. »

– Como os homens que se conheceram na Terra se reconhecem no mundo dos Espíritos?

> « Vemos nossa vida passada e lemos nela como em um livro; ao ver o passado de nossos amigos e de nossos inimigos, vemos sua passagem da vida à morte. »

286. **A alma, ao deixar seus despojos mortais, vê imediatamente seus parentes e amigos que a precederam no mundo dos Espíritos?**

> « Imediatamente nem sempre é a palavra; pois, como dissemos, ela precisa de algum tempo para se reconhecer e se livrar do véu material. »

287. **Como a alma é acolhida ao voltar ao mundo dos Espíritos?**

> « A do justo, como um irmão muito amado, esperado há muito tempo; a do mau, como um ser que se despreza. »

288. **Que sentimento os Espíritos impuros experimentam ao ver outro mau Espírito chegar entre eles?**

> « Os maus ficam satisfeitos ao ver seres à sua imagem e privados, como eles, da felicidade infinita, assim como fica, na Terra, um trapaceiro entre seus semelhantes. »

289. **Nossos parentes e amigos vêm às vezes ao nosso encontro quando deixamos a Terra?**

> « Sim, vêm ao encontro da alma a quem têm afeição; felicitam-na como na volta de uma viagem, se ela escapou dos perigos do caminho, e a ajudam a se libertar dos laços corporais. É um favor para os bons Espíritos quando aqueles que lhes tiveram afeição vêm ao seu encontro, enquanto aquele que está manchado permanece no isolamento, ou só é cercado de Espíritos semelhantes a ele: é uma punição. »

290. **Os parentes e amigos ficam sempre reunidos depois da morte?**

> « Isso depende de sua elevação e do caminho que seguem para seu adiantamento. Se um deles está mais adiantado e caminha mais depressa que o outro, não poderão permanecer juntos; poderão se ver algumas vezes, mas só estarão reunidos para sempre quando puderem caminhar lado a lado, ou quando tiverem alcançado a igualdade na perfeição. Além disso, a privação de ver seus parentes e amigos é às vezes uma punição. »

Relações de simpatia e antipatia entre os Espíritos. Metades eternas

291. Além da simpatia geral decorrente da semelhança, os Espíritos têm entre si afeições particulares?

> « Sim, como os homens; mas o laço que une os Espíritos é mais forte quando o corpo está ausente, porque já não fica exposto às vicissitudes das paixões. »

292. Os Espíritos têm ódio uns dos outros?

> « Só há ódio entre os Espíritos impuros, e são eles que insuflam entre vocês as inimizades e as discórdias. »

293. Dois seres que tenham sido inimigos na terra conservarão ressentimento um contra o outro no mundo dos Espíritos?

> « Não, eles compreenderão que seu ódio era estúpido e o motivo, infantil. Somente os Espíritos imperfeitos conservam uma espécie de animosidade até que tenham se purificado. Se foi apenas um interesse material que os dividiu, não pensarão mais nisso, por pouco que estejam desmaterializados. Se não houver antipatia entre eles, como o motivo da discussão já não existe, podem se reencontrar com prazer. »

Assim, dois estudantes que chegaram à idade da razão reconhecem a infantilidade das brigas que tiveram na infância e deixam de guardar rancor um do outro.

294. A lembrança das más ações que dois homens possam ter cometido um contra o outro é um obstáculo à simpatia entre eles?

> « Sim, ela os leva a se afastarem. »

295. **Que sentimento experimentam depois da morte aqueles a quem fizemos mal neste mundo?**

> « Se forem bons, perdoam conforme o arrependimento de vocês. Se forem maus, podem conservar ressentimento e, às vezes, perseguir vocês até em outra existência. Deus pode permitir isso como castigo. »

296. **As afeições individuais dos Espíritos estão sujeitas a mudanças?**

> « Não, pois eles não podem se enganar; já não têm a máscara sob a qual os hipócritas se escondem; por isso suas afeições são inalteráveis quando são puros. O amor que os une é, para eles, a fonte de uma felicidade suprema. »

297. **A afeição que dois seres tiveram um pelo outro na terra continua sempre no mundo dos Espíritos?**

> « Sim, sem dúvida, se ela se baseia numa simpatia verdadeira; mas, se as causas físicas tiverem nela uma participação maior que a simpatia, ela cessa com a causa. As afeições entre os Espíritos são mais sólidas e mais duradouras que na terra, porque não estão subordinadas ao capricho dos interesses materiais e do amor-próprio. »

298. **As almas que devem se unir estão predestinadas a essa união desde sua origem, e cada um de nós tem, em algum lugar do universo, sua metade, à qual um dia será inevitavelmente reunido?**

> « Não; não existe união particular e inevitável entre duas almas. A união existe entre todos os Espíritos, mas em graus diferentes conforme a posição que ocupam, isto é, conforme a perfeição que adquiriram: quanto mais perfeitos são, mais unidos estão. Da discórdia nascem todos os males humanos; da concórdia resulta a felicidade completa. »

299. **Em que sentido se deve entender a palavra metade, de que certos Espíritos se servem para designar os Espíritos que têm simpatia entre si?**

> « A expressão é inexata; se um Espírito fosse a metade de outro, separado deste, seria incompleto. »

300. **Dois Espíritos que têm perfeita simpatia entre si, uma vez reunidos, permanecem assim por toda a eternidade, ou podem se separar e se unir a outros Espíritos?**

> « Todos os Espíritos estão unidos entre si; falo daqueles que chegaram à perfeição. Nas esferas inferiores, quando um Espírito se eleva, já não tem a mesma simpatia por aqueles que deixou. »

301. **Dois Espíritos que têm simpatia entre si são o complemento um do outro, ou essa simpatia é o resultado de uma identidade perfeita?**

> « A simpatia que atrai um Espírito para outro é o resultado da perfeita concordância de suas inclinações, de seus instintos; se um devesse completar o outro, perderia sua individualidade. »

302. **A identidade necessária à simpatia perfeita consiste apenas na semelhança de pensamentos e sentimentos, ou também na uniformidade dos conhecimentos adquiridos?**

> « Na igualdade dos graus de elevação. »

303. **Os Espíritos que hoje não têm simpatia entre si podem vir a tê-la mais tarde?**

> « Sim, todos a terão. Assim, o Espírito que hoje está em determinada esfera inferior, ao se aperfeiçoar, chegará à esfera onde reside outro. O encontro deles acontecerá mais depressa se o Espírito mais elevado, suportando mal as provas às quais se submeteu, tiver permanecido no mesmo estado. »

– **Dois Espíritos que têm simpatia entre si podem deixar de tê-la?**

> « Certamente, se um deles for preguiçoso. »

A teoria das metades eternas é uma imagem que representa a união de dois Espíritos que têm simpatia entre si; é uma expressão usada até na linguagem comum e que não deve ser tomada ao pé da letra; os Espíritos que se serviram dela certamente não pertencem à ordem mais elevada; o alcance de suas ideias é necessariamente limitado, e eles podem ter expressado seus pensamentos com os termos que teriam usado durante a vida corporal.

É preciso, portanto, rejeitar a ideia de que dois Espíritos criados um para o outro devam um dia se reunir inevitavelmente na eternidade, depois de terem ficado separados por um período mais ou menos longo.

Lembrança da existência corporal

304. O Espírito se lembra de sua existência corporal?

> « Sim, isto é, tendo vivido várias vezes como homem, ele se lembra do que foi, e garanto a você que, às vezes, ri de si mesmo por piedade. »

Como o homem que chegou à idade da razão ri das loucuras de sua juventude ou das infantilidades de sua infância.

305. A lembrança da existência corporal se apresenta ao Espírito de maneira completa e inesperada depois da morte?

> « Não, ela lhe volta pouco a pouco, como algo que sai da neblina, e à medida que ele concentra nela sua atenção. »

306. **O Espírito se lembra, em detalhes, de todos os acontecimentos de sua vida; consegue abranger o conjunto com um olhar retrospectivo?**

> « Ele se lembra das coisas conforme as consequências que elas têm sobre seu estado de Espírito; mas você compreende que há circunstâncias de sua vida às quais ele não dá nenhuma importância e das quais nem sequer procura se lembrar. »

– **Poderia se lembrar delas se quisesse?**

> « Ele pode se lembrar dos detalhes e dos incidentes mais minuciosos, tanto dos acontecimentos como até de seus pensamentos; mas, quando isso não tem utilidade, não o faz. »

– **Ele percebe o objetivo da vida terrestre em relação à vida futura?**

> « Certamente ele o vê e o compreende muito melhor do que quando seu corpo estava vivo; compreende a necessidade de purificação para chegar ao infinito e sabe que, a cada existência, deixa algumas impurezas. »

307. **Como a vida passada se apresenta à memória do Espírito? Por um esforço de sua imaginação ou como um quadro que ele tem diante dos olhos?**

> « Das duas maneiras; todos os atos que ele tem interesse em recordar são, para ele, como se estivessem presentes; os outros ficam mais ou menos vagos no pensamento, ou inteiramente esquecidos. Quanto mais desmaterializado está, menos importância dá às coisas materiais. Você muitas vezes evoca um Espírito errante que acaba de deixar a terra e que não se lembra dos nomes das pessoas que amava, nem de muitos detalhes que, para você, parecem importantes; ele pouco se importa com isso, e essas coisas caem no esquecimento. Aquilo de que ele se lembra muito bem são os fatos principais que o ajudam a melhorar. »

308. **O Espírito se lembra de todas as existências que precederam a última que acaba de deixar?**

> « Todo o seu passado se desenrola diante dele, como as etapas que o viajante percorreu; mas, como já dissemos, ele não se lembra de maneira absoluta de todos os atos; lembra-se deles conforme a influência que têm sobre seu estado presente. Quanto às primeiras existências, aquelas que se podem considerar como a infância do Espírito, elas se tornam vagas e desaparecem na noite do esquecimento. »

309. **Como o Espírito considera o corpo que acaba de deixar?**

> « Como uma roupa ruim que o incomodava e da qual está feliz por ter se livrado. »

– **Que sentimento a visão de seu corpo em decomposição lhe provoca?**

> « Quase sempre indiferença, como por uma coisa à qual já não está apegado. »

310. **Depois de certo tempo, o Espírito reconhece ossos ou outros objetos como tendo lhe pertencido?**

> « Às vezes; isso depende do ponto de vista mais ou menos elevado sob o qual ele considera as coisas terrestres. »

311. **O respeito que se tem pelas coisas materiais que restam do Espírito atrai sua atenção para esses mesmos objetos, e ele vê esse respeito com prazer?**

> « O Espírito fica sempre feliz com a lembrança que se guarda dele; as coisas que se conservam dele fazem com que seja lembrado, mas é o pensamento que o atrai para vocês, e não esses objetos. »

312. **Os Espíritos conservam a lembrança dos sofrimentos que suportaram durante sua última existência corporal?**

> « Muitas vezes a conservam, e essa lembrança lhes faz sentir melhor o valor da felicidade de que podem desfrutar como Espíritos. »

313. O homem que foi feliz neste mundo sente saudade de seus prazeres depois de deixar a terra?

> « Somente os Espíritos inferiores podem sentir saudade de alegrias que combinam com a impureza de sua natureza e que eles expiam por seus sofrimentos. Para os Espíritos elevados, a felicidade eterna é mil vezes preferível aos prazeres passageiros da terra. »

Assim é o homem adulto que despreza o que fazia as delícias de sua infância.

314. Aquele que começou grandes trabalhos com um objetivo útil e os vê interrompidos pela morte lamenta, no outro mundo, tê-los deixado inacabados?

> « Não, porque vê que outros estão destinados a terminá-los. Ao contrário, procura influenciar outros Espíritos humanos a continuá-los. Seu objetivo na terra era o bem da humanidade; esse objetivo é o mesmo no mundo dos Espíritos. »

315. Aquele que deixou trabalhos de arte ou de literatura conserva por suas obras o amor que tinha em vida?

> « Conforme sua elevação, ele as julga de outro ponto de vista e muitas vezes reprova o que mais admirava. »

316. **O Espírito ainda se interessa pelos trabalhos que se fazem na terra, pelo progresso das artes e das ciências?**

> « Isso depende de sua elevação ou da missão que possa ter a cumprir. O que parece magnífico a vocês muitas vezes é muito pouca coisa para certos Espíritos; eles o admiram como o sábio admira o trabalho de um estudante. Ele examina o que pode demonstrar a elevação dos Espíritos encarnados e seus progressos. »

317. **Os Espíritos, depois da morte, conservam o amor à pátria?**

> « É sempre o mesmo princípio: para os Espíritos elevados, a pátria é o universo; na terra, ela está onde eles têm mais pessoas com quem sentem afinidade. »

A situação dos Espíritos e sua maneira de ver as coisas variam infinitamente conforme o grau de seu desenvolvimento moral e intelectual. Os Espíritos de uma ordem elevada geralmente só fazem estadias de curta duração na terra; tudo o que nela se faz é tão mesquinho em comparação com as grandezas do infinito, as coisas às quais os homens dão mais importância são tão infantis aos seus olhos, que eles encontram poucos atrativos nela, a menos que sejam chamados a contribuir para o progresso da humanidade.

Os Espíritos de uma ordem média permanecem nela com mais frequência, embora considerem as coisas de um ponto de vista mais elevado do que quando estavam vivos.

Os Espíritos comuns são, de certo modo, sedentários nela e constituem a maior parte da população do mundo invisível que nos cerca; conservaram quase as mesmas ideias, os mesmos gostos e as mesmas inclinações que tinham sob seu envoltório corporal; misturam-se às nossas reuniões, aos nossos negócios, aos nossos divertimentos, dos quais participam de maneira mais ou menos ativa, conforme seu caráter.

Como não podem satisfazer suas paixões, desfrutam das daqueles que se entregam a elas e os estimulam a isso. Entre eles, há alguns mais sérios que veem e observam para se instruir e se aperfeiçoar.

318. **As ideias dos Espíritos se modificam no estado de espírito?**

> « Muito; elas sofrem grandes modificações à medida que o Espírito se desmaterializa; ele pode, às vezes, permanecer muito tempo com as mesmas ideias, mas pouco a pouco a influência da matéria diminui, e ele vê as coisas com mais clareza; é então que procura os meios de melhorar. »

319. **Já que o Espírito viveu a vida espírita antes de sua encarnação, de onde vem seu espanto ao voltar ao mundo dos Espíritos?**

> « É apenas o efeito do primeiro momento e da perturbação que se segue ao despertar; mais tarde, ele se reconhece perfeitamente, à medida que a lembrança do passado lhe volta e a impressão da vida terrestre se apaga. » (163 e seguintes)

Comemoração dos mortos. Funerais

320. **Os Espíritos são sensíveis à lembrança daqueles que amaram na Terra?**

> « Muito mais do que vocês podem acreditar; essa lembrança aumenta sua felicidade, se são felizes; e, se são infelizes, é para eles um alívio. »

321. **O dia da comemoração dos mortos tem algo de mais solene para os Espíritos? Eles se preparam para visitar aqueles que devem ir rezar junto aos seus restos mortais?**

> « Os Espíritos vêm ao chamado do pensamento nesse dia como nos outros dias. »

– Esse dia é para eles um encontro junto às suas sepulturas?

> « Eles são mais numerosos ali nesse dia, porque há mais pessoas que os chamam; mas cada um deles só vem por seus amigos, e não pela multidão dos indiferentes. »

– Sob que forma eles vêm e como seriam vistos se pudessem se tornar visíveis?

> « Aquela sob a qual foram conhecidos em vida. »

322. **Os Espíritos esquecidos, cujos túmulos ninguém visita, vêm até eles apesar disso e sentem pesar por não ver nenhum amigo se lembrar deles?**

> « Que lhes importa a Terra? Só se está ligado a ela pelo coração. Se o amor não está ali, já não há nada que prenda o Espírito a ela: ele tem todo o universo para si. »

323. **A visita ao túmulo proporciona mais satisfação ao Espírito do que uma prece feita em casa?**

> « A visita ao túmulo é uma maneira de demonstrar que se pensa no Espírito ausente: é a imagem. Eu já lhes disse: é a prece que santifica o ato de lembrar; pouco importa o lugar, se ela é dita de coração. »

324. Os Espíritos das pessoas em cuja homenagem se erguem estátuas ou monumentos assistem a essas inaugurações e as veem com prazer?

« Muitos comparecem quando podem, mas são menos sensíveis à honra que lhes prestam do que à lembrança. »

325. De onde pode vir, em certas pessoas, o desejo de serem enterradas em um lugar em vez de outro? Elas voltam ali com mais vontade depois da morte? E essa importância dada a uma coisa material é um sinal de inferioridade do Espírito?

« Apego do Espírito a certos lugares; inferioridade moral. Que diferença faz um pedaço de terra em vez de outro para o Espírito elevado? Ele não sabe que sua alma se reunirá àqueles que ama, mesmo que seus ossos estejam separados?

– A reunião dos restos mortais de todos os membros de uma mesma família deve ser considerada uma coisa fútil?

« Não; é um costume piedoso e um testemunho de afeto por aqueles que se amou; se essa reunião pouco importa aos Espíritos, ela é útil aos homens: as lembranças se fazem com maior recolhimento. »

326. Ao voltar à vida espiritual, a alma é sensível às honras prestadas aos seus restos mortais?

« Quando o Espírito já chegou a certo grau de perfeição, não tem mais vaidade terrestre e compreende a futilidade de todas essas coisas; mas saiba que muitas vezes há Espíritos que, no primeiro momento de sua morte material, sentem grande prazer com as honras que lhes prestam ou desgosto pelo abandono de seu envoltório, pois ainda conservam alguns dos preconceitos deste mundo. »

327. **O Espírito assiste ao seu cortejo fúnebre?**

> « Muitas vezes ele assiste, mas às vezes não se dá conta do que acontece ali, se ainda está em perturbação. »

– **Ele se sente lisonjeado pela presença das pessoas em seu cortejo fúnebre?**

> « Mais ou menos, conforme o sentimento que as leva até ali. »

328. **O Espírito daquele que acaba de morrer assiste às reuniões de seus herdeiros?**

> « Quase sempre; Deus assim o quer para sua própria instrução e para o castigo dos culpados; é ali que ele julga quanto valiam suas declarações; para ele, todos os sentimentos ficam à mostra, e a decepção que sente ao ver a cobiça daqueles que repartem seus bens lhe esclarece os sentimentos deles; mas a vez deles chegará. »

329. **O respeito instintivo que o homem, em todos os tempos e entre todos os povos, demonstra pelos mortos é um efeito de sua intuição da existência futura?**

> « É sua consequência natural; sem isso, esse respeito não teria razão de ser. »

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO II, CAP. VII — RETORNO À VIDA CORPORAL

✦

Prelúdios do retorno

330. Os Espíritos conhecem a época em que serão reencarnados?

> « Eles a pressentem, como um cego sente o fogo do qual se aproxima. Sabem que devem retomar um corpo, como vocês sabem que devem morrer um dia, mas sem saber quando isso acontecerá. » (166).

– A reencarnação é, então, uma necessidade da vida espiritual, como a morte é uma necessidade da vida corporal?

> « Certamente, é assim. »

331. Todos os Espíritos se preocupam com sua reencarnação?

> « Há alguns que não pensam nisso de modo algum, que nem sequer a compreendem; isso depende de sua natureza mais ou menos adiantada. Para alguns, a incerteza em que se encontram quanto ao futuro é uma punição. »

332. O Espírito pode adiantar ou retardar o momento de sua reencarnação?

> « Pode adiantá-lo desejando-o ardentemente; também pode afastá-lo se recuar diante da prova, pois entre os Espíritos também há covardes e indiferentes, mas não faz isso impunemente; sofre com isso como aquele que recua diante do remédio benéfico que pode curá-lo. »

333. **Se um Espírito se considerasse bastante feliz numa condição mediana entre os Espíritos errantes e não tivesse a ambição de se elevar, poderia prolongar esse estado indefinidamente?**

> « Não, indefinidamente não; o progresso é uma necessidade que o Espírito sente mais cedo ou mais tarde; todos devem se elevar, esse é seu destino. »

334. **A união da alma com este ou aquele corpo é predestinada, ou a escolha só se faz no último momento?**

> « O Espírito é sempre designado de antemão. Ao escolher a prova pela qual quer passar, o Espírito pede para se encarnar; ora, Deus, que sabe tudo e vê tudo, soube e viu de antemão que tal alma se uniria a tal corpo. »

335. **O Espírito pode escolher o corpo no qual deve entrar, ou apenas o gênero de vida que deve lhe servir de prova?**

> « Também pode escolher o corpo, pois as imperfeições desse corpo são, para ele, provas que ajudam em seu progresso, se vencer os obstáculos que nele encontrar, mas a escolha nem sempre depende dele; ele pode pedir. »

– O Espírito poderia, no último momento, recusar-se a entrar no corpo que escolheu?

> « Se recusasse, sofreria muito mais do que aquele que não tivesse tentado nenhuma prova. »

336. Poderia acontecer de uma criança que deve nascer não encontrar um Espírito que quisesse se encarnar nela?

> « Deus providenciaria isso. A criança, quando deve nascer com condições de viver, está sempre predestinada a ter uma alma; nada foi criado sem propósito. »

337. A união do Espírito com determinado corpo pode ser imposta por Deus?

> « Pode ser imposta, assim como as diferentes provas, sobretudo quando o Espírito ainda não está apto a fazer uma escolha com conhecimento de causa. Como expiação, o Espírito pode ser obrigado a se unir ao corpo de determinada criança que, por seu nascimento e pela posição que terá no mundo, poderá se tornar para ele motivo de castigo. »

338. Se acontecesse de vários Espíritos se apresentarem para um mesmo corpo que deve nascer, o que decidiria entre eles?

> « Vários podem pedi-lo; é Deus quem julga, nesse caso, qual é o mais capaz de cumprir a missão à qual a criança está destinada; mas, como eu disse, o Espírito é designado antes do instante em que deve se unir ao corpo. »

339. O momento da encarnação é acompanhado de uma perturbação semelhante à que ocorre na saída do corpo?

> « Muito maior e, sobretudo, mais longa. Na morte, o Espírito sai da escravidão; no nascimento, volta a ela. »

340. **O instante em que um Espírito deve se encarnar é, para ele, um instante solene? Ele realiza esse ato como algo grave e importante para si?**

> « É como um viajante que embarca para uma travessia perigosa e não sabe se encontrará a morte nas ondas que enfrenta. »

O viajante que embarca sabe a quais perigos se expõe, mas não sabe se naufragará; o mesmo acontece com o Espírito: ele conhece o gênero das provas às quais se submete, mas não sabe se sucumbirá. Assim como a morte do corpo é uma espécie de renascimento para o Espírito, a reencarnação é, para ele, uma espécie de morte, ou melhor, de exílio e de reclusão. Ele deixa o mundo dos Espíritos pelo mundo corporal, como o homem deixa o mundo corporal pelo mundo dos Espíritos. O Espírito sabe que reencarnará, como o homem sabe que morrerá; mas, como este, só toma consciência disso no último momento, quando chega o tempo determinado; então, nesse momento supremo, a perturbação se apodera dele, como acontece com o homem que está em agonia, e essa perturbação persiste até que a nova existência esteja claramente formada. A aproximação da reencarnação é uma espécie de agonia para o Espírito.

341. **A incerteza em que o Espírito se encontra quanto à possibilidade de êxito nas provas pelas quais passará na vida é, para ele, uma causa de ansiedade antes de sua encarnação?**

> « Uma ansiedade muito grande, pois as provas de sua existência retardarão ou adiantarão seu progresso conforme ele as tiver suportado bem ou mal. »

342. **No momento de sua reencarnação, o Espírito é acompanhado por outros Espíritos amigos que vêm assistir à sua partida do mundo espiritual, assim como vêm recebê-lo quando ele retorna?**

> « Isso depende da esfera em que o Espírito habita. Se está nas esferas onde reina a afeição, os Espíritos que o amam o acompanham até o último momento, o encorajam e, muitas vezes, até o seguem na vida. »

343. **Os Espíritos amigos que nos seguem na vida são, às vezes, aqueles que vemos em sonho, que nos demonstram afeição e que se apresentam a nós com feições desconhecidas?**

> « Muitas vezes são eles; vêm visitar vocês, como vocês vão visitar um prisioneiro atrás das grades. »

União da alma e do corpo

344. **Em que momento a alma se une ao corpo?**

> « A união começa na concepção, mas só se completa no momento do nascimento. Desde o momento da concepção, o Espírito designado para habitar determinado corpo se liga a ele por um laço fluídico que vai se estreitando cada vez mais até o instante em que a criança vem ao mundo; o grito que então escapa da criança anuncia que ela passa a fazer parte dos vivos e dos servidores de Deus. »

345. **A união entre o Espírito e o corpo é definitiva desde o momento da concepção? Durante esse primeiro período, o Espírito poderia renunciar a habitar o corpo designado?**

> « A união é definitiva no sentido de que outro Espírito não poderia substituir aquele que está designado para esse corpo; mas, como os laços que o prendem a ele são muito fracos, rompem-se facilmente e podem ser rompidos pela vontade do Espírito que recua diante da prova que escolheu; nesse caso, porém, a criança não vive. »

346. **O que acontece com o Espírito se o corpo que escolheu morrer antes de nascer?**

> « Ele escolhe outro. »

– **Qual pode ser a utilidade dessas mortes prematuras?**

> « As imperfeições da matéria são, na maioria das vezes, a causa dessas mortes. »

347. **Que utilidade pode ter para um Espírito sua encarnação num corpo que morre poucos dias depois do nascimento?**

> « O ser não tem a consciência de sua existência suficientemente desenvolvida; a importância da morte é quase nula; muitas vezes, como dissemos, é uma prova para os pais. »

348. **O Espírito sabe de antemão que o corpo que escolhe não tem chance de viver?**

> « Às vezes sabe, mas, se o escolhe por esse motivo, é porque recua diante da prova. »

349. **Quando uma encarnação não se realiza para o Espírito, por uma causa qualquer, ela é imediatamente substituída por outra existência?**

> « Nem sempre imediatamente; o Espírito precisa de tempo para escolher de novo, a menos que a reencarnação instantânea resulte de uma determinação anterior. »

350. **Depois de unido ao corpo da criança, quando já não pode voltar atrás, o Espírito às vezes se arrepende da escolha que fez?**

> « Você quer dizer se, como homem, ele se queixa da vida que tem? Se gostaria que ela fosse outra? Sim; se lamenta a escolha que fez? Não; ele não sabe que a escolheu. O Espírito, uma vez encarnado, não pode lamentar uma escolha da qual não tem consciência; mas pode achar o fardo pesado demais e, se o julga acima de suas forças, é então que recorre ao suicídio. »

351. **No intervalo entre a concepção e o nascimento, o Espírito dispõe de todas as suas faculdades?**

> « Mais ou menos, conforme o período, pois ainda não está encarnado, mas ligado. Desde o instante da concepção, a perturbação começa a tomar conta do Espírito, que é assim avisado de que chegou o momento de assumir uma nova existência; essa perturbação vai aumentando até o nascimento; nesse intervalo, seu estado é mais ou menos o de um Espírito encarnado durante o sono do corpo; à medida que o momento do nascimento se aproxima, suas ideias se apagam, assim como a lembrança do passado, do qual já não tem consciência, como homem, depois de entrar na vida; mas essa lembrança lhe volta pouco a pouco à memória em seu estado de Espírito. »

352. **No momento do nascimento, o Espírito recupera imediatamente a plenitude de suas faculdades?**

> « Não, elas se desenvolvem gradualmente com os órgãos. É, para ele, uma nova existência; precisa aprender a se servir de seus instrumentos; as ideias lhe voltam pouco a pouco, como acontece com um homem que desperta do sono e se encontra numa situação diferente daquela em que estava na véspera. »

353. **Como a união do Espírito e do corpo só se completa e se consuma definitivamente depois do nascimento, pode-se considerar que o feto tem uma alma?**

> « O Espírito que deve animá-lo existe, de certa forma, fora dele; portanto, ele não tem, propriamente falando, uma alma, pois a encarnação está apenas em vias de se realizar; mas está ligado àquela que deverá possuir. »

354. **Como explicar a vida intrauterina?**

> « É a da planta que vegeta. A criança vive a vida animal. O homem possui em si a vida animal e a vida vegetal, que completa, no nascimento, com a vida espiritual. »

355. **Há, como indica a ciência, crianças que, já no ventre da mãe, não têm condições de nascer com possibilidade de viver; e com que finalidade isso acontece?**

> « Isso acontece com frequência; Deus o permite como prova, seja para os pais, seja para o Espírito designado para ocupar esse lugar. »

356. **Há crianças que nascem mortas e que não foram destinadas à encarnação de um Espírito?**

> « Sim, há algumas que nunca tiveram um Espírito destinado a seu corpo: nada deveria se realizar para elas. Nesse caso, essa criança veio apenas para os pais. »

– Um ser dessa natureza pode chegar ao fim da gestação?

> « Sim, às vezes, mas nesse caso não vive. »

– Toda criança que sobrevive ao nascimento tem, então, necessariamente um Espírito encarnado nela?

> « O que seria sem isso? Não seria um ser humano. »

357. **Quais são, para o Espírito, as consequências do aborto?**

> « É uma existência anulada e que precisa ser recomeçada. »

358. **O aborto voluntário é um crime, qualquer que seja o tempo decorrido desde a concepção?**

> « Há sempre crime quando vocês transgridem a lei de Deus. A mãe, ou qualquer outra pessoa, sempre cometerá um crime ao tirar a vida da criança antes de seu nascimento, pois isso é impedir a alma de suportar as provas das quais o corpo deveria ser o instrumento. »

359. **No caso de a vida da mãe estar em perigo pelo nascimento da criança, há crime em sacrificar a criança para salvar a mãe?**

> « É melhor sacrificar o ser que não existe em favor do ser que existe. »

360. **É racional ter pelo feto os mesmos cuidados que pelo corpo de uma criança que tivesse vivido?**

> « Em tudo isso, vejam a vontade de Deus e sua obra; portanto, não tratem com leviandade as coisas que devem respeitar. Por que não respeitar as obras da criação, que às vezes são incompletas pela vontade do Criador? Isso faz parte de seus desígnios, que ninguém é chamado a julgar. »

Faculdades morais e intelectuais

361. **De onde vêm ao homem suas qualidades morais, boas ou más?**

> « São as do Espírito que está encarnado nele; quanto mais puro é esse Espírito, mais o homem se inclina ao bem. »

– Parece resultar daí que o homem de bem é a encarnação de um bom Espírito, e o homem vicioso, a de um mau Espírito?

> « Sim, mas diga antes que é um Espírito imperfeito, caso contrário se poderia acreditar em Espíritos sempre maus, naquilo que vocês chamam de demônios. »

362. **Qual é o caráter dos indivíduos em que se encarnam os Espíritos travessos e levianos?**

> « São pessoas imprudentes, travessas e, às vezes, seres maldosos. »

363. **Os Espíritos têm paixões que não pertencem à humanidade?**

> « Não, caso contrário eles as teriam transmitido a vocês. »

364. É o mesmo Espírito que dá ao homem as qualidades morais e as da inteligência?

> « Certamente é o mesmo, e isso de acordo com o grau a que chegou. O homem não tem dois Espíritos em si. »

365. Por que homens muito inteligentes, o que indica neles um Espírito superior, são às vezes, ao mesmo tempo, profundamente viciosos?

> « É que o Espírito encarnado não é suficientemente puro, e o homem cede à influência de outros Espíritos piores. O Espírito progride por uma marcha ascendente imperceptível, mas o progresso não se realiza simultaneamente em todos os sentidos; em um período, ele pode avançar em ciência, em outro, em moralidade. »

366. O que pensar da opinião segundo a qual as diferentes faculdades intelectuais e morais do homem seriam o produto de outros tantos Espíritos diferentes encarnados nele, tendo cada um uma aptidão especial?

> « Refletindo, reconhece-se que ela é absurda. O Espírito deve ter todas as aptidões; para poder progredir, precisa de uma vontade única; se o homem fosse uma mistura de Espíritos, essa vontade não existiria, e ele não teria individualidade, pois, com sua morte, todos esses Espíritos seriam como um bando de pássaros que escaparam de uma gaiola. O homem muitas vezes se queixa de não compreender certas coisas, e é curioso ver como multiplica as dificuldades, quando tem à mão uma explicação muito simples e natural. Isso também é tomar o efeito pela causa; é fazer com o homem o que os pagãos faziam com Deus. Eles acreditavam em tantos deuses quantos são os fenômenos do universo, mas, entre eles, as pessoas sensatas viam nesses fenômenos apenas efeitos que tinham como causa um Deus único. »

O mundo físico e o mundo moral nos oferecem, sobre esse assunto, numerosos pontos de comparação. Acreditou-se na existência de múltiplas matérias enquanto se ficou na aparência dos fenômenos; hoje se compreende que esses fenômenos tão variados podem muito bem ser apenas modificações de uma única matéria elementar.

As diversas faculdades são manifestações de uma mesma causa, que é a alma, ou do Espírito encarnado, e não de várias almas, assim como os diferentes sons do órgão são o produto de uma mesma espécie de ar, e não de tantas espécies de ar quantos são os sons.

Desse sistema resultaria que, quando um homem perde ou adquire certas aptidões, certas tendências, isso seria obra de outros tantos Espíritos que vêm ou que

vão embora, o que faria dele um ser múltiplo, sem individualidade e, consequentemente, sem responsabilidade.

Além disso, ele é contradito pelos exemplos tão numerosos de manifestações pelas quais os Espíritos comprovam sua personalidade e sua identidade.

Influência do organismo

367. O Espírito, ao se unir ao corpo, identifica-se com a matéria?

> « A matéria é apenas o envoltório do Espírito, assim como a roupa é o envoltório do corpo. O Espírito, ao se unir ao corpo, conserva os atributos da natureza espiritual. »

368. As faculdades do Espírito se exercem com plena liberdade depois de sua união com o corpo?

> « O exercício das faculdades depende dos órgãos que lhes servem de instrumento; elas são enfraquecidas pela natureza grosseira da matéria. »

– Segundo isso, o envoltório material seria um obstáculo à livre manifestação das faculdades do Espírito, assim como um vidro opaco se opõe à livre emissão da luz?

> « Sim, e muito opaco. »

Pode-se também comparar a ação da matéria grosseira do corpo sobre o Espírito à de uma água lodosa que tira a liberdade de movimentos do corpo que nela se encontra mergulhado.

369. O livre exercício das faculdades da alma está subordinado ao desenvolvimento dos órgãos?

> « Os órgãos são os instrumentos da manifestação das faculdades da alma; essa manifestação está subordinada ao desenvolvimento e ao grau de perfeição desses mesmos órgãos, assim como a qualidade de um trabalho depende da qualidade da ferramenta. »

370. **Pode-se deduzir da influência dos órgãos uma relação entre o desenvolvimento dos órgãos cerebrais e o das faculdades morais e intelectuais?**

> « Não confundam o efeito com a causa. O Espírito sempre tem as faculdades que lhe são próprias; ora, não são os órgãos que dão as faculdades, mas as faculdades que impulsionam o desenvolvimento dos órgãos. »

– Segundo isso, a diversidade das aptidões no homem depende unicamente do estado do Espírito?

> « Unicamente não é completamente exato; as qualidades do Espírito, que pode ser mais ou menos adiantado, são o princípio; mas é preciso levar em conta a influência da matéria, que dificulta mais ou menos o exercício de suas faculdades. »

O Espírito, ao encarnar, traz certas predisposições, e, se admitirmos para cada uma um órgão correspondente no cérebro, o desenvolvimento desses órgãos será um efeito, e não uma causa.

Se as faculdades tivessem seu princípio nos órgãos, o homem seria uma máquina sem livre-arbítrio e sem responsabilidade por seus atos. Seria preciso admitir que os maiores gênios, cientistas, poetas, artistas só são gênios porque o acaso lhes deu órgãos especiais, de onde se conclui que, sem esses órgãos, não teriam sido gênios, e que o mais limitado dos imbecis poderia ter sido um Newton, um Virgílio ou um Rafael se tivesse sido dotado de certos órgãos; suposição ainda mais absurda quando aplicada às qualidades morais.

Assim, segundo esse sistema, São Vicente de Paulo, dotado pela natureza deste ou daquele órgão, poderia ter sido um criminoso, e ao maior criminoso faltaria apenas um órgão para ser um São Vicente de Paulo.

Admitam, ao contrário, que os órgãos especiais, se é que existem, são uma consequência, que se desenvolvem pelo exercício da faculdade, como os músculos

pelo movimento, e não haverá nada de irracional. Tomemos uma comparação banal de tão verdadeira.

Por certos sinais da fisionomia, vocês reconhecem o homem que se entrega à bebida; são esses sinais que o tornam bêbado, ou é a embriaguez que faz surgir esses sinais? Pode-se dizer que os órgãos recebem a marca das faculdades.

Idiotismo, loucura

371. É fundamentada a opinião segundo a qual os cretinos e os idiotas teriam uma alma de natureza inferior?

> « Não, eles têm uma alma humana, muitas vezes mais inteligente do que vocês pensam, e que sofre com a insuficiência dos meios que tem para se comunicar, assim como o mudo sofre por não poder falar. »

372. **Qual é o objetivo da Providência ao criar seres desfavorecidos como os cretinos e os idiotas?**

> « São Espíritos em punição que habitam corpos de idiotas. Esses Espíritos sofrem com a limitação que sentem e com a impossibilidade de se manifestarem por órgãos não desenvolvidos ou desajustados. »

– Então não é exato dizer que os órgãos não têm influência sobre as faculdades?

> « Nunca dissemos que os órgãos não tinham influência; eles têm uma influência muito grande sobre a manifestação das faculdades, mas não dão as faculdades; aí está a diferença. Um bom músico com um instrumento ruim não fará boa música, e isso não o impedirá de ser um bom músico. »

É preciso distinguir o estado normal do estado patológico. No estado normal, o moral supera o obstáculo que a matéria lhe opõe; mas há casos em que a matéria oferece tamanha resistência que as manifestações são impedidas ou alteradas, como na idiotia e na loucura; são casos patológicos, e, nesse estado, como a alma não goza de toda a sua liberdade, a própria lei humana a isenta da responsabilidade por seus atos.

373. **Qual pode ser o mérito da existência para seres que, como os idiotas e os cretinos, não podendo fazer nem o bem nem o mal, não podem progredir?**

> « É uma expiação imposta pelo abuso que se possa ter feito de certas faculdades; é um tempo de parada. »

– Um corpo de idiota pode, assim, abrigar um Espírito que teria animado um homem de gênio em uma existência anterior?

> « Sim, o gênio às vezes se torna um flagelo quando se abusa dele. »

A superioridade moral nem sempre é proporcional à superioridade intelectual, e os maiores gênios podem ter muito a expiar; daí, muitas vezes, uma existência inferior à que já tiveram e uma causa de sofrimentos; os obstáculos que o Espírito encontra em suas manifestações são para ele como as correntes que restringem os movimentos de um homem vigoroso.

Pode-se dizer que o cretino e o idiota são incapacitados pelo cérebro, assim como o coxo o é pelas pernas e o cego pelos olhos.

374. **O idiota, no estado de Espírito, tem consciência de seu estado mental?**

> « Sim, muito frequentemente; ele compreende que as correntes que impedem seu desenvolvimento são uma prova e uma expiação. »

375. **Qual é a situação do Espírito na loucura?**

« O Espírito, no estado de liberdade, recebe diretamente suas impressões e exerce diretamente sua ação sobre a matéria; mas, encarnado, encontra-se em condições inteiramente diferentes e na necessidade de só fazer isso com a ajuda de órgãos especiais. Se uma parte ou o conjunto desses órgãos se altera, sua ação ou suas impressões, no que diz respeito a esses órgãos, são interrompidas. Se perde os olhos, fica cego; se perde a audição, fica surdo etc. Imagine agora que o órgão que preside aos efeitos da inteligência e da vontade seja parcial ou completamente afetado ou modificado; será fácil compreender que, como o Espírito só tem a seu serviço órgãos incompletos ou alterados, disso deve resultar uma perturbação da qual o Espírito, por si mesmo e em seu íntimo, tem perfeita consciência, mas cujo curso não tem o poder de deter. »

– **Então é sempre o corpo, e não o Espírito, que está desorganizado?**

« Sim, mas não se deve perder de vista que, assim como o Espírito age sobre a matéria, ela reage sobre ele em certa medida, e que o Espírito pode se encontrar momentaneamente afetado pela alteração dos órgãos pelos quais se manifesta e recebe suas impressões. Pode acontecer que, com o tempo, quando a loucura durou muito, a repetição dos mesmos atos acabe por exercer sobre o Espírito uma influência da qual ele só se liberta depois de sua completa separação de toda impressão material. »

376. **Por que a loucura às vezes leva ao suicídio?**

> « O Espírito sofre com a limitação que sente e com a impossibilidade de se manifestar livremente; por isso procura na morte um meio de romper seus laços. »

377. **O Espírito do alienado sente, depois da morte, os efeitos da perturbação de suas faculdades?**

> « Ele pode sentir esses efeitos por algum tempo depois da morte, até que esteja completamente livre da matéria, assim como o homem que desperta sente por algum tempo os efeitos da perturbação em que o sono o mergulhou. »

378. **Como a alteração do cérebro pode repercutir sobre o Espírito depois da morte?**

> « É uma lembrança; um peso recai sobre o Espírito e, como ele não compreendeu tudo o que aconteceu durante sua loucura, sempre precisa de certo tempo para se inteirar de tudo; é por isso que, quanto mais durou a loucura durante a vida, mais tempo duram o desconforto e a limitação depois da morte. O Espírito liberto do corpo ainda sente por algum tempo a impressão de seus laços. »

Da infância

379. O Espírito que anima o corpo de uma criança é tão desenvolvido quanto o de um adulto?

> « Pode ser mais desenvolvido, se tiver progredido mais; são apenas os órgãos imperfeitos que o impedem de se manifestar. Ele age de acordo com o instrumento por meio do qual pode se expressar. »

380. Em uma criança pequena, o Espírito, além do obstáculo que a imperfeição dos órgãos opõe à sua livre manifestação, pensa como uma criança ou como um adulto?

> « Quando ele é criança, é natural que os órgãos da inteligência, por não estarem desenvolvidos, não possam lhe dar toda a intuição de um adulto; sua inteligência é, de fato, muito limitada, enquanto espera que a idade amadureça sua razão. A perturbação que acompanha a encarnação não cessa de repente no momento do nascimento; ela só se dissipa gradualmente com o desenvolvimento dos órgãos. »

Uma observação vem em apoio a essa resposta: os sonhos de uma criança não têm o caráter dos sonhos de um adulto; seu tema é quase sempre infantil, o que é um indício da natureza das preocupações do Espírito.

381. Com a morte da criança, o Espírito recupera imediatamente seu vigor anterior?

> « Deve recuperá-lo, pois está livre de seu envoltório carnal; no entanto, só recupera sua lucidez anterior quando a separação está completa, isto é, quando já não existe nenhum laço entre o Espírito e o corpo. »

382. O Espírito encarnado sofre, durante a infância, com a limitação que a imperfeição de seus órgãos lhe impõe?

« Não; esse estado é uma necessidade, faz parte da natureza e está de acordo com os propósitos da Providência; é um tempo de repouso para o Espírito. »

383. Qual é, para o Espírito, a utilidade de passar pelo estado de infância?

« Como o Espírito encarna para se aperfeiçoar, durante esse tempo ele é mais acessível às impressões que recebe e que podem ajudar em seu progresso, para o qual devem contribuir aqueles que são encarregados de sua educação. »

384. Por que os primeiros gritos da criança são de choro?

« Para despertar o interesse da mãe e provocar os cuidados de que ela necessita. Você não compreende que, se ela só desse gritos de alegria, quando ainda não sabe falar, pouco se preocupariam com aquilo de que precisa? Admirem, por conseguinte, em tudo a sabedoria da Providência. »

385. De onde vem a mudança que ocorre no caráter em certa idade, e particularmente ao sair da adolescência; é o Espírito que se modifica?

« É o Espírito que retoma sua natureza e se mostra como era.

« Vocês não conhecem o segredo que as crianças escondem em sua inocência; não sabem o que elas são, nem o que foram, nem o que serão; e, no entanto, vocês as amam, lhes dão carinho como se fossem uma parte de vocês mesmos, a tal ponto que o amor de uma mãe por seus filhos é considerado o maior amor que um ser pode ter por outro. De onde vem essa doce afeição, essa terna benevolência que até os estranhos sentem por uma criança? Vocês sabem? Não; é isso que vou lhes explicar.

« As crianças são os seres que Deus envia para novas existências; e, para que não possam censurá-lo por uma severidade grande demais, ele lhes dá todas as aparências da inocência; mesmo em uma criança de má índole, suas más ações são desculpadas pela falta de consciência de seus atos. Essa inocência não é uma superioridade real em relação ao que eram antes; não, é a imagem do que deveriam ser e, se não o são, é apenas sobre elas que recai a pena.

« Mas não foi apenas por elas que Deus lhes deu esse aspecto, foi também e sobretudo por seus pais, cujo amor é necessário à sua fraqueza, e esse amor seria muito enfraquecido pela visão de um caráter irritadiço e intratável, enquanto, acreditando que seus filhos são bons e dóceis, eles lhes dão toda a sua afeição e os cercam dos cuidados mais delicados. Mas, quando as crianças já não precisam dessa proteção, dessa assistência que lhes foi dada durante quinze a vinte anos, seu caráter real e individual reaparece em toda a sua nudez: permanece bom, se era fundamentalmente bom; mas sempre se colore de nuances que estavam escondidas pela primeira infância.

« Vocês veem que os caminhos de Deus são sempre os melhores e que, quando se tem o coração puro, é fácil compreender sua explicação.

« De fato, pensem bem que o Espírito das crianças que nascem entre vocês pode vir de um mundo onde adquiriu hábitos inteiramente diferentes; como vocês gostariam que fosse, em seu meio, esse novo ser que chega com paixões inteiramente diferentes das suas, com inclinações e gostos completamente opostos aos seus; como gostariam que ele se incorporasse às suas fileiras de outra forma que não a desejada por Deus, isto é, pelo crivo da infância? Ali vêm se misturar todos os pensamentos, todos os caracteres, todas as variedades de seres gerados por essa multidão de mundos nos quais as criaturas crescem. E vocês mesmos, ao morrerem, se encontrarão em uma espécie de infância, em meio a novos irmãos; e, em sua nova existência não terrestre, desconhecerão os hábitos, os costumes, as relações desse mundo novo para vocês; usarão com dificuldade uma língua que não estarão acostumados a falar, língua mais viva do que é hoje o pensamento de vocês. (319).

« A infância tem ainda outra utilidade: os Espíritos só entram na vida corporal para se aperfeiçoarem, para se melhorarem; a fraqueza da pouca idade os torna maleáveis, acessíveis aos conselhos da experiência e daqueles que devem fazê-los progredir; é então que se pode reformar seu caráter e reprimir suas más inclinações; esse é o dever que Deus confiou a seus pais, missão sagrada pela qual terão de responder.

« É assim que a infância não é apenas útil, necessária, indispensável, mas é também a consequência natural das leis que Deus estabeleceu e que regem o universo. »

Simpatias e antipatias terrestres

386. **Dois seres que se conheceram e se amaram podem se reencontrar em outra existência corporal e se reconhecer?**

> « Reconhecer-se, não; mas serem atraídos um pelo outro, sim; e muitas vezes as ligações íntimas fundadas em uma afeição sincera não têm outra causa. Dois seres se aproximam por circunstâncias aparentemente fortuitas, mas que resultam da atração dos dois Espíritos que se procuram através da multidão. »

– **Não seria mais agradável para eles se reconhecerem?**

> « Nem sempre; a lembrança das existências passadas teria inconvenientes maiores do que vocês acreditam. Depois da morte, eles se reconhecerão, saberão o tempo que passaram juntos. » (392).

387. **A simpatia tem sempre como princípio um conhecimento anterior?**

> « Não; dois Espíritos que combinam entre si se procuram naturalmente, sem que tenham se conhecido como seres humanos. »

388. **Os encontros que às vezes temos com certas pessoas e que atribuímos ao acaso não seriam o efeito de uma espécie de relações de simpatia?**

> « Há entre os seres pensantes laços que vocês ainda não conhecem. O magnetismo é o guia dessa ciência que vocês compreenderão melhor mais tarde. »

389. **De onde vem a repulsa instintiva que sentimos por certas pessoas à primeira vista?**

> « Espíritos antipáticos entre si que se percebem e se reconhecem sem se falar. »

390. **A antipatia instintiva é sempre um sinal de má índole?**

> « Dois Espíritos não são necessariamente maus porque não sentem simpatia um pelo outro; a antipatia pode nascer de uma falta de semelhança no pensamento; mas, à medida que eles se elevam, as diferenças se apagam e a antipatia desaparece. »

391. **A antipatia entre duas pessoas nasce primeiro naquela cujo Espírito é pior ou melhor?**

> « Em uma e na outra, mas as causas e os efeitos são diferentes. Um Espírito mau tem antipatia por qualquer um que possa julgá-lo e desmascará-lo; ao ver uma pessoa pela primeira vez, ele sabe que será desaprovado; sua aversão se transforma em ódio, em ciúme, e lhe inspira o desejo de fazer o mal. O bom Espírito sente repulsa pelo mau, porque sabe que não será compreendido por ele e que não compartilham os mesmos sentimentos; mas, seguro de sua superioridade, não tem pelo outro nem ódio nem ciúme: contenta-se em evitá-lo e ter compaixão dele. »

Esquecimento do passado

392. Por que o Espírito encarnado perde a lembrança de seu passado?

> « O ser humano não pode nem deve saber tudo; Deus assim o quer em sua sabedoria. Sem o véu que lhe encobre certas coisas, o ser humano ficaria ofuscado, como aquele que passa sem transição da escuridão para a luz. Pelo esquecimento do passado, ele é mais ele mesmo. »

393. **Como o ser humano pode ser responsável por atos e reparar faltas de que não se lembra? Como pode aproveitar a experiência adquirida em existências que caíram no esquecimento? Seria compreensível que as tribulações da vida fossem uma lição para ele se lembrasse o que pode tê-las atraído; mas, uma vez que não se lembra disso, cada existência é para ele como se fosse a primeira, e assim é sempre preciso recomeçar. Como conciliar isso com a justiça de Deus?**

« A cada nova existência, o ser humano tem mais inteligência e pode distinguir melhor o bem e o mal. Onde estaria o mérito, se ele se lembrasse de todo o passado? Quando o Espírito retorna à sua vida primitiva (a vida espírita), toda a sua vida passada se desenrola diante dele; ele vê as faltas que cometeu e que são a causa de seu sofrimento, e o que poderia tê-lo impedido de cometê-las; compreende que a situação que lhe é dada é justa e procura então a existência que poderia reparar aquela que acaba de transcorrer. Procura provas semelhantes àquelas pelas quais passou, ou as lutas que acredita serem adequadas ao seu progresso, e pede a Espíritos que lhe são superiores que o ajudem nessa nova tarefa que empreende, pois sabe que o Espírito que lhe será dado como guia nessa nova existência procurará fazê-lo reparar suas faltas, dando-lhe uma espécie de intuição daquelas que cometeu. Essa mesma intuição é o pensamento, o desejo criminoso que muitas vezes lhes vem e ao qual vocês resistem instintivamente, atribuindo na maioria das vezes sua resistência aos princípios que receberam de seus pais, enquanto é a voz da consciência que lhes fala, e essa voz é a lembrança do passado, voz que os adverte a não recair nas faltas que já cometeram. O Espírito que entrou nessa nova existência, se enfrenta essas provas com

coragem e resiste, se eleva e sobe na hierarquia dos Espíritos quando volta para o meio deles. »

« Se não temos, durante a vida corporal, uma lembrança precisa do que fomos e do que fizemos de bem ou de mal em nossas existências anteriores, temos a intuição disso, e nossas tendências instintivas são uma reminiscência de nosso passado, às quais nossa consciência, que é o desejo que concebemos de não mais cometer as mesmas faltas, nos adverte a resistir.

394. **Nos mundos mais avançados que o nosso, onde não se está sujeito a todas as nossas necessidades físicas e enfermidades, os homens compreendem que são mais felizes do que nós? A felicidade, em geral, é relativa; nós a sentimos por comparação com um estado menos feliz. Como, afinal, alguns desses mundos, embora melhores que o nosso, não estão em estado de perfeição, os homens que os habitam devem ter motivos de desgosto próprios de sua condição. Entre nós, o rico, por não sofrer as angústias das necessidades materiais como o pobre, nem por isso deixa de ter tribulações que tornam sua vida amarga. Ora, pergunto se, em sua condição, os habitantes desses mundos não se consideram tão infelizes quanto nós e não se queixam de sua sorte, por não terem a lembrança de uma existência inferior para comparação?**

> « A isso, é preciso dar duas respostas diferentes. Entre os mundos de que você fala, há alguns cujos habitantes têm uma lembrança muito clara e precisa de suas existências passadas; esses, como você compreende, podem e sabem apreciar a felicidade que Deus lhes permite desfrutar; mas há outros onde os habitantes, embora colocados, como você diz, em condições melhores que as de vocês, nem por isso deixam de ter grandes desgostos e até desgraças; esses não apreciam sua felicidade justamente porque não têm a lembrança de um estado ainda mais infeliz. Se não a apreciam como homens, apreciam-na como Espíritos. »

Não há no esquecimento dessas existências passadas, sobretudo quando foram penosas, algo de providencial, em que se revela a sabedoria divina? É nos mundos superiores, quando a lembrança das existências infelizes já não passa de um sonho ruim, que elas se apresentam à memória. Nos mundos inferiores, as desgraças presentes não seriam agravadas pela lembrança de todas as que se tenha podido suportar? Concluamos, por conseguinte, que tudo o que Deus fez é bem-feito, e

que não nos cabe criticar suas obras e dizer como ele deveria ter organizado o universo. A lembrança de nossas individualidades anteriores teria inconvenientes muito graves; poderia, em certos casos, nos humilhar profundamente; em outros, exaltar nosso orgulho e, por isso mesmo, dificultar nosso livre-arbítrio. Deus nos deu, para nos melhorarmos, exatamente o que nos é necessário e pode nos bastar: a voz da consciência e nossas tendências instintivas; ele nos tira o que poderia nos prejudicar. Acrescentemos ainda que, se tivéssemos a lembrança de nossos atos pessoais anteriores, teríamos igualmente a dos atos dos outros, e que esse conhecimento poderia ter os efeitos mais prejudiciais sobre as relações sociais; como nem sempre temos motivo para nos orgulhar de nosso passado, muitas vezes é bom que um véu seja lançado sobre ele. Isso concorda perfeitamente com a doutrina dos Espíritos sobre os mundos superiores ao nosso. Nesses mundos, onde só reina o bem, a lembrança do passado não tem nada de penoso; eis por que ali se recorda a existência anterior como nós nos lembramos do que fizemos na véspera. Quanto à permanência que se possa ter tido nos mundos inferiores, já não passa, como dissemos, de um sonho ruim.

395. **Podemos ter algumas revelações sobre nossas existências anteriores?**

> « Nem sempre. Muitos, porém, sabem o que foram e o que faziam; se lhes fosse permitido dizê-lo abertamente, fariam revelações singulares sobre o passado. »

396. **Certas pessoas acreditam ter uma vaga lembrança de um passado desconhecido que se apresenta a elas como a imagem fugidia de um sonho que se procura em vão apreender. Essa ideia é apenas uma ilusão?**

> « Às vezes é real; mas muitas vezes também é uma ilusão contra a qual é preciso se precaver, pois isso pode ser o efeito de uma imaginação superexcitada. »

397. **Nas existências corporais de natureza mais elevada que a nossa, a lembrança das existências anteriores é mais precisa?**

> « Sim, à medida que o corpo é menos material, a pessoa se lembra melhor. A lembrança do passado é mais clara para aqueles que habitam os mundos de ordem superior. »

398. **Sendo as tendências instintivas do homem uma reminiscência de seu passado, segue-se que, pelo estudo dessas tendências, ele pode conhecer as faltas que cometeu?**

> « Sem dúvida, até certo ponto; mas é preciso levar em conta a melhora que pode ter ocorrido no Espírito e as resoluções que tomou no estado errante; a existência atual pode ser muito melhor que a anterior. »

– Ela pode ser pior; isto é, o homem pode cometer, numa existência, faltas que não cometeu na existência anterior?

> « Isso depende de seu adiantamento; se não souber resistir às provas, poderá ser levado a novas faltas, que são consequência da posição que escolheu; mas, em geral, essas faltas revelam mais um estado estacionário do que um estado de retrocesso, pois o Espírito pode avançar ou parar, mas não retrocede. »

399. **Sendo as vicissitudes da vida corporal ao mesmo tempo uma expiação pelas faltas passadas e provas para o futuro, segue-se que, pela natureza dessas vicissitudes, se pode deduzir o gênero da existência anterior?**

> « Muito frequentemente, pois cada um é punido por aquilo em que pecou; no entanto, não se deve fazer disso uma regra absoluta; as tendências instintivas são um indício mais seguro, pois as provas pelas quais o Espírito passa dizem respeito tanto ao futuro quanto ao passado. »

Chegado ao término marcado pela Providência para sua vida errante, o Espírito escolhe, ele mesmo, as provas às quais quer se submeter para apressar seu adiantamento, isto é, o gênero de existência que julga mais adequado para lhe fornecer os meios de alcançá-lo, e essas provas estão sempre relacionadas às faltas que deve expiar. Se as supera, ele se eleva; se sucumbe, precisa recomeçar. O Espírito desfruta sempre de seu livre-arbítrio; é em virtude dessa liberdade que, no estado de Espírito, escolhe as provas da vida corporal e que, no estado de encarnação, delibera se fará ou não fará, e escolhe entre o bem e o mal. Negar ao homem o livre-arbítrio seria reduzi-lo ao estado de máquina. Ao voltar à vida corporal, o Espírito perde momentaneamente a lembrança de suas existências anteriores, como se um véu as ocultasse dele; contudo, às vezes tem uma vaga consciência delas, e elas podem até lhe ser reveladas em certas circunstâncias; mas então isso só acontece pela vontade dos Espíritos superiores, que o fazem espontaneamente, com uma finalidade útil, e nunca para satisfazer uma curiosidade vã. As existências futuras não podem ser reveladas em caso algum, porque dependem da maneira como se realiza a existência presente e da escolha posterior do Espírito. O esquecimento das faltas cometidas não é um obstáculo à melhora do Espírito, pois, se ele não tem uma lembrança precisa delas, o conhecimento que tinha no estado errante e o desejo que concebeu de repará-las o guiam pela intuição e lhe dão a ideia de resistir ao mal; essa ideia é a voz da consciência, na qual ele recebe o auxílio dos Espíritos

que o assistem, se escutar as boas inspirações que lhe sugerem. Se o homem não conhece os próprios atos que cometeu em suas existências anteriores, pode sempre saber de que gênero de faltas se tornou culpado e qual era seu caráter dominante. Basta estudar a si mesmo, e poderá julgar o que foi, não pelo que é, mas por suas tendências. As vicissitudes da vida corporal são ao mesmo tempo uma expiação pelas faltas passadas e provas para o futuro. Elas nos purificam e nos elevam, conforme as suportamos com resignação e sem murmurar. A natureza das vicissitudes e das provas pelas quais passamos também pode nos esclarecer sobre o que fomos e sobre o que fizemos, assim como, neste mundo, julgamos os atos de um culpado pelo castigo que a lei lhe impõe. Assim, um será castigado em seu orgulho pela humilhação de uma existência subalterna; o mau rico e o avarento, pela miséria; aquele que foi duro com os outros, pelas durezas que sofrerá; o tirano, pela escravidão; o mau filho, pela ingratidão de seus filhos; o preguiçoso, por um trabalho forçado, etc.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO II, CAP. VIII — EMANCIPAÇÃO DA ALMA

✦

O sono e os sonhos

400. O Espírito encarnado permanece de boa vontade em seu envoltório corporal?

> « É como se você perguntasse se o prisioneiro gosta de estar atrás das grades. O Espírito encarnado aspira sem cessar à libertação, e quanto mais grosseiro é o envoltório, mais deseja se livrar dele. »

401. Durante o sono, a alma repousa como o corpo?

> « Não, o Espírito nunca fica inativo. Durante o sono, os laços que o unem ao corpo se afrouxam e, como o corpo não precisa dele, ele percorre o espaço e entra em relação mais direta com os outros Espíritos. »

402. Como podemos avaliar a liberdade do Espírito durante o sono?

« Pelos sonhos. Saiba que, quando o corpo repousa, o Espírito tem mais faculdades do que durante a vigília; ele tem a lembrança do passado e, algumas vezes, a previsão do futuro; adquire mais poder e pode entrar em comunicação com os outros Espíritos, seja neste mundo, seja em outro. Muitas vezes você diz: Tive um sonho estranho, um sonho terrível, mas que não tem nenhuma verossimilhança; você se engana; muitas vezes é uma lembrança dos lugares e das coisas que você viu ou que verá em outra existência ou em outro momento. Estando o corpo entorpecido, o Espírito procura romper sua corrente, buscando no passado ou no futuro.

« Pobres homens, como vocês conhecem pouco os fenômenos mais comuns da vida! Vocês acreditam ser muito sábios, e as coisas mais corriqueiras os deixam embaraçados; diante destas perguntas que todas as crianças fazem: o que fazemos quando dormimos? O que são os sonhos? Vocês ficam sem resposta.

« O sono liberta em parte a alma do corpo. Quando se dorme, fica-se momentaneamente no estado em que se permanece de maneira estável depois da morte. Os Espíritos que logo se desprendem da matéria ao morrer tiveram sonos inteligentes; esses, quando dormem, juntam-se à companhia de outros seres superiores a eles: viajam, conversam e se instruem com eles; trabalham até mesmo em obras que encontram prontas ao morrer. Isso deve ensinar vocês, mais uma vez, a não temer a morte, já que morrem todos os dias, segundo as palavras de um santo.

« Isso vale para os Espíritos elevados; mas, quanto à maioria dos homens que, ao morrer, devem permanecer longas horas nessa perturbação, nessa incerteza de que lhes falaram, esses vão, seja a mundos inferi-

ores à Terra, onde antigas afeições os chamam de volta, seja em busca de prazeres talvez ainda mais baixos do que os que têm aqui; vão buscar doutrinas ainda mais vis, mais ignóbeis, mais nocivas do que aquelas que professam entre vocês. E o que gera a simpatia na Terra nada mais é do que o fato de que, ao despertar, a pessoa se sente ligada pelo coração àqueles com quem acaba de passar oito a nove horas de felicidade ou de prazer. O que também explica essas antipatias invencíveis é que se sabe, no fundo do coração, que essas pessoas têm uma consciência diferente da nossa, porque as conhecemos sem nunca as termos visto com os olhos. É também isso que explica a indiferença, pois não se faz questão de fazer novos amigos quando se sabe que há outros que nos amam e nos querem bem. Em uma palavra, o sono influi na vida de vocês mais do que pensam.

« Pelo efeito do sono, os Espíritos encarnados estão sempre em contato com o mundo dos Espíritos, e é isso que faz com que os Espíritos superiores consintam, sem muita repulsa, em encarnar entre vocês. Deus quis que, durante seu contato com o vício, eles pudessem ir se fortalecer na fonte do bem, para não falharem eles próprios, que vinham instruir os outros. O sono é a porta que Deus lhes abriu para seus amigos do céu; é o recreio depois do trabalho, enquanto aguardam a grande libertação, a liberação final que deve devolvê-los ao seu verdadeiro meio.

« O sonho é a lembrança do que o Espírito de vocês viu durante o sono; mas observem que vocês nem sempre sonham, porque nem sempre se lembram do que viram, ou de tudo o que viram. Não é a alma de vocês em todo o seu desenvolvimento; muitas vezes é apenas a lembrança da perturbação que acompanha sua partida ou seu retorno, à qual se junta a lembrança do que fizeram ou do que os preocupa no es-

> tado de vigília; sem isso, como explicariam esses sonhos absurdos que têm tanto os mais sábios quanto os mais simples? Os maus Espíritos também se servem dos sonhos para atormentar as almas fracas e medrosas.
>
> « Além disso, em breve vocês verão se desenvolver outra espécie de sonhos; ela é tão antiga quanto a que conhecem, mas vocês a ignoram. O sonho de Joana, o sonho de Jacó, o sonho dos profetas judeus e de alguns adivinhos indianos: esse sonho é a lembrança da alma inteiramente desprendida do corpo, a lembrança dessa segunda vida de que eu lhes falava há pouco.
>
> « Procurem distinguir bem essas duas espécies de sonhos entre aqueles de que se lembrarem; sem isso, vocês cairiam em contradições e em erros que seriam funestos à sua fé. »

Os sonhos são o produto da emancipação da alma, que se torna mais independente pela suspensão da vida ativa e de relação. Daí uma espécie de clarividência indefinida que se estende aos lugares mais distantes ou que nunca foram vistos, e às vezes até mesmo a outros mundos. Daí também a lembrança que traz de volta à memória os acontecimentos ocorridos na existência presente ou nas existências anteriores; a estranheza das imagens do que se passa ou se passou em mundos desconhecidos, misturadas às coisas do mundo atual, forma esses conjuntos estranhos e confusos que parecem não ter sentido nem ligação. A incoerência dos sonhos também se explica pelas lacunas produzidas pela lembrança incompleta do que nos apareceu em sonho. Seria como um relato do qual se tivessem cortado ao acaso frases ou partes de frases: os fragmentos restantes, reunidos, perderiam todo significado razoável.

403. **Por que nem sempre nos lembramos dos sonhos?**

« O que você chama de sono é apenas o repouso do corpo, pois o Espírito está sempre em movimento; nesse estado, ele recupera um pouco de sua liberdade e se comunica com aqueles que lhe são queridos, seja neste mundo, seja em outros; mas, como o corpo é uma matéria pesada e grosseira, conserva com dificuldade as impressões que o Espírito recebeu, porque o Espírito não as percebeu pelos órgãos do corpo. »

404. **O que pensar do significado atribuído aos sonhos?**

« Os sonhos não são verdadeiros como entendem os adivinhos, pois é absurdo acreditar que sonhar com determinada coisa anuncia determinada coisa. São verdadeiros no sentido de que apresentam imagens reais para o Espírito, mas que muitas vezes não têm relação com o que se passa na vida corporal; muitas vezes também, como dissemos, são uma lembrança; por fim, podem ser, às vezes, um pressentimento do futuro, se Deus o permitir, ou a visão do que se passa naquele momento em outro lugar, para onde a alma se transporta. Vocês não têm numerosos exemplos de pessoas que aparecem em sonho e vêm avisar seus parentes ou seus amigos do que lhes acontece? O que são essas aparições, senão a alma ou o Espírito dessas pessoas que vem se comunicar com o de vocês? Quando vocês adquirem a certeza de que aquilo que viram realmente aconteceu, isso não é uma prova de que a imaginação não teve participação alguma, sobretudo se essa coisa não estava de modo algum em seus pensamentos durante a vigília? »

405. **Muitas vezes vemos em sonho coisas que parecem pressentimentos e que não se realizam; de onde vem isso?**

> « Elas podem se realizar para o Espírito, ainda que não para o corpo, isto é, o Espírito vê a coisa que deseja porque vai encontrá-la. Não se deve esquecer que, durante o sono, a alma está sempre mais ou menos sob a influência da matéria e que, por consequência, nunca se liberta inteiramente das ideias terrenas; disso resulta que as preocupações da vigília podem dar ao que se vê a aparência daquilo que se deseja ou daquilo que se teme; é isso, verdadeiramente, que se pode chamar de efeito da imaginação. Quando se está muito preocupado com uma ideia, relaciona-se a ela tudo o que se vê. »

406. **Quando vemos em sonho pessoas vivas, que conhecemos perfeitamente, praticarem atos nos quais não pensam de modo algum, isso não é um efeito de pura imaginação?**

> « Que elas não pensam de modo algum nesses atos, como você sabe? O Espírito delas pode vir visitar o seu, assim como o seu pode visitar o delas, e você nem sempre sabe no que ele pensa. Além disso, muitas vezes vocês também atribuem a pessoas que conhecem, e de acordo com seus desejos, o que aconteceu ou acontece em outras existências. »

407. **O sono completo é necessário para a emancipação do Espírito?**

> « Não, o Espírito recupera sua liberdade quando os sentidos se entorpecem; para se emancipar, aproveita todos os instantes de descanso que o corpo lhe concede. Assim que há enfraquecimento das forças vitais, o Espírito se desprende, e quanto mais fraco está o corpo, mais livre está o Espírito. »

É assim que o estado de sonolência, ou um simples entorpecimento dos sentidos, muitas vezes apresenta as mesmas imagens que o sonho.

408. **Às vezes nos parece ouvir dentro de nós palavras pronunciadas distintamente e que não têm nenhuma relação com o que nos preocupa; de onde vem isso?**

> « Sim, e até mesmo frases inteiras, sobretudo quando os sentidos começam a se entorpecer. Às vezes é um fraco eco de um Espírito que quer se comunicar com você. »

409. **Muitas vezes, em um estado que ainda não é o de sonolência, quando estamos de olhos fechados, vemos imagens distintas, figuras das quais percebemos os mínimos detalhes; isso é um efeito de visão ou de imaginação?**

> « Estando o corpo entorpecido, o Espírito procura romper sua corrente: ele se transporta e vê; se o sono fosse completo, seria um sonho. »

410. **Às vezes, durante o sono ou a sonolência, temos ideias que parecem muito boas e que, apesar dos esforços que fazemos para lembrá-las, desaparecem da memória; de onde vêm essas ideias?**

> « São o resultado da liberdade do Espírito, que se emancipa e desfruta de mais faculdades nesse momento. Muitas vezes são também conselhos dados por outros Espíritos. »

– Para que servem essas ideias e esses conselhos, já que perdemos a lembrança deles e não podemos aproveitá-los?

> « Essas ideias às vezes pertencem mais ao mundo dos Espíritos do que ao mundo corporal; mas, na maioria das vezes, se o corpo esquece, o Espírito se lembra, e a ideia volta no momento necessário, como uma inspiração do momento. »

411. **O Espírito encarnado, nos momentos em que está desprendido da matéria e age como Espírito, sabe a época de sua morte?**

> « Muitas vezes ele a pressente; às vezes tem dela uma consciência muito clara, e é isso que, no estado de vigília, lhe dá a intuição a esse respeito; daí vem que certas pessoas às vezes preveem sua morte com grande exatidão. »

412. **A atividade do Espírito durante o repouso ou o sono do corpo pode fazer com que este sinta cansaço?**

> « Sim, pois o Espírito está preso ao corpo como um balão cativo está preso a um poste; assim como os solavancos do balão abalam o poste, a atividade do Espírito repercute no corpo e pode fazê-lo sentir cansaço. »

Visitas espíritas entre pessoas vivas

413. **Do princípio da emancipação da alma durante o sono, parece resultar que temos uma dupla existência simultânea: a do corpo, que nos dá a vida de relação exterior, e a da alma, que nos dá a vida de relação oculta; isso é exato?**

> « No estado de emancipação, a vida do corpo cede à vida da alma; mas não são, propriamente falando, duas existências; são antes duas fases da mesma existência, pois o homem não vive duplamente. »

414. **Duas pessoas que se conhecem podem se visitar durante o sono?**

> « Sim, e muitas outras que acreditam não se conhecer se reúnem e conversam. Você pode ter, sem suspeitar, amigos em outro país. O fato de ir ver, durante o sono, amigos, parentes, conhecidos, pessoas que podem ser úteis a vocês, é tão frequente que vocês mesmos o fazem quase todas as noites. »

415. **Qual pode ser a utilidade dessas visitas noturnas, já que não nos lembramos delas?**

> « Geralmente fica uma intuição ao despertar, e essa é muitas vezes a origem de certas ideias que surgem espontaneamente, sem que se possa explicá-las, e que nada mais são do que aquelas colhidas nessas conversas. »

416. O homem pode provocar as visitas espíritas por sua vontade? Pode, por exemplo, dizer ao adormecer: Esta noite quero me encontrar em Espírito com tal pessoa, conversar com ela e lhe dizer tal coisa?

> « Eis o que acontece. O homem adormece, seu Espírito desperta, e o Espírito muitas vezes está bem longe de seguir o que o homem havia resolvido, pois a vida do homem interessa pouco ao Espírito quando ele está liberto da matéria. Isso se aplica aos homens já bastante elevados; os outros passam sua existência espiritual de maneira bem diferente: entregam-se às suas paixões ou permanecem na inatividade. Pode, portanto, acontecer que, conforme o motivo que se tenha em vista, o Espírito vá visitar as pessoas que deseja; mas o fato de ter essa vontade enquanto está acordado não é razão para que o faça. »

417. Certo número de Espíritos encarnados pode se reunir assim e formar assembleias?

> « Sem dúvida alguma; os laços de amizade, antigos ou novos, muitas vezes reúnem assim diversos Espíritos felizes por estarem juntos. »

Pela palavra antigo, devem-se entender os laços de amizade estabelecidos em outras existências anteriores. Trazemos ao despertar uma intuição das ideias colhidas nessas conversas ocultas, mas cuja fonte ignoramos.

418. **Uma pessoa que acreditasse que um de seus amigos estivesse morto, embora ele não estivesse, poderia se encontrar com ele em Espírito e saber assim que está vivo? Poderia, nesse caso, ter essa intuição ao despertar?**

> « Como Espírito, ela certamente pode vê-lo e conhecer seu destino; se não lhe for imposto como prova acreditar na morte de seu amigo, terá um pressentimento de que ele está vivo, assim como poderá ter o de sua morte. »

Transmissão oculta do pensamento

419. **Por que a mesma ideia, a de uma descoberta, por exemplo, surge em vários lugares ao mesmo tempo?**

> « Já dissemos que, durante o sono, os Espíritos se comunicam entre si; pois bem! Quando o corpo desperta, o Espírito se lembra do que aprendeu, e o homem acredita tê-lo inventado. Assim, vários podem descobrir a mesma coisa ao mesmo tempo. Quando vocês dizem que uma ideia está no ar, essa é uma imagem mais exata do que pensam; cada um contribui para propagá-la sem suspeitar. »

Nosso próprio Espírito revela assim muitas vezes a outros Espíritos, sem que saibamos, aquilo que era objeto de nossas preocupações durante a vigília.

420. **Os Espíritos podem se comunicar se o corpo estiver completamente acordado?**

> « O Espírito não está encerrado no corpo como numa caixa: ele irradia ao seu redor; por isso pode se comunicar com outros Espíritos, mesmo no estado de vigília, embora o faça com mais dificuldade. »

421. **Por que duas pessoas, perfeitamente acordadas, muitas vezes têm instantaneamente o mesmo pensamento?**

> « São dois Espíritos afins que se comunicam e veem reciprocamente seus pensamentos, mesmo quando o corpo não dorme. »

Há entre os Espíritos que se encontram uma comunicação de pensamentos que faz com que duas pessoas se vejam e se compreendam sem precisar dos sinais exteriores da linguagem. Poderíamos dizer que elas falam entre si a linguagem dos Espíritos.

Letargia, catalepsia, mortes aparentes

422. **As pessoas em estado de letargia e de catalepsia geralmente veem e ouvem o que acontece ao seu redor, mas não conseguem manifestá-lo; isso se dá pelos olhos e pelos ouvidos do corpo?**

> « Não, é pelo Espírito; o Espírito tem consciência de si, mas não consegue se comunicar. »

– **Por que ele não consegue se comunicar?**

> « O estado do corpo se opõe a isso; esse estado particular dos órgãos dá a vocês a prova de que há no homem algo além do corpo, já que o corpo não funciona mais e o Espírito age. »

423. **Na letargia, o Espírito pode se separar inteiramente do corpo, de modo a lhe dar todas as aparências da morte, e depois voltar a ele?**

> « Na letargia, o corpo não está morto, pois há funções que continuam a se realizar; a vitalidade está nele em estado latente, como na crisálida, mas não está aniquilada; ora, o Espírito está unido ao corpo enquanto este vive; uma vez rompidos os laços pela morte real e pela desagregação dos órgãos, a separação é completa e o Espírito não volta mais a ele. Quando um homem que apresenta as aparências da morte volta à vida, é porque a morte não estava completa. »

424. **É possível, por meio de cuidados prestados a tempo, restabelecer laços prestes a se romper e devolver à vida um ser que, por falta de socorro, teria morrido definitivamente?**

> « Sim, sem dúvida, e vocês têm provas disso todos os dias. O magnetismo é muitas vezes, nesse caso, um meio poderoso, porque devolve ao corpo o fluido vital que lhe falta e que era insuficiente para manter o funcionamento dos órgãos. »

A letargia e a catalepsia têm o mesmo princípio, que é a perda momentânea da sensibilidade e do movimento por uma causa fisiológica ainda inexplicada; diferem porque, na letargia, a suspensão das forças vitais é geral e dá ao corpo todas as aparências da morte; na catalepsia, ela é localizada e pode afetar uma parte mais ou menos extensa do corpo, deixando a inteligência livre para se manifestar, o que não permite confundi-la com a morte.

A letargia é sempre natural; a catalepsia às vezes é espontânea, mas pode ser provocada e eliminada artificialmente pela ação magnética.

Sonambulismo

425. O sonambulismo natural tem relação com os sonhos? Como se pode explicá-lo?

« É uma independência da alma mais completa do que no sonho, e então suas faculdades estão mais desenvolvidas; ela tem percepções que não tem no sonho, que é um estado de sonambulismo imperfeito.

« No sonambulismo, o Espírito está inteiramente de posse de si mesmo; os órgãos materiais, estando de certo modo em catalepsia, não recebem mais as impressões exteriores. Esse estado se manifesta sobretudo durante o sono; é o momento em que o Espírito pode deixar provisoriamente o corpo, estando este entregue ao repouso indispensável à matéria. Quando ocorrem os fatos de sonambulismo, é porque o Espírito, preocupado com uma coisa ou outra, se entrega a alguma ação que exige o uso de seu corpo, do qual então se serve de modo semelhante ao uso que faz de uma mesa ou de qualquer outro objeto material no fenômeno das manifestações físicas, ou mesmo da mão de vocês no das comunicações escritas. Nos sonhos de que se tem consciência, os órgãos, inclusive os da memória, começam a despertar; eles recebem de modo imperfeito as impressões produzidas pelos objetos ou pelas causas exteriores e as comunicam ao Espírito que, estando ele próprio em repouso, percebe delas apenas sensações confusas e muitas vezes desconexas, sem nenhuma razão de ser aparente, misturadas como estão a vagas lembranças, seja desta existência, seja de existências anteriores. É então fácil compreender por que os sonâmbulos não têm nenhuma lembrança e por que os sonhos dos quais se conserva a memória geralmente não têm sentido algum. Digo geralmente, pois acontece de se-

rem consequência de uma lembrança precisa de acontecimentos de uma vida anterior e, às vezes, até uma espécie de intuição do futuro. »

426. **O sonambulismo chamado magnético tem relação com o sonambulismo natural?**

« É a mesma coisa, com a diferença de que é provocado. »

427. **Qual é a natureza do agente chamado fluido magnético?**

« Fluido vital, eletricidade animalizada, que são modificações do fluido universal. »

428. **Qual é a causa da clarividência sonambúlica?**

« Já dissemos: é a alma que vê. »

429. **Como o sonâmbulo pode ver através dos corpos opacos?**

« Só há corpos opacos para os órgãos grosseiros de vocês; não dissemos que, para o Espírito, a matéria não é um obstáculo, já que ele a atravessa livremente? Muitas vezes ele diz a vocês que vê pela testa, pelo joelho etc., porque vocês, inteiramente presos à matéria, não compreendem que ele possa ver sem o auxílio dos órgãos; ele próprio, pelo desejo que vocês têm, acredita precisar desses órgãos, mas, se o deixassem livre, compreenderia que vê por todas as partes de seu corpo, ou, melhor dizendo, é fora de seu corpo que ele vê. »

430. **Já que a clarividência do sonâmbulo é a de sua alma ou de seu Espírito, por que ele não vê tudo e por que se engana muitas vezes?**

> « Primeiro, não é dado aos Espíritos imperfeitos ver tudo e conhecer tudo; você sabe bem que eles ainda compartilham dos erros e dos preconceitos de vocês; além disso, quando estão ligados à matéria, não desfrutam de todas as suas faculdades de Espírito. Deus deu ao homem essa faculdade com uma finalidade útil e séria, e não para lhe ensinar o que não deve saber; eis por que os sonâmbulos não podem dizer tudo. »

431. Qual é a fonte das ideias inatas do sonâmbulo, e como ele pode falar com exatidão de coisas que ignora no estado de vigília e que estão até acima de sua capacidade intelectual?

> « Acontece de o sonâmbulo possuir mais conhecimentos do que você sabe que ele tem; eles apenas estão adormecidos, porque seu envoltório é imperfeito demais para que possa se lembrar deles. Mas, afinal, o que ele é? Como nós, um Espírito que está encarnado na matéria para cumprir sua missão, e o estado em que entra o desperta dessa letargia. Já dissemos a você muitas vezes que revivemos várias vezes; é essa mudança que o faz perder, no plano material, o que pôde aprender numa existência anterior; ao entrar no estado que você chama de crise, ele se lembra, mas nem sempre de maneira completa; ele sabe, mas não poderia dizer de onde sabe, nem como possui esses conhecimentos. Passada a crise, toda lembrança se apaga e ele volta à obscuridade. »

A experiência mostra que os sonâmbulos também recebem comunicações de outros Espíritos, que lhes transmitem o que devem dizer e suprem suas insuficiências; isso se vê sobretudo nas prescrições médicas: o Espírito do sonâmbulo vê o mal, outro lhe indica o remédio.

Essa dupla ação às vezes é evidente e se revela, além disso, por estas expressões bastante frequentes: dizem-me para dizer, ou proíbem-me de dizer tal coisa.

Neste último caso, sempre há perigo em insistir para obter uma revelação recusada, porque então se dá abertura aos Espíritos levianos, que falam de tudo sem escrúpulos e sem se preocupar com a verdade.

432. Como explicar a visão a distância em certos sonâmbulos?

> « A alma não se desloca durante o sono? É a mesma coisa no sonambulismo. »

433. O maior ou menor desenvolvimento da clarividência sonambúlica depende da organização física ou da natureza do Espírito encarnado?

> « De uma e de outra; há disposições físicas que permitem ao Espírito se desprender mais ou menos facilmente da matéria. »

434. As faculdades de que o sonâmbulo dispõe são as mesmas que as do Espírito depois da morte?

> « Até certo ponto, pois é preciso levar em conta a influência da matéria à qual ele ainda está ligado. »

435. O sonâmbulo pode ver os outros Espíritos?

> « A maioria os vê muito bem; isso depende do grau e da natureza de sua lucidez; mas às vezes não percebem isso de imediato e os tomam por seres corpóreos; isso acontece sobretudo aos que não têm nenhum conhecimento do espiritismo; ainda não compreendem a essência dos Espíritos; isso os surpreende, e é por isso que acreditam ver pessoas vivas. »

O mesmo efeito se produz no momento da morte entre aqueles que ainda se julgam vivos. Nada ao redor deles lhes parece ter mudado, os Espíritos lhes parecem ter corpos semelhantes aos nossos, e eles tomam a aparência do próprio corpo por um corpo real.

436. O sonâmbulo que vê a distância vê do ponto onde está seu corpo ou daquele onde está sua alma?

> « Por que essa pergunta, já que é a alma que vê, e não o corpo? »

437. **Já que é a alma que se desloca, como o sonâmbulo pode sentir em seu corpo as sensações de calor ou de frio do lugar onde sua alma se encontra e que às vezes fica muito longe de seu corpo?**

> « A alma não deixou inteiramente o corpo; continua presa a ele pelo laço que os une; é esse laço que conduz as sensações. Quando duas pessoas se comunicam de uma cidade a outra pela eletricidade, é a eletricidade que serve de ligação entre seus pensamentos; é por isso que se comunicam como se estivessem uma ao lado da outra. »

438. **O uso que um sonâmbulo faz de sua faculdade influi no estado de seu Espírito depois da morte?**

> « Muito, assim como o bom ou mau uso de todas as faculdades que Deus deu ao homem. »

Êxtase

439. **Que diferença há entre o êxtase e o sonambulismo?**

> « É um sonambulismo mais depurado; a alma de quem está em êxtase é ainda mais independente. »

440. **O Espírito de quem está em êxtase penetra realmente nos mundos superiores?**

> « Sim, ele os vê e compreende a felicidade dos que ali estão; é por isso que gostaria de permanecer ali; mas há mundos inacessíveis aos Espíritos que não são suficientemente depurados. »

441. **Quando a pessoa em êxtase expressa o desejo de deixar a Terra, fala sinceramente, e não é contida pelo instinto de conservação?**

> « Isso depende do grau de depuração do Espírito; se ele vê sua situação futura como melhor que sua vida presente, faz esforços para romper os laços que o prendem à Terra. »

442. **Se a pessoa em êxtase fosse deixada à própria sorte, sua alma poderia deixar definitivamente o corpo?**

> « Sim, ela pode morrer; é por isso que é preciso chamá-la de volta por tudo o que possa prendê-la a este mundo, e sobretudo fazendo-a perceber que, se rompesse a corrente que a mantém aqui, esse seria o verdadeiro meio de não permanecer onde ela vê que seria feliz. »

443. **Há coisas que a pessoa em êxtase afirma ver e que são evidentemente produto de uma imaginação impressionada pelas crenças e pelos preconceitos terrenos. Então, nem tudo o que ela vê é real?**

> « O que ela vê é real para ela; mas, como seu Espírito continua sob a influência das ideias terrenas, pode ver isso à sua maneira, ou, melhor dizendo, expressá-lo numa linguagem adequada aos seus preconceitos e às ideias com que foi criada, ou aos de vocês, para se fazer compreender melhor; é sobretudo nesse sentido que ela pode errar. »

444. **Que grau de confiança se pode dar às revelações das pessoas em êxtase?**

> « A pessoa em êxtase pode se enganar com muita frequência, sobretudo quando quer penetrar aquilo que deve permanecer um mistério para o homem, pois então se entrega às próprias ideias, ou se torna um joguete de Espíritos enganadores que se aproveitam de seu entusiasmo para fasciná-la. »

445. **Que conclusões se podem tirar dos fenômenos do sonambulismo e do êxtase? Não seriam uma espécie de iniciação à vida futura?**

> « Ou, melhor dizendo, é a vida passada e a vida futura que o homem entrevê. Que ele estude esses fenômenos, e encontrará neles a solução de mais de um mistério que sua razão procura em vão penetrar. »

446. **Os fenômenos do sonambulismo e do êxtase poderiam ser conciliados com o materialismo?**

> « Quem os estuda de boa-fé e sem preconceitos não pode ser materialista nem ateu. »

Segunda visão

447. **O fenômeno chamado de segunda visão tem relação com o sonho e o sonambulismo?**

> « Tudo isso é uma só e mesma coisa; o que você chama de segunda visão é, ainda, o Espírito mais livre, embora o corpo não esteja adormecido. A segunda visão é a visão da alma. »

448. **A segunda visão é permanente?**

> « A faculdade, sim; seu exercício, não. Nos mundos menos materiais que o de vocês, os Espíritos se desprendem mais facilmente e se comunicam apenas pelo pensamento, sem excluir, contudo, a linguagem articulada; por isso, a dupla visão é ali, para a maioria, uma faculdade permanente; seu estado normal pode ser comparado ao dos sonâmbulos lúcidos de vocês, e essa é também a razão pela qual eles se manifestam a vocês mais facilmente do que aqueles que estão encarnados em corpos mais grosseiros. »

449. **A segunda visão se desenvolve espontaneamente ou pela vontade de quem a possui?**

> « Na maioria das vezes, ela é espontânea, mas muitas vezes a vontade também desempenha um grande papel. Assim, tome como exemplo certas pessoas chamadas de adivinhos, algumas das quais têm esse poder, e você verá que é a vontade que as ajuda a entrar nessa segunda visão e no que você chama de visão. »

450. **A segunda visão pode se desenvolver pelo exercício?**

> « Sim, o trabalho sempre traz progresso, e o véu que cobre as coisas se torna mais transparente. »

– **Essa faculdade depende da organização física?**

> « Certamente, a organização desempenha um papel nisso; há organizações que resistem a ela. »

451. Por que a segunda visão parece ser hereditária em certas famílias?

> « Semelhança de organização, que se transmite como as outras qualidades físicas; e também desenvolvimento da faculdade por uma espécie de educação que se transmite igualmente de uma pessoa a outra. »

452. É verdade que certas circunstâncias desenvolvem a segunda visão?

> « A doença, a aproximação de um perigo, um grande abalo podem desenvolvê-la. O corpo às vezes se encontra num estado particular que permite ao Espírito ver o que vocês não podem ver com os olhos do corpo. »

Os tempos de crise e de calamidades, as grandes emoções, todas as causas que excitam intensamente o ânimo provocam às vezes o desenvolvimento da segunda visão. Parece que a Providência, diante do perigo, nos dá o meio de afastá-lo. Todas as seitas e todos os partidos perseguidos oferecem numerosos exemplos disso.

453. As pessoas dotadas de segunda visão têm sempre consciência disso?

> « Nem sempre; para elas, é algo inteiramente natural, e muitas acreditam que, se todos observassem a si mesmos, cada um deveria ser assim também. »

454. **Poderia ser atribuída a uma espécie de segunda visão a perspicácia de certas pessoas que, sem nada terem de extraordinário, julgam as coisas com mais precisão do que outras?**

> « É sempre a alma que irradia mais livremente e julga melhor do que sob o véu da matéria. »

– Essa faculdade pode, em certos casos, dar o conhecimento antecipado das coisas?

> « Sim; ela também dá os pressentimentos, pois há vários graus nessa faculdade, e a mesma pessoa pode ter todos os graus ou apenas alguns deles. »

Resumo teórico do sonambulismo, do êxtase e da segunda vista

Os fenômenos do sonambulismo natural se produzem espontaneamente e são independentes de qualquer causa exterior conhecida; mas, em certas pessoas dotadas de uma organização especial, podem ser provocados artificialmente pela ação do agente magnético.

O estado designado pelo nome de sonambulismo magnético só difere do sonambulismo natural porque um é provocado, enquanto o outro é espontâneo.

O sonambulismo natural é um fato notório que ninguém pensa em pôr em dúvida, apesar do caráter maravilhoso dos fenômenos que apresenta. O que há, então, de mais extraordinário ou de mais irracional no sonambulismo magnético por ser produzido artificialmente, como tantas outras coi-

sas? Charlatães, dizem, o exploraram; mais uma razão para não deixá-lo nas mãos deles.

Quando a ciência se apropriar dele, o charlatanismo terá muito menos crédito entre as massas; mas, enquanto isso, como o sonambulismo natural ou artificial é um fato, e contra um fato não há raciocínio possível, ele ganha crédito apesar da má vontade de alguns, e isso dentro da própria ciência, onde entra por uma infinidade de pequenas portas em vez de passar pela grande; quando estiver plenamente estabelecido nela, será preciso reconhecer seu direito de cidadania.

Para o espiritismo, o sonambulismo é mais que um fenômeno fisiológico: é uma luz lançada sobre a psicologia; é nele que se pode estudar a alma, porque ela se mostra sem véus; ora, um dos fenômenos pelos quais ela se caracteriza é a clarividência independente dos órgãos comuns da visão.

Os que contestam esse fato se baseiam em que o sonâmbulo nem sempre vê, nem vê à vontade do experimentador, como com os olhos. É de admirar que, sendo diferentes os meios, os efeitos já não sejam os mesmos? É racional exigir efeitos idênticos quando o instrumento já não existe?

A alma tem suas propriedades, assim como o olho tem as suas; é preciso julgá-las em si mesmas, e não por analogia.

A causa da clarividência do sonâmbulo magnético e do sonâmbulo natural é exatamente a mesma: é um atributo da alma, uma faculdade inerente a todas as partes do ser incorpóreo que existe em nós e que só tem os limites atribuídos à própria alma. Ele vê em todos os lugares aonde sua alma pode se transportar, qualquer que seja a distância.

Na visão à distância, o sonâmbulo não vê as coisas do ponto onde está seu corpo, como por um efeito telescópico. Ele as vê presentes e como se estivesse no lugar onde elas existem, porque sua alma está realmente ali; é por isso que seu corpo fica como que aniquilado e parece privado de sensibilidade, até o momento em que a alma vem retomar sua posse.

Essa separação parcial da alma e do corpo é um estado anormal que pode durar mais ou menos tempo, mas não indefinidamente; é a causa do cansaço que o corpo sente depois de certo tempo, sobretudo quando a alma se dedica a um trabalho ativo.

Como a visão da alma ou do Espírito não é circunscrita e não tem uma sede determinada, isso explica por que os sonâmbulos não podem lhe atribuir um órgão especial; eles veem porque veem, sem saber por quê nem como, pois a visão não tem um foco próprio para eles como Espíritos. Se voltam a atenção para o corpo, esse foco lhes parece estar nos centros onde a atividade vital é maior, principalmente no cérebro, na região epigástrica ou no órgão que, para eles, é o ponto de ligação mais persistente entre o Espírito e o corpo.

O poder da lucidez sonambúlica não é ilimitado. O Espírito, mesmo completamente livre, é limitado em suas faculdades e em seus conhecimentos conforme o grau de perfeição a que chegou; é ainda mais limitado quando está ligado à matéria, cuja influência sofre. Essa é a causa pela qual a clarividência sonambúlica não é universal nem infalível. Tanto menos se pode contar com sua infalibilidade quanto mais ela é desviada do objetivo que a natureza se propôs e transformada em objeto de curiosidade e experimentação.

No estado de desprendimento em que se encontra, o Espírito do sonâmbulo entra mais facilmente em comunicação com os outros Espíritos, encarnados ou não encarnados; essa comunicação se estabelece pelo contato dos fluidos que compõem os perispíritos e servem à transmissão do pensamento, como o fio elétrico.

O sonâmbulo, portanto, não precisa que o pensamento seja articulado pela palavra: ele o sente e o adivinha; é isso que o torna extremamente impressionável e acessível às influências da atmosfera moral em que se encontra.

É também por isso que uma grande reunião de espectadores, sobretudo de curiosos mais ou menos mal-intencionados, prejudica profundamente o desenvolvimento de suas faculdades, que se recolhem, por assim dizer, sobre si mesmas e só se expandem com plena liberdade na intimidade e em um ambiente de simpatia.

A presença de pessoas mal-intencionadas ou antipáticas produz sobre ele o efeito do contato da mão sobre a sensitiva.

O sonâmbulo vê ao mesmo tempo seu próprio Espírito e seu corpo; são, por assim dizer, dois seres que lhe representam a dupla existência espiritual e corporal e, no entanto, se confundem pelos laços que os unem. O sonâmbulo nem sempre se dá conta dessa situação, e essa dualidade faz com que muitas vezes fale de si como se falasse de outra pessoa; é que ora é o ser corporal que fala ao ser espiritual, ora é o ser espiritual que fala ao ser corporal.

O Espírito adquire um acréscimo de conhecimento e de experiência em cada uma de suas existências corporais. Ele os esquece em parte durante sua encarnação em uma matéria grosseira demais, mas se lembra deles como

Espírito. É assim que certos sonâmbulos revelam conhecimentos superiores ao grau de sua instrução e até mesmo às suas capacidades intelectuais aparentes.

A inferioridade intelectual e científica do sonâmbulo no estado de vigília, portanto, nada permite concluir sobre os conhecimentos que ele pode revelar no estado de lucidez.

Conforme as circunstâncias e o objetivo pretendido, ele pode buscá-los em sua própria experiência, na clarividência das coisas presentes ou nos conselhos que recebe de outros Espíritos; mas, como seu próprio Espírito pode ser mais ou menos adiantado, ele pode dizer coisas mais ou menos corretas.

Pelos fenômenos do sonambulismo, seja natural, seja magnético, a Providência nos dá a prova irrecusável da existência e da independência da alma e nos faz assistir ao espetáculo sublime de sua emancipação; assim, ela nos abre o livro do nosso destino.

Quando o sonâmbulo descreve o que acontece à distância, é evidente que ele o vê, e isso sem ser pelos olhos do corpo; ele vê a si mesmo naquele lugar e se sente transportado para lá; há, portanto, ali alguma coisa dele, e essa alguma coisa, não sendo seu corpo, só pode ser sua alma ou seu Espírito.

Enquanto o homem se perde nas sutilezas de uma metafísica abstrata e ininteligível para sair em busca das causas de nossa existência moral, Deus põe diariamente diante de seus olhos e ao alcance de sua mão os meios mais simples e mais evidentes para o estudo da psicologia experimental.

O êxtase é o estado em que a independência da alma em relação ao corpo se manifesta da maneira mais sensível e se torna, de certo modo, palpável.

No sonho e no sonambulismo, a alma vagueia pelos mundos terrestres; no êxtase, ela penetra em um mundo desconhecido, o dos Espíritos etéreos com os quais entra em comunicação, sem, contudo, poder ultrapassar certos limites que não poderia transpor sem romper totalmente os laços que a prendem ao corpo. Um estado resplandecente, inteiramente novo, a envolve, harmonias desconhecidas na Terra a arrebatam, um bem-estar indefinível a penetra: ela desfruta por antecipação da bem-aventurança celeste, e pode-se dizer que põe um pé no limiar da eternidade.

No estado de êxtase, o aniquilamento do corpo é quase completo; ele já não tem, por assim dizer, senão a vida orgânica, e sente-se que a alma só está ligada a ele por um fio que um esforço a mais faria romper sem retorno.

Nesse estado, todos os pensamentos terrestres desaparecem para dar lugar ao sentimento depurado que é a própria essência de nosso ser imaterial. Completamente entregue a essa contemplação sublime, a pessoa em êxtase só encara a vida como uma parada momentânea; para ela, os bens e os males, as alegrias grosseiras e as misérias deste mundo são apenas os incidentes fúteis de uma viagem cujo fim fica feliz em avistar.

Com as pessoas em êxtase acontece o mesmo que com os sonâmbulos: sua lucidez pode ser mais ou menos perfeita, e seu próprio Espírito, conforme seja mais ou menos elevado, também é mais ou menos apto a conhecer e compreender as coisas.

Às vezes há nelas mais exaltação que verdadeira lucidez, ou, melhor dizendo, sua exaltação prejudica sua lucidez; é por isso que suas revelações são muitas vezes uma mistura de verdades e erros, de coisas sublimes e coisas absurdas ou até ridículas.

Espíritos inferiores muitas vezes se aproveitam dessa exaltação, que é sempre uma causa de fraqueza quando não se sabe dominá-la, para dominar a pessoa em êxtase e, para isso, assumem aos seus olhos aparências que a mantêm em suas ideias ou preconceitos do estado de vigília.

Esse é um obstáculo, mas nem todos são assim; cabe a nós julgar com serenidade e pesar suas revelações na balança da razão.

A emancipação da alma às vezes se manifesta no estado de vigília e produz o fenômeno designado pelo nome de segunda vista, que dá aos que a possuem a faculdade de ver, ouvir e sentir além dos limites de nossos sentidos. Eles percebem as coisas ausentes em todos os lugares onde a alma estende sua ação; veem-nas, por assim dizer, através da visão comum e como por uma espécie de miragem.

No momento em que se produz o fenômeno da segunda vista, o estado físico se modifica sensivelmente; o olhar tem algo de vago: olha sem ver; toda a fisionomia reflete uma espécie de exaltação. Constata-se que os órgãos da visão não participam disso, pois a visão persiste apesar de os olhos estarem fechados.

Essa faculdade parece aos que a possuem tão natural quanto a de ver; para eles, é um atributo de seu ser que não lhes parece constituir uma exceção. Na maioria das vezes, o esquecimento se segue a essa lucidez passageira, cuja lembrança, cada vez mais vaga, acaba desaparecendo como a de um sonho.

O poder da segunda vista varia da sensação confusa à percepção clara e nítida das coisas presentes ou ausentes. No estado rudimentar, ela dá a certas

pessoas o tato, a perspicácia, uma espécie de segurança em seus atos que se pode chamar de precisão do olhar moral. Mais desenvolvida, desperta os pressentimentos; ainda mais desenvolvida, mostra os acontecimentos já realizados ou prestes a se realizar.

O sonambulismo natural e artificial, o êxtase e a segunda vista são apenas variedades ou modificações de uma mesma causa; esses fenômenos, assim como os sonhos, estão na natureza; é por isso que existiram em todos os tempos; a história nos mostra que foram conhecidos e até explorados desde a mais remota Antiguidade, e neles se encontra a explicação de uma infinidade de fatos que os preconceitos fizeram considerar sobrenaturais.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO II, CAP. IX — INTERVENÇÃO DOS ESPÍRITOS NO MUNDO CORPORAL

✦

Penetração do nosso pensamento pelos Espíritos

456. **Os Espíritos veem tudo o que fazemos?**

> « Podem ver, pois vocês estão constantemente cercados por eles; mas cada um só vê as coisas para as quais dirige sua atenção, pois não se ocupa daquelas que lhe são indiferentes. »

457. **Os Espíritos podem conhecer nossos pensamentos mais secretos?**

> « Muitas vezes, eles conhecem o que vocês gostariam de esconder de si mesmos; nem atos nem pensamentos podem ser ocultados deles. »

– Sendo assim, parece que seria mais fácil esconder uma coisa de uma pessoa viva do que dessa mesma pessoa depois de sua morte?

> « Certamente, e quando vocês se julgam bem escondidos, muitas vezes têm ao seu lado uma multidão de Espíritos que os veem. »

458. **O que pensam de nós os Espíritos que estão ao nosso redor e nos observam?**

> « Depende. Os Espíritos levianos riem dos pequenos aborrecimentos que provocam em vocês e zombam de sua impaciência. Os Espíritos sérios se compadecem de seus defeitos e procuram ajudá-los. »

Influência oculta dos Espíritos sobre nossos pensamentos e nossas ações

459. Os Espíritos influenciam nossos pensamentos e nossas ações?

> « Nesse aspecto, sua influência é maior do que vocês imaginam, pois muitas vezes são eles que os dirigem. »

460. Temos pensamentos que são nossos e outros que nos são sugeridos?

> « Sua alma é um Espírito que pensa; vocês sabem que vários pensamentos lhes chegam ao mesmo tempo sobre um mesmo assunto, e muitas vezes bastante contrários uns aos outros; pois bem! Sempre há entre eles pensamentos de vocês e nossos; é isso que os deixa na incerteza, porque têm em si duas ideias que se combatem. »

461. Como distinguir os pensamentos que são nossos daqueles que nos são sugeridos?

> « Quando um pensamento é sugerido, é como uma voz que lhes fala. Os pensamentos próprios são, em geral, os do primeiro impulso. De resto, essa distinção não tem grande importância para vocês, e muitas vezes é útil não saber: o homem age com mais liberdade; se decide pelo bem, faz isso com mais disposição; se toma o mau caminho, sua responsabilidade é ainda maior. »

462. **Os homens de inteligência e de gênio tiram sempre suas ideias de seus próprios recursos?**

> « Às vezes, as ideias vêm de seu próprio Espírito, mas muitas vezes lhes são sugeridas por outros Espíritos que os julgam capazes de compreendê-las e dignos de transmiti-las. Quando não as encontram em si mesmos, recorrem à inspiração; é uma evocação que fazem sem perceber. »

Se fosse útil que pudéssemos distinguir claramente nossos próprios pensamentos daqueles que nos são sugeridos, Deus nos teria dado o meio de fazê-lo, assim como nos dá o de distinguir o dia da noite. Quando uma coisa permanece vaga, é porque isso deve ser para o bem.

463. **Às vezes se diz que o primeiro impulso é sempre bom; isso é exato?**

> « Pode ser bom ou mau, conforme a natureza do Espírito encarnado. É sempre bom naquele que escuta as boas inspirações. »

464. **Como distinguir se um pensamento sugerido vem de um Espírito bom ou mau?**

> « Examinem a questão; os bons Espíritos só aconselham o bem; cabe a vocês distinguir. »

465. **Com que objetivo os Espíritos imperfeitos nos levam ao mal?**

> « Para fazê-los sofrer como eles. »

– Isso diminui o sofrimento deles?

> « Não, mas fazem isso por inveja de ver seres mais felizes. »

– Que tipo de sofrimento querem fazer sentir?

> « Os que resultam de pertencer a uma ordem inferior e estar afastado de Deus. »

466. **Por que Deus permite que Espíritos nos incitem ao mal?**

> « Os Espíritos imperfeitos são instrumentos destinados a pôr à prova a fé e a constância dos homens no bem. Você, sendo Espírito, deve progredir no conhecimento do infinito; é por isso que passa pelas provas do mal para chegar ao bem. Nossa missão é colocar você no bom caminho, e quando más influências agem sobre você, é porque você as chama pelo desejo do mal, pois os Espíritos inferiores vêm ajudá-lo no mal quando você tem vontade de cometê-lo; eles só podem ajudá-lo no mal quando você quer o mal. Se você tem inclinação para o assassinato, pois bem! Terá uma nuvem de Espíritos que alimentarão esse pensamento em você; mas também há outros que procurarão influenciá-lo para o bem, o que restabelece o equilíbrio e deixa você no comando. »

É assim que Deus deixa à nossa consciência a escolha do caminho que devemos seguir e a liberdade de ceder a uma ou outra das influências contrárias que se exercem sobre nós.

467. **É possível se libertar da influência dos Espíritos que incitam ao mal?**

> « Sim, pois eles só se apegam àqueles que os chamam por seus desejos ou os atraem por seus pensamentos. »

468. **Os Espíritos cuja influência é repelida pela vontade renunciam às suas tentativas?**

> « O que você quer que façam? Quando não há nada a fazer, eles cedem o lugar; no entanto, ficam à espreita do momento favorável, como o gato fica à espreita do rato. »

469. **Por que meio se pode neutralizar a influência dos maus Espíritos?**

> « Fazendo o bem e colocando toda a sua confiança em Deus, vocês repelem a influência dos Espíritos inferiores e destroem o domínio que eles queriam exercer sobre vocês. Evitem escutar as sugestões dos Espíritos que despertam maus pensamentos em vocês, que semeiam a discórdia entre vocês e que incitam em vocês todas as más paixões. Desconfiem sobretudo daqueles que exaltam seu orgulho, pois eles os pegam pelo ponto fraco. É por isso que Jesus os faz dizer na oração do Senhor: Senhor! Não nos deixeis sucumbir à tentação, mas livrai-nos do mal. »

470. **Os Espíritos que procuram nos induzir ao mal e que assim põem à prova nossa firmeza no bem receberam a missão de fazer isso? E, se é uma missão que cumprem, são responsáveis por ela?**

> « Nenhum Espírito recebe a missão de fazer o mal; quando o faz, é por sua própria vontade e, portanto, sofre as consequências. Deus pode permitir que ele o faça para pôr vocês à prova, mas não lhe ordena isso, e cabe a vocês repeli-lo. »

471. **Quando sentimos angústia, uma ansiedade indefinível ou uma satisfação interior sem causa conhecida, isso se deve unicamente a uma disposição física?**

> « É quase sempre um efeito das comunicações que vocês têm, sem saber, com os Espíritos, ou que tiveram com eles durante o sono. »

472. **Os Espíritos que querem nos incitar ao mal apenas aproveitam as circunstâncias em que nos encontramos ou podem fazer surgir essas circunstâncias?**

> « Eles aproveitam a circunstância, mas muitas vezes a provocam, levando vocês, sem que percebam, em direção ao objeto de sua cobiça. Assim, por exemplo, um homem encontra em seu caminho uma quantia em dinheiro: não pense que foram os Espíritos que levaram o dinheiro àquele lugar, mas eles podem dar ao homem a ideia de se dirigir para aquele lado, e então lhe sugerem o pensamento de se apoderar dele, enquanto outros lhe sugerem o de devolver esse dinheiro àquele a quem pertence. O mesmo acontece com todas as outras tentações. »

Possessos

473. **Um Espírito pode momentaneamente revestir-se do envoltório de uma pessoa viva, isto é, introduzir-se em um corpo animado e agir no lugar daquele que se encontra encarnado nele?**

> « O Espírito não entra em um corpo como você entra em uma casa; ele se une a um Espírito encarnado que tem os mesmos defeitos e as mesmas qualidades para agirem em conjunto; mas é sempre o Espírito encarnado que age como quer sobre a matéria de que está revestido. Um Espírito não pode substituir aquele que está encarnado, pois o Espírito e o corpo estão ligados até o momento marcado para o fim da existência material. »

474. **Se não há possessão propriamente dita, isto é, a convivência de dois Espíritos no mesmo corpo, a alma pode ficar na dependência de outro Espírito, de modo a ser subjugada ou obsediada por ele, a ponto de sua vontade ficar de certa forma paralisada?**

> « Sim, e esses são os verdadeiros possessos; mas saiba que essa dominação nunca acontece sem a participação daquele que a sofre, seja por sua fraqueza, seja por seu desejo. Muitas vezes foram tomados por possessos epilépticos ou pessoas com transtornos mentais que precisavam mais de médico do que de exorcismo. »

A palavra possesso, em seu sentido comum, supõe a existência de demônios, isto é, de uma categoria de seres de natureza má, e a convivência de um desses seres com a alma no corpo de um indivíduo.

Como não há demônios nesse sentido, e dois Espíritos não podem habitar simultaneamente o mesmo corpo, não há possessos segundo a ideia ligada a essa palavra.

A palavra possesso só deve ser entendida como a dependência absoluta em que a alma pode se encontrar em relação a Espíritos imperfeitos que a subjugam.

475. **É possível afastar por si mesmo os maus Espíritos e se libertar de sua dominação?**

> « Sempre é possível se livrar de um jugo quando se tem a firme vontade de fazê-lo. »

476. **Não pode acontecer que a fascinação exercida pelo mau Espírito seja tamanha que a pessoa subjugada não a perceba? Nesse caso, uma terceira pessoa pode fazer cessar a sujeição e, para isso, que condição deve preencher?**

> « Se for uma pessoa de bem, sua vontade pode ajudar, chamando o auxílio dos bons Espíritos, pois quanto mais se é uma pessoa de bem, mais poder se tem sobre os Espíritos imperfeitos para afastá-los e sobre os bons para atraí-los. No entanto, ela seria impotente se aquele que está subjugado não colaborar; há pessoas que se comprazem em uma dependência que satisfaz seus gostos e desejos. Em todos os casos, aquele cujo coração não é puro não pode ter nenhuma influência; os bons Espíritos o desprezam, e os maus não o temem. »

477. **As fórmulas de exorcismo têm alguma eficácia sobre os maus Espíritos?**

> « Não; quando esses Espíritos veem alguém levar a coisa a sério, riem disso e se obstinam. »

478. **Há pessoas animadas de boas intenções que, mesmo assim, são obsediadas; qual é o melhor meio de se libertar dos Espíritos obsessores?**

> « Esgotar a paciência deles, não dar nenhuma atenção às suas sugestões, mostrar-lhes que estão perdendo tempo; então, quando veem que não têm nada a fazer, vão embora. »

479. **A oração é um meio eficaz para se curar da obsessão?**

> « A oração é uma ajuda poderosa em tudo; mas tenham certeza de que não basta murmurar algumas palavras para obter o que se deseja. Deus ajuda aqueles que agem, e não aqueles que se limitam a pedir. Portanto, é preciso que o obsediado faça, por sua parte, o que é necessário para destruir em si mesmo a causa que atrai os maus Espíritos. »

480. **O que devemos pensar da expulsão dos demônios de que se fala no Evangelho?**

> « Depende da interpretação. Se vocês chamam de demônio um mau Espírito que subjuga um indivíduo, quando sua influência for destruída, ele terá sido verdadeiramente expulso. Se atribuem uma doença ao demônio, quando tiverem curado a doença, também dirão que expulsaram o demônio. Uma coisa pode ser verdadeira ou falsa conforme o sentido que se dá às palavras. As maiores verdades podem parecer absurdas quando se olha apenas para a forma e quando se toma a alegoria pela realidade. Compreendam bem isso e guardem na memória; é de aplicação geral. »

Convulsionários

481. **Os Espíritos desempenham algum papel nos fenômenos que se produzem nos indivíduos conhecidos pelo nome de convulsionários?**

> « Sim, um papel muito grande, assim como o magnetismo, que é sua primeira fonte; mas o charlatanismo muitas vezes explorou e exagerou esses efeitos, o que os tornou motivo de ridículo. »

– De que natureza são, em geral, os Espíritos que contribuem para esse tipo de fenômeno?

> « Pouco elevada; vocês acreditam que Espíritos superiores se divertem com coisas assim? »

482. **Como o estado anormal dos convulsionários e dos indivíduos sujeitos a crises pode se desenvolver de repente em toda uma população?**

> « Efeito de simpatia; as disposições morais se comunicam com muita facilidade em certos casos; vocês conhecem suficientemente os efeitos magnéticos para compreender isso e a participação que certos Espíritos devem ter nesses fenômenos, por simpatia com aqueles que os provocam. »

Entre as faculdades estranhas que se observam nos convulsionários, reconhecem-se sem dificuldade algumas das quais o sonambulismo e o magnetismo oferecem numerosos exemplos: tais são, entre outras, a insensibilidade física, o conhecimento do pensamento, a transmissão das dores por simpatia etc.

Não se pode, portanto, duvidar de que esses indivíduos sujeitos a crises estejam numa espécie de estado de sonambulismo desperto, provocado pela influência que exercem uns sobre os outros. São, ao mesmo tempo, magnetizadores e magnetizados, sem saber.

483. Qual é a causa da insensibilidade física que se observa tanto em certos convulsionários como em outros indivíduos submetidos às torturas mais atrozes?

« Em alguns, é um efeito exclusivamente magnético que age sobre o sistema nervoso da mesma maneira que certas substâncias. Em outros, a exaltação do pensamento diminui a sensibilidade, porque a vida parece ter se retirado do corpo para se concentrar no Espírito. Vocês não sabem que, quando o Espírito está fortemente preocupado com alguma coisa, o corpo não sente, não vê e não ouve nada?

A exaltação fanática e o entusiasmo oferecem muitas vezes, nos suplícios, o exemplo de uma calma e de um sangue-frio que não poderiam vencer uma dor aguda se não se admitisse que a sensibilidade se encontra neutralizada por uma espécie de efeito anestésico. Sabe-se que, no calor do combate, muitas vezes não se percebe um ferimento grave, enquanto, em circunstâncias comuns, um arranhão faria estremecer.

Já que esses fenômenos dependem de uma causa física e da ação de certos Espíritos, pode-se perguntar como foi possível que a autoridade os fizesse cessar em certos casos. A razão é simples. A ação dos Espíritos aqui é apenas secundária; eles apenas aproveitam uma disposição natural. A autoridade não suprimiu essa disposição, mas a causa que a mantinha e exaltava; de ativa, tornou-a latente, e teve razão em agir assim, porque disso resultavam abusos e escândalo. Sabe-se, aliás, que essa intervenção é impotente quando a ação dos Espíritos é direta e espontânea.

Afeição dos Espíritos por certas pessoas

484. **Os Espíritos têm afeição de preferência por certas pessoas?**

> « Os bons Espíritos simpatizam com os homens de bem ou capazes de se melhorar; os Espíritos inferiores, com os homens viciosos ou que podem se tornar assim; daí seu apego, consequência da semelhança das sensações. »

485. **A afeição dos Espíritos por certas pessoas é exclusivamente moral?**

> « A verdadeira afeição não tem nada de carnal; mas, quando um Espírito se apega a uma pessoa, nem sempre é por afeição, e pode haver nisso uma lembrança das paixões humanas. »

486. **Os Espíritos se interessam por nossas desgraças e por nossa prosperidade? Aqueles que nos querem bem se afligem com os males que sofremos durante a vida?**

> « Os bons Espíritos fazem todo o bem possível e ficam felizes com todas as suas alegrias. Eles se afligem com seus males quando vocês não os suportam com resignação, porque esses males não produzem resultado para vocês; pois então vocês são como o doente que rejeita a bebida amarga que deve curá-lo. »

487. Com que tipo de mal os Espíritos mais se afligem por nós: o mal físico ou o mal moral?

> « Seu egoísmo e sua dureza de coração: daí deriva tudo; eles riem de todos esses males imaginários que nascem do orgulho e da ambição; alegram-se com aqueles que têm por efeito abreviar seu tempo de provação. »

Os Espíritos, sabendo que a vida corporal é apenas transitória e que as tribulações que a acompanham são meios de chegar a um estado melhor, afligem-se mais por nós com as causas morais que nos afastam dele do que com os males físicos, que são apenas passageiros. Os Espíritos se preocupam pouco com as desgraças que afetam apenas nossas ideias mundanas, assim como fazemos com as mágoas pueris da infância. O Espírito, que vê nas aflições da vida um meio de progresso para nós, considera-as como a crise momentânea que deve salvar o doente. Ele se compadece de nossos sofrimentos como nos compadecemos dos de um amigo; mas, vendo as coisas de um ponto de vista mais justo, avalia-as de maneira diferente de nós, e, enquanto os bons reanimam nossa coragem em benefício de nosso futuro, os outros nos incitam ao desespero para comprometê-lo.

488. Nossos parentes e amigos que nos precederam na outra vida têm por nós mais simpatia do que os Espíritos que não conhecemos?

> « Sem dúvida, e muitas vezes eles protegem vocês como Espíritos, conforme seu poder. »

– Eles são sensíveis à afeição que conservamos por eles?

> « Muito sensíveis, mas esquecem aqueles que os esquecem. »

Anjos da guarda; Espíritos protetores, familiares ou simpáticos

489. Há Espíritos que se ligam a um indivíduo em particular para protegê-lo?

« Sim, o irmão espiritual; é o que vocês chamam de bom Espírito ou bom gênio. »

490. O que se deve entender por anjo da guarda?

« O Espírito protetor de uma ordem elevada. »

491. Qual é a missão do Espírito protetor?

« A de um pai em relação aos filhos: conduzir seu protegido pelo bom caminho, ajudá-lo com seus conselhos, consolá-lo em suas aflições, sustentar sua coragem nas provações da vida. »

492. O Espírito protetor está ligado ao indivíduo desde seu nascimento?

« Desde o nascimento até a morte, e muitas vezes o acompanha depois da morte na vida espírita, e até mesmo em várias existências corporais, pois essas existências são apenas fases muito curtas em relação à vida do Espírito. »

493. **A missão do Espírito protetor é voluntária ou obrigatória?**

> « O Espírito é obrigado a velar por vocês porque aceitou essa tarefa, mas pode escolher os seres com quem simpatiza. Para uns, é um prazer; para outros, uma missão ou um dever. »

– Ao se ligar a uma pessoa, o Espírito renuncia a proteger outros indivíduos?

> « Não, mas o faz de maneira menos exclusiva. »

494. **O Espírito protetor está inevitavelmente ligado ao ser confiado à sua guarda?**

> « Muitas vezes acontece de certos Espíritos deixarem sua posição para cumprir diversas missões; mas então ocorre uma substituição. »

495. O Espírito protetor às vezes abandona seu protegido quando este resiste às suas advertências?

« Ele se afasta quando vê que seus conselhos são inúteis e que a vontade de se submeter à influência dos Espíritos inferiores é mais forte; mas não o abandona completamente e sempre se faz ouvir; é então o homem que fecha os ouvidos. Ele volta assim que é chamado.

« Há uma doutrina que deveria converter os mais incrédulos por seu encanto e sua doçura: a dos anjos da guarda. Pensar que temos sempre perto de nós seres que nos são superiores, que estão sempre ali para nos aconselhar, nos sustentar, nos ajudar a subir a íngreme montanha do bem, que são amigos mais seguros e mais dedicados do que os laços mais íntimos que podemos estabelecer nesta terra, não é uma ideia muito consoladora? Esses seres estão ali por ordem de Deus; foi ele que os colocou perto de vocês, estão ali por amor a ele e cumprem junto de vocês uma bela, mas penosa missão. Sim, onde quer que vocês estejam, ele estará com vocês: as masmorras, os hospitais, os lugares de devassidão, a solidão, nada os separa desse amigo que vocês não podem ver, mas cujos impulsos mais doces sua alma sente e cujos sábios conselhos ouve.

« Como seria bom que vocês conhecessem melhor essa verdade! Quantas vezes ela os ajudaria nos momentos de crise; quantas vezes os salvaria dos maus Espíritos! Mas, no grande dia, esse anjo do bem muitas vezes terá de lhes dizer: « Não lhe disse isso, e você não o fez; não lhe mostrei o abismo, e você se precipitou nele; não fiz você ouvir em sua consciência a voz da verdade, e você não seguiu os conselhos da mentira? » Ah! Interroguem seus anjos da guarda; estabeleçam entre eles e vocês essa terna intimidade que reina entre os melhores amigos.

Não pensem em lhes esconder coisa alguma, pois eles têm o olhar de Deus, e vocês não podem enganá-los. Pensem no futuro; procurem progredir nesta vida, suas provações serão mais curtas, suas existências mais felizes. Vamos! Homens, coragem; afastem de vocês, de uma vez por todas, preconceitos e intenções ocultas; entrem no novo caminho que se abre diante de vocês; caminhem! Caminhem! Vocês têm guias, sigam-nos: não deixarão de alcançar o objetivo, pois esse objetivo é o próprio Deus.

Àqueles que pensassem ser impossível a Espíritos verdadeiramente elevados se submeter a uma tarefa tão trabalhosa e constante, diremos que influenciamos suas almas mesmo estando a vários milhões de léguas de vocês: para nós, o espaço não é nada e, embora vivamos em outro mundo, nossos Espíritos conservam sua ligação com o de vocês. Temos qualidades que vocês não podem compreender, mas tenham certeza de que Deus não nos impôs uma tarefa acima de nossas forças e de que não os abandonou sozinhos na terra, sem amigos e sem apoio. Cada anjo da guarda tem seu protegido, por quem vela como um pai vela por seu filho; fica feliz quando o vê no bom caminho; geme quando seus conselhos são desprezados.

Não tenham receio de nos cansar com suas perguntas; pelo contrário, mantenham-se sempre em contato conosco: vocês serão mais fortes e mais felizes. São essas comunicações de cada homem com seu Espírito familiar que fazem de todos os homens médiuns, médiuns hoje desconhecidos, mas que se manifestarão mais tarde e se espalharão como um oceano sem limites para fazer recuar a incredulidade e a ignorância. Homens instruídos, instruam; homens de talento, elevem seus irmãos. Vocês não sabem que obra realizam assim: é a do Cristo, aquela que

> Deus lhes impõe. Por que Deus lhes deu a inteligência e a ciência, senão para compartilhá-las com seus irmãos, para fazê-los progredir no caminho da felicidade e da bem-aventurança eterna? »

A doutrina dos anjos da guarda, que velam por seus protegidos apesar da distância que separa os mundos, não tem nada que deva surpreender; pelo contrário, é grandiosa e sublime. Não vemos na terra um pai velar por seu filho, embora esteja longe dele, ajudá-lo com seus conselhos por correspondência? O que haveria, então, de espantoso em os Espíritos poderem guiar aqueles que tomam sob sua proteção, de um mundo a outro, já que, para eles, a distância que separa os mundos é menor do que aquela que, na terra, separa os continentes? Não têm eles, além disso, o fluido universal que liga todos os mundos e os torna solidários entre si, imenso veículo de transmissão dos pensamentos, assim como o ar é para nós o veículo de transmissão do som?

496. **O Espírito que abandona seu protegido, deixando de lhe fazer o bem, pode lhe fazer mal?**

> « Os bons Espíritos nunca fazem mal; deixam que o façam aqueles que tomam seu lugar; então vocês culpam o destino pelas desgraças que os afligem, quando a culpa é de vocês. »

497. **O Espírito protetor pode deixar seu protegido à mercê de um Espírito que possa lhe querer mal?**

> « Há uma união dos maus Espíritos para neutralizar a ação dos bons; mas, se o protegido quiser, devolverá toda a força ao seu bom Espírito. O bom Espírito talvez encontre em outro lugar alguém de boa vontade para ajudar; ele aproveita essa oportunidade enquanto espera voltar para junto de seu protegido. »

498. **Quando o Espírito protetor deixa seu protegido se desviar na vida, é por incapacidade de sua parte de lutar contra outros Espíritos mal-intencionados?**

> « Não é porque não pode, mas porque não quer; seu protegido sai das provações mais aperfeiçoado e mais instruído; ele o ajuda com seus conselhos, por meio dos bons pensamentos que lhe sugere, mas que infelizmente nem sempre são ouvidos. Só a fraqueza, a despreocupação ou o orgulho do homem dão força aos maus Espíritos; o poder deles sobre vocês vem apenas da falta de resistência que vocês lhes opõem. »

499. **O Espírito protetor está constantemente com seu protegido? Não há nenhuma circunstância em que, sem abandoná-lo, ele o perca de vista?**

> « Há circunstâncias em que a presença do Espírito protetor junto de seu protegido não é necessária. »

500. **Chega um momento em que o Espírito não precisa mais de anjo da guarda?**

> « Sim, quando alcança o grau em que pode se conduzir por si mesmo, assim como chega um momento em que o aluno não precisa mais de mestre; mas isso não acontece na Terra de vocês. »

501. **Por que a ação dos Espíritos sobre nossa existência é oculta e por que, quando nos protegem, não o fazem de maneira visível?**

> « Se vocês contassem com o apoio deles, não agiriam por si mesmos, e seu Espírito não progrediria. Para que ele possa avançar, precisa de experiência, e muitas vezes é preciso que a adquira à própria custa; é preciso que exercite suas forças, sem isso seria como uma criança que não deixam andar sozinha. A ação dos Espíritos que lhes querem bem é sempre regulada de modo a lhes deixar o livre-arbítrio, pois, se vocês não tivessem responsabilidade, não avançariam no caminho que deve conduzi-los a Deus. O homem, sem ver quem o ampara, conta com suas próprias forças; seu guia, porém, zela por ele e, de vez em quando, lhe grita que tome cuidado com o perigo. »

502. O Espírito protetor que consegue conduzir seu protegido pelo bom caminho recebe com isso algum benefício para si mesmo?

> « É um mérito que lhe é levado em conta, seja para seu próprio progresso, seja para sua felicidade. Ele fica feliz ao ver seus cuidados coroados de sucesso; comemora isso como um educador comemora os sucessos de seu aluno. »

– Ele é responsável se não conseguir?

> « Não, pois fez o que dependia dele. »

503. O Espírito protetor que vê seu protegido seguir um mau caminho, apesar de seus avisos, sente tristeza com isso? E isso não é para ele uma causa de perturbação de sua felicidade?

> « Ele lamenta os erros de seu protegido e se compadece dele; mas essa aflição não tem as angústias da paternidade terrena, porque ele sabe que há remédio para o mal e que aquilo que não se faz hoje será feito amanhã. »

504. **Podemos sempre saber o nome de nosso Espírito protetor ou anjo da guarda?**

> « Como vocês querem saber nomes que não existem para vocês? Acreditam, então, que entre os Espíritos só há aqueles que vocês conhecem? »

– Como, então, invocá-lo se não o conhecemos?

> « Deem a ele o nome que quiserem, o de um Espírito superior por quem tenham simpatia ou veneração; seu Espírito protetor virá a esse chamado, pois todos os bons Espíritos são irmãos e se ajudam entre si. »

505. **Os Espíritos protetores que adotam nomes conhecidos são sempre realmente os das pessoas que tinham esses nomes?**

> « Não, mas são Espíritos que têm afinidade com eles e que muitas vezes vêm por ordem deles. Vocês precisam de nomes; então eles adotam um que lhes inspire confiança. Quando vocês não podem cumprir uma missão pessoalmente, enviam alguém que os representa e age em seu nome. »

506. **Quando estivermos na vida espírita, reconheceremos nosso Espírito protetor?**

> « Sim, pois muitas vezes vocês o conheciam antes de encarnar. »

507. **Os Espíritos protetores pertencem todos à classe dos Espíritos superiores? Pode haver alguns entre os de grau intermediário? Um pai, por exemplo, pode se tornar o Espírito protetor de seu filho?**

> « Pode, mas a proteção pressupõe certo grau de elevação e um poder ou uma virtude a mais concedida por Deus. O pai que protege seu filho pode, ele mesmo, ser auxiliado por um Espírito mais elevado. »

508. **Os Espíritos que deixaram a Terra em boas condições podem sempre proteger aqueles que amam e que lhes sobrevivem?**

> « Seu poder é mais ou menos restrito; a situação em que se encontram nem sempre lhes dá plena liberdade de agir. »

509. **Os homens em estado selvagem ou de inferioridade moral também têm seus Espíritos protetores? E, nesse caso, esses Espíritos são de uma ordem tão elevada quanto os dos homens muito adiantados?**

> « Cada homem tem um Espírito que zela por ele, mas as missões são proporcionais ao seu objetivo. Vocês não dão um professor de filosofia a uma criança que está aprendendo a ler. O progresso do Espírito familiar acompanha o do Espírito protegido. Ao mesmo tempo que vocês têm um Espírito superior que zela por vocês, podem, por sua vez, se tornar protetores de um Espírito que lhes seja inferior, e os progressos que o ajudarem a fazer contribuirão para o próprio avanço de vocês. Deus não pede ao Espírito mais do que permitem sua natureza e o grau a que chegou. »

510. Quando o pai que zela por seu filho vem a reencarnar, continua zelando por ele?

> « É mais difícil, mas ele pede, em um momento de desprendimento, a um Espírito com quem tem afinidade que o ajude nessa missão. Aliás, os Espíritos só aceitam missões que podem cumprir até o fim.
> « O Espírito encarnado, sobretudo nos mundos em que a existência é material, está sujeito demais ao corpo para poder se dedicar inteiramente, isto é, prestar assistência pessoalmente; é por isso que aqueles que não são suficientemente elevados são, eles mesmos, auxiliados por Espíritos que lhes são superiores, de modo que, se um faltar por qualquer motivo, outro o substitua. »

511. Além do Espírito protetor, há um mau Espírito ligado a cada indivíduo para levá-lo ao mal e lhe dar uma oportunidade de lutar entre o bem e o mal?

> « Ligado não é a palavra. É bem verdade que os maus Espíritos procuram desviar do bom caminho quando encontram oportunidade; mas, quando um deles se liga a um indivíduo, faz isso por iniciativa própria, porque espera ser ouvido por ele; então há uma luta entre o bom e o mau, e vence aquele a quem o homem permite exercer domínio sobre ele. »

512. Podemos ter vários Espíritos protetores?

> « Cada homem tem sempre Espíritos afins, mais ou menos elevados, que lhe têm afeição e se interessam por ele, assim como também tem aqueles que o ajudam no mal. »

513. **Os Espíritos afins agem em virtude de uma missão?**

> « Às vezes, podem ter uma missão temporária, mas, na maioria das vezes, são atraídos apenas pela semelhança de pensamentos e sentimentos, tanto no bem quanto no mal. »

– **Parece resultar daí que os Espíritos afins podem ser bons ou maus?**

> « Sim, o homem sempre encontra Espíritos que têm afinidade com ele, seja qual for seu caráter. »

514. Os Espíritos familiares são os mesmos que os Espíritos afins ou os Espíritos protetores?

> « Há muitas nuances na proteção e na afinidade; deem a eles os nomes que quiserem. O Espírito familiar é, antes de tudo, o amigo da casa. »

Das explicações acima e das observações feitas sobre a natureza dos Espíritos que se ligam ao homem, pode-se deduzir o seguinte: O Espírito protetor, anjo da guarda ou bom gênio, é aquele que tem por missão acompanhar o homem na vida e ajudá-lo a progredir. Sua natureza é sempre superior à do protegido. Os Espíritos familiares se ligam a certas pessoas por laços mais ou menos duradouros, para lhes serem úteis dentro dos limites de seu poder, muitas vezes bastante restrito; são bons, mas às vezes pouco adiantados e até um pouco levianos; ocupam-se de boa vontade dos detalhes da vida íntima e só agem por ordem ou com a permissão dos Espíritos protetores. Os Espíritos afins são aqueles que se sentem atraídos por nós por afeições particulares e certa semelhança de gostos e sentimentos, tanto no bem quanto no mal. A duração de suas relações está quase sempre subordinada às circunstâncias. O mau gênio é um Espírito imperfeito ou perverso que se liga ao homem para desviá-lo do bem; mas age por iniciativa própria, e não em virtude de uma missão. Sua persistência é proporcional à maior ou menor facilidade de acesso que encontra. O homem é sempre livre para ouvir sua voz ou rejeitá-lo.

515. O que devemos pensar dessas pessoas que parecem se ligar a certos indivíduos para levá-los inevitavelmente à perdição ou para guiá-los pelo bom caminho?

> « Certas pessoas exercem, de fato, sobre outras uma espécie de fascinação que parece irresistível. Quando isso acontece para o mal, são maus Espíritos dos quais outros maus Espíritos se servem para dominar melhor; Deus pode permitir isso para pôr vocês à prova. »

516. **Nosso bom e nosso mau gênio poderiam encarnar para nos acompanhar na vida de maneira mais direta?**

> « Isso acontece às vezes; mas muitas vezes também encarregam dessa missão outros Espíritos encarnados com quem têm afinidade. »

517. **Há Espíritos que se ligam a toda uma família para protegê-la?**

> « Certos Espíritos se ligam aos membros de uma mesma família que vivem juntos e estão unidos pela afeição, mas não acreditem em Espíritos protetores do orgulho das linhagens. »

518. **Sendo os Espíritos atraídos para os indivíduos por suas afinidades, também são atraídos para as reuniões de indivíduos por causas particulares?**

> « Os Espíritos vão de preferência aonde estão seus semelhantes; ali ficam mais à vontade e mais certos de serem ouvidos. O homem atrai os Espíritos de acordo com suas tendências, esteja sozinho ou forme um conjunto coletivo, como uma sociedade, uma cidade ou um povo. Há, portanto, sociedades, cidades e povos que são auxiliados por Espíritos mais ou menos elevados, conforme o caráter e as paixões que neles dominam. Os Espíritos imperfeitos se afastam daqueles que os repelem; disso resulta que o aperfeiçoamento moral dos conjuntos coletivos, assim como o dos indivíduos, tende a afastar os maus Espíritos e a atrair os bons, que despertam e mantêm o sentimento do bem nas massas, assim como outros podem insuflar nelas as más paixões. »

519. **Os agrupamentos de indivíduos, como as sociedades, as cidades e as nações, têm seus Espíritos protetores especiais?**

> « Sim, pois essas reuniões são individualidades coletivas que caminham para um objetivo comum e precisam de uma direção superior. »

520. **Os Espíritos protetores das massas são de uma natureza mais elevada do que aqueles que se ligam aos indivíduos?**

> « Tudo é relativo ao grau de adiantamento das massas, assim como dos indivíduos. »

521. Certos Espíritos podem ajudar no progresso das artes, protegendo aqueles que se dedicam a elas?

> « Há Espíritos protetores especiais que ajudam aqueles que os invocam, quando os julgam dignos disso; mas o que vocês querem que eles façam com aqueles que acreditam ser o que não são? Eles não fazem os cegos enxergarem nem os surdos ouvirem. »

Os Antigos fizeram deles divindades especiais; as Musas eram a personificação alegórica dos Espíritos protetores das ciências e das artes, assim como eles designavam pelo nome de lares e penates os Espíritos protetores da família. Entre os Modernos, as artes, as diferentes atividades industriais, as cidades e as regiões também têm seus patronos protetores, que são Espíritos superiores, mas com outros nomes. Como cada pessoa tem seus Espíritos simpáticos, disso resulta que, nos conjuntos coletivos, o conjunto dos Espíritos simpáticos está em relação com o conjunto dos indivíduos; que os Espíritos de fora são atraídos pela identidade dos gostos e dos pensamentos; em uma palavra, que essas reuniões, assim como os indivíduos, são mais ou menos bem cercadas, assistidas e influenciadas conforme a natureza dos pensamentos da multidão. Entre os povos, as causas de atração dos Espíritos são os costumes, os hábitos, o caráter dominante e, sobretudo, as leis, porque o caráter da nação se reflete em suas leis. As pessoas que fazem a justiça reinar entre si combatem a influência dos maus Espíritos. Onde quer que as leis consagrem coisas injustas, contrárias à humanidade, os bons Espíritos estão em minoria, e a massa dos maus que chegam mantém a nação em suas ideias e paralisa as boas influências isoladas, perdidas na multidão como uma espiga solitária no meio dos espinheiros. Estudando os costumes dos povos ou de qualquer reunião de pessoas, é fácil, portanto, formar uma ideia da população oculta que se intromete em seus pensamentos e em suas ações.

Pressentimentos

522. O pressentimento é sempre um aviso do Espírito protetor?

> « O pressentimento é o conselho íntimo e oculto de um Espírito que quer o bem de vocês. Ele também está na intuição da escolha que se fez; é a voz do instinto. O Espírito, antes de encarnar, tem conhecimento das principais fases de sua existência, isto é, do tipo de provas em que se compromete a passar; quando elas têm um caráter marcante, ele conserva uma espécie de impressão em seu íntimo, e essa impressão, que é a voz do instinto, ao despertar quando o momento se aproxima, torna-se pressentimento. »

523. Os pressentimentos e a voz do instinto sempre têm algo de vago; o que devemos fazer na incerteza?

> « Quando você estiver na incerteza, invoque seu bom Espírito, ou peça a Deus, nosso mestre de todos, que lhe envie um de seus mensageiros, um de nós. »

524. Os avisos de nossos Espíritos protetores têm como único objetivo a conduta moral, ou também a conduta a seguir nas coisas da vida privada?

> « Tudo; eles procuram fazer vocês viverem da melhor maneira possível; mas muitas vezes vocês fecham os ouvidos aos bons avisos e são infelizes por sua própria culpa. »

Os Espíritos protetores nos ajudam com seus conselhos pela voz da consciência, que fazem falar em nós; mas, como nem sempre damos a ela a importância necessária, eles nos dão conselhos mais diretos, servindo-se das pessoas que nos cercam.

Que cada um examine as diversas circunstâncias felizes ou infelizes de sua vida, e verá que, em muitas ocasiões, recebeu conselhos dos quais nem sempre tirou proveito e que lhe teriam poupado muitos aborrecimentos se os tivesse ouvido.

Influência dos Espíritos sobre os acontecimentos da vida

525. Os Espíritos exercem influência sobre os acontecimentos da vida?

> « Certamente, já que eles aconselham você. »

– Eles exercem essa influência de outra maneira além dos pensamentos que sugerem, isto é, têm uma ação direta sobre a realização das coisas?

> « Sim, mas nunca agem fora das leis da natureza. »

Imaginamos, por engano, que a ação dos Espíritos só deve se manifestar por fenômenos extraordinários; gostaríamos que eles viessem nos ajudar por meio de milagres, e sempre os imaginamos munidos de uma varinha mágica.

Não é assim; por isso sua intervenção nos parece oculta, e o que se faz com sua colaboração nos parece inteiramente natural. Assim, por exemplo, eles provocarão o encontro de duas pessoas que parecerão se encontrar por acaso; inspirarão a alguém a ideia de passar por determinado lugar; chamarão sua atenção para determinado ponto, se isso tiver de levar ao resultado que querem obter; de modo que a pessoa, acreditando seguir apenas seu próprio impulso, conserva sempre seu livre-arbítrio.

526. **Como os Espíritos têm uma ação sobre a matéria, podem provocar certos efeitos para fazer um acontecimento se realizar? Por exemplo, um homem deve morrer: ele sobe em uma escada, a escada se quebra e o homem morre; foram os Espíritos que fizeram a escada se quebrar para cumprir o destino desse homem?**

> « É bem verdade que os Espíritos têm uma ação sobre a matéria, mas para o cumprimento das leis da natureza, e não para contrariá-las, fazendo surgir no momento exato um acontecimento inesperado e contrário a essas leis. No exemplo que você cita, a escada se quebrou porque estava carcomida ou não era forte o bastante para suportar o peso do homem; se estava no destino desse homem morrer dessa maneira, eles lhe inspirarão a ideia de subir nessa escada, que deverá se quebrar sob seu peso, e sua morte ocorrerá por um efeito natural, sem que seja preciso fazer um milagre para isso. »

527. **Tomemos outro exemplo em que o estado natural da matéria não tenha participação alguma; um homem deve morrer atingido por um raio; ele se abriga sob uma árvore, o raio cai e ele morre. Os Espíritos podem ter provocado o raio e o dirigido sobre ele?**

> « É ainda a mesma coisa. O raio caiu sobre essa árvore e naquele momento porque estava nas leis da natureza que assim fosse; ele não foi dirigido sobre essa árvore porque o homem estava debaixo dela, mas foi inspirada ao homem a ideia de se abrigar sob uma árvore sobre a qual o raio deveria cair; pois a árvore teria sido atingida da mesma forma, estivesse ou não o homem debaixo dela. »

528. **Um homem mal-intencionado lança contra alguém um projétil que passa de raspão, sem atingi-lo. Um Espírito benevolente pode tê-lo desviado?**

> « Se o indivíduo não deve ser atingido, o Espírito benevolente lhe inspirará a ideia de se desviar, ou poderá ofuscar a visão de seu inimigo de modo a fazê-lo errar a pontaria; pois o projétil, uma vez lançado, segue a linha que deve percorrer. »

529. **O que se deve pensar das balas encantadas de que falam certas lendas e que atingem infalivelmente um alvo?**

> « Pura imaginação; o ser humano gosta do maravilhoso e não se contenta com as maravilhas da natureza. »

– Os Espíritos que dirigem os acontecimentos da vida podem ser contrariados por Espíritos que queiram o contrário?

> « O que Deus quer deve acontecer; se há atraso ou impedimento, é por sua vontade. »

530. **Os Espíritos levianos e zombeteiros não podem provocar esses pequenos embaraços que atrapalham nossos projetos e frustram nossas previsões; em uma palavra, são eles os autores do que se costuma chamar de pequenas misérias da vida humana?**

> « Eles se divertem com essas importunações, que são provas para exercitar a paciência de vocês; mas se cansam quando veem que não conseguem seu objetivo. No entanto, não seria justo nem exato responsabilizá-los por todas as decepções de vocês, das quais vocês mesmos são os principais causadores por sua falta de atenção; pois pode ter certeza de que, se sua louça se quebra, isso se deve mais à sua falta de jeito do que aos Espíritos. »

– Os Espíritos que provocam importunações agem por uma hostilidade pessoal, ou atacam o primeiro que aparece, sem motivo determinado, apenas por malícia?

> « As duas coisas; às vezes são inimigos que vocês fizeram durante esta vida ou em outra, e que os perseguem; outras vezes, não há motivos. »

531. A malevolência dos seres que nos fizeram mal na Terra se extingue com sua vida corporal?

> « Muitas vezes eles reconhecem sua injustiça e o mal que fizeram; mas muitas vezes também continuam a perseguir vocês com sua hostilidade, se Deus permitir, para continuar a pôr vocês à prova. »

– É possível pôr fim a isso, e por qual meio?

> « Sim, pode-se orar por eles, e, retribuindo-lhes o mal com o bem, eles acabam compreendendo seus erros; além disso, se vocês souberem se colocar acima de suas maquinações, eles param ao ver que nada ganham com isso. »

A experiência prova que certos Espíritos prosseguem em sua vingança de uma existência a outra, e que assim se expiam, mais cedo ou mais tarde, os erros que se possa ter cometido contra alguém.

532. **Os Espíritos têm o poder de afastar os males de certas pessoas e de atrair a prosperidade para elas?**

> « Não inteiramente, pois há males que estão nos decretos da Providência; mas eles diminuem as dores de vocês, dando-lhes paciência e resignação.
>
> « Saibam também que muitas vezes depende de vocês afastar esses males, ou ao menos atenuá-los; Deus lhes deu a inteligência para que façam uso dela, e é sobretudo nisso que os Espíritos vêm ajudá-los, sugerindo-lhes pensamentos favoráveis; mas eles só ajudam aqueles que sabem ajudar a si mesmos; esse é o sentido destas palavras: Procurem e encontrarão, batam e a porta lhes será aberta.
>
> « Saibam ainda que aquilo que lhes parece um mal nem sempre é um mal; muitas vezes, dele deve sair um bem que será maior do que o mal, e é isso que vocês não compreendem, porque só pensam no momento presente ou em si mesmos. »

533. **Os Espíritos podem fazer com que se obtenham os bens da fortuna, se lhes pedirmos isso?**

> « Às vezes, como prova, mas muitas vezes eles recusam, como se recusa a uma criança que faz um pedido irrefletido. »

– **São os bons ou os maus Espíritos que concedem esses favores?**

> « Uns e outros; isso depende da intenção; mas, com mais frequência, são os Espíritos que querem arrastar vocês para o mal e que encontram um meio fácil de fazer isso nos prazeres que a fortuna proporciona. »

534. **Quando obstáculos parecem surgir inevitavelmente para se opor aos nossos projetos, seria pela influência de algum Espírito?**

> « Às vezes são os Espíritos; outras vezes, e na maioria dos casos, é porque vocês estão agindo de maneira errada. A posição e o caráter influem muito. Se vocês insistem em um caminho que não é o seu, os Espíritos não têm participação nisso; são vocês que são seu próprio mau gênio. »

535. **Quando algo de bom nos acontece, é ao nosso Espírito protetor que devemos agradecer?**

> « Agradeçam sobretudo a Deus, sem cuja permissão nada se faz, e depois aos bons Espíritos que foram seus agentes. »

– O que aconteceria se deixássemos de lhe agradecer?

> « O que acontece aos ingratos. »

– No entanto, há pessoas que não oram nem agradecem, e para quem tudo dá certo?

> « Sim, mas é preciso ver o fim; elas pagarão muito caro por essa felicidade passageira que não merecem, pois quanto mais tiverem recebido, mais terão de devolver. »

Ação dos Espíritos sobre os fenômenos da natureza

536. **Os grandes fenômenos da natureza, aqueles que se consideram uma perturbação dos elementos, devem-se a causas fortuitas ou todos têm uma finalidade providencial?**

> « Tudo tem uma razão de ser, e nada acontece sem a permissão de Deus. »

– Esses fenômenos têm sempre o ser humano como objeto?

> « Às vezes, têm uma razão de ser diretamente ligada ao ser humano, mas muitas vezes também não têm outro objetivo além do restabelecimento do equilíbrio e da harmonia das forças físicas da natureza. »

– Compreendemos perfeitamente que a vontade de Deus seja a causa primeira, nisso como em todas as coisas, mas, como sabemos que os Espíritos exercem uma ação sobre a matéria e que são os agentes da vontade de Deus, perguntamos se alguns deles não exerceriam uma influência sobre os elementos para agitá-los, acalmá-los ou dirigi-los.

> « Mas é evidente; não pode ser de outra forma; Deus não exerce uma ação direta sobre a matéria; tem seus agentes dedicados em todos os graus da escala dos mundos. »

537. **A mitologia dos antigos se baseia inteiramente nas ideias espíritas, com a diferença de que eles consideravam os Espíritos como divindades; ora, eles nos apresentam esses deuses ou esses Espíritos com atribuições especiais; assim, uns estavam encarregados dos ventos, outros dos raios, outros de presidir à vegetação etc.; essa crença não tem fundamento?**

> « Ela está tão longe de não ter fundamento que ainda fica muito abaixo da verdade. »

– Pela mesma razão, poderia então haver Espíritos habitando o interior da terra e presidindo aos fenômenos geológicos?

> « Esses Espíritos não habitam propriamente a terra, mas presidem e dirigem segundo suas atribuições. Um dia, vocês terão a explicação de todos esses fenômenos e os compreenderão melhor. »

538. **Os Espíritos que presidem aos fenômenos da natureza formam uma categoria especial no mundo espírita? São seres à parte ou Espíritos que estiveram encarnados como nós?**

> « Que estarão ou que estiveram. »

– Esses Espíritos pertencem às ordens superiores ou inferiores da hierarquia espírita?

> « Depende de seu papel ser mais ou menos material ou inteligente; uns comandam, outros executam; aqueles que executam as coisas materiais são sempre de uma ordem inferior, entre os Espíritos como entre os homens. »

539. **Na produção de certos fenômenos, as tempestades, por exemplo, é um único Espírito que age ou eles se reúnem em massa?**

> « Em massas inumeráveis. »

540. **Os Espíritos que exercem uma ação sobre os fenômenos da natureza agem com conhecimento de causa, em virtude de seu livre-arbítrio, ou por um impulso instintivo ou irrefletido?**

> « Uns sim, outros não. Vou fazer uma comparação: imagine essas miríades de animais que, pouco a pouco, fazem surgir do mar ilhas e arquipélagos; você acredita que não haja nisso uma finalidade providencial e que essa transformação da superfície do globo não seja necessária à harmonia geral? No entanto, são apenas animais do grau mais inferior que realizam essas coisas enquanto atendem às suas necessidades, sem suspeitar que são instrumentos de Deus. Pois bem! Da mesma forma, os Espíritos mais atrasados são úteis ao conjunto; enquanto se iniciam na vida, e antes de terem plena consciência de seus atos e seu livre-arbítrio, agem sobre certos fenômenos dos quais são agentes sem saber; primeiro executam; mais tarde, quando sua inteligência estiver mais desenvolvida, comandarão e dirigirão as coisas do mundo material; mais tarde ainda, poderão dirigir as coisas do mundo moral. É assim que tudo serve, tudo se encadeia na natureza, desde o átomo primitivo até o arcanjo, que também começou pelo átomo; admirável lei de harmonia cujo conjunto a mente limitada de vocês ainda não pode compreender. »

Os Espíritos durante os combates

541. Numa batalha, há Espíritos que assistem e apoiam cada lado?

> « Sim, e que estimulam sua coragem. »

Assim, antigamente, os antigos nos apresentavam os deuses tomando partido por este ou aquele povo. Esses deuses eram apenas Espíritos representados sob figuras alegóricas.

542. Numa guerra, a justiça está sempre de um lado; como os Espíritos tomam partido por aquele que está errado?

> « Vocês sabem bem que há Espíritos que só procuram a discórdia e a destruição; para eles, a guerra é a guerra: a justiça da causa pouco lhes importa. »

543. Certos Espíritos podem influenciar o general na elaboração de seus planos de campanha?

> « Sem dúvida alguma, os Espíritos podem influenciar nesse sentido, como em todas as concepções. »

544. Espíritos maus poderiam lhe inspirar más estratégias para levá-lo à ruína?

> « Sim; mas ele não tem seu livre-arbítrio? Se seu discernimento não lhe permite distinguir uma ideia correta de uma ideia falsa, ele sofre as consequências e faria melhor em obedecer do que em comandar. »

545. O general pode, às vezes, ser guiado por uma espécie de segunda visão, uma visão intuitiva que lhe mostra antecipadamente o resultado de suas estratégias?

> « Muitas vezes é assim com o homem de gênio; é o que ele chama de inspiração, e que faz com que aja com uma espécie de certeza; essa inspiração lhe vem dos Espíritos que o dirigem e aproveitam as faculdades de que é dotado. »

546. No tumulto do combate, o que acontece com os Espíritos que sucumbem? Ainda se interessam por ele depois da morte?

> « Alguns se interessam, outros se afastam. »

Nos combates, acontece o mesmo que em todos os casos de morte violenta: no primeiro momento, o Espírito fica surpreso e como que atordoado, e não acredita estar morto; parece-lhe que ainda participa da ação; só pouco a pouco a realidade se revela a ele.

547. Os Espíritos que se combatiam quando vivos, depois de mortos, reconhecem-se como inimigos e continuam a se enfrentar com ferocidade?

> « O Espírito, nesses momentos, nunca está calmo; no primeiro momento, ainda pode sentir rancor contra seu inimigo e até persegui-lo; mas, quando recupera a clareza das ideias, vê que sua animosidade já não tem razão de ser; no entanto, ainda pode conservar vestígios dela, em maior ou menor grau, conforme seu caráter. »

– Ele ainda percebe o ruído das armas?

> « Sim, perfeitamente. »

548. **O Espírito que assiste calmamente a um combate, como espectador, testemunha a separação da alma e do corpo, e como esse fenômeno se apresenta a ele?**

> « Há poucas mortes inteiramente instantâneas. Na maioria das vezes, o Espírito cujo corpo acaba de ser atingido mortalmente não tem consciência disso no momento; quando começa a se situar, é então que se pode distinguir o Espírito que se move ao lado do cadáver; isso parece tão natural que a visão do corpo morto não produz nenhuma sensação desagradável; como toda a vida se transferiu para o Espírito, só ele atrai a atenção; é com ele que se conversa, ou é a ele que se dão ordens. »

Dos pactos

549. Há algo de verdadeiro nos pactos com os Espíritos maus?

> « Não, não há pactos, mas uma natureza má em sintonia com Espíritos maus. Por exemplo: você quer atormentar seu vizinho e não sabe como fazer; então chama para junto de si Espíritos inferiores que, como você, só querem o mal e, para ajudá-lo, querem que você os sirva em seus maus propósitos; mas disso não se segue que seu vizinho não possa se livrar deles por uma conjuração contrária e por sua vontade. Quem quer cometer uma má ação, por isso mesmo, chama Espíritos maus em seu auxílio; fica então obrigado a servi-los, assim como eles o servem, pois eles também precisam dele para o mal que querem fazer. É apenas nisso que consiste o pacto. »

A dependência em que o ser humano às vezes se encontra em relação aos Espíritos inferiores vem de se entregar aos maus pensamentos que eles lhe sugerem, e não de quaisquer acordos entre eles e ele. O pacto, no sentido comum atribuído a essa palavra, é uma alegoria que retrata uma natureza má em sintonia com Espíritos malfeitores.

550. **Qual é o sentido das lendas fantásticas segundo as quais certas pessoas teriam vendido sua alma a Satanás para obter dele certos favores?**

> « Todas as fábulas contêm um ensinamento e um sentido moral; o erro de vocês é tomá-las ao pé da letra. Esta é uma alegoria que pode ser explicada assim: quem chama os Espíritos em seu auxílio para obter deles os dons da fortuna ou qualquer outro favor se queixa da Providência; renuncia à missão que recebeu e às provas pelas quais deve passar neste mundo, e sofrerá as consequências disso na vida futura. Isso não quer dizer que sua alma esteja para sempre destinada à infelicidade; mas, como, em vez de se desapegar da matéria, nela se afunda cada vez mais, aquilo que tiver desfrutado de alegria na terra não terá no mundo dos Espíritos, até que o tenha resgatado por novas provas, talvez maiores e mais penosas. Por seu amor aos prazeres materiais, coloca-se sob a dependência dos Espíritos impuros; há entre eles e ele um pacto tácito que o leva à ruína, mas que sempre lhe é fácil romper com a ajuda dos bons Espíritos, se tiver a firme vontade de fazê-lo. »

Poder oculto. Talismãs. Feiticeiros

551. **Uma pessoa má pode, com a ajuda de um Espírito mau que lhe seja dedicado, fazer mal ao próximo?**

> « Não, Deus não permitiria. »

552. **O que pensar da crença no poder que certas pessoas teriam de lançar feitiços?**

> « Certas pessoas têm um poder magnético muito grande, do qual podem fazer mau uso se seu próprio Espírito for mau, e nesse caso podem ser auxiliadas por outros Espíritos maus; mas não acreditem nesse suposto poder mágico que só existe na imaginação das pessoas supersticiosas, que desconhecem as verdadeiras leis da natureza. Os fatos que se citam são fatos naturais mal observados e, sobretudo, mal compreendidos. »

553. **Qual pode ser o efeito das fórmulas e práticas com as quais certas pessoas afirmam controlar a vontade dos Espíritos?**

> « O efeito é torná-las ridículas, se agem de boa-fé; caso contrário, são trapaceiros que merecem um castigo. Todas as fórmulas são charlatanismo; não há nenhuma palavra sacramental, nenhum sinal cabalístico, nenhum talismã que tenha qualquer ação sobre os Espíritos, pois eles só são atraídos pelo pensamento, e não pelas coisas materiais. »

– Certos Espíritos não ditaram eles mesmos, às vezes, fórmulas cabalísticas?

> « Sim, há Espíritos que indicam a vocês sinais, palavras estranhas ou que prescrevem certos atos com os quais vocês fazem o que chamam de conjurações; mas tenham certeza de que são Espíritos que zombam de vocês e abusam de sua credulidade. »

554. **Quem, com ou sem razão, tem confiança no que chama de virtude de um talismã não pode, por essa mesma confiança, atrair um Espírito, já que então é o pensamento que age, e o talismã é apenas um sinal que ajuda a dirigir o pensamento?**

> « É verdade; mas a natureza do Espírito atraído depende da pureza da intenção e da elevação dos sentimentos; ora, é raro que alguém ingênuo o bastante para acreditar na virtude de um talismã não tenha um objetivo mais material do que moral; em todo caso, isso revela uma pequenez e uma fraqueza de ideias que dão espaço à ação dos Espíritos imperfeitos e zombeteiros. »

555. **Que sentido se deve dar à designação de feiticeiro?**

> « Aqueles que vocês chamam de feiticeiros são pessoas que, quando estão de boa-fé, possuem certas faculdades, como o poder magnético ou a segunda vista; e então, como fazem coisas que vocês não compreendem, vocês acreditam que eles possuem um poder sobrenatural. Os seus sábios não passaram muitas vezes por feiticeiros aos olhos das pessoas ignorantes? »

O espiritismo e o magnetismo nos dão a chave de uma infinidade de fenômenos sobre os quais a ignorância teceu inúmeras fábulas em que os fatos são exagerados pela imaginação.

O conhecimento esclarecido dessas duas ciências, que, por assim dizer, formam uma só, ao mostrar a realidade das coisas e sua verdadeira causa, é a melhor proteção contra as ideias supersticiosas, porque mostra o que é possível e o que é impossível, o que está nas leis da natureza e o que é apenas uma crença ridícula.

556. **Certas pessoas têm realmente o dom de curar pelo simples toque?**

> « O poder magnético pode chegar a esse ponto quando é auxiliado pela pureza dos sentimentos e por um desejo ardente de fazer o bem, pois então os bons Espíritos vêm ajudar; mas é preciso desconfiar da maneira como as coisas são contadas por pessoas crédulas demais ou entusiasmadas demais, sempre dispostas a ver algo maravilhoso nas coisas mais simples e mais naturais. É preciso também desconfiar dos relatos interesseiros de pessoas que exploram a credulidade em proveito próprio. »

Bênção e maldição

557. **A bênção e a maldição podem atrair o bem e o mal sobre aqueles a quem são dirigidas?**

> « Deus não dá ouvidos a uma maldição injusta, e aquele que a pronuncia é culpado aos seus olhos. Como temos os dois gênios opostos, o bem e o mal, pode haver uma influência momentânea, até mesmo sobre a matéria; mas essa influência só ocorre pela vontade de Deus e como uma prova adicional para aquele que a recebe. Ademais, na maioria das vezes, amaldiçoam-se os maus e abençoam-se os bons. A bênção e a maldição jamais podem desviar a Providência do caminho da justiça; ela só atinge o amaldiçoado se ele for mau, e sua proteção só cobre aquele que a merece. »

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO II, CAP. X — OCUPAÇÕES E MISSÕES DOS ESPÍRITOS

✦

558. Os Espíritos têm outra coisa a fazer além de se aperfeiçoarem pessoalmente?

> « Eles contribuem para a harmonia do universo executando as vontades de Deus, de quem são os ministros. A vida espírita é uma ocupação contínua, mas que nada tem de penoso como na Terra, porque não há nem o cansaço do corpo, nem as angústias da necessidade. »

559. Os Espíritos inferiores e imperfeitos também desempenham um papel útil no universo?

> « Todos têm deveres a cumprir. O mais simples pedreiro não contribui para construir o edifício tanto quanto o arquiteto? » (540).

560. Cada Espírito tem atribuições especiais?

> « Isto é, todos nós devemos habitar em toda parte e adquirir o conhecimento de todas as coisas, presidindo sucessivamente a todas as partes do universo. Mas, como se diz no Eclesiastes, há um tempo para tudo; assim, um cumpre hoje seu destino neste mundo, outro o cumprirá ou já o cumpriu em outro tempo, na terra, na água, no ar etc. »

561. **As funções que os Espíritos desempenham na ordem das coisas são permanentes para cada um, e são atribuições exclusivas de certas classes?**

> « Todos devem percorrer os diferentes graus da escala para se aperfeiçoarem. Deus, que é justo, não poderia ter querido dar a uns o conhecimento sem trabalho, enquanto outros só o adquirem com esforço. »

Da mesma forma, entre os homens, ninguém chega ao grau supremo de habilidade em uma arte qualquer sem ter adquirido os conhecimentos necessários na prática das partes mais simples dessa arte.

562. **Os Espíritos da ordem mais elevada, que nada mais têm a adquirir, ficam em repouso absoluto ou também têm ocupações?**

> « O que você gostaria que eles fizessem durante a eternidade? A ociosidade eterna seria um suplício eterno. »

– **Qual é a natureza de suas ocupações?**

> « Receber diretamente as ordens de Deus, transmiti-las por todo o universo e cuidar de sua execução. »

563. **As ocupações dos Espíritos são incessantes?**

> « Incessantes, sim, se entendermos que seu pensamento está sempre ativo, pois eles vivem pelo pensamento. Mas não se devem comparar as ocupações dos Espíritos às ocupações materiais dos homens; essa própria atividade é um prazer, pela consciência que têm de serem úteis. »

– Isso se compreende para os bons Espíritos; mas acontece o mesmo com os Espíritos inferiores?

> « Os Espíritos inferiores têm ocupações apropriadas à sua natureza. Vocês confiam ao trabalhador braçal e ao ignorante os trabalhos do homem inteligente? »

564. **Entre os Espíritos, há alguns que são ociosos ou que não se ocupam de nenhuma coisa útil?**

> « Sim, mas esse estado é temporário e depende do desenvolvimento de sua inteligência. Certamente há alguns, como entre os homens, que só vivem para si mesmos; mas essa ociosidade lhes pesa, e cedo ou tarde o desejo de avançar lhes faz sentir a necessidade de atividade, e ficam felizes por poderem ser úteis. Falamos dos Espíritos que chegaram ao ponto de ter consciência de si mesmos e seu livre-arbítrio; pois, em sua origem, são como crianças que acabam de nascer e que agem mais por instinto do que por uma vontade determinada. »

565. **Os Espíritos examinam nossas obras de arte e se interessam por elas?**

> « Eles examinam o que pode demonstrar a elevação dos Espíritos e seu progresso. »

566. **Um Espírito que teve uma especialidade na Terra, um pintor, um arquiteto, por exemplo, interessa-se de preferência pelos trabalhos que foram objeto de sua predileção durante a vida?**

> « Tudo se reúne em um objetivo geral. Se ele é bom, interessa-se por isso na medida em que isso lhe permite se ocupar em ajudar as almas a subir para Deus. Além disso, vocês esquecem que um Espírito que praticou uma arte na existência que vocês conhecem pode ter praticado outra em outra existência, pois ele precisa saber tudo para ser perfeito; assim, conforme seu grau de adiantamento, pode não haver especialidade para ele; era isso que eu queria dizer ao afirmar que tudo isso se reúne em um objetivo geral. Observem ainda isto: o que é sublime para vocês, em seu mundo atrasado, é apenas uma brincadeira de criança em comparação com os mundos mais adiantados. Como vocês querem que os Espíritos que habitam esses mundos, onde existem artes desconhecidas para vocês, admirem o que, para eles, é apenas um trabalho de estudante? Eu já disse: eles examinam o que pode demonstrar o progresso. »

– Compreendemos que deve ser assim para Espíritos muito adiantados; mas estamos falando dos Espíritos mais comuns, que ainda não se elevaram acima das ideias terrenas?

> « Para esses, é diferente; seu ponto de vista é mais limitado, e eles podem admirar o que vocês mesmos admiram. »

567. Os Espíritos às vezes participam de nossas ocupações e de nossos prazeres?

> « Os Espíritos comuns, como você diz, sim; esses estão sem cessar ao redor de vocês e tomam parte no que vocês fazem, às vezes de maneira muito ativa, conforme sua natureza; e isso é necessário para impulsionar os homens pelos diferentes caminhos da vida, estimular ou moderar suas paixões. »

Os Espíritos se ocupam das coisas deste mundo conforme sua elevação ou sua inferioridade. Os Espíritos superiores têm, sem dúvida, a capacidade de considerá-las nos mínimos detalhes, mas só o fazem na medida em que isso é útil ao progresso; somente os Espíritos inferiores lhes atribuem uma importância relacionada às lembranças que ainda estão presentes em sua memória e às ideias materiais que ainda não se apagaram.

568. Os Espíritos que têm missões a cumprir as realizam no estado errante ou no estado de encarnação?

> « Eles podem tê-las em um e outro estado; para certos Espíritos errantes, isso é uma grande ocupação. »

569. Em que consistem as missões de que podem ser encarregados os Espíritos errantes?

> « São tão variadas que seria impossível descrevê-las; há, aliás, algumas que vocês não podem compreender. Os Espíritos executam as vontades de Deus, e vocês não podem compreender todos os seus desígnios. »

As missões dos Espíritos têm sempre o bem como objetivo. Seja como Espíritos, seja como homens, eles são encarregados de ajudar no progresso da humanidade, dos povos ou dos indivíduos, em um círculo de ideias mais ou menos amplas, mais ou menos específicas, de preparar os caminhos para certos acontecimentos, de cuidar da realização de certas coisas.

Alguns têm missões mais restritas e, de certa forma, pessoais ou inteiramente locais, como assistir os doentes, os agonizantes, os aflitos, cuidar daqueles de quem se tornam guias e protetores, orientá-los por seus conselhos ou pelos bons pensamentos que lhes sugerem.

Pode-se dizer que há tantos tipos de missões quantas são as espécies de interesses a cuidar, seja no mundo físico, seja no mundo moral. O Espírito avança conforme a maneira como cumpre sua tarefa.

570. Os Espíritos compreendem sempre os desígnios que são encarregados de executar?

> « Não; há alguns que são instrumentos cegos, mas outros sabem muito bem com que objetivo agem. »

571. Somente os Espíritos elevados cumprem missões?

> « A importância das missões está relacionada às capacidades e à elevação do Espírito. O mensageiro que leva um despacho também cumpre uma missão, mas que não é a do general. »

572. **A missão de um Espírito lhe é imposta ou depende de sua vontade?**

« Ele a pede e fica feliz em obtê-la. »

– **A mesma missão pode ser pedida por vários Espíritos?**

« Sim, muitas vezes há vários candidatos, mas nem todos são aceitos. »

573. **Em que consiste a missão dos Espíritos encarnados?**

« Instruir os homens, ajudar em seu adiantamento; melhorar suas instituições por meios diretos e materiais; mas as missões são mais ou menos gerais e importantes; aquele que cultiva a terra cumpre uma missão, assim como aquele que governa ou aquele que instrui. Tudo se encadeia na natureza; ao mesmo tempo que o Espírito se purifica pela encarnação, ele contribui, sob essa forma, para a realização dos propósitos da Providência. Cada um tem sua missão neste mundo, porque cada um pode ser útil em alguma coisa. »

574. **Qual pode ser a missão das pessoas voluntariamente inúteis na Terra?**

> « Há, de fato, pessoas que só vivem para si mesmas e não sabem ser úteis em nada. São pobres seres dignos de compaixão, pois expiarão cruelmente sua inutilidade voluntária, e seu castigo muitas vezes começa já neste mundo, pelo tédio e pelo desgosto pela vida. »

– Já que tinham escolha, por que preferiram uma vida que não poderia lhes trazer proveito algum?

> « Entre os Espíritos também há preguiçosos que recuam diante de uma vida de trabalho. Deus os deixa agir; mais tarde, e à própria custa, compreenderão os inconvenientes de sua inutilidade e serão os primeiros a pedir para recuperar o tempo perdido. Talvez também tenham escolhido uma vida mais útil, mas, uma vez diante da tarefa, recuam e se deixam levar pelas sugestões dos Espíritos que os incentivam em sua ociosidade. »

575. **As ocupações comuns nos parecem mais deveres do que missões propriamente ditas. A missão, segundo a ideia ligada a essa palavra, tem um caráter de importância menos exclusivo e, sobretudo, menos pessoal. Desse ponto de vista, como se pode reconhecer que um homem tem uma missão real na Terra?**

> « Pelas grandes coisas que realiza, pelos progressos que faz seus semelhantes alcançarem. »

576. **Os homens que têm uma missão importante são predestinados a ela antes de nascer e têm conhecimento disso?**

> « Às vezes, sim; mas, na maioria das vezes, eles a ignoram. Têm apenas um objetivo vago ao virem à Terra; sua missão se define depois do nascimento e conforme as circunstâncias. Deus os conduz pelo caminho em que devem cumprir seus desígnios. »

577. **Quando um homem faz uma coisa útil, é sempre em virtude de uma missão anterior e predestinada, ou ele pode receber uma missão não prevista?**

> « Nem tudo o que um homem faz é resultado de uma missão predestinada; muitas vezes ele é o instrumento de que um Espírito se serve para fazer executar uma coisa que julga útil. Por exemplo, um Espírito considera que seria bom escrever um livro que ele próprio faria se estivesse encarnado; procura o escritor mais apto a compreender seu pensamento e a executá-lo; dá a ele a ideia e o orienta na execução. Assim, esse homem não veio à Terra com a missão de fazer essa obra. O mesmo acontece com certos trabalhos de arte ou descobertas. É preciso dizer ainda que, durante o sono de seu corpo, o Espírito encarnado se comunica diretamente com o Espírito errante e que eles se entendem para a execução. »

578. **O Espírito pode falhar em sua missão por sua própria culpa?**

> « Sim, se não for um Espírito superior. »

– **Quais são as consequências disso para ele?**

> « Ele precisa recomeçar sua tarefa: essa é sua punição; e depois sofrerá as consequências do mal que tiver causado. »

579. **Já que o Espírito recebe sua missão de Deus, como Deus pode confiar uma missão importante e de interesse geral a um Espírito que poderia falhar nela?**

> « Deus não sabe se seu general alcançará a vitória ou será vencido? Ele sabe, tenham certeza disso, e seus planos, quando são importantes, não se apoiam naqueles que abandonarão sua obra no meio do trabalho. Toda a questão, para vocês, está no conhecimento do futuro que Deus possui, mas que não lhes é dado. »

580. **O Espírito que encarna para cumprir uma missão tem a mesma apreensão daquele que o faz como prova?**

> « Não; ele tem a experiência. »

581. **Os homens que são a luz do gênero humano, que o esclarecem por seu gênio, certamente têm uma missão; mas, entre eles, há alguns que se enganam e que, ao lado de grandes verdades, espalham grandes erros. Como devemos considerar sua missão?**

> « Como desvirtuada por eles mesmos. Eles estão abaixo da tarefa que empreenderam. É preciso, porém, levar em conta as circunstâncias; os homens de gênio tiveram de falar conforme os tempos, e um ensinamento que parece errado ou pueril em uma época adiantada podia ser suficiente para seu século. »

582. **Pode-se considerar a paternidade uma missão?**

> « É, sem dúvida, uma missão; é ao mesmo tempo um dever muito grande e que compromete, mais do que o homem pensa, sua responsabilidade pelo futuro. Deus colocou a criança sob a tutela de seus pais para que eles a conduzam pelo caminho do bem, e facilitou sua tarefa dando a ela uma constituição frágil e delicada, que a torna receptiva a todas as impressões; mas há pais que se ocupam mais em endireitar as árvores de seu jardim e fazê-las produzir muitos bons frutos do que em corrigir o caráter de seu filho. Se este sucumbir por culpa deles, eles sofrerão a pena por isso, e os sofrimentos do filho na vida futura recairão sobre eles, pois não terão feito o que dependia deles para seu adiantamento no caminho do bem. »

583. **Se um filho segue o mau caminho, apesar dos cuidados de seus pais, eles são responsáveis?**

> « Não; mas, quanto piores forem as disposições do filho, mais pesada será a tarefa e maior será o mérito se conseguirem desviá-lo do mau caminho. »

– Se um filho se torna uma boa pessoa, apesar da negligência ou dos maus exemplos de seus pais, eles colhem algum fruto disso?

> « Deus é justo. »

584. **Qual pode ser a natureza da missão do conquistador que só tem em vista satisfazer sua ambição e que, para alcançar esse objetivo, não recua diante de nenhuma das calamidades que arrasta consigo?**

> « Na maioria das vezes, ele é apenas um instrumento de que Deus se serve para a realização de seus desígnios, e essas calamidades às vezes são um meio de fazer um povo avançar mais depressa. »

– Aquele que é o instrumento dessas calamidades passageiras não tem participação no bem que pode resultar delas, pois só havia proposto a si mesmo um objetivo pessoal; ainda assim, terá proveito desse bem?

> « Cada um é recompensado segundo suas obras, o bem que quis fazer e a retidão de suas intenções. »

Os Espíritos encarnados têm ocupações inerentes à sua existência corporal. No estado errante, ou de desmaterialização, essas ocupações são proporcionais ao grau de seu adiantamento. Uns percorrem os mundos, se instruem e se preparam para uma nova encarnação. Outros, mais adiantados, ocupam-se do progresso dirigindo os acontecimentos e sugerindo pensamentos favoráveis; eles assistem os homens de gênio que contribuem para o adiantamento da humanidade. Outros encarnam com uma missão de progresso. Outros tomam sob sua tutela os indivíduos, as famílias, as reuniões, as cidades e os povos, dos quais são os anjos da guarda, os gênios protetores e os Espíritos familiares. Outros, enfim, presidem aos fenômenos da natureza, dos quais são os agentes diretos. Os Espíritos comuns participam de nossas ocupações e de nossas diversões. Os Espíritos impuros ou imperfeitos esperam, em meio a sofrimentos e angústias, o momento em que Deus decidir lhes proporcionar os meios de avançar. Se fazem o mal, é por despeito do bem de que ainda não podem desfrutar.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO II, CAP. XI — OS TRÊS REINOS

✦

Os minerais e as plantas

585. O que vocês pensam da divisão da natureza em três reinos, ou então em duas classes: os seres orgânicos e os seres inorgânicos? Alguns fazem da espécie humana uma quarta classe. Qual dessas divisões é preferível?

> « Todas são boas; isso depende do ponto de vista. Sob o aspecto material, só há seres orgânicos e seres inorgânicos; do ponto de vista moral, há evidentemente quatro graus. »

Esses quatro graus têm, de fato, características bem definidas, embora seus limites pareçam se confundir: a matéria inerte, que constitui o reino mineral, só tem em si uma força mecânica; as plantas, compostas de matéria inerte, são dotadas de vitalidade; os animais, compostos de matéria inerte e dotados de vitalidade, têm, além disso, uma espécie de inteligência instintiva, limitada, com a consciência de sua existência e de sua individualidade; o homem, tendo tudo o que há nas plantas e nos animais, domina todas as outras classes por uma inteligência especial, indefinida, que lhe dá a consciência de seu futuro, a percepção das coisas extramateriais e o conhecimento de Deus.

586. As plantas têm consciência de sua existência?

> « Não, elas não pensam; só têm a vida orgânica. »

587. **As plantas experimentam sensações? Sofrem quando são mutiladas?**

> « As plantas recebem impressões físicas que agem sobre a matéria, mas não têm percepções; por isso, não sentem dor. »

588. **A força que atrai as plantas umas para as outras é independente da vontade delas?**

> « Sim, pois elas não pensam. É uma força mecânica da matéria que age sobre a matéria: elas não poderiam se opor a isso. »

589. **Certas plantas, como a sensitiva e a dioneia, por exemplo, têm movimentos que revelam grande sensibilidade e, em certos casos, uma espécie de vontade, como esta última, cujos lobos prendem a mosca que vem pousar sobre ela para sugar seu suco, e à qual ela parece armar uma cilada para depois matá-la. Essas plantas são dotadas da faculdade de pensar? Têm vontade e formam uma classe intermediária entre a natureza vegetal e a natureza animal? São uma transição de uma para a outra?**

> « Tudo é transição na natureza, pelo próprio fato de que nada é igual e, no entanto, tudo está ligado. As plantas não pensam e, por isso, não têm vontade. A ostra que se abre e todos os zoófitos não têm pensamento: há apenas um instinto cego e natural. »

O organismo humano nos fornece exemplos de movimentos semelhantes sem a participação da vontade, como nas funções digestivas e circulatórias; o piloro se contrai ao contato de certos corpos para lhes impedir a passagem. Deve acontecer o mesmo com a sensitiva, cujos movimentos não implicam de modo algum a necessidade de uma percepção, e menos ainda de uma vontade.

590. **Não há nas plantas, como nos animais, um instinto de conservação que as leva a buscar o que pode lhes ser útil e a fugir do que pode lhes fazer mal?**

> « É, se assim se quiser, uma espécie de instinto: isso depende da extensão que se dá a essa palavra; mas ele é puramente mecânico. Quando, nas operações químicas, vocês veem dois corpos se unirem, é porque eles combinam entre si, isto é, há afinidade entre eles; vocês não chamam isso de instinto. »

591. **Nos mundos superiores, as plantas são, como os outros seres, de uma natureza mais perfeita?**

> « Tudo é mais perfeito; mas as plantas são sempre plantas, assim como os animais são sempre animais e os homens são sempre homens. »

Os animais e o homem

592. **Se compararmos o homem e os animais sob o aspecto da inteligência, a linha de separação parece difícil de estabelecer, pois certos animais têm, nesse aspecto, uma superioridade evidente sobre certos homens. Essa linha de separação pode ser estabelecida de maneira precisa?**

> « Sobre esse ponto, seus filósofos estão longe de concordar; uns querem que o homem seja um animal, e outros que o animal seja um homem; todos estão errados; o homem é um ser à parte, que às vezes desce muito baixo ou que pode se elevar muito alto. Fisicamente, o homem é como os animais e menos bem equipado que muitos deles; a natureza lhes deu tudo o que o homem é obrigado a inventar com sua inteligência para suas necessidades e sua conservação; seu corpo se destrói como o dos animais, é verdade, mas seu Espírito tem um destino que só ele pode compreender, porque só ele é completamente livre. Pobres homens que se rebaixam abaixo do animal irracional! Não sabem se distinguir dele? Reconheçam o homem pelo pensamento de Deus. »

593. Pode-se dizer que os animais só agem por instinto?

> « Isso também é uma teoria. É bem verdade que o instinto domina na maioria dos animais; mas você não vê alguns que agem com uma vontade determinada? Isso é inteligência, mas ela é limitada. »

Além do instinto, não se pode negar a certos animais a capacidade de realizar atos coordenados que revelam uma vontade de agir em um sentido determinado e conforme as circunstâncias.

Há, portanto, neles uma espécie de inteligência, mas cujo exercício se concentra mais exclusivamente nos meios de satisfazer suas necessidades físicas e de garantir sua conservação.

Neles, nenhuma criação, nenhuma melhoria; qualquer que seja a arte que admiramos em seus trabalhos, o que faziam antigamente fazem hoje, nem melhor nem pior, segundo formas e proporções constantes e invariáveis.

O filhote, isolado dos de sua espécie, nem por isso deixa de construir seu ninho segundo o mesmo modelo, sem ter recebido ensinamento. Se alguns são capazes de receber certa educação, seu desenvolvimento intelectual, sempre contido em limites estreitos, deve-se à ação do homem sobre uma natureza flexível, pois não há nenhum progresso que lhes seja próprio; mas esse progresso é passageiro e puramente individual, pois o animal, deixado por sua própria conta, não demora a voltar aos limites traçados pela natureza.

594. Os animais têm uma linguagem?

> « Se vocês entendem uma linguagem formada de palavras e sílabas, não; mas um meio de se comunicarem entre si, sim; eles dizem uns aos outros muito mais coisas do que vocês imaginam; mas sua linguagem, assim como suas ideias, se limita às suas necessidades. »

– Há animais que não têm voz; esses parecem não ter linguagem?

> « Eles se entendem por outros meios. Vocês, homens, só têm a palavra para se comunicar? E os mudos, o que você diz deles? Os animais, sendo dotados de vida de relação, têm meios de avisar uns aos outros e de expressar as sensações que experimentam. Você acredita que os peixes não se entendem entre si? O homem, portanto, não tem o privilégio exclusivo da linguagem; mas a dos animais é instintiva e limitada ao círculo de suas necessidades e de suas ideias, enquanto a do homem pode se aperfeiçoar e se presta a todas as concepções de sua inteligência. »

De fato, os peixes que migram em massa, como as andorinhas, que obedecem ao guia que os conduz, devem ter meios de avisar uns aos outros, de se entender e de combinar suas ações.

Talvez seja por uma visão mais penetrante, que lhes permite distinguir os sinais que fazem uns aos outros; talvez também a água seja um veículo que lhes transmita certas vibrações.

Seja qual for esse meio, é incontestável que eles têm uma forma de se entender, assim como todos os animais privados de voz que fazem trabalhos em comum. Diante disso, devemos nos surpreender que Espíritos possam se comunicar entre si sem o auxílio da palavra articulada? (282).

595. **Os animais têm livre-arbítrio em seus atos?**

> « Eles não são simples máquinas, como vocês acreditam; mas sua liberdade de ação se limita às suas necessidades e não pode ser comparada à do homem. Sendo muito inferiores a ele, não têm os mesmos deveres. Sua liberdade se restringe aos atos da vida material. »

596. **De onde vem a aptidão de certos animais para imitar a linguagem do homem, e por que essa aptidão se encontra mais nas aves do que no macaco, por exemplo, cuja conformação tem mais semelhança com a dele?**

> « Conformação particular dos órgãos da voz, auxiliada pelo instinto de imitação; o macaco imita os gestos, certas aves imitam a voz. »

597. **Já que os animais têm uma inteligência que lhes dá certa liberdade de ação, há neles um princípio independente da matéria?**

> « Sim, e que sobrevive ao corpo. »

– **Esse princípio é uma alma semelhante à do homem?**

> « É também uma alma, se vocês quiserem; isso depende do sentido que se dá a essa palavra; mas ela é inferior à do homem. Há entre a alma dos animais e a do homem tanta distância quanto entre a alma do homem e Deus. »

598. **A alma dos animais conserva, depois da morte, sua individualidade e a consciência de si mesma?**

> « Sua individualidade, sim, mas não a consciência de seu eu. A vida inteligente permanece em estado latente. »

599. **A alma dos animais pode escolher encarnar em um animal em vez de outro?**

> « Não; ela não tem livre-arbítrio. »

600. **A alma do animal, sobrevivendo ao corpo, fica depois da morte em um estado errante, como a do homem?**

> « É uma espécie de erraticidade, pois ela não está unida a um corpo, mas não é um Espírito errante. O Espírito errante é um ser que pensa e age por sua livre vontade; o dos animais não tem a mesma faculdade; é a consciência de si mesmo que constitui o principal atributo do Espírito. O Espírito do animal é classificado depois de sua morte pelos Espíritos encarregados disso e quase imediatamente utilizado; ele não tem tempo disponível para entrar em contato com outras criaturas. »

601. **Os animais seguem uma lei de progresso como os homens?**

> « Sim, é por isso que, nos mundos superiores, onde os homens são mais adiantados, os animais também o são, tendo meios de comunicação mais desenvolvidos; mas são sempre inferiores e submetidos ao homem; são para ele servidores inteligentes. »

Não há nada de extraordinário nisso; suponhamos que nossos animais mais inteligentes, o cão, o elefante, o cavalo, tivessem uma conformação apropriada aos trabalhos manuais: o que não poderiam fazer sob a direção do homem?

602. **Os animais progridem, como o homem, por sua vontade ou pela força das coisas?**

> « Pela força das coisas; é por isso que não há expiação para eles. »

603. **Nos mundos superiores, os animais conhecem Deus?**

> « Não, o homem é um deus para eles, assim como antigamente os Espíritos foram deuses para os homens. »

604. **Os animais, mesmo aperfeiçoados nos mundos superiores, sendo sempre inferiores ao homem, disso resultaria que Deus teria criado seres intelectuais perpetuamente destinados à inferioridade, o que parece estar em desacordo com a unidade de propósitos e de progresso que se observa em todas as suas obras.**

> « Tudo se encadeia na natureza por laços que vocês ainda não conseguem perceber, e as coisas mais diferentes em aparência têm pontos de contato que o homem jamais conseguirá compreender em seu estado atual. Ele pode vislumbrá-los por um esforço de sua inteligência, mas somente quando essa inteligência tiver alcançado todo o seu desenvolvimento e estiver livre dos preconceitos do orgulho e da ignorância poderá enxergar claramente a obra de Deus; até lá, suas ideias limitadas o fazem ver as coisas de um ponto de vista mesquinho e estreito. Saibam bem que Deus não pode se contradizer e que tudo, na natureza, se harmoniza por leis gerais que nunca se afastam da sublime sabedoria do Criador. »

– A inteligência é, assim, uma propriedade comum, um ponto de contato entre a alma dos animais e a do homem?

> « Sim, mas os animais só têm a inteligência da vida material; no homem, a inteligência dá a vida moral. »

605. **Se considerarmos todos os pontos de contato que existem entre o homem e os animais, não poderíamos pensar que o homem possui duas almas: a alma animal e a alma espírita e que, se não tivesse esta última, poderia viver, mas como um animal; em outras palavras, que o animal é um ser semelhante ao homem, menos a alma espírita? Disso resultaria que os bons e os maus instintos do homem seriam o efeito da predominância de uma dessas duas almas.**

> « Não, o homem não tem duas almas; mas o corpo tem seus instintos, que são o resultado da sensação dos órgãos. Há nele apenas uma dupla natureza: a natureza animal e a natureza espiritual; por seu corpo, ele participa da natureza dos animais e de seus instintos; por sua alma, participa da natureza dos Espíritos. »

– Assim, além de suas próprias imperfeições, das quais o Espírito deve se desfazer, ele ainda tem de lutar contra a influência da matéria?

> « Sim, quanto mais inferior ele é, mais estreitos são os laços entre o Espírito e a matéria; vocês não percebem isso? Não, o homem não tem duas almas; a alma é sempre única em um só ser. A alma do animal e a do homem são distintas uma da outra, de tal modo que a alma de um não pode animar o corpo criado para o outro. Mas, se o homem não tem uma alma animal que o coloque, por suas paixões, no nível dos animais, ele tem seu corpo, que muitas vezes o rebaixa até eles, pois seu corpo é um ser dotado de vitalidade que tem instintos, mas sem inteligência e limitados ao cuidado de sua conservação. »

O Espírito, ao encarnar no corpo do homem, traz a ele o princípio intelectual e moral que o torna superior aos animais. As duas naturezas que existem no homem dão às suas paixões duas fontes diferentes: umas provêm dos instintos da

natureza animal, outras das impurezas do Espírito do qual ele é a encarnação e que tem maior ou menor afinidade com a grosseria dos apetites animais.

O Espírito, ao se purificar, liberta-se pouco a pouco da influência da matéria; sob essa influência, aproxima-se do animal; livre dessa influência, eleva-se ao seu verdadeiro destino.

606. **De onde os animais tiram o princípio inteligente que constitui a espécie particular de alma de que são dotados?**

> « Do elemento inteligente universal. »

– A inteligência do homem e a dos animais emanam, então, de um princípio único?

> « Sem dúvida alguma, mas no homem ele recebeu uma elaboração que o eleva acima daquele que anima o animal. »

607. **Foi dito que a alma do homem, em sua origem, está como a infância está para a vida corporal, que sua inteligência mal começa a despertar e que ela ensaia seus primeiros passos na vida (190); onde o Espírito cumpre essa primeira fase?**

> « Em uma série de existências que precedem o período que vocês chamam de humanidade. »

– A alma pareceria, assim, ter sido o princípio inteligente dos seres inferiores da criação?

> « Não dissemos que tudo se encadeia na natureza e tende à unidade? É nesses seres, que vocês estão longe de conhecer todos, que o princípio inteligente se elabora, individualiza-se pouco a pouco e ensaia seus primeiros passos na vida, como dissemos. É, de certa forma, um trabalho preparatório como o da germinação, depois do qual o princípio inteligente passa por uma transformação e se torna Espírito. É então que começa para ele o período da humanidade e, com ele, a consciência de seu futuro, a distinção entre o bem e o mal e a responsabilidade por seus atos; assim como depois do período da infância vem o da adolescência, depois a juventude e, por fim, a idade madura. Aliás, nada há nessa origem que deva humilhar o homem. Os grandes gênios se sentem humilhados por terem sido fetos sem forma no ventre de suas mães? Se alguma coisa deve humilhá-lo, é sua inferioridade diante de Deus e sua incapacidade de sondar a profundidade de seus desígnios e a sabedoria das leis que regem a harmonia do universo. Reconheçam a grandeza de Deus nessa admirável harmonia que faz com que tudo seja interligado na natureza. Acreditar que Deus poderia ter feito alguma

coisa sem finalidade e criado seres inteligentes sem futuro seria blasfemar contra sua bondade, que se estende a todas as suas criaturas. »

– **Esse período da humanidade começa em nossa Terra?**

« A Terra não é o ponto de partida da primeira encarnação humana; o período da humanidade começa, em geral, em mundos ainda mais inferiores; isso, porém, não é uma regra absoluta, e poderia acontecer que um Espírito, desde seu início humano, estivesse apto a viver na Terra. Esse caso não é frequente e seria antes uma exceção. »

608. **O Espírito do homem, depois de sua morte, tem consciência das existências que precederam para ele o período da humanidade?**

« Não, pois não é a partir desse período que começa para ele a vida de Espírito, e ele mal se lembra de suas primeiras existências como homem, exatamente como o homem já não se lembra dos primeiros tempos de sua infância e menos ainda do tempo que passou no ventre de sua mãe. É por isso que os Espíritos dizem a vocês que não sabem como começaram. » (78).

609. **O Espírito, depois de entrar no período da humanidade, conserva vestígios do que era antes, isto é, do estado em que se encontrava no período que se poderia chamar de pré-humano?**

> « Depende da distância que separa os dois períodos e do progresso realizado. Durante algumas gerações, pode haver um reflexo mais ou menos acentuado do estado primitivo, pois nada na natureza se faz por uma transição brusca; há sempre elos que ligam as extremidades da cadeia dos seres e dos acontecimentos; mas esses vestígios se apagam com o desenvolvimento do livre-arbítrio. Os primeiros progressos se realizam lentamente, porque ainda não são auxiliados pela vontade; eles seguem uma progressão mais rápida à medida que o Espírito adquire uma consciência mais perfeita de si mesmo. »

610. **Os Espíritos que disseram que o homem é um ser à parte na ordem da criação se enganaram, então?**

> « Não, mas a questão não havia sido desenvolvida e, aliás, há coisas que só podem vir a seu tempo. O homem é, de fato, um ser à parte, pois tem faculdades que o distinguem de todos os outros e tem outro destino. A espécie humana é aquela que Deus escolheu para a encarnação dos seres que podem conhecê-lo. »

Metempsicose

611. **A origem comum no princípio inteligente dos seres vivos não seria a confirmação da doutrina da metempsicose?**

> « Duas coisas podem ter uma mesma origem e não se parecer em nada mais tarde. Quem reconheceria a árvore, suas folhas, suas flores e seus frutos no germe sem forma contido na semente de onde ela saiu? A partir do momento em que o princípio inteligente atinge o grau necessário para ser Espírito e entrar no período da humanidade, ele já não tem relação com seu estado primitivo e não é mais a alma dos animais, assim como a árvore já não é a semente. No homem, só resta do animal o corpo e as paixões que nascem da influência do corpo e do instinto de conservação inerente à matéria. Não se pode, portanto, dizer que determinado homem é a encarnação do Espírito de determinado animal e, por consequência, a metempsicose, tal como é entendida, não é exata. »

612. **O Espírito que animou o corpo de um homem poderia encarnar em um animal?**

> « Isso seria retroceder, e o Espírito não retrocede. O rio não volta à sua nascente. » (118).

613. Por mais equivocada que seja a ideia ligada à metempsicose, não seria ela o resultado do sentimento intuitivo das diferentes existências do homem?

> « Esse sentimento intuitivo se encontra nessa crença como em muitas outras; mas, como faz com a maioria de suas ideias intuitivas, o homem o desvirtuou. »

A metempsicose seria verdadeira se entendêssemos por essa palavra a progressão da alma de um estado inferior a um estado superior, no qual ela adquiriria desenvolvimentos que transformariam sua natureza; mas ela é falsa no sentido de transmigração direta do animal para o homem e vice-versa, o que implicaria a ideia de um retrocesso ou de fusão; ora, como essa fusão não pode ocorrer entre os seres corporais das duas espécies, isso é um indício de que elas estão em graus que não podem ser equiparados e de que deve acontecer o mesmo com os Espíritos que as animam.

Se o mesmo Espírito pudesse animá-los alternadamente, disso resultaria uma identidade de natureza que se traduziria na possibilidade de reprodução material.

A reencarnação ensinada pelos Espíritos se baseia, ao contrário, na marcha ascendente da natureza e na progressão do homem dentro de sua própria espécie, o que em nada diminui sua dignidade. O que o rebaixa é o mau uso que faz das faculdades que Deus lhe deu para seu avanço.

Seja como for, a antiguidade e a universalidade da doutrina da metempsicose e os homens eminentes que a professaram provam que o princípio da reencarnação tem suas raízes na própria natureza; são, portanto, muito mais argumentos a seu favor do que contrários a ele.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO III, CAP. I — LEI DIVINA OU NATURAL

✦

Características da lei natural

614. **O que se deve entender por lei natural?**

> « A lei natural é a lei de Deus; é a única verdadeira para a felicidade do homem; ela lhe indica o que deve fazer ou não fazer, e ele só é infeliz porque se afasta dela. »

615. **A lei de Deus é eterna?**

> « Ela é eterna e imutável como o próprio Deus. »

616. **Deus poderia ter prescrito aos homens, em uma época, o que lhes teria proibido em outra?**

> « Deus não pode se enganar; são os homens que são obrigados a mudar suas leis, porque elas são imperfeitas; mas as leis de Deus são perfeitas. A harmonia que rege o universo material e o universo moral se baseia nas leis que Deus estabeleceu desde toda a eternidade. »

617. O que abrangem as leis divinas? Elas dizem respeito a algo além da conduta moral?

> « Todas as leis da natureza são leis divinas, pois Deus é o autor de todas as coisas. O cientista estuda as leis da matéria, o homem de bem estuda as da alma e as pratica. »

– É dado ao homem aprofundar o conhecimento de umas e de outras?

> « Sim, mas uma única existência não basta. »

O que são, de fato, alguns anos para adquirir tudo o que constitui o ser perfeito, mesmo considerando apenas a distância que separa o selvagem do homem civilizado? A mais longa existência possível é insuficiente, ainda mais quando é abreviada, como acontece com um grande número de pessoas. Entre as leis divinas, umas regem o movimento e as relações da matéria bruta: são as leis físicas; seu estudo pertence ao campo da ciência. As outras dizem respeito especialmente ao homem em si mesmo e em suas relações com Deus e com seus semelhantes. Elas compreendem as regras da vida do corpo tanto quanto as da vida da alma: são as leis morais.

618. As leis divinas são as mesmas para todos os mundos?

> « A razão diz que elas devem ser adequadas à natureza de cada mundo e proporcionais ao grau de adiantamento dos seres que os habitam. »

Conhecimento da lei natural

619. **Deus deu a todos os homens os meios de conhecer sua lei?**

> « Todos podem conhecê-la, mas nem todos a compreendem; os que melhor a compreendem são os homens de bem e os que querem buscá-la; no entanto, todos a compreenderão um dia, pois é preciso que o progresso se realize. »

A justiça das diversas encarnações do homem é uma consequência desse princípio, pois, a cada nova existência, sua inteligência está mais desenvolvida e ele compreende melhor o que é bem e o que é mal.

Se tudo devesse se realizar para ele em uma única existência, qual seria o destino de tantos milhões de seres que morrem a cada dia no embrutecimento da selvageria ou nas trevas da ignorância, sem que tenha dependido deles se esclarecer? (171-222)

620. **A alma, antes de sua união com o corpo, compreende a lei de Deus melhor do que depois de sua encarnação?**

> « Ela a compreende conforme o grau de perfeição a que chegou e conserva sua lembrança intuitiva depois de sua união com o corpo; mas os maus instintos do homem muitas vezes o fazem esquecê-la. »

621. **Onde está escrita a lei de Deus?**

> « Na consciência. »

– Já que o homem traz em sua consciência a lei de Deus, que necessidade havia de revelá-la a ele?

> « Ele a havia esquecido e desconhecido: Deus quis que ela lhe fosse lembrada. »

622. **Deus deu a certos homens a missão de revelar sua lei?**

> « Sim, certamente; em todas as épocas, homens receberam essa missão. São Espíritos superiores encarnados com o objetivo de fazer a humanidade avançar. »

623. **Os que pretenderam instruir os homens na lei de Deus não se enganaram algumas vezes e não os desviaram muitas vezes por meio de falsos princípios?**

> « Os que não eram inspirados por Deus e que, por ambição, atribuíram a si mesmos uma missão que não tinham certamente puderam desviá-los; no entanto, como, afinal, eram homens de gênio, mesmo em meio aos erros que ensinaram, muitas vezes se encontram grandes verdades. »

624. **Qual é a característica do verdadeiro profeta?**

> « O verdadeiro profeta é um homem de bem inspirado por Deus. Pode-se reconhecê-lo por suas palavras e por suas ações. Deus não pode se servir da boca do mentiroso para ensinar a verdade. »

625. **Qual é o exemplo mais perfeito que Deus ofereceu ao homem para lhe servir de guia e modelo?**

> « Vejam Jesus. »

Jesus é, para o homem, o exemplo da perfeição moral a que a humanidade pode aspirar na Terra. Deus o oferece a nós como o modelo mais perfeito, e a doutrina que ele ensinou é a expressão mais pura de sua lei, porque ele era animado pelo espírito divino e era o ser mais puro que apareceu na Terra. Se alguns dos que pretenderam instruir o homem na lei de Deus às vezes o desviaram por meio de falsos princípios, foi por terem se deixado dominar por sentimentos muito terrenos e por terem confundido as leis que regem as condições da vida da alma com as que regem a vida do corpo. Vários apresentaram como leis divinas o que eram apenas leis humanas criadas para servir às paixões e dominar os homens.

626. **As leis divinas e naturais só foram reveladas aos homens por Jesus, e, antes dele, eles só as conheceram pela intuição?**

> « Não dissemos que elas estão escritas por toda parte? Todos os homens que meditaram sobre a sabedoria puderam, portanto, compreendê-las e ensiná-las desde os séculos mais remotos. Por seus ensinamentos, mesmo incompletos, prepararam o terreno para receber a semente. Como as leis divinas estão inscritas no livro da natureza, o homem pôde conhecê-las quando quis buscá-las; por isso, os preceitos que elas consagram foram proclamados em todas as épocas pelos homens de bem, e é também por isso que seus elementos se encontram na doutrina moral de todos os povos que saíram da barbárie, mas incompletos ou alterados pela ignorância e pela superstição. »

627. **Já que Jesus ensinou as verdadeiras leis de Deus, qual é a utilidade do ensinamento dado pelos Espíritos? Eles têm algo mais a nos ensinar?**

> « A palavra de Jesus era muitas vezes alegórica e expressa em parábolas, porque ele falava de acordo com as épocas e os lugares. Agora é preciso que a verdade seja compreensível para todos. É preciso explicar bem e desenvolver essas leis, pois há tão poucas pessoas que as compreendem e menos ainda que as praticam. Nossa missão é impressionar os olhos e os ouvidos para confundir os orgulhosos e desmascarar os hipócritas: aqueles que ostentam as aparências da virtude e da religião para esconder suas torpezas. O ensinamento dos Espíritos deve ser claro e sem ambiguidades, para que ninguém possa alegar ignorância e para que cada um possa julgá-lo e avaliá-lo com sua razão. Somos encarregados de preparar o reino do bem anunciado por Jesus; por isso, não se deve permitir que cada um interprete a lei de Deus ao sabor de suas paixões, nem que deturpe o sentido de uma lei toda de amor e caridade. »

628. **Por que a verdade nem sempre foi colocada ao alcance de todos?**

> « É preciso que cada coisa venha a seu tempo. A verdade é como a luz: é preciso se acostumar com ela pouco a pouco, caso contrário ela ofusca. »

Nunca aconteceu de Deus permitir ao homem receber comunicações tão completas e tão instrutivas quanto as que lhe é dado receber hoje. Havia, de fato, como vocês sabem, nas eras antigas, alguns indivíduos que possuíam o que consideravam uma ciência sagrada e que mantinham em segredo para aqueles que, segundo eles, eram profanos.

Vocês devem compreender, com o que conhecem das leis que regem esses fenômenos, que eles só recebiam algumas verdades dispersas em meio a um conjunto ambíguo e, na maioria das vezes, simbólico.

No entanto, para o estudioso, não há nenhum antigo sistema filosófico, nenhuma tradição, nenhuma religião que deva ser desprezada, pois tudo contém germes de grandes verdades que, embora pareçam contraditórias entre si, dispersas como estão em meio a elementos acessórios sem fundamento, são muito fáceis de coordenar, graças à chave que o espiritismo nos dá para uma infinidade de coisas que, até aqui, puderam parecer sem razão a vocês e cuja realidade hoje lhes é demonstrada de maneira incontestável.

Não deixem, portanto, de extrair desses materiais temas de estudo; eles são muito ricos nisso e podem contribuir poderosamente para a instrução de vocês. »

O bem e o mal

629. Que definição se pode dar da moral?

> « A moral é a regra para se conduzir bem, isto é, a distinção entre o bem e o mal. Ela se baseia na observância da lei de Deus. O homem se conduz bem quando faz tudo tendo em vista e por objetivo o bem de todos, pois então observa a lei de Deus. »

630. Como se pode distinguir o bem do mal?

> « O bem é tudo o que está de acordo com a lei de Deus, e o mal, tudo o que se afasta dela. Assim, fazer o bem é se conformar à lei de Deus; fazer o mal é infringir essa lei. »

631. O homem tem, por si mesmo, os meios de distinguir o que é bem do que é mal?

> « Sim, quando crê em Deus e quer saber isso. Deus lhe deu a inteligência para discernir um do outro. »

632. O homem, que está sujeito ao erro, não pode se enganar na avaliação do bem e do mal e acreditar que faz o bem quando, na realidade, faz o mal?

> « Jesus disse a vocês: vejam o que gostariam que fizessem ou não fizessem por vocês: tudo está aí. Vocês não se enganarão. »

633. **A regra do bem e do mal, que se poderia chamar de reciprocidade ou de solidariedade, não pode se aplicar à conduta pessoal do homem para consigo mesmo. Ele encontra, na lei natural, a regra dessa conduta e um guia seguro?**

> « Quando vocês comem demais, isso lhes faz mal. Pois bem! É Deus que lhes dá a medida do que precisam. Quando a ultrapassam, são punidos. O mesmo acontece com tudo. A lei natural traça para o homem o limite de suas necessidades; quando ele o ultrapassa, é punido pelo sofrimento. Se o homem escutasse em todas as coisas essa voz que lhe diz basta, evitaria a maior parte dos males pelos quais acusa a natureza. »

634. **Por que o mal está na natureza das coisas? Falo do mal moral. Deus não poderia ter criado a humanidade em condições melhores?**

> « Já dissemos a você: os Espíritos foram criados simples e ignorantes (115). Deus deixa ao homem a escolha do caminho; pior para ele se tomar o mau: sua peregrinação será mais longa. Se não houvesse montanhas, o homem não poderia compreender que se pode subir e descer, e, se não houvesse rochedos, não compreenderia que há corpos duros. É preciso que o Espírito adquira experiência e, para isso, é preciso que conheça o bem e o mal; é por isso que há união do Espírito e do corpo. » (119).

635. **As diferentes posições sociais criam necessidades novas que não são as mesmas para todos os homens. A lei natural pareceria, assim, não ser uma regra uniforme?**

> « Essas diferentes posições estão na natureza e de acordo com a lei do progresso. Isso não impede a unidade da lei natural, que se aplica a tudo. »

As condições de existência do homem mudam conforme as épocas e os lugares; disso resultam, para ele, necessidades diferentes e posições sociais adequadas a essas necessidades. Já que essa diversidade está na ordem das coisas, ela está de acordo com a lei de Deus, e essa lei nem por isso deixa de ser una em seu princípio. Cabe à razão distinguir as necessidades reais das necessidades artificiais ou convencionais.

636. **O bem e o mal são absolutos para todos os homens?**

> « A lei de Deus é a mesma para todos; mas o mal depende sobretudo da vontade que se tem de fazê-lo. O bem é sempre bem e o mal é sempre mal, qualquer que seja a posição do homem; a diferença está no grau de responsabilidade. »

637. **O selvagem que cede ao seu instinto ao se alimentar de carne humana é culpado?**

> « Eu disse que o mal depende da vontade; pois bem! O homem é mais culpado à medida que sabe melhor o que faz. »

As circunstâncias dão ao bem e ao mal uma gravidade relativa. O homem muitas vezes comete faltas que, embora sejam consequência da posição em que a sociedade o colocou, nem por isso deixam de ser repreensíveis; mas a responsabilidade é proporcional aos meios que ele tem de compreender o bem e o mal.

É assim que o homem esclarecido que comete uma simples injustiça é mais culpado aos olhos de Deus do que o selvagem ignorante que se entrega aos seus instintos.

638. **O mal às vezes parece ser uma consequência da força das coisas. É o caso, por exemplo, em certas circunstâncias, da necessidade de destruição, até mesmo do próprio semelhante. Pode-se dizer, então, que há transgressão da lei de Deus?**

> « Nem por isso deixa de ser mal, embora necessário; mas essa necessidade desaparece à medida que a alma se purifica ao passar de uma existência a outra; e então o homem se torna ainda mais culpado quando o comete, porque o compreende melhor. »

639. **O mal que se comete não é muitas vezes o resultado da posição em que os outros homens nos colocaram? E, nesse caso, quais são os mais culpados?**

> « O mal recai sobre aquele que é sua causa. Assim, o homem que é levado ao mal pela posição em que seus semelhantes o colocam é menos culpado do que aqueles que são sua causa; pois cada um sofrerá a pena não apenas do mal que tiver feito, mas também daquele que tiver provocado. »

640. **Aquele que não faz o mal, mas se aproveita do mal feito por outro, é culpado no mesmo grau?**

> « É como se o cometesse; aproveitar-se dele é participar dele. Talvez tivesse recuado diante da ação; mas, se, encontrando-a já feita, tira proveito dela, é porque a aprova e a teria feito ele mesmo se tivesse podido ou ousado. »

641. **O desejo do mal é tão repreensível quanto o próprio mal?**

> « Depende; há virtude em resistir voluntariamente ao mal que se deseja, sobretudo quando se tem a possibilidade de satisfazer esse desejo; se falta apenas a oportunidade, a pessoa é culpada. »

642. **Basta não fazer o mal para agradar a Deus e assegurar sua condição futura?**

> « Não, é preciso fazer o bem dentro do limite de suas forças; pois cada um responderá por todo o mal que tiver sido feito por causa do bem que não tiver feito. »

643. **Há pessoas que, por sua posição, não têm a possibilidade de fazer o bem?**

> « Não há ninguém que não possa fazer o bem: só o egoísta nunca encontra a oportunidade. Basta estar em contato com outros homens para encontrar o bem a fazer, e cada dia da vida dá essa possibilidade a quem não está cego pelo egoísmo; pois fazer o bem não é apenas ser caridoso, é ser útil na medida de seu poder, sempre que seu auxílio possa ser necessário. »

644. **O meio em que certos homens se encontram não é, para eles, a fonte principal de muitos vícios e crimes?**

> « Sim, mas isso também é uma prova escolhida pelo Espírito no estado de liberdade; ele quis se expor à tentação para ter o mérito da resistência. »

645. **Quando o homem está, de certa forma, mergulhado na atmosfera do vício, o mal não se torna para ele um impulso quase irresistível?**

> « Impulso, sim; irresistível, não; pois, em meio a essa atmosfera do vício, você às vezes encontra grandes virtudes. São Espíritos que tiveram a força de resistir e que, ao mesmo tempo, tiveram a missão de exercer uma boa influência sobre seus semelhantes. »

646. **O mérito do bem que se faz está subordinado a certas condições? Em outras palavras, há diferentes graus no mérito do bem?**

> « O mérito do bem está na dificuldade; não há mérito em fazer o bem sem esforço e quando ele não custa nada. Deus dá mais valor ao pobre que divide seu único pedaço de pão do que ao rico que só dá o que lhe sobra. Jesus disse isso a respeito da moeda da viúva. »

Divisão da lei natural

647. **Toda a lei de Deus está contida na máxima do amor ao próximo ensinada por Jesus?**

> « Certamente, essa máxima contém todos os deveres dos homens uns para com os outros; mas é preciso lhes mostrar sua aplicação, caso contrário eles a negligenciarão, como fazem hoje; além disso, a lei natural compreende todas as circunstâncias da vida, e essa máxima é apenas uma parte dela. Os homens precisam de regras precisas; os preceitos gerais e vagos demais deixam portas demais abertas à interpretação. »

648. **O que vocês pensam da divisão da lei natural em dez partes, compreendendo as leis sobre a adoração, o trabalho, a reprodução, a conservação, a destruição, a sociedade, o progresso, a igualdade, a liberdade e, por fim, a de justiça, amor e caridade?**

> « Essa divisão da lei de Deus em dez partes é a de Moisés e pode abranger todas as circunstâncias da vida, o que é essencial; você pode, portanto, segui-la sem que ela tenha, por isso, nada de absoluto, assim como todos os outros sistemas de classificação, que dependem do ponto de vista sob o qual se considera uma coisa. A última lei é a mais importante; é por ela que o homem pode avançar mais na vida espiritual, pois ela resume todas as outras. »

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO III, CAP. II — LEI DE ADORAÇÃO

✦

Finalidade da adoração

649. **Em que consiste a adoração?**

> « É a elevação do pensamento a Deus. Pela adoração, aproximamos nossa alma dele. »

650. **A adoração é o resultado de um sentimento inato ou o produto de um ensinamento?**

> « É um sentimento inato, como o da Divindade. A consciência de sua fraqueza leva o ser humano a se curvar diante daquele que pode protegê-lo. »

651. **Houve povos desprovidos de todo sentimento de adoração?**

> « Não, pois nunca houve povos de ateus. Todos compreendem que há acima deles um ser supremo. »

652. **Pode-se considerar que a adoração tem sua origem na lei natural?**

> « Ela está na lei natural, pois é o resultado de um sentimento inato no ser humano; por isso é encontrada em todos os povos, embora sob formas diferentes. »

Adoração exterior

653. **A adoração precisa de manifestações exteriores?**

> « A verdadeira adoração está no coração. Em todas as suas ações, pensem sempre que um mestre os observa. »

– **A adoração exterior é útil?**

> « Sim, se não for uma encenação vazia. É sempre útil dar um bom exemplo; mas aqueles que só o fazem por afetação e amor-próprio, e cuja conduta desmente sua aparente piedade, dão um exemplo mais mau do que bom e fazem mais mal do que pensam. »

654. **Deus dá preferência aos que o adoram desta ou daquela maneira?**

« Deus prefere os que o adoram do fundo do coração, com sinceridade, fazendo o bem e evitando o mal, aos que acreditam honrá-lo por meio de cerimônias que não os tornam melhores para seus semelhantes.

« Todos os seres humanos são irmãos e filhos de Deus; ele chama para junto de si todos os que seguem suas leis, seja qual for a forma pela qual as expressem.

« Aquele que só tem as aparências da piedade é um hipócrita; aquele cuja adoração é apenas fingida e está em contradição com sua conduta dá um mau exemplo.

« Daquele que declara adorar o Cristo e é orgulhoso, invejoso e ciumento, que é duro e implacável com os outros ou ambiciona os bens deste mundo, eu lhes digo que a religião está em seus lábios e não em seu coração; Deus, que tudo vê, dirá: esse que conhece a verdade é 100 vezes mais culpado pelo mal que faz do que o selvagem ignorante do deserto, e será tratado de acordo com isso no dia da justiça. Se um cego os derruba ao passar, vocês o desculpam; se é um homem que enxerga bem, vocês se queixam e têm razão.

« Não perguntem, portanto, se há uma forma de adoração mais conveniente, pois isso seria perguntar se é mais agradável a Deus ser adorado numa língua do que em outra. Eu lhes digo mais uma vez: os cânticos só chegam a ele pela porta do coração. »

655. **É censurável praticar uma religião na qual não se crê no fundo da alma, quando se faz isso por receio da opinião alheia e para não escandalizar os que pensam de outra maneira?**

> « A intenção, nisso como em muitas outras coisas, é a regra. Aquele que só tem em vista respeitar as crenças dos outros não faz mal; faz melhor do que aquele que as ridicularizasse, pois este faltaria com a caridade; mas aquele que pratica por interesse e ambição é desprezível aos olhos de Deus e dos seres humanos. Deus não pode ver com agrado aqueles que só aparentam se humilhar diante dele para atrair a aprovação dos outros. »

656. **A adoração em conjunto é preferível à adoração individual?**

> « As pessoas reunidas por uma comunhão de pensamentos e sentimentos têm mais força para atrair a si os bons Espíritos. O mesmo acontece quando se reúnem para adorar a Deus. Mas não acreditem, por isso, que a adoração individual seja menos boa, pois cada um pode adorar a Deus pensando nele. »

Vida contemplativa

657. **As pessoas que se dedicam à vida contemplativa, sem fazer nenhum mal e pensando apenas em Deus, têm mérito aos olhos dele?**

> « Não, pois, se não fazem mal, também não fazem bem e são inúteis; além disso, não fazer o bem já é um mal. Deus quer que pensem nele, mas não quer que pensem apenas nele, pois deu ao ser humano deveres a cumprir na terra. Aquele que se consome na meditação e na contemplação não faz nada de meritório aos olhos de Deus, porque sua vida é inteiramente pessoal e inútil à humanidade, e Deus lhe pedirá contas do bem que não tiver feito. » (640).

Da prece

658. **A prece é agradável a Deus?**

> « A prece é sempre agradável a Deus quando é ditada pelo coração, pois a intenção é tudo para ele, e a prece do coração é preferível àquela que você pode ler, por mais bela que seja, se você a lê mais com os lábios do que com o pensamento. A prece é agradável a Deus quando é feita com fé, fervor e sinceridade; mas não acredite que ele se comova com a prece do homem vaidoso, orgulhoso e egoísta, a menos que ela seja, de sua parte, um ato de sincero arrependimento e de verdadeira humildade. »

659. **Qual é o caráter geral da prece?**

> « A prece é um ato de adoração. Orar a Deus é pensar nele; é aproximar-se dele; é entrar em comunicação com ele. Pela prece, podemos nos propor 3 coisas: louvar, pedir e agradecer. »

660. **A prece torna o ser humano melhor?**

> « Sim, pois aquele que ora com fervor e confiança tem mais força contra as tentações do mal, e Deus lhe envia bons Espíritos para ajudá-lo. É um auxílio que nunca é recusado quando é pedido com sinceridade. »

– Como se explica que certas pessoas que oram muito sejam, apesar disso, de péssimo caráter, ciumentas, invejosas, mal-humoradas; que lhes faltem benevolência e indulgência; que às vezes sejam até viciosas?

> « O essencial não é orar muito, mas orar bem. Essas pessoas acreditam que todo o mérito está na duração da prece e fecham os olhos para os próprios defeitos. A prece é para elas uma ocupação, uma maneira de preencher o tempo, mas não um estudo de si mesmas. Não é o remédio que é ineficaz, é a maneira como ele é empregado. »

661. **É útil pedir a Deus, pela prece, que perdoe nossas faltas?**

> « Deus sabe distinguir o bem do mal: a prece não esconde as faltas. Aquele que pede a Deus o perdão de suas faltas só o obtém mudando de conduta. As boas ações são a melhor das preces, pois os atos valem mais do que as palavras. »

662. **É útil orar pelos outros?**

> « O Espírito de quem ora age por sua vontade de fazer o bem. Pela prece, atrai a si os bons Espíritos, que se associam ao bem que ele quer fazer. »

Possuímos em nós mesmos, pelo pensamento e pela vontade, um poder de ação que se estende muito além dos limites de nossa esfera corporal. A prece pelos outros é um ato dessa vontade. Se for ardente e sincera, pode chamar em auxílio da pessoa os bons Espíritos, para lhe sugerirem bons pensamentos e lhe darem a força do corpo e da alma de que precisa. Mas, também aí, a prece do coração é tudo, a dos lábios não é nada.

663. **As preces que fazemos por nós mesmos podem mudar a natureza de nossas provas e desviar seu curso?**

> « Suas provas estão nas mãos de Deus, e algumas devem ser suportadas até o fim, mas, nesses casos, Deus sempre leva em conta a resignação. A prece atrai a vocês os bons Espíritos, que lhes dão a força para suportá-las com coragem, e elas lhes parecem menos duras. Já dissemos: a prece nunca é inútil quando é bem feita, porque dá força, e isso já é um grande resultado. Ajude a si mesmo, e o Céu o ajudará, você sabe disso. Além disso, Deus não pode mudar a ordem da natureza ao gosto de cada um, pois o que é um grande mal do ponto de vista limitado de vocês e de sua vida passageira é muitas vezes um grande bem na ordem geral do universo; e, ainda, quantos males não há dos quais o próprio ser humano é o autor, por sua imprevidência ou por suas faltas! Ele é punido por aquilo em que pecou. No entanto, os pedidos justos são atendidos com mais frequência do que vocês pensam; vocês acreditam que Deus não os ouviu porque ele não fez um milagre por vocês, enquanto ele os ajuda por meios tão naturais que lhes parecem efeito do acaso ou da força das circunstâncias; muitas vezes também, e até na maioria das vezes, ele lhes inspira o pensamento necessário para que vocês mesmos saiam das dificuldades. »

664. **É útil orar pelos mortos e pelos Espíritos sofredores e, nesse caso, como nossas preces podem lhes proporcionar alívio e abreviar seus sofrimentos; elas têm o poder de fazer ceder a justiça de Deus?**

> « A prece não pode ter como efeito mudar os desígnios de Deus, mas a alma pela qual se ora sente alívio, porque é uma demonstração de interesse que lhe dão, e o infeliz sempre se sente aliviado quando encontra almas caridosas que se compadecem de suas dores. Por outro lado, pela prece, ele é estimulado ao arrependimento e ao desejo de fazer o necessário para ser feliz; é nesse sentido que se pode abreviar sua pena, se ele, de sua parte, colaborar com sua boa vontade. Esse desejo de melhora, despertado pela prece, atrai para junto do Espírito sofredor Espíritos melhores, que vêm esclarecê-lo, consolá-lo e lhe dar esperança. Jesus orava pelas ovelhas desgarradas; com isso, ele lhes mostra que vocês seriam culpados se não fizessem o mesmo por aqueles que mais precisam. »

665. **O que pensar da opinião que rejeita a prece pelos mortos, sob a alegação de que ela não é prescrita no Evangelho?**

> « O Cristo disse aos seres humanos: Amem uns aos outros. Essa recomendação contém a de empregar todos os meios possíveis para lhes demonstrar afeto, sem entrar em detalhes sobre a maneira de alcançar esse objetivo. Se é verdade que nada pode desviar o Criador de aplicar a justiça, da qual ele é o modelo, a todas as ações do Espírito, não é menos verdade que a prece que vocês lhe dirigem por aquele que lhes inspira afeto é, para esse Espírito, uma demonstração de lembrança que só pode contribuir para aliviar seus sofrimentos e consolá-lo. Assim que ele manifesta o menor arrependimento, e apenas então, é socorrido; mas nunca o deixam ignorar que uma alma solidária se ocupou dele, e lhe deixam o doce pensamento de que a intercessão dela lhe foi útil. Disso resulta necessariamente, de sua parte, um sentimento de gratidão e afeto por aquele que lhe deu essa prova de carinho ou de compaixão; por consequência, o amor que o Cristo recomendava aos seres humanos só fez crescer entre eles; ambos obedeceram, portanto, à lei de amor e de união de todos os seres, lei divina que deve conduzir à unidade, objetivo e finalidade do Espírito. »

666. **Pode-se orar aos Espíritos?**

> « Pode-se orar aos bons Espíritos como mensageiros de Deus e executores de suas vontades; mas o poder deles é proporcional à sua superioridade e está sempre subordinado ao senhor de todas as coisas, sem cuja permissão nada se faz; por isso, as preces que lhes são dirigidas só são eficazes se forem aceitas por Deus. »

Politeísmo

667. **Por que o politeísmo é uma das crenças mais antigas e mais difundidas, já que é falsa?**

> « A ideia de um Deus único só podia ser, no homem, o resultado do desenvolvimento de suas ideias. Incapaz, em sua ignorância, de conceber um ser imaterial, sem forma determinada, agindo sobre a matéria, ele lhe havia dado os atributos da natureza corporal, isto é, uma forma e uma figura, e desde então tudo o que lhe parecia ultrapassar as proporções da inteligência comum era para ele uma divindade. Tudo o que ele não compreendia devia ser obra de um poder sobrenatural, e daí a acreditar em tantos poderes distintos quantos eram os efeitos que via havia apenas um passo. Mas em todos os tempos houve homens esclarecidos que compreenderam a impossibilidade de essa multidão de poderes governar o mundo sem uma direção superior e se elevaram à ideia de um Deus único. »

668. **Os fenômenos espíritas, tendo ocorrido em todos os tempos e sendo conhecidos desde as primeiras eras do mundo, não podem ter levado à crença na pluralidade dos deuses?**

> « Sem dúvida, pois, como os homens chamavam de deus tudo o que era sobre-humano, os Espíritos eram para eles deuses, e é por isso que, quando um homem se destacava entre todos os outros por suas ações, por seu gênio ou por um poder oculto incompreendido pelo povo, faziam dele um deus e lhe prestavam culto depois de sua morte. » (603).

A palavra deus tinha entre os antigos um sentido muito amplo; não era, como em nossos dias, uma personificação do senhor da natureza, mas uma designação genérica dada a todo ser situado fora das condições da humanidade; ora, como as manifestações espíritas lhes haviam revelado a existência de seres incorpóreos que agiam como poderes da natureza, eles os haviam chamado de deuses, assim como nós os chamamos de Espíritos. É uma simples questão de palavras, com a diferença de que, em sua ignorância, mantida de propósito por aqueles que tiravam proveito dela, eles lhes erguiam templos e altares muito lucrativos, enquanto para nós são simples criaturas como nós, mais ou menos perfeitas, que deixaram seu envoltório terrestre. Se estudarmos com cuidado os diversos atributos das divindades pagãs, reconheceremos neles sem dificuldade todos os de nossos Espíritos em todos os graus da escala espírita, seu estado físico nos mundos superiores, todas as propriedades do perispírito e o papel que desempenham nas coisas da Terra. O cristianismo, ao vir iluminar o mundo com sua luz divina, não pôde destruir uma coisa que está na natureza, mas fez com que a adoração se voltasse para aquele a quem ela pertence. Quanto aos Espíritos, sua lembrança se perpetuou sob diversos nomes, conforme os povos, e suas manifestações, que nunca cessaram, foram interpretadas de diversas maneiras e muitas vezes exploradas sob o domínio do mistério; enquanto a religião viu nelas fenômenos milagrosos, os descrentes viram nelas truques. Hoje, graças a um estudo mais sério, feito à luz do

dia, o espiritismo, livre das ideias supersticiosas que o obscureceram durante séculos, nos revela um dos maiores e mais sublimes princípios da natureza.

Sacrifícios

669. **O costume dos sacrifícios humanos remonta à mais remota Antiguidade. Como o homem pôde ser levado a acreditar que coisas semelhantes pudessem ser agradáveis a Deus?**

> « Primeiro, porque ele não compreendia Deus como a fonte da bondade; entre os povos primitivos, a matéria prevalece sobre o espírito; eles se entregam aos instintos do animal, e por isso são geralmente cruéis, porque o senso moral ainda não está desenvolvido neles. Depois, os homens primitivos deviam naturalmente acreditar que uma criatura viva tinha muito mais valor aos olhos de Deus do que um corpo material. Foi isso que os levou a sacrificar primeiro animais e, mais tarde, homens, pois, segundo sua falsa crença, pensavam que o valor do sacrifício era proporcional à importância da vítima. Na vida material, tal como a maioria de vocês a pratica, se oferecem um presente a alguém, sempre o escolhem de valor tanto maior quanto mais querem demonstrar à pessoa afeição e consideração. Devia acontecer o mesmo com os homens ignorantes em relação a Deus. »

– Assim, os sacrifícios de animais teriam precedido os sacrifícios humanos?

> « Não há dúvida disso. »

– Segundo essa explicação, os sacrifícios humanos não teriam sua origem em um sentimento de crueldade?

> « Não, mas na falsa ideia de agradar a Deus. Vejam Abraão. Mais tarde, os homens abusaram disso, sacrificando seus inimigos, até mesmo seus inimigos pessoais. Aliás, Deus nunca exigiu sacrifícios, nem de animais

nem de homens; ele não pode ser honrado pela destruição inútil de sua própria criatura. »

670. **Os sacrifícios humanos, realizados com uma intenção piedosa, puderam alguma vez ser agradáveis a Deus?**

« Não, nunca; mas Deus julga a intenção. Como eram ignorantes, os homens podiam acreditar que faziam um ato louvável ao sacrificar um de seus semelhantes; nesse caso, Deus considerava apenas o pensamento, e não o ato. Ao se aperfeiçoarem, os homens deviam reconhecer seu erro e reprovar esses sacrifícios, que não deviam passar pela mente de espíritos esclarecidos; digo esclarecidos porque os Espíritos estavam então envolvidos pelo véu material; mas, pelo livre-arbítrio, podiam ter uma percepção de sua origem e de seu fim, e muitos já compreendiam, por intuição, o mal que faziam, mas nem por isso deixavam de praticá-lo para satisfazer suas paixões. »

671. **O que devemos pensar das chamadas guerras sagradas? O sentimento que leva os povos fanáticos a exterminar o maior número possível daqueles que não compartilham suas crenças, com o objetivo de agradar a Deus, parece ter a mesma origem daquele que antigamente os incitava aos sacrifícios de seus semelhantes?**

> « Eles são impelidos pelos maus Espíritos e, ao fazerem guerra a seus semelhantes, vão contra a vontade de Deus, que diz que devemos amar nosso irmão como a nós mesmos. Como todas as religiões, ou melhor, todos os povos, adoram um mesmo Deus, tenha ele um nome ou outro, por que lhes fazer uma guerra de extermínio porque sua religião é diferente ou ainda não alcançou o progresso da religião dos povos esclarecidos? Os povos são desculpáveis por não acreditarem na palavra daquele que era animado pelo Espírito de Deus e enviado por ele, principalmente quando não o viram e não foram testemunhas de seus atos; e como vocês querem que eles acreditem nessa palavra de paz quando vão levá-la a eles de armas na mão? Eles devem se esclarecer, e nós devemos procurar fazê-los conhecer sua doutrina pela persuasão e pela brandura, e não pela força e pelo sangue. A maioria de vocês não acredita nas comunicações que temos com certos mortais; por que desejariam que estrangeiros acreditassem apenas na palavra de vocês, quando seus atos desmentem a doutrina que pregam? »

672. **A oferenda dos frutos da terra, feita a Deus, tinha mais mérito a seus olhos do que o sacrifício de animais?**

> « Já respondi a vocês dizendo que Deus julgava a intenção e que o ato tinha pouca importância para ele. Era evidentemente mais agradável a Deus receber a oferenda dos frutos da terra do que o sangue das vítimas. Como já lhes dissemos e sempre repetimos, a prece feita do fundo do coração é cem vezes mais agradável a Deus do que todas as oferendas que vocês poderiam lhe fazer. Repito que a intenção é tudo e o ato nada. »

673. **Não haveria um meio de tornar essas oferendas mais agradáveis a Deus, destinando-as ao alívio daqueles a quem falta o necessário? Nesse caso, o sacrifício de animais, realizado com uma finalidade útil, não seria meritório, enquanto era abusivo quando não servia para nada ou só beneficiava pessoas a quem nada faltava? Não haveria algo de verdadeiramente piedoso em destinar aos pobres os primeiros frutos dos bens que Deus nos concede na Terra?**

> « Deus sempre abençoa aqueles que fazem o bem; aliviar os pobres e os aflitos é o melhor meio de honrá-lo. Não digo com isso que Deus desaprove as cerimônias que vocês fazem para orar a ele, mas há muito dinheiro que poderia ser empregado de maneira mais útil do que é. Deus ama a simplicidade em todas as coisas. O homem que se prende à aparência e não ao coração é um espírito de visão estreita; julguem se Deus deve se prender mais à forma do que ao conteúdo. »

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO III, CAP. III — LEI DO TRABALHO

✦

Necessidade do trabalho

674. A necessidade do trabalho é uma lei da natureza?

> «O trabalho é uma lei da natureza, pelo próprio fato de ser uma necessidade, e a civilização obriga o homem a trabalhar mais, porque aumenta suas necessidades e seus prazeres.»

675. Deve-se entender por trabalho apenas as ocupações materiais?

> «Não; o Espírito trabalha como o corpo. Toda ocupação útil é um trabalho.»

676. Por que o trabalho é imposto ao homem?

> «É uma consequência de sua natureza corporal. É uma expiação e, ao mesmo tempo, um meio de aperfeiçoar sua inteligência. Sem o trabalho, o homem permaneceria na infância da inteligência; por isso, deve seu alimento, sua segurança e seu bem-estar apenas ao seu trabalho e à sua atividade. Àquele que é fraco demais de corpo, Deus deu a inteligência para compensar essa fraqueza; mas isso é sempre um trabalho.»

677. **Por que a natureza atende por si mesma a todas as necessidades dos animais?**

> «Tudo trabalha na natureza; os animais trabalham como você, mas seu trabalho, assim como sua inteligência, limita-se ao cuidado de sua conservação; é por isso que, entre eles, o trabalho não traz o progresso, enquanto no homem tem um duplo objetivo: a conservação do corpo e o desenvolvimento do pensamento, que também é uma necessidade e que o eleva acima de si mesmo. Quando digo que o trabalho dos animais se limita ao cuidado de sua conservação, refiro-me ao objetivo que eles se propõem ao trabalhar; mas, sem saberem e enquanto atendem às suas necessidades materiais, eles são agentes que auxiliam os propósitos do Criador, e seu trabalho nem por isso deixa de contribuir para o objetivo final da natureza, embora, muitas vezes, vocês não descubram seu resultado imediato.»

678. **Nos mundos mais aperfeiçoados, o homem está sujeito à mesma necessidade de trabalhar?**

> «A natureza do trabalho é relativa à natureza das necessidades; quanto menos materiais são as necessidades, menos material é o trabalho; mas não pense, por isso, que o homem permanece inativo e inútil: a ociosidade seria um suplício em vez de um benefício.»

679. **O homem que possui bens suficientes para garantir sua existência está livre da lei do trabalho?**

> «Do trabalho material, talvez, mas não da obrigação de se tornar útil conforme seus meios, de aperfeiçoar sua inteligência ou a dos outros, o que também é um trabalho. Se o homem a quem Deus concedeu bens suficientes para garantir sua existência não é obrigado a ganhar seu sustento com o suor do rosto, a obrigação de ser útil aos seus semelhantes é tanto maior para ele quanto a parte que lhe foi dada de antemão lhe proporciona mais tempo livre para fazer o bem.»

680. **Não há homens que são incapazes de realizar qualquer trabalho e cuja existência é inútil?**

> «Deus é justo; só condena aquele cuja existência é voluntariamente inútil, pois esse vive à custa do trabalho dos outros. Ele quer que cada um se torne útil conforme suas capacidades.» (643).

681. **A lei da natureza impõe aos filhos a obrigação de trabalhar por seus pais?**

> «Certamente, assim como os pais devem trabalhar por seus filhos; é por isso que Deus fez do amor filial e do amor paterno um sentimento da natureza, para que, por essa afeição recíproca, os membros de uma mesma família fossem levados a se ajudar mutuamente; é isso que tantas vezes é ignorado na sociedade atual de vocês.» (205).

Limite do trabalho. Repouso

682. **Sendo o repouso uma necessidade depois do trabalho, não é ele uma lei da natureza?**

> «Sem dúvida, o repouso serve para restaurar as forças do corpo e também é necessário para deixar um pouco mais de liberdade à inteligência, para que se eleve acima da matéria.»

683. **Qual é o limite do trabalho?**

> «O limite das forças; quanto ao resto, Deus deixa o homem livre.»

684. **O que pensar daqueles que abusam de sua autoridade para impor aos seus subordinados um excesso de trabalho?**

> «É uma das piores ações. Todo homem que tem o poder de mandar é responsável pelo excesso de trabalho que impõe aos seus subordinados, pois transgride a lei de Deus.» (273).

685. **O homem tem direito ao repouso na velhice?**

> «Sim, ele só é obrigado a trabalhar de acordo com suas forças.»

– Mas que recurso tem o idoso que precisa trabalhar para viver e não pode fazê-lo?

> «O forte deve trabalhar pelo fraco; na falta da família, a sociedade deve ocupar seu lugar: é a lei da caridade.»

Não basta dizer ao homem que ele deve trabalhar; é preciso também que aquele que depende de seu trabalho para viver encontre uma ocupação, e isso nem sempre acontece. Quando a suspensão do trabalho se generaliza, assume as proporções de um flagelo como a escassez de alimentos.

A ciência econômica busca o remédio no equilíbrio entre a produção e o consumo; mas esse equilíbrio, supondo que seja possível, sempre terá interrupções, e, durante esses intervalos, o trabalhador precisa continuar vivendo.

Há um elemento que não se levou suficientemente em conta e sem o qual a ciência econômica é apenas uma teoria: a educação; não a educação intelectual, mas a educação moral; nem ainda a educação moral pelos livros, mas aquela que consiste na arte de formar o caráter, aquela que cria hábitos: pois a educação é o conjunto dos hábitos adquiridos.

Quando se pensa na massa de indivíduos lançados a cada dia na torrente da população, sem princípios, sem freio e entregues aos próprios instintos, será de admirar as consequências desastrosas que daí resultam?

Quando essa arte for conhecida, compreendida e praticada, o homem trará para o mundo hábitos de ordem e de previdência para si mesmo e para os seus, de respeito pelo que é respeitável, hábitos que lhe permitirão atravessar com menos sofrimento os dias difíceis inevitáveis.

A desordem e a imprevidência são duas chagas que só uma educação bem compreendida pode curar; aí está o ponto de partida, o elemento real do bem-estar, a

garantia da segurança de todos.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO III, CAP. IV — LEI DE REPRODUÇÃO

✦

População do globo

686. **A reprodução dos seres vivos é uma lei da natureza?**

> « Isso é evidente; sem a reprodução, o mundo corporal pereceria. »

687. **Se a população seguir sempre a progressão crescente que vemos, chegará um momento em que ela será excessiva na Terra?**

> « Não; Deus cuida disso e mantém sempre o equilíbrio; ele não faz nada de inútil; o homem, que vê apenas um canto do quadro da natureza, não pode julgar a harmonia do conjunto. »

Sucessão e aperfeiçoamento das raças

688. **Há neste momento raças humanas que diminuem visivelmente; chegará um momento em que terão desaparecido da face da Terra?**

> « É verdade; mas isso acontece porque outras tomaram seu lugar, assim como outras tomarão o de vocês um dia. »

689. **Os homens atuais são uma nova criação ou os descendentes aperfeiçoados dos seres primitivos?**

> « São os mesmos Espíritos que voltaram para se aperfeiçoar em novos corpos, mas que ainda estão longe da perfeição. Assim, a raça humana atual, que, pelo seu crescimento, tende a ocupar toda a Terra e a substituir as raças que se extinguem, terá seu período de diminuição e de desaparecimento. Outras raças mais aperfeiçoadas a substituirão e descenderão da raça atual, assim como os homens civilizados de hoje descendem dos seres brutos e selvagens dos tempos primitivos. »

690. **Do ponto de vista puramente físico, os corpos da raça atual são uma criação especial ou procedem dos corpos primitivos por meio da reprodução?**

> « A origem das raças se perde na noite dos tempos; mas, como todas pertencem à grande família humana, qualquer que seja o tronco primitivo de cada uma, elas puderam se unir entre si e produzir novos tipos. »

691. **Qual é, do ponto de vista físico, a característica distintiva e dominante das raças primitivas?**

> « Desenvolvimento da força bruta em prejuízo da força intelectual; agora é o contrário: o homem faz mais pela inteligência do que pela força do corpo e, no entanto, faz cem vezes mais, porque soube aproveitar as forças da natureza, o que os animais não fazem. »

692. **O aperfeiçoamento das raças animais e vegetais pela ciência é contrário à lei da natureza? Seria mais de acordo com essa lei deixar as coisas seguirem seu curso normal?**

> « Deve-se fazer tudo para chegar à perfeição, e o próprio homem é um instrumento de que Deus se serve para alcançar seus fins. Sendo a perfeição o objetivo para o qual tende a natureza, favorecer essa perfeição é corresponder aos seus propósitos. »

– Mas o homem geralmente é movido, em seus esforços para melhorar as raças, apenas por um interesse pessoal e não tem outro objetivo além de aumentar seus prazeres; isso não diminui seu mérito?

> « Que importa que seu mérito seja nulo, contanto que o progresso aconteça? Cabe a ele tornar seu trabalho meritório pela intenção. Além disso, por esse trabalho ele exercita e desenvolve sua inteligência, e é nesse aspecto que mais se beneficia dele. »

Obstáculos à reprodução

693. **As leis e os costumes humanos que têm por objetivo ou por efeito criar obstáculos à reprodução são contrários à lei da natureza?**

> « Tudo o que impede a natureza de seguir seu curso é contrário à lei geral. »

– No entanto, há espécies de seres vivos, animais e plantas, cuja reprodução indefinida seria prejudicial a outras espécies e da qual o próprio homem logo seria vítima; ele comete um ato repreensível ao deter essa reprodução?

> « Deus deu ao homem um poder sobre todos os seres vivos, do qual deve usar para o bem, mas sem abusar. Ele pode regular a reprodução conforme as necessidades; não deve impedi-la sem necessidade. A ação inteligente do homem é um contrapeso estabelecido por Deus para restabelecer o equilíbrio entre as forças da natureza, e isso também o distingue dos animais, porque ele o faz com conhecimento de causa; mas os próprios animais também contribuem para esse equilíbrio, pois o instinto de destruição que lhes foi dado faz com que, ao mesmo tempo que cuidam da própria conservação, detenham o desenvolvimento excessivo, e talvez perigoso, das espécies animais e vegetais de que se alimentam. »

694. **O que se deve pensar dos costumes que têm por efeito impedir a reprodução com o propósito de satisfazer a sensualidade?**

> « Isso prova o predomínio do corpo sobre a alma e o quanto o homem está preso à matéria. »

Casamento e celibato

695. O casamento, isto é, a união permanente de dois seres, é contrário à lei da natureza?

> « É um progresso na marcha da humanidade. »

696. Qual seria o efeito da abolição do casamento sobre a sociedade humana?

> « O retorno à vida dos animais. »

A união livre e ocasional dos sexos é o estado de natureza. O casamento é um dos primeiros atos de progresso nas sociedades humanas, porque estabelece a solidariedade fraterna e se encontra entre todos os povos, embora em condições diversas. A abolição do casamento seria, portanto, o retorno à infância da humanidade e colocaria o homem abaixo até mesmo de certos animais que lhe dão o exemplo de uniões duradouras.

697. A indissolubilidade absoluta do casamento está na lei da natureza ou apenas na lei humana?

> « É uma lei humana muito contrária à lei da natureza. Mas os homens podem mudar suas leis: somente as da natureza são imutáveis. »

698. O celibato voluntário é um estado de perfeição meritório aos olhos de Deus?

> « Não, e aqueles que vivem assim por egoísmo desagradam a Deus e enganam todo mundo. »

699. **O celibato não é, da parte de certas pessoas, um sacrifício com o objetivo de se dedicar mais inteiramente ao serviço da humanidade?**

> « Isso é bem diferente; eu disse: por egoísmo. Todo sacrifício pessoal é meritório quando é para o bem; quanto maior o sacrifício, maior o mérito. »

Deus não pode se contradizer nem achar ruim o que fez; portanto, não pode ver mérito na violação de sua lei; mas, se o celibato, por si só, não é um estado meritório, o mesmo não acontece quando constitui, pela renúncia às alegrias da família, um sacrifício realizado em benefício da humanidade. Todo sacrifício pessoal que visa ao bem, sem intenção oculta de egoísmo, eleva o homem acima de sua condição material.

Poligamia

700. **A igualdade numérica que existe, aproximadamente, entre os sexos é um indício da proporção segundo a qual devem se unir?**

> « Sim, pois tudo tem um objetivo na natureza. »

701. Qual das duas, a poligamia ou a monogamia, está mais de acordo com a lei da natureza?

> « A poligamia é uma lei humana cuja abolição marca um progresso social. O casamento, segundo os propósitos de Deus, deve se basear na afeição dos seres que se unem. Com a poligamia, não há afeição real: há apenas sensualidade. »

Se a poligamia estivesse de acordo com a lei da natureza, deveria poder ser universal, o que seria materialmente impossível, dada a igualdade numérica dos sexos. A poligamia deve ser considerada um costume ou uma legislação particular adequada a certos costumes, que o aperfeiçoamento social faz desaparecer pouco a pouco.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO III, CAP. V — LEI DE CONSERVAÇÃO

✦

Instinto de conservação

702. O instinto de conservação é uma lei da natureza?

> « Sem dúvida; ele é dado a todos os seres vivos, qualquer que seja o grau de sua inteligência; em uns, é puramente mecânico, e em outros é guiado pela razão. »

703. Com que finalidade Deus deu a todos os seres vivos o instinto de conservação?

> « Porque todos devem contribuir para os propósitos da Providência; é por isso que Deus lhes deu a necessidade de viver. Além disso, a vida é necessária ao aperfeiçoamento dos seres; eles sentem isso instintivamente, sem se dar conta. »

Meios de conservação

704. Ao dar ao ser humano a necessidade de viver, Deus sempre lhe forneceu os meios para isso?

> « Sim, e se ele não os encontra, é porque não os compreende. Deus não poderia dar ao ser humano a necessidade de viver sem lhe dar os meios para isso; por essa razão, faz a terra produzir o suficiente para fornecer o necessário a todos os seus habitantes, pois só o necessário é útil; o supérfluo nunca é. »

705. **Por que a terra nem sempre produz o bastante para fornecer o necessário ao ser humano?**

> « É porque ele a negligencia, o ingrato! Ela é, no entanto, uma excelente mãe. Muitas vezes, também, ele acusa a natureza daquilo que resulta de sua falta de habilidade ou de sua imprevidência. A terra sempre produziria o necessário se o ser humano soubesse se contentar com isso. Se ela não basta para todas as necessidades, é porque ele emprega no supérfluo o que poderia ser destinado ao necessário. Veja o árabe no deserto; ele sempre encontra do que viver, porque não cria para si necessidades artificiais; mas, quando metade dos produtos é desperdiçada para satisfazer caprichos, deve o ser humano se espantar por não encontrar nada no dia seguinte, e tem razão de se queixar de estar desprevenido quando chega o tempo da escassez? Em verdade lhes digo: não é a natureza que é imprevidente, é o ser humano que não sabe se controlar. »

706. **Devemos entender por bens da terra apenas os produtos do solo?**

> « O solo é a fonte primeira de onde vêm todos os outros recursos, pois, em última análise, esses recursos são apenas uma transformação dos produtos do solo; por isso, é preciso entender por bens da terra tudo aquilo de que o ser humano pode desfrutar neste mundo. »

707. Os meios de subsistência muitas vezes faltam a certos indivíduos, mesmo em meio à abundância que os cerca; a quem devem atribuir a culpa?

> « Ao egoísmo dos seres humanos, que nem sempre fazem o que devem; em seguida, e na maioria das vezes, a si mesmos. Busquem e encontrarão: essas palavras não querem dizer que basta olhar para o chão para encontrar o que se deseja, mas que é preciso buscar com ardor e perseverança, e não com desânimo, sem se deixar desencorajar pelos obstáculos, que muitas vezes são apenas meios de pôr à prova a constância, a paciência e a firmeza de vocês. » (534).

Se a civilização multiplica as necessidades, também multiplica as fontes de trabalho e os meios de viver; mas é preciso reconhecer que, nesse aspecto, ela ainda tem muito a fazer; quando tiver concluído sua obra, ninguém deverá poder dizer que lhe falta o necessário, a não ser por sua própria culpa. A infelicidade, para muitos, é que seguem um caminho que não é aquele que a natureza lhes traçou; é então que lhes falta a inteligência para ter êxito. Há lugar para todos ao sol, mas com a condição de cada um ocupar o seu, e não o dos outros. A natureza não pode ser responsabilizada pelos vícios da organização social nem pelas consequências da ambição e do amor-próprio. Seria preciso, porém, ser cego para não reconhecer o progresso que se realizou nesse aspecto entre os povos mais avançados. Graças aos louváveis esforços que a filantropia e a ciência, reunidas, não cessam de fazer para melhorar a condição material dos seres humanos, e apesar do crescimento incessante das populações, a insuficiência da produção é atenuada, ao menos em grande parte, e os anos mais calamitosos em nada se comparam ao que eram há pouco tempo; a higiene pública, esse elemento tão essencial à força e à saúde, desconhecido de nossos pais, é objeto de cuidados esclarecidos; o infortúnio e o sofrimento encontram lugares de refúgio; por toda parte, recorre-se à ciência para aumentar o bem-estar. Isso quer dizer que se alcançou a perfeição? Oh! Certamente

que não; mas o que já se fez dá a medida do que se pode fazer com perseverança, se o ser humano for sábio o bastante para buscar sua felicidade nas coisas concretas e sérias, e não em utopias que o fazem recuar em vez de avançar.

708. **Não há situações em que os meios de subsistência não dependem de modo algum da vontade do ser humano, e em que a privação do necessário mais urgente é uma consequência da força das circunstâncias?**

> « É uma prova, muitas vezes cruel, pela qual ele deve passar e à qual sabia que estaria exposto; seu mérito está na submissão à vontade de Deus, se sua inteligência não lhe oferece nenhum meio de sair da dificuldade. Se a morte deve atingi-lo, deve aceitá-la sem se queixar, pensando que chegou a hora da verdadeira libertação e que o desespero do último momento pode fazê-lo perder o fruto de sua resignação. »

709. **Aqueles que, em certas situações críticas, se viram reduzidos a sacrificar seus semelhantes para se alimentar deles cometeram um crime? Se há crime, ele é atenuado pela necessidade de viver que o instinto de conservação lhes dá?**

> « Já respondi ao dizer que há mais mérito em suportar todas as provas da vida com coragem e abnegação. Há homicídio e crime contra a natureza, falta que deve ser duplamente punida. »

710. **Nos mundos em que a organização dos seres é mais depurada, os seres vivos precisam de alimentação?**

> « Sim, mas seus alimentos são adequados à sua natureza. Esses alimentos não seriam suficientemente nutritivos para os estômagos grosseiros de vocês; da mesma forma, eles não poderiam digerir os seus. »

Desfrute dos bens terrenos

711. O uso dos bens da terra é um direito de todos os seres humanos?

> « Esse direito é consequência da necessidade de viver. Deus não pode ter imposto um dever sem ter dado o meio de cumpri-lo. »

712. Com que finalidade Deus tornou atraente o desfrute dos bens materiais?

> « Para estimular o ser humano a cumprir sua missão e também para pô-lo à prova pela tentação. »

– Qual é a finalidade dessa tentação?

> « Desenvolver sua razão, que deve preservá-lo dos excessos. »

Se o ser humano só tivesse sido estimulado a usar os bens da terra por sua utilidade, sua indiferença poderia ter comprometido a harmonia do universo: Deus lhe deu o atrativo do prazer, que o estimula a cumprir os propósitos da Providência. Mas, por esse mesmo atrativo, Deus também quis pô-lo à prova pela tentação que o arrasta ao abuso, do qual sua razão deve defendê-lo.

713. Os prazeres têm limites traçados pela natureza?

> « Sim, para indicar a vocês o limite do necessário; mas, por seus excessos, vocês chegam à saciedade e assim punem a si mesmos. »

714. O que pensar do ser humano que busca nos excessos de todo tipo um refinamento de seus prazeres?

> « Pobre criatura, digna de pena, e não de inveja, pois está bem perto da morte! »

– É da morte física ou da morte moral que ele se aproxima?

> « De uma e de outra. »

O ser humano que busca nos excessos de todo tipo um refinamento dos prazeres se coloca abaixo do animal, pois o animal sabe parar quando satisfaz sua necessidade.

Ele renuncia à razão que Deus lhe deu como guia, e quanto maiores são seus excessos, mais domínio dá à sua natureza animal sobre sua natureza espiritual. As doenças, as enfermidades, a própria morte, que são consequência do abuso, são ao mesmo tempo a punição pela transgressão da lei de Deus.

Necessário e supérfluo

715. Como o ser humano pode conhecer o limite do necessário?

> « O sábio o conhece por intuição; muitos o conhecem pela experiência e à própria custa. »

716. A natureza não traçou o limite de nossas necessidades por meio de nossa organização física?

> « Sim, mas o ser humano é insaciável. A natureza traçou o limite de suas necessidades por meio de sua organização física, mas os vícios alteraram sua constituição e criaram para ele necessidades que não são as necessidades reais. »

717. O que pensar daqueles que acumulam os bens da terra para obter o supérfluo em prejuízo dos que carecem do necessário?

> « Eles desrespeitam a lei de Deus e terão de responder pelas privações que tiverem feito os outros sofrer. »

O limite entre o necessário e o supérfluo nada tem de absoluto. A civilização criou necessidades que não existem no estado selvagem, e os Espíritos que ditaram esses preceitos não pretendem que o ser humano civilizado deva viver como o selvagem.

Tudo é relativo; cabe à razão determinar a parte de cada coisa. A civilização desenvolve o senso moral e, ao mesmo tempo, o sentimento de caridade que leva os seres humanos a se apoiarem mutuamente.

Aqueles que vivem à custa das privações dos outros exploram os benefícios da civilização em proveito próprio; da civilização, têm apenas o verniz, assim como há pessoas que da religião só têm a máscara.

Privações voluntárias. Mortificações

718. A lei de conservação obriga a suprir as necessidades do corpo?

> « Sim, sem força e saúde, o trabalho é impossível. »

719. É censurável que o ser humano busque o bem-estar?

> « O bem-estar é um desejo natural; Deus só proíbe o abuso, porque o abuso é contrário à conservação; ele não considera um crime buscar o bem-estar, desde que esse bem-estar não seja adquirido à custa de ninguém e não venha a enfraquecer nem as forças morais nem as forças físicas de vocês. »

720. **As privações voluntárias, com vistas a uma expiação igualmente voluntária, têm algum mérito aos olhos de Deus?**

> « Façam o bem aos outros e terão mais mérito. »

– **Há privações voluntárias que sejam meritórias?**

> « Sim, a privação dos prazeres inúteis, porque ela desprende o ser humano da matéria e eleva sua alma. O que tem mérito é resistir à tentação que leva aos excessos ou ao desfrute de coisas inúteis; é retirar do próprio necessário para dar aos que não têm o suficiente. Se a privação é apenas uma vã encenação, é uma zombaria. »

721. **A vida de mortificações ascéticas foi praticada desde a mais remota Antiguidade e entre diferentes povos; ela tem mérito sob algum ponto de vista?**

> « Perguntem a quem ela serve e terão a resposta. Se serve apenas a quem a pratica e o impede de fazer o bem, é egoísmo, qualquer que seja o pretexto com que se tente justificá-la. Privar-se e trabalhar pelos outros é a verdadeira mortificação, segundo a caridade cristã. »

722. **A abstenção de certos alimentos, prescrita entre diversos povos, tem fundamento na razão?**

> « Tudo aquilo de que o ser humano pode se alimentar sem prejuízo para sua saúde é permitido; mas alguns legisladores podem ter proibido certos alimentos com uma finalidade útil e, para dar mais crédito às suas leis, apresentaram-nas como vindas de Deus. »

723. **A alimentação de origem animal é, para o ser humano, contrária à lei da natureza?**

> « Na constituição física de vocês, a carne nutre a carne; caso contrário, o ser humano definha. A lei de conservação impõe ao ser humano o dever de manter suas forças e sua saúde para cumprir a lei do trabalho. Ele deve, por conseguinte, alimentar-se conforme sua organização física exige. »

724. **A abstenção de alimentos de origem animal ou de outros, como expiação, tem mérito?**

> « Sim, quando a pessoa se priva pelos outros; mas Deus não pode ver uma mortificação onde não há privação séria e útil; por isso dizemos que aqueles que só se privam na aparência são hipócritas. » (720).

725. **O que pensar das mutilações feitas no corpo do ser humano ou dos animais?**

> « Para que uma pergunta dessas? Perguntem, então, mais uma vez, se uma coisa é útil. O que é inútil não pode ser agradável a Deus, e o que é prejudicial sempre lhe desagrada; pois, saibam bem, Deus só é sensível aos sentimentos que elevam a alma até ele; é praticando sua lei que vocês poderão se libertar de sua matéria terrena, e não a violando. »

726. **Se os sofrimentos deste mundo nos elevam pela maneira como os suportamos, somos elevados por aqueles que criamos voluntariamente para nós mesmos?**

> « Os únicos sofrimentos que elevam são os sofrimentos naturais, porque vêm de Deus; os sofrimentos voluntários de nada servem quando nada fazem pelo bem dos outros. Você acredita que aqueles que abreviam a própria vida com rigores sobre-humanos, como fazem os bonzos, os faquires e certos fanáticos de várias seitas, avançam em seu caminho? Por que não trabalham, em vez disso, pelo bem de seus semelhantes? Que vistam o necessitado; que consolem quem chora; que trabalhem por quem está enfermo; que suportem privações para aliviar os infelizes, e então sua vida será útil e agradável a Deus. Quando, nos sofrimentos voluntários que se suportam, só se tem em vista a si mesmo, é egoísmo; quando se sofre pelos outros, é caridade: esses são os preceitos do Cristo. »

727. **Se não devemos criar para nós sofrimentos voluntários que não têm nenhuma utilidade para os outros, devemos procurar nos preservar daqueles que prevemos ou que nos ameaçam?**

> « O instinto de conservação foi dado a todos os seres contra os perigos e os sofrimentos. Açoitem seu espírito, e não seu corpo; mortifiquem seu orgulho, sufoquem seu egoísmo, semelhante a uma serpente que lhes corrói o coração, e farão mais pelo próprio progresso do que por meio de rigores que já não são deste século. »

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO III, CAP. VI — LEI DE DESTRUIÇÃO

✦

Destruição necessária e destruição abusiva

728. A destruição é uma lei da natureza?

> « É preciso que tudo se destrua para renascer e se regenerar; pois o que vocês chamam de destruição é apenas uma transformação que tem por objetivo a renovação e a melhoria dos seres vivos. »

– O instinto de destruição teria sido dado, assim, aos seres vivos com fins providenciais?

> « As criaturas de Deus são os instrumentos de que ele se serve para alcançar seus fins. Para se alimentar, os seres vivos se destroem entre si, e isso com o duplo objetivo de manter o equilíbrio na reprodução, que poderia se tornar excessiva, e de aproveitar os restos do envoltório exterior. Mas é sempre apenas esse envoltório que é destruído, e esse envoltório é apenas o acessório, e não a parte essencial do ser pensante; a parte essencial é o princípio inteligente, que é indestrutível e que se desenvolve nas diferentes metamorfoses pelas quais passa. »

729. **Se a destruição é necessária para a regeneração dos seres, por que a natureza os cerca de meios de preservação e conservação?**

> « É para que a destruição não ocorra antes do tempo necessário. Toda destruição antecipada impede o desenvolvimento do princípio inteligente; por isso Deus deu a cada ser a necessidade de viver e de se reproduzir. »

730. **Já que a morte deve nos conduzir a uma vida melhor, que ela nos livra dos males desta vida e que, assim, é mais desejável do que temível, por que o ser humano tem um horror instintivo a ela, que o faz temê-la?**

> « Já dissemos: o ser humano deve procurar prolongar sua vida para cumprir sua tarefa; por isso Deus lhe deu o instinto de conservação, e esse instinto o sustenta nas provações; sem isso, ele se deixaria levar pelo desânimo com muita frequência. A voz secreta que o faz rejeitar a morte lhe diz que ainda pode fazer algo por seu progresso. Quando um perigo o ameaça, é um aviso para que aproveite o tempo que Deus lhe concede; mas, ingrato que é, ele agradece mais vezes à sua estrela do que ao seu Criador. »

731. **Por que, ao lado dos meios de conservação, a natureza colocou ao mesmo tempo os agentes destruidores?**

> « O remédio ao lado do mal; já dissemos: é para manter o equilíbrio e servir de contrapeso. »

732. **A necessidade de destruição é a mesma em todos os mundos?**

> « Ela é proporcional ao estado mais ou menos material dos mundos; cessa com um estado físico e moral mais purificado. Nos mundos mais avançados que o de vocês, as condições de existência são inteiramente diferentes. »

733. **A necessidade de destruição existirá sempre entre os seres humanos na Terra?**

> « A necessidade de destruição enfraquece no ser humano à medida que o Espírito prevalece sobre a matéria; por isso vocês veem o horror à destruição acompanhar o desenvolvimento intelectual e moral. »

734. **Em seu estado atual, o ser humano tem um direito ilimitado de destruição sobre os animais?**

> « Esse direito é regulado pela necessidade de prover sua alimentação e sua segurança; o abuso nunca foi um direito. »

735. **O que pensar da destruição que ultrapassa os limites das necessidades e da segurança; da caça, por exemplo, quando tem por objetivo apenas o prazer de destruir sem utilidade?**

> « Predomínio da brutalidade sobre a natureza espiritual. Toda destruição que ultrapassa os limites da necessidade é uma violação da lei de Deus. Os animais só destroem para atender às suas necessidades; mas o ser humano, que tem livre-arbítrio, destrói sem necessidade; terá de prestar contas do abuso da liberdade que lhe foi concedida, pois, nesse caso, é aos maus instintos que ele cede. »

736. Os povos que levam ao excesso o escrúpulo em relação à destruição dos animais têm algum mérito particular?

> « É um excesso de um sentimento louvável em si mesmo, mas que se torna abusivo, e cujo mérito é anulado por abusos de muitas outras espécies. Há neles mais temor supersticioso do que verdadeira bondade. »

Flagelos destruidores

737. Com que objetivo Deus atinge a humanidade com flagelos destruidores?

> « Para fazê-la avançar mais depressa. Não dissemos que a destruição é necessária à regeneração moral dos Espíritos, que encontram em cada nova existência um novo grau de perfeição? É preciso ver o fim para avaliar os resultados. Vocês só os julgam de seu ponto de vista pessoal e os chamam de flagelos por causa do prejuízo que lhes causam; mas essas convulsões são muitas vezes necessárias para fazer chegar mais depressa uma ordem de coisas melhor e realizar em alguns anos o que teria exigido muitos séculos. » (744).

738. **Deus não poderia empregar outros meios, além dos flagelos destruidores, para melhorar a humanidade?**

> « Sim, e os emprega todos os dias, pois deu a cada um os meios de progredir pelo conhecimento do bem e do mal. É o ser humano que não os aproveita; é preciso castigá-lo em seu orgulho e fazê-lo sentir sua fraqueza. »

– Mas, nesses flagelos, a pessoa de bem morre como a perversa; isso é justo?

> « Durante a vida, o ser humano relaciona tudo ao seu corpo; mas, depois da morte, pensa de outra maneira e, como já dissemos: a vida do corpo é pouca coisa; um século do mundo de vocês é um relâmpago na eternidade; portanto, os sofrimentos do que vocês chamam de alguns meses ou alguns dias não são nada; são um ensinamento para vocês, que lhes serve no futuro. Os Espíritos, esse é o mundo real, que existe antes de tudo e a tudo sobrevive (85); são os filhos de Deus e o objeto de todos os seus cuidados; os corpos são apenas os disfarces sob os quais aparecem no mundo. Nas grandes calamidades que dizimam os seres humanos, é como um exército que, durante a guerra, vê suas roupas gastas, rasgadas ou perdidas. O general se preocupa mais com seus soldados do que com suas roupas. »

– Mas as vítimas desses flagelos nem por isso deixam de ser vítimas?

> « Se considerássemos a vida pelo que ela é e pelo pouco que representa em relação ao infinito, daríamos menos importância a ela. Essas vítimas encontrarão em outra existência uma ampla compensação para seus sofrimentos, se souberem suportá-los sem se queixar. »

Quer a morte venha por um flagelo ou por uma causa comum, é preciso morrer quando chega a hora da partida; a única diferença é que parte um número maior de pessoas ao mesmo tempo. Se pudéssemos nos elevar pelo pensamento de modo a contemplar a humanidade do alto e abrangê-la por inteiro, esses flagelos tão terríveis nos pareceriam apenas tempestades passageiras no destino do mundo.

739. **Os flagelos destruidores têm alguma utilidade do ponto de vista físico, apesar dos males que causam?**

> « Sim, às vezes mudam o estado de uma região; mas o bem que resulta disso muitas vezes só é sentido pelas gerações futuras. »

740. **Os flagelos não seriam também, para o ser humano, provações morais que o colocam diante das mais duras necessidades?**

> « Os flagelos são provações que dão ao ser humano a oportunidade de exercer sua inteligência, de mostrar sua paciência e sua resignação à vontade de Deus, e lhe permitem manifestar seus sentimentos de abnegação, de desprendimento e de amor ao próximo, se não for dominado pelo egoísmo. »

741. **É possível ao ser humano afastar os flagelos que o afligem?**

> « Sim, uma parte deles; mas não como geralmente se entende. Muitos flagelos são consequência de sua falta de previdência; à medida que adquire conhecimentos e experiência, ele pode afastá-los, isto é, prevenilos, se souber investigar suas causas. Mas, entre os males que afligem a humanidade, há os de caráter geral, que estão nos decretos da Providência, e cujos efeitos cada indivíduo sofre em maior ou menor grau; a esses, o ser humano só pode opor a resignação à vontade de Deus; e ainda assim esses males muitas vezes são agravados por sua falta de cuidado. »

Entre os flagelos destruidores naturais e independentes do ser humano, é preciso colocar em primeiro lugar a peste, a fome, as inundações, as intempéries fatais à produção da terra.

Mas o ser humano não encontrou na ciência, nas obras de engenharia, no aperfeiçoamento da agricultura, na rotação de culturas e na irrigação, no estudo das condições de higiene, os meios de neutralizar, ou pelo menos de atenuar, muitos desastres?

Certas regiões, antes devastadas por terríveis flagelos, não estão hoje protegidas deles? O que não fará, então, o ser humano por seu bem-estar material quando souber aproveitar todos os recursos de sua inteligência e quando, ao cuidado com sua conservação pessoal, souber aliar o sentimento de uma verdadeira caridade por seus semelhantes? (707).

Guerras

742. **Qual é a causa que leva o ser humano à guerra?**

> « Predomínio da natureza animal sobre a natureza espiritual e satisfação das paixões. No estado de barbárie, os povos só conhecem o direito do mais forte; por isso a guerra é, para eles, um estado normal. À medida que o ser humano progride, ela se torna menos frequente, porque ele evita suas causas; e, quando ela é necessária, sabe aliá-la à humanidade. »

743. **A guerra desaparecerá um dia da Terra?**

> « Sim, quando os seres humanos compreenderem a justiça e praticarem a lei de Deus; então todos os povos serão irmãos. »

744. **Qual foi o objetivo da Providência ao tornar a guerra necessária?**

> « A liberdade e o progresso. »

– Se a guerra deve ter como efeito alcançar a liberdade, como é que muitas vezes tem por objetivo e por resultado a servidão?

> « Servidão momentânea para cansar os povos, a fim de fazê-los chegar mais depressa. »

745. **O que pensar daquele que provoca a guerra em proveito próprio?**

> « Esse é o verdadeiro culpado, e precisará de muitas existências para expiar todos os assassinatos de que tiver sido a causa, pois responderá por cada pessoa cuja morte tiver causado para satisfazer sua ambição. »

Assassinato

746. O assassinato é um crime aos olhos de Deus?

> « Sim, um grande crime; pois quem tira a vida de seu semelhante interrompe uma vida de expiação ou de missão, e nisso está o mal. »

747. O assassinato tem sempre o mesmo grau de culpabilidade?

> « Já dissemos: Deus é justo; ele julga mais a intenção do que o fato. »

748. Deus desculpa o assassinato em caso de legítima defesa?

> « Só a necessidade pode desculpá-lo; mas, se for possível preservar a própria vida sem atentar contra a do agressor, deve-se fazê-lo. »

749. O ser humano é culpado pelos assassinatos que comete durante a guerra?

> « Não, quando é obrigado a isso pela força; mas é culpado pelas crueldades que comete, e sua humanidade será levada em conta. »

750. Quem é mais culpado aos olhos de Deus, o parricida ou o infanticida?

> « Ambos são igualmente culpados, pois todo crime é um crime. »

751. Por que, entre certos povos já avançados do ponto de vista intelectual, o infanticídio faz parte dos costumes e é consagrado pela legislação?

> « O desenvolvimento intelectual não leva necessariamente ao bem; o Espírito superior em inteligência pode ser mau; é aquele que viveu muito sem melhorar: ele sabe. »

Crueldade

752. **Pode-se relacionar o sentimento de crueldade ao instinto de destruição?**

> « É o instinto de destruição no que ele tem de pior, pois, se a destruição às vezes é uma necessidade, a crueldade nunca é; ela é sempre o resultado de uma natureza má. »

753. **De onde vem o fato de a crueldade ser a característica dominante dos povos primitivos?**

> « Entre os povos primitivos, como você os chama, a matéria prevalece sobre o Espírito; eles se entregam aos instintos do animal e, como não têm outras necessidades além das da vida do corpo, só pensam na própria conservação, o que os torna geralmente cruéis. Além disso, os povos cujo desenvolvimento é imperfeito estão sob o domínio de Espíritos igualmente imperfeitos que têm afinidade com eles, até que povos mais avançados venham destruir ou enfraquecer essa influência. »

754. **A crueldade não se deve à ausência do senso moral?**

> « Diga que o senso moral não está desenvolvido, mas não diga que está ausente, pois existe em princípio em todos os homens; é esse senso moral que mais tarde faz deles seres bons e humanos. Portanto, ele existe no selvagem, mas está nele como o princípio do perfume está no germe da flor antes de ela desabrochar. »

Todas as faculdades existem no homem em estado rudimentar ou latente; elas se desenvolvem conforme as circunstâncias lhes sejam mais ou menos favoráveis. O desenvolvimento excessivo de umas detém ou neutraliza o das outras. A excitação excessiva dos instintos materiais sufoca, por assim dizer, o senso moral, assim como o desenvolvimento do senso moral enfraquece pouco a pouco as faculdades puramente animais.

755. **Como se explica que, no seio da civilização mais avançada, existam seres às vezes tão cruéis quanto os selvagens?**

> « Assim como, numa árvore carregada de bons frutos, existem frutos que não se desenvolveram. São, se você quiser, selvagens que da civilização só têm a roupa, lobos perdidos no meio das ovelhas. Espíritos de uma ordem inferior e muito atrasados podem encarnar entre homens avançados na esperança de também avançarem; mas, se a prova for pesada demais, a natureza primitiva prevalece. »

756. A sociedade dos homens de bem será um dia livre dos seres malfeitores?

> « A humanidade progride; esses homens dominados pelo instinto do mal, e que estão deslocados entre as pessoas de bem, desaparecerão pouco a pouco, como o grão ruim se separa do bom depois que este foi joeirado, mas para renascer sob outro envoltório; e, como terão mais experiência, compreenderão melhor o bem e o mal. Você tem um exemplo disso nas plantas e nos animais que o homem encontrou a arte de aperfeiçoar e nos quais desenvolve qualidades novas. Pois bem! Só depois de várias gerações o aperfeiçoamento se torna completo. É a imagem das diferentes existências do homem. »

Duelo

757. O duelo pode ser considerado um caso de legítima defesa?

> « Não, é um assassinato e um hábito absurdo, digno dos bárbaros. Com uma civilização mais avançada e mais moral, o homem compreenderá que o duelo é tão ridículo quanto os combates que antigamente eram considerados o julgamento de Deus. »

758. **O duelo pode ser considerado um assassinato por parte daquele que, conhecendo a própria fraqueza, tem quase certeza de morrer?**

> « É um suicídio. »

– E quando as chances são iguais, é um assassinato ou um suicídio?

> « É uma coisa e outra. »

Em todos os casos, mesmo naquele em que as chances são iguais, o duelista é culpado, primeiro porque atenta friamente e de propósito deliberado contra a vida de seu semelhante; segundo, porque expõe a própria vida inutilmente e sem proveito para ninguém.

759. **Qual é o valor do que se chama ponto de honra em matéria de duelo?**

> « O orgulho e a vaidade: duas chagas da humanidade. »

– Mas não há casos em que a honra está verdadeiramente em jogo e em que uma recusa seria uma covardia?

> « Isso depende dos costumes e dos usos; cada país e cada século têm a esse respeito uma maneira diferente de ver; quando os homens forem melhores e mais avançados em moral, compreenderão que o verdadeiro ponto de honra está acima das paixões terrenas e que não é matando ou se deixando matar que se repara um erro. »

Há mais grandeza e verdadeira honra em se reconhecer culpado quando se está errado, ou em perdoar quando se tem razão, e em todos os casos em desprezar os insultos que não podem nos atingir.

Pena de morte

760. A pena de morte desaparecerá um dia da legislação humana?

> « A pena de morte desaparecerá incontestavelmente, e sua supressão marcará um progresso na humanidade. Quando os homens forem mais esclarecidos, a pena de morte será completamente abolida na Terra; os homens não terão mais necessidade de ser julgados pelos homens. Falo de um tempo que ainda está bastante distante de vocês. »

O progresso social sem dúvida ainda deixa muito a desejar, mas seria injusto com a sociedade moderna não ver um progresso nas restrições impostas à pena de morte entre os povos mais avançados e na natureza dos crimes aos quais sua aplicação é limitada.

Se compararmos as garantias com que a justiça, entre esses mesmos povos, se esforça por cercar o acusado, a humanidade com que o trata, mesmo quando é reconhecido culpado, com o que se praticava em tempos que ainda não estão muito distantes, não podemos deixar de reconhecer o caminho de progresso pelo qual a humanidade avança.

761. A lei de conservação dá ao homem o direito de preservar a própria vida; ele não faz uso desse direito quando retira da sociedade um membro perigoso?

> « Há outros meios de se preservar do perigo além de matá-lo. Além disso, é preciso abrir ao criminoso a porta do arrependimento, e não fechá-la para ele. »

762. **Se a pena de morte pode ser banida das sociedades civilizadas, ela não foi uma necessidade em tempos menos avançados?**

> « Necessidade não é a palavra; o homem sempre acredita que uma coisa é necessária quando não encontra nada melhor; à medida que se esclarece, compreende melhor o que é justo ou injusto e repudia os excessos cometidos nos tempos de ignorância em nome da justiça. »

763. **A restrição dos casos em que se aplica a pena de morte é um indício de progresso na civilização?**

> « Você pode duvidar disso? Seu Espírito não se revolta ao ler o relato das carnificinas humanas que antigamente se faziam em nome da justiça, e muitas vezes em honra da Divindade; das torturas a que se submetia o condenado, e até mesmo o acusado, para arrancar dele, pelo excesso dos sofrimentos, a confissão de um crime que muitas vezes não havia cometido? Pois bem! Se você tivesse vivido naqueles tempos, teria achado tudo isso muito natural e, talvez, como juiz, tivesse feito o mesmo. É assim que o que parecia justo numa época parece bárbaro em outra. Só as leis divinas são eternas; as leis humanas mudam com o progresso; mudarão ainda até que sejam postas em harmonia com as leis divinas. »

764. **Jesus disse: Quem matou pela espada morrerá pela espada. Essas palavras não são a consagração da pena de talião, e a morte imposta ao assassino não é a aplicação dessa pena?**

> « Tenham cuidado! Vocês interpretaram mal essas palavras, como muitas outras. A pena de talião é a justiça de Deus; é ele quem a aplica. Todos vocês sofrem a cada instante essa pena, pois são punidos por aquilo em que pecaram, nesta vida ou em outra; aquele que fez seus semelhantes sofrerem estará numa situação em que sofrerá ele mesmo o que os fez suportar; esse é o sentido dessas palavras de Jesus; mas ele também não lhes disse: Perdoem aos seus inimigos; e não lhes ensinou a pedir a Deus que perdoe suas ofensas como vocês mesmos tiverem perdoado; isto é, na mesma proporção em que tiverem perdoado: compreendam bem isso. »

765. **O que pensar da pena de morte imposta em nome de Deus?**

> « É tomar o lugar de Deus na justiça. Os que agem assim mostram como estão longe de compreender Deus e que ainda têm muitas coisas a expiar. A pena de morte é um crime quando aplicada em nome de Deus, e os que a impõem carregam a culpa por ela como por outros tantos assassinatos. »

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO III, CAP. VII — LEI DE SOCIEDADE

✦

Necessidade da vida social

766. A vida social está na natureza?

> « Certamente; Deus fez o homem para viver em sociedade. Deus não deu inutilmente ao homem a fala e todas as outras faculdades necessárias à vida de relação. »

767. O isolamento absoluto é contrário à lei da natureza?

> « Sim, pois os homens procuram a sociedade por instinto e todos devem contribuir para o progresso, ajudando-se mutuamente. »

768. Ao procurar a sociedade, o homem apenas obedece a um sentimento pessoal, ou há nesse sentimento um objetivo providencial mais geral?

> « O homem deve progredir; sozinho, não pode, porque não possui todas as faculdades; precisa do contato com os outros homens. No isolamento, embrutece e definha. »

Nenhum homem possui todas as faculdades completas; pela união social, eles se completam uns aos outros para garantir seu bem-estar e progredir; por isso, precisando uns dos outros, são feitos para viver em sociedade, e não isolados.

Vida de isolamento. Voto de silêncio

769. **Compreende-se que, como princípio geral, a vida social esteja na natureza; mas, como todos os gostos também estão na natureza, por que o gosto pelo isolamento absoluto seria condenável, se o homem encontra nele sua satisfação?**

> « Satisfação de egoísta. Há também homens que encontram satisfação em se embriagar; você os aprova? Deus não pode ver com agrado uma vida pela qual alguém se condena a não ser útil a ninguém. »

770. **O que pensar dos homens que vivem em reclusão absoluta para fugir do contato pernicioso do mundo?**

> « Duplo egoísmo. »

– Mas, se esse retiro tem por objetivo uma expiação, impondo-se uma privação penosa, não é meritório?

> « Fazer mais bem do que o mal que se fez é a melhor expiação. Ao evitar um mal, ele cai em outro, pois esquece a lei de amor e de caridade. »

771. O que pensar daqueles que fogem do mundo para se dedicar ao alívio dos infelizes?

> « Esses se elevam ao se rebaixarem. Têm o duplo mérito de se colocar acima dos prazeres materiais e de fazer o bem pelo cumprimento da lei do trabalho. »

– E aqueles que procuram no retiro a tranquilidade que certos trabalhos exigem?

> « Esse não é o retiro absoluto do egoísta; eles não se isolam da sociedade, pois trabalham para ela. »

772. O que pensar do voto de silêncio prescrito por certas seitas desde a mais remota Antiguidade?

> « Perguntem-se, antes, se a fala está na natureza e por que Deus a deu. Deus condena o abuso, e não o uso das faculdades que concedeu. No entanto, o silêncio é útil, pois no silêncio você se recolhe; seu espírito fica mais livre e pode então entrar em comunicação conosco; mas o voto de silêncio é uma tolice. Sem dúvida, aqueles que consideram essas privações voluntárias como atos de virtude têm boa intenção; mas se enganam, porque não compreendem suficientemente as verdadeiras leis de Deus. »

O voto de silêncio absoluto, assim como o voto de isolamento, priva o homem das relações sociais que podem lhe proporcionar ocasiões de fazer o bem e de cumprir a lei do progresso.

Laços de família

773. **Por que, entre os animais, os pais e os filhos deixam de se reconhecer quando estes já não precisam de cuidados?**

> « Os animais vivem a vida material, e não a vida moral. A ternura da mãe por seus filhotes tem como princípio o instinto de conservação dos seres aos quais deu a vida; quando esses seres podem bastar a si mesmos, sua tarefa está cumprida, a natureza não lhe pede mais nada; por isso ela os abandona para cuidar dos recém-chegados. »

774. **Há pessoas que deduzem do abandono dos filhotes dos animais por seus pais que, no homem, os laços de família são apenas um resultado dos costumes sociais, e não uma lei da natureza; o que devemos pensar disso?**

> « O homem tem um destino diferente do dos animais; por que, então, querer sempre igualá-lo a eles? Nele há algo além das necessidades físicas: há a necessidade do progresso; os laços sociais são necessários ao progresso, e os laços de família estreitam os laços sociais: eis por que os laços de família são uma lei da natureza. Deus quis que os homens aprendessem assim a se amar como irmãos. » (205).

775. **Qual seria, para a sociedade, o resultado do enfraquecimento dos laços de família?**

> « Um aumento do egoísmo. »

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO III, CAP. VIII — LEI DO PROGRESSO

✦

Estado de natureza

776. O estado de natureza e a lei natural são a mesma coisa?

> « Não, o estado de natureza é o estado primitivo. A civilização é incompatível com o estado de natureza, enquanto a lei natural contribui para o progresso da humanidade. »

O estado de natureza é a infância da humanidade e o ponto de partida de seu desenvolvimento intelectual e moral. Como o homem pode se aperfeiçoar e traz em si o germe de sua melhoria, não está destinado a viver para sempre no estado de natureza, assim como não está destinado a viver para sempre na infância; o estado de natureza é transitório, e o homem sai dele pelo progresso e pela civilização.

A lei natural, ao contrário, rege toda a humanidade, e o homem melhora à medida que compreende e pratica melhor essa lei.

777. No estado de natureza, como o homem tem menos necessidades, não sofre todas as tribulações que cria para si em um estado mais avançado; o que pensar da opinião daqueles que consideram esse estado como o de mais perfeita felicidade na Terra?

> « O que quer! É a felicidade do animal; há pessoas que não compreendem outra. É ser feliz à maneira dos animais. As crianças também são mais felizes que os adultos. »

778. **O homem pode retroceder ao estado de natureza?**

> « Não, o homem deve progredir sem cessar e não pode voltar ao estado de infância. Se progride, é porque Deus assim o quer; pensar que pode retroceder à sua condição primitiva seria negar a lei do progresso. »

Marcha do progresso

779. **O homem encontra em si a força para progredir, ou o progresso é apenas o resultado de um ensinamento?**

> « O homem se desenvolve por si mesmo, naturalmente; mas nem todos progridem ao mesmo tempo e da mesma maneira; é então que os mais avançados ajudam no progresso dos outros pelo contato social. »

780. **O progresso moral sempre acompanha o progresso intelectual?**

> « É sua consequência, mas nem sempre o acompanha imediatamente. » (192-365).

– Como o progresso intelectual pode levar ao progresso moral?

> « Fazendo compreender o bem e o mal; o homem, então, pode escolher. O desenvolvimento do livre-arbítrio acompanha o desenvolvimento da inteligência e aumenta a responsabilidade pelos atos. »

– Como se explica, então, que os povos mais esclarecidos sejam muitas vezes os mais pervertidos?

> « O progresso completo é o objetivo, mas os povos, assim como os indivíduos, só chegam a ele passo a passo. Até que o senso moral tenha se desenvolvido neles, podem até se servir da inteligência para fazer o mal. A moralidade e a inteligência são duas forças que só se equilibram com o tempo. » (365-751).

781. **É dado ao homem poder deter a marcha do progresso?**

> « Não, mas às vezes pode dificultá-la. »

– O que pensar dos homens que tentam deter a marcha do progresso e fazer a humanidade retroceder?

> « Pobres seres que Deus castigará; serão derrubados pela torrente que querem deter. »

Como o progresso é uma condição da natureza humana, ninguém tem o poder de se opor a ele. É uma força viva que leis ruins podem atrasar, mas não sufocar.

Quando essas leis se tornam incompatíveis com ele, o progresso as rompe, junto com todos os que tentam mantê-las, e assim será até que o homem tenha colocado suas leis de acordo com a justiça divina, que quer o bem para todos, e não leis feitas pelo forte em prejuízo do fraco.

782. **Não há homens que dificultam o progresso de boa-fé, acreditando favorecê-lo porque o veem de seu ponto de vista, e muitas vezes onde ele não está?**

> « Uma pedrinha colocada debaixo da roda de um carro grande, que não o impede de avançar. »

783. O aperfeiçoamento da humanidade segue sempre uma marcha gradual e lenta?

> « Há o progresso regular e lento que resulta da força das coisas; mas, quando um povo não avança depressa o bastante, Deus provoca nele, de tempos em tempos, um abalo físico ou moral que o transforma. »

O homem não pode permanecer para sempre na ignorância, porque deve chegar ao objetivo traçado pela Providência: ele se esclarece pela força das coisas. As revoluções morais, assim como as revoluções sociais, infiltram-se pouco a pouco nas ideias; germinam durante séculos, depois irrompem de repente e fazem desabar o edifício carcomido do passado, que já não está em harmonia com as novas necessidades e as novas aspirações. Muitas vezes, o homem só percebe nesses abalos a desordem e a confusão momentâneas que o atingem em seus interesses materiais; aquele que eleva seu pensamento acima dos interesses pessoais admira os desígnios da Providência, que faz o bem surgir do mal. É a tempestade e a tormenta que purificam a atmosfera depois de a terem perturbado.

784. A perversidade do homem é muito grande, e não parece que ele anda para trás em vez de avançar, pelo menos do ponto de vista moral?

> « Você se engana; observe bem o conjunto e verá que ele avança, pois compreende melhor o que é mau e a cada dia corrige abusos. É preciso o excesso do mal para fazer compreender a necessidade do bem e das reformas. »

785. Qual é o maior obstáculo ao progresso?

> « O orgulho e o egoísmo; quero falar do progresso moral, pois o progresso intelectual avança sempre; à primeira vista, ele até parece dar a esses vícios uma atividade redobrada, ao desenvolver a ambição e o amor às riquezas, que, por sua vez, estimulam o homem a pesquisas que esclarecem seu Espírito. É assim que tudo se liga no mundo moral, como no mundo físico, e que até do próprio mal pode surgir o bem; mas esse estado de coisas durará apenas algum tempo; mudará à medida que o homem compreender melhor que, além do desfrute dos bens terrenos, há uma felicidade infinitamente maior e infinitamente mais duradoura. » (Veja Egoísmo, capítulo XII).

Há duas espécies de progresso que se apoiam mutuamente e, no entanto, não caminham lado a lado: o progresso intelectual e o progresso moral. Entre os povos civilizados, o primeiro recebe, neste século, todos os incentivos desejáveis; por isso, atingiu um grau desconhecido até nossos dias.

O segundo está longe de se encontrar no mesmo nível e, no entanto, se compararmos os costumes sociais com alguns séculos de distância, seria preciso ser cego para negar o progresso. Por que, então, a marcha ascendente pararia para a moralidade antes de parar para a inteligência?

Por que não haveria entre o século dezenove e o século vinte e quatro tanta diferença quanto entre o século quatorze e o século dezenove? Duvidar disso seria afirmar que a humanidade está no auge da perfeição, o que seria absurdo, ou que ela não pode se aperfeiçoar moralmente, o que a experiência desmente.

Povos degenerados

786. **A história nos mostra uma multidão de povos que, depois dos abalos que os transtornaram, voltaram a cair na barbárie; onde está o progresso nesse caso?**

> « Quando sua casa ameaça desabar, você a derruba para reconstruir uma mais sólida e mais confortável; mas, até que ela seja reconstruída, há perturbação e confusão em sua moradia.
> « Compreenda também isto: você era pobre e morava em um casebre; fica rico e o deixa para morar em um palácio. Depois, um pobre coitado, como você era, vem tomar seu lugar no casebre e ainda fica muito contente, pois antes não tinha abrigo. Pois bem! Saiba, então, que os Espíritos que se encarnaram nesse povo degenerado não são os que o compunham no tempo de seu esplendor; os daquela época que eram avançados foram para moradas mais perfeitas e progrediram, enquanto outros menos avançados tomaram seu lugar, que também deixarão por sua vez. »

787. **Não há raças rebeldes ao progresso por sua natureza?**

> « Sim, mas essas se extinguem a cada dia, corporalmente. »

– **Qual será o destino futuro das almas que animam essas raças?**

> « Elas chegarão à perfeição, como todas as outras, passando por outras existências; Deus não deserda ninguém. »

– **Assim, os homens mais civilizados podem ter sido selvagens e antropófagos?**

> « Você mesmo foi assim mais de uma vez antes de ser o que é. »

788. **Os povos são individualidades coletivas que, como os indivíduos, passam pela infância, pela idade madura e pela decrepitude; essa verdade constatada pela história não pode levar a pensar que os povos mais avançados deste século terão seu declínio e seu fim, como os da antiguidade?**

> « Os povos que vivem apenas da vida do corpo, aqueles cuja grandeza se funda apenas na força e na extensão, nascem, crescem e morrem, porque a força de um povo se esgota como a de um homem; aqueles cujas leis egoístas entram em conflito com o progresso do esclarecimento e com a caridade morrem, porque a luz mata as trevas e a caridade mata o egoísmo; mas existe, para os povos assim como para os indivíduos, a vida da alma; aqueles cujas leis se harmonizam com as leis eternas do Criador viverão e serão a luz dos outros povos. »

789. O progresso reunirá um dia todos os povos da Terra em uma só nação?

> « Não, em uma só nação, não; isso é impossível, pois da diversidade dos climas nascem costumes e necessidades diferentes que constituem as nacionalidades; por isso, eles sempre precisarão de leis apropriadas a esses costumes e a essas necessidades; mas a caridade não conhece latitudes e não faz distinção entre a cor dos homens. Quando a lei de Deus for em toda parte a base da lei humana, os povos praticarão a caridade uns com os outros, como os indivíduos de homem para homem; então viverão felizes e em paz, porque ninguém procurará prejudicar seu vizinho nem viver à custa dele. »

A humanidade progride por meio dos indivíduos que melhoram pouco a pouco e se esclarecem; então, quando estes se tornam maioria, ganham a dianteira e levam os outros consigo. De tempos em tempos surgem entre eles homens de gênio que dão um impulso, depois homens com autoridade, instrumentos de Deus, que em alguns anos a fazem avançar vários séculos. O progresso dos povos também põe em evidência a justiça da reencarnação. Os homens de bem fazem esforços louváveis para fazer uma nação avançar moral e intelectualmente; a nação transformada será mais feliz neste mundo e no outro, de acordo; mas, durante sua marcha lenta através dos séculos, milhares de indivíduos morrem a cada dia; qual é o destino de todos os que sucumbem no caminho? Sua inferioridade relativa os priva da felicidade reservada aos últimos a chegar? Ou sua felicidade é relativa? A justiça divina não poderia consagrar semelhante injustiça. Pela pluralidade das existências, o direito à felicidade é o mesmo para todos, pois ninguém é privado do progresso; como aqueles que viveram no tempo da barbárie podem voltar no tempo da civilização, entre o mesmo povo ou entre outro, disso resulta que todos se beneficiam da marcha ascendente. Mas o sistema da existência única apresenta aqui outra dificuldade. Nesse sistema, a alma é criada no momento do nasci-

mento; portanto, se um homem é mais adiantado que outro, é porque Deus cria para ele uma alma mais adiantada. Por que esse favor? Que mérito tem ele, que não viveu mais que outro, muitas vezes até menos, para ser dotado de uma alma superior? Mas essa não é a principal dificuldade. Uma nação passa, em mil anos, da barbárie à civilização. Se os homens vivessem mil anos, seria compreensível que nesse intervalo tivessem tempo de progredir; mas todos os dias morrem homens de todas as idades; eles se renovam sem cessar, de modo que a cada dia alguns aparecem e outros desaparecem. Ao fim dos mil anos, já não há vestígio dos antigos habitantes; a nação, antes bárbara, tornou-se civilizada; o que progrediu? Foram os indivíduos outrora bárbaros? Mas eles morreram há muito tempo. Foram os recém-chegados? Mas, se sua alma é criada no momento de seu nascimento, essas almas não existiam no tempo da barbárie, e então é preciso admitir que os esforços feitos para civilizar um povo têm o poder, não de melhorar almas imperfeitas, mas de fazer com que Deus crie almas mais perfeitas. Comparemos essa teoria do progresso com a que foi dada pelos Espíritos. As almas que vieram no tempo da civilização tiveram sua infância como todas as outras, mas já viveram e vieram adiantadas por um progresso anterior; elas vêm atraídas por um meio com o qual têm afinidade e que corresponde ao seu estado atual; de modo que os cuidados dedicados à civilização de um povo não têm por efeito fazer criar almas mais perfeitas para o futuro, mas atrair aquelas que já progrediram, quer já tenham vivido entre esse mesmo povo no tempo de sua barbárie, quer venham de outra parte. Aí está também a chave do progresso de toda a humanidade; quando todos os povos estiverem no mesmo nível quanto ao sentimento do bem, a Terra será o ponto de encontro apenas de bons Espíritos, que viverão entre si em união fraterna, e os maus, vendo-se repelidos e deslocados, irão buscar em mundos inferiores o meio que lhes convém, até serem dignos de vir ao nosso mundo transformado. A teoria comum tem ainda esta consequência: os trabalhos de melhoria social só beneficiam as gerações presentes e futuras; seu resultado é nulo para as gerações passadas, que tiveram a culpa de vir cedo demais e que se tornam o que

podem, carregadas como estão de seus atos de barbárie. Segundo a doutrina dos Espíritos, os progressos posteriores beneficiam igualmente essas gerações, que revivem em condições melhores e podem assim se aperfeiçoar no seio da civilização. (222).

Civilização

790. **A civilização é um progresso ou, segundo alguns filósofos, uma decadência da humanidade?**

> « Progresso incompleto; o homem não passa de repente da infância à idade madura. »

– É racional condenar a civilização?

> « Condenem antes aqueles que abusam dela, e não a obra de Deus. »

791. **A civilização se purificará um dia de modo a fazer desaparecer os males que tiver produzido?**

> « Sim, quando a moral estiver tão desenvolvida quanto a inteligência. O fruto não pode vir antes da flor. »

792. **Por que a civilização não realiza imediatamente todo o bem que poderia produzir?**

> « Porque os homens ainda não estão prontos nem dispostos a obter esse bem. »

– Não seria também porque, ao criar novas necessidades, ela estimula excessivamente novas paixões?

> « Sim, e porque todas as faculdades do Espírito não progridem ao mesmo tempo; é preciso tempo para tudo. Vocês não podem esperar frutos perfeitos de uma civilização incompleta. » (751-780).

793. **Por quais sinais se pode reconhecer uma civilização completa?**

> « Vocês a reconhecerão pelo desenvolvimento moral. Vocês se julgam muito adiantados porque fizeram grandes descobertas e invenções maravilhosas; porque estão mais bem abrigados e mais bem vestidos que os selvagens; mas só terão realmente o direito de se dizer civilizados quando tiverem banido de sua sociedade os vícios que a desonram e viverem entre si como irmãos, praticando a caridade cristã; até lá, vocês são apenas povos esclarecidos, que percorreram somente a primeira fase da civilização. »

A civilização tem seus graus, como todas as coisas. Uma civilização incompleta é um estado de transição que gera males específicos, desconhecidos no estado primitivo; mas nem por isso deixa de constituir um progresso natural, necessário, que traz consigo o remédio para o mal que faz. À medida que a civilização se aperfeiçoa, ela faz cessar alguns dos males que gerou, e esses males desaparecerão com o progresso moral. De dois povos que chegaram ao topo da escala social, só pode se dizer o mais civilizado, no verdadeiro sentido da palavra, aquele em que se encontra menos egoísmo, cobiça e orgulho; em que os hábitos são mais intelectuais e morais que materiais; em que a inteligência pode se desenvolver com mais liberdade; em que há mais bondade, boa-fé, benevolência e generosidade recíprocas; em que os preconceitos de casta e de nascimento estão menos enraizados, pois esses preconceitos são incompatíveis com o verdadeiro amor ao próximo; em que as leis não consagram nenhum privilégio e são as mesmas para o último e para o primeiro; em que a justiça é exercida com menos parcialidade; em que o fraco sempre encontra apoio contra o forte; em que a vida do homem, suas crenças e suas opiniões são mais respeitadas; em que há menos infelizes e, enfim, em que todo homem de boa vontade tem sempre a certeza de que não lhe faltará o necessário.

Progresso da legislação humana

794. A sociedade poderia ser regida apenas pelas leis naturais, sem o auxílio das leis humanas?

> « Poderia, se elas fossem bem compreendidas e se houvesse vontade de praticá-las, elas bastariam; mas a sociedade tem suas exigências e precisa de leis particulares. »

795. Qual é a causa da instabilidade das leis humanas?

> « Nos tempos de barbárie, foram os mais fortes que fizeram as leis, e as fizeram para si. Foi preciso modificá-las à medida que os homens compreenderam melhor a justiça. As leis humanas são mais estáveis à medida que se aproximam da verdadeira justiça, isto é, à medida que são feitas para todos e se identificam com a lei natural. »

A civilização criou para o homem novas necessidades, e essas necessidades estão relacionadas à posição social que ele conquistou. Ele teve de regular os direitos e os deveres dessa posição pelas leis humanas; mas, sob a influência de suas paixões, muitas vezes criou direitos e deveres imaginários que a lei natural condena e que os povos apagam de seus códigos à medida que progridem.

A lei natural é imutável e a mesma para todos; a lei humana é variável e progressiva; só ela pôde consagrar, na infância das sociedades, o direito do mais forte.

796. A severidade das leis penais não é uma necessidade no estado atual da sociedade?

> « Uma sociedade depravada certamente precisa de leis mais severas; infelizmente, essas leis se dedicam mais a punir o mal depois de feito do que a secar a fonte do mal. Só a educação pode reformar os homens; então eles não precisarão mais de leis tão rigorosas. »

797. **Como o homem poderá ser levado a reformar suas leis?**

> « Isso vem naturalmente pela força das coisas e pela influência das pessoas de bem que o conduzem pelo caminho do progresso. Ele já reformou muitas e reformará muitas outras. Espere! »

Influência do espiritismo sobre o progresso

798. O espiritismo se tornará uma crença comum ou ficará restrito a algumas pessoas?

> « Certamente se tornará uma crença comum e marcará uma nova era na história da humanidade, porque está na natureza e chegou o tempo em que deve ocupar seu lugar entre os conhecimentos humanos; no entanto, terá grandes lutas a enfrentar, mais ainda contra o interesse do que contra a convicção, pois não se deve esconder que há pessoas interessadas em combatê-lo, umas por amor-próprio, outras por motivos inteiramente materiais; mas os opositores, ficando cada vez mais isolados, serão forçados a pensar como todo mundo, sob pena de se tornarem ridículos. »

As ideias só se transformam com o tempo, e nunca de repente; elas se enfraquecem de geração em geração e acabam desaparecendo pouco a pouco com aqueles que as professavam e que são substituídos por outros indivíduos imbuídos de novos princípios, como acontece com as ideias políticas.

Vejam o paganismo; certamente não há ninguém hoje que professe as ideias religiosas daqueles tempos; no entanto, vários séculos depois do advento do cristianismo, elas deixaram vestígios que só a completa renovação das raças pôde apagar.

O mesmo acontecerá com o espiritismo; ele faz muitos progressos; mas ainda haverá, durante duas ou três gerações, um fermento de incredulidade que só o tempo dissipará.

Contudo, sua marcha será mais rápida que a do cristianismo, porque é o próprio cristianismo que lhe abre os caminhos e sobre o qual ele se apoia. O cristianismo tinha de destruir; o espiritismo só tem de edificar.

799. **De que maneira o espiritismo pode contribuir para o progresso?**

> « Ao destruir o materialismo, que é uma das chagas da sociedade, ele faz os homens compreenderem onde está seu verdadeiro interesse. Como a vida futura já não estará encoberta pela dúvida, o homem compreenderá melhor que pode assegurar seu futuro por meio do presente. Ao destruir os preconceitos de seitas, de castas e de cores, ele ensina aos homens a grande solidariedade que deve uni-los como irmãos. »

800. **Não é de temer que o espiritismo não consiga vencer a indiferença dos homens e seu apego às coisas materiais?**

> « Seria conhecer muito pouco os homens pensar que uma causa qualquer pudesse transformá-los como por encanto. As ideias se modificam pouco a pouco, conforme os indivíduos, e são necessárias gerações para apagar completamente os vestígios dos velhos hábitos. A transformação, portanto, só pode ocorrer com o tempo, gradualmente e de maneira progressiva; a cada geração, uma parte do véu se dissipa; o espiritismo vem rasgá-lo por completo; mas, enquanto isso, ainda que seu único efeito sobre um homem fosse corrigi-lo de um só defeito, já o teria feito dar um passo e, por isso mesmo, lhe teria feito um grande bem, pois esse primeiro passo tornará os outros mais fáceis para ele. »

801. **Por que os Espíritos não ensinaram em todos os tempos o que ensinam hoje?**

> « Vocês não ensinam às crianças o que ensinam aos adultos, nem dão ao recém-nascido um alimento que ele não poderia digerir; cada coisa tem seu tempo. Eles ensinaram muitas coisas que os homens não compreenderam ou que distorceram, mas que agora podem compreender. Por meio de seu ensinamento, mesmo incompleto, prepararam o terreno para receber a semente que hoje vai dar frutos. »

802. **Já que o espiritismo deve marcar um progresso na humanidade, por que os Espíritos não apressam esse progresso por meio de manifestações tão generalizadas e tão evidentes que levassem a convicção até aos mais incrédulos?**

> « Vocês gostariam de milagres; mas Deus os semeia às mãos cheias sob seus passos, e ainda há entre vocês homens que o negam. O próprio Cristo convenceu seus contemporâneos pelos prodígios que realizou? Vocês não veem hoje homens negarem os fatos mais evidentes que acontecem diante de seus olhos? Não há entre vocês os que dizem que não acreditariam mesmo que vissem? Não; não é por meio de prodígios que Deus quer trazer os homens de volta; em sua bondade, ele quer lhes deixar o mérito de se convencerem pela razão. »

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO III, CAP. IX — LEI DE IGUALDADE

✦

Igualdade natural

803. Todos os homens são iguais perante Deus?

> « Sim, todos tendem ao mesmo objetivo, e Deus fez suas leis para todos. Vocês dizem muitas vezes: O sol brilha para todos, e dizem aí uma verdade maior e mais geral do que pensam. »

Todos os homens estão sujeitos às mesmas leis da natureza; todos nascem com a mesma fraqueza, estão sujeitos às mesmas dores, e o corpo do rico se desfaz como o do pobre. Portanto, Deus não deu a nenhum homem superioridade natural, nem pelo nascimento, nem pela morte: todos são iguais perante ele.

Desigualdade das aptidões

804. **Por que Deus não deu as mesmas aptidões a todos os homens?**

> « Deus criou todos os Espíritos iguais, mas cada um deles viveu mais ou menos e, por consequência, adquiriu mais ou menos; a diferença está no grau de sua experiência e em sua vontade, que é o livre-arbítrio; por isso, uns se aperfeiçoam mais rapidamente, o que lhes dá aptidões diversas. A combinação das aptidões é necessária para que cada um possa contribuir para os desígnios da Providência, dentro dos limites do desenvolvimento de suas forças físicas e intelectuais: o que um não faz, outro faz; é assim que cada um tem seu papel útil. Ademais, como todos os mundos são solidários entre si, é necessário que os habitantes dos mundos superiores, que em sua maioria foram criados antes do de vocês, venham habitar nele para lhes dar o exemplo. » (361).

805. Ao passar de um mundo superior para um mundo inferior, o Espírito conserva a totalidade das faculdades adquiridas?

> « Sim, já dissemos, o Espírito que progrediu não retrocede; ele pode escolher, em seu estado de Espírito, um envoltório mais entorpecido ou uma posição mais precária do que aquela que teve, mas tudo isso sempre para lhe servir de ensinamento e ajudá-lo a progredir. » (180).

Assim, a diversidade das aptidões do homem não se deve à natureza íntima de sua criação, mas ao grau de aperfeiçoamento a que chegaram os Espíritos encarnados nele.

Portanto, Deus não criou a desigualdade das faculdades, mas permitiu que os diferentes graus de desenvolvimento entrassem em contato, para que os mais adiantados pudessem ajudar no progresso dos mais atrasados, e também para que os homens, precisando uns dos outros, compreendessem a lei de caridade que deve uni-los.

Desigualdades sociais

806. A desigualdade das condições sociais é uma lei da natureza?

> « Não, ela é obra do homem, e não de Deus. »

– Essa desigualdade desaparecerá um dia?

> « Só as leis de Deus são eternas. Você não a vê desaparecer pouco a pouco, a cada dia? Essa desigualdade desaparecerá com a predominância do orgulho e do egoísmo; restará apenas a desigualdade do mérito. Virá um dia em que os membros da grande família dos filhos de Deus não se considerarão mais de sangue mais ou menos puro; só o Espírito é mais ou menos puro, e isso não depende da posição social. »

807. O que pensar daqueles que abusam da superioridade de sua posição social para oprimir o fraco em benefício próprio?

> « Esses merecem a condenação; ai deles! Serão oprimidos por sua vez e renascerão numa existência em que sofrerão tudo o que fizeram sofrer. » (684).

Desigualdade das riquezas

808. A desigualdade das riquezas não tem sua origem na desigualdade das faculdades, que dá a uns mais meios de adquirir do que a outros?

> « Sim e não; e a astúcia e o roubo, o que você diz deles? »

– Mas a riqueza hereditária não é fruto das más paixões, é?

> « O que você sabe disso? Volte à origem e verá se ela é sempre pura. Você sabe se, no princípio, ela não foi fruto de uma espoliação ou de uma injustiça? Mas, sem falar da origem, que pode ser má, você acredita que a cobiça dos bens, mesmo dos mais bem adquiridos, e os desejos secretos de possuí-los mais cedo sejam sentimentos louváveis? É isso que Deus julga, e lhe asseguro que seu julgamento é mais severo que o dos homens. »

809. **Se uma fortuna foi mal adquirida em sua origem, aqueles que a herdam mais tarde são responsáveis por isso?**

> « Certamente não são responsáveis pelo mal que outros possam ter feito, tanto menos porque podem ignorá-lo; mas saiba bem que muitas vezes uma fortuna só chega a um homem para lhe dar a oportunidade de reparar uma injustiça. Feliz dele se o compreender! Se o fizer em nome daquele que cometeu a injustiça, a reparação será levada em conta para ambos, pois muitas vezes é este último quem a provoca. »

810. **Sem se afastar da legalidade, pode-se dispor dos próprios bens de maneira mais ou menos justa. A pessoa é responsável, depois de sua morte, pelas disposições que tomou?**

> « Toda ação produz seus frutos; os frutos das boas ações são doces; os das outras são sempre amargos; sempre, entendam bem isso. »

811. **A igualdade absoluta das riquezas é possível, e alguma vez existiu?**

> « Não, ela não é possível. A diversidade das faculdades e dos caracteres se opõe a isso. »

– No entanto, há homens que acreditam que aí está o remédio para os males da sociedade; o que vocês pensam disso?

> « São pessoas presas a sistemas ou ambiciosos invejosos; não compreendem que a igualdade com que sonham logo seria rompida pela força das coisas. Combatam o egoísmo, essa é a chaga social de vocês, e não busquem quimeras. »

812. **Se a igualdade das riquezas não é possível, acontece o mesmo com o bem-estar?**

> « Não, mas o bem-estar é relativo, e cada um poderia desfrutá-lo se todos se entendessem bem... pois o verdadeiro bem-estar consiste em empregar o próprio tempo como se deseja, e não em trabalhos pelos quais não se sente gosto algum; e, como cada um tem aptidões diferentes, nenhum trabalho útil ficaria por fazer. O equilíbrio existe em tudo, é o homem que quer perturbá-lo. »

– **É possível chegar a um entendimento?**

> « Os homens se entenderão quando praticarem a lei de justiça. »

813. **Há pessoas que caem na privação e na miséria por sua própria culpa; a sociedade não pode ser responsável por isso, pode?**

> « Sim; já dissemos, ela é muitas vezes a primeira causa dessas faltas; e, além disso, não deve cuidar da educação moral dessas pessoas? Muitas vezes, a má educação lhes distorceu o julgamento, em vez de sufocar nelas as tendências nocivas. » (685).

Provas da riqueza e da miséria

814. **Por que Deus deu a uns as riquezas e o poder, e a outros a miséria?**

> « Para pôr cada um à prova de maneira diferente. Além disso, vocês sabem, foram os próprios Espíritos que escolheram essas provas, e muitas vezes sucumbem a elas. »

815. Qual das duas provas é mais temível para o homem, a da desgraça ou a da fortuna?

> « Ambas são igualmente temíveis. A miséria provoca queixas contra a Providência, a riqueza incita a todos os excessos. »

816. Se o rico tem mais tentações, não tem também mais meios de fazer o bem?

> « É justamente o que ele nem sempre faz; torna-se egoísta, orgulhoso e insaciável; suas necessidades aumentam com sua fortuna, e ele acredita nunca ter o bastante para si só. »

A posição elevada neste mundo e a autoridade sobre seus semelhantes são provas tão grandes e tão cheias de riscos de queda quanto a desgraça; pois, quanto mais rico e poderoso se é, mais obrigações se tem a cumprir, e maiores são os meios de fazer o bem e o mal. Deus põe o pobre à prova pela resignação, e o rico pelo uso que faz de seus bens e de seu poder. A riqueza e o poder fazem nascer todas as paixões que nos prendem à matéria e nos afastam da perfeição espiritual; é por isso que Jesus disse: « Eu lhes digo, em verdade, é mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino dos céus. » (266).

Igualdade dos direitos do homem e da mulher

817. O homem e a mulher são iguais perante Deus e têm os mesmos direitos?

> « Deus não deu a ambos o entendimento do bem e do mal e a faculdade de progredir? »

818. **De onde vem a inferioridade moral da mulher em certas regiões?**

> « Vem do domínio injusto e cruel que o homem estabeleceu sobre ela. É um resultado das instituições sociais e do abuso da força sobre a fraqueza. Entre os homens pouco adiantados do ponto de vista moral, a força faz o direito. »

819. **Com que objetivo a mulher tem maior fraqueza física que o homem?**

> « Para lhe atribuir funções particulares. O homem se destina aos trabalhos pesados, por ser o mais forte; a mulher, aos trabalhos leves, e ambos a se ajudarem a passar pelas provas de uma vida cheia de amargura. »

820. **A fraqueza física da mulher não a coloca naturalmente na dependência do homem?**

> « Deus deu a uns a força para proteger o fraco, e não para escravizá-lo. »

Deus adaptou a organização de cada ser às funções que ele deve cumprir. Se deu à mulher uma força física menor, ao mesmo tempo a dotou de uma sensibilidade maior, em relação com a delicadeza das funções maternas e a fraqueza dos seres confiados aos seus cuidados.

821. **As funções às quais a mulher é destinada pela natureza têm importância tão grande quanto as que cabem ao homem?**

> « Sim, e maior; é ela quem lhe dá as primeiras noções da vida. »

822. **Sendo os homens iguais perante a lei de Deus, devem sê-lo também perante a lei dos homens?**

> « É o primeiro princípio de justiça: Não façam aos outros o que não gostariam que lhes fizessem. »

– De acordo com isso, uma legislação, para ser perfeitamente justa, deve consagrar a igualdade de direitos entre o homem e a mulher?

> « De direitos, sim; de funções, não; é preciso que cada um tenha um lugar definido; que o homem cuide do que está fora e a mulher do que está dentro, cada um segundo sua aptidão. A lei humana, para ser justa, deve consagrar a igualdade de direitos entre o homem e a mulher; todo privilégio concedido a um ou a outro é contrário à justiça. A emancipação da mulher acompanha o progresso da civilização; sua escravização acompanha a barbárie. Aliás, os sexos só existem pela organização física; como os Espíritos podem assumir um e outro, não há diferença entre eles nesse aspecto e, por consequência, devem desfrutar dos mesmos direitos. »

Igualdade perante o túmulo

823. De onde vem o desejo de perpetuar a própria memória por meio de monumentos fúnebres?

> « Último ato de orgulho. »

– Mas a suntuosidade dos monumentos fúnebres não é mais frequentemente iniciativa dos parentes que querem honrar a memória do falecido do que do próprio falecido?

> « Orgulho dos parentes que querem glorificar a si mesmos. Ah! Sim, nem sempre é pelo morto que se fazem todas essas demonstrações: é por amor-próprio e para a sociedade, e para exibir a própria riqueza. Você acredita que a lembrança de um ser querido seja menos duradoura no coração do pobre, porque ele só pode colocar uma flor sobre seu túmulo? Você acredita que o mármore salve do esquecimento aquele que foi inútil na Terra? »

824. **Vocês condenam de maneira absoluta a pompa dos funerais?**

> « Não; quando ela honra a memória de um homem de bem, é justa e dá um bom exemplo. »

O túmulo é o ponto de encontro de todos os homens; ali terminam implacavelmente todas as distinções humanas. É em vão que o rico quer perpetuar sua memória por meio de monumentos suntuosos; o tempo os destruirá como ao corpo; assim o quer a natureza.

A lembrança de suas boas e de suas más ações será menos perecível que seu túmulo; a pompa dos funerais não o limpará de suas torpezas nem o fará subir um degrau na hierarquia espiritual. (320 e seguintes).

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO III, CAP. X — LEI DE LIBERDADE

✦

Liberdade natural

825. Há situações no mundo em que o homem possa se considerar possuidor de uma liberdade absoluta?

> « Não, porque todos vocês precisam uns dos outros, os pequenos como os grandes. »

826. Qual seria a condição em que o homem poderia desfrutar de uma liberdade absoluta?

> « A do eremita num deserto. Assim que há dois homens juntos, eles têm direitos a respeitar e, portanto, já não têm liberdade absoluta. »

827. A obrigação de respeitar os direitos dos outros tira do homem o direito de pertencer a si mesmo?

> « De modo algum, pois esse é um direito que ele recebe da natureza. »

828. **Como conciliar as opiniões liberais de certos homens com o despotismo que eles mesmos frequentemente exercem em seu lar e sobre seus subordinados?**

> « Eles compreendem a lei natural, mas essa compreensão é contrabalançada pelo orgulho e pelo egoísmo. Compreendem o que deve ser feito, quando seus princípios não são uma comédia encenada por interesse, mas não o fazem. »

– Os princípios que professaram neste mundo serão levados em conta a seu favor na outra vida?

> « Quanto mais inteligência se tem para compreender um princípio, menos desculpável é não aplicá-lo a si mesmo. Digo a vocês, em verdade, que o homem simples, mas sincero, está mais adiantado no caminho de Deus do que aquele que quer parecer o que não é. »

Escravidão

829. **Há homens que, por natureza, estejam destinados a ser propriedade de outros homens?**

> « Toda sujeição absoluta de um homem a outro homem é contrária à lei de Deus. A escravidão é um abuso da força; desaparece com o progresso, assim como desaparecerão, pouco a pouco, todos os abusos. »

A lei humana que consagra a escravidão é uma lei contrária à natureza, pois equipara o homem ao animal e o degrada moral e fisicamente.

830. **Quando a escravidão faz parte dos costumes de um povo, aqueles que se beneficiam dela são censuráveis, já que apenas se conformam a um costume que lhes parece natural?**

> « O mal é sempre o mal, e todos os seus sofismas não farão uma ação má se tornar boa; mas a responsabilidade pelo mal é relativa aos meios que se tem de compreendê-lo. Aquele que tira proveito da lei da escravidão é sempre culpado de uma violação da lei da natureza; mas nisso, como em todas as coisas, a culpabilidade é relativa. Tendo a escravidão se incorporado aos costumes de certos povos, o homem pôde se beneficiar dela de boa-fé e como de uma coisa que lhe parecia natural; mas, assim que sua razão mais desenvolvida, e sobretudo esclarecida pelas luzes do cristianismo, lhe mostrou no escravo seu igual diante de Deus, ele já não tem desculpa. »

831. **A desigualdade natural das aptidões não coloca certas raças humanas na dependência das raças mais inteligentes?**

> « Sim, para elevá-las, e não para embrutecê-las ainda mais pela servidão. Por tempo demais, os homens consideraram certas raças humanas como animais de trabalho dotados de braços e mãos, que se julgaram no direito de vender como animais de carga. Eles se julgam de um sangue mais puro; insensatos que só veem a matéria! Não é o sangue que é mais ou menos puro, mas sim o Espírito. » (361-803).

832. **Há homens que tratam seus escravos com humanidade, que não deixam lhes faltar nada e pensam que a liberdade os exporia a mais privações; o que vocês dizem disso?**

> « Digo que esses compreendem melhor seus interesses; eles também cuidam muito bem de seus bois e de seus cavalos, para obter mais lucro com eles no mercado. Não são tão culpados quanto os que os maltratam, mas nem por isso deixam de dispor deles como de uma mercadoria, privando-os do direito de pertencer a si mesmos. »

Liberdade de pensar

833. **Há no homem alguma coisa que escape a toda imposição e na qual ele desfrute de uma liberdade absoluta?**

> « É no pensamento que o homem desfruta de uma liberdade sem limites, pois ele não conhece obstáculos. Pode-se deter seu desenvolvimento, mas não aniquilá-lo. »

834. **O homem é responsável por seu pensamento?**

> « É responsável por ele diante de Deus; como só Deus pode conhecê-lo, ele o condena ou o absolve segundo a justiça. »

Liberdade de consciência

835. **A liberdade de consciência é uma consequência da liberdade de pensar?**

> « A consciência é um pensamento íntimo que pertence ao homem, como todos os outros pensamentos. »

836. O homem tem o direito de impor obstáculos à liberdade de consciência?

> « Não mais do que à liberdade de pensar, pois só a Deus pertence o direito de julgar a consciência. Se o homem regula por suas leis as relações entre os homens, Deus, pelas leis da natureza, regula as relações do homem com Deus. »

837. Qual é o resultado dos obstáculos impostos à liberdade de consciência?

> « Obrigar os homens a agir de maneira diferente do que pensam é fazer deles hipócritas. A liberdade de consciência é uma das características da verdadeira civilização e do progresso. »

838. Toda crença é respeitável, mesmo quando é reconhecidamente falsa?

> « Toda crença é respeitável quando é sincera e conduz à prática do bem. As crenças censuráveis são as que conduzem ao mal. »

839. É censurável ofender, em sua crença, aquele que não pensa como nós?

> « É faltar com a caridade e atentar contra a liberdade de pensar. »

840. Impor obstáculos a crenças capazes de perturbar a sociedade é atentar contra a liberdade de consciência?

> « Pode-se reprimir os atos, mas a crença íntima é inacessível. »

Reprimir os atos exteriores de uma crença, quando esses atos causam algum prejuízo aos outros, não é atentar contra a liberdade de consciência, pois essa repressão deixa à crença toda a sua liberdade.

841. **Por respeito à liberdade de consciência, deve-se deixar que doutrinas perniciosas se propaguem, ou é possível, sem atentar contra essa liberdade, procurar reconduzir ao caminho da verdade aqueles que são desviados por falsos princípios?**

> « Certamente é possível e até mesmo um dever; mas ensinem, a exemplo de Jesus, pela suavidade e pela persuasão, e não pela força, o que seria pior do que a crença daquele que se gostaria de convencer. Se há alguma coisa que seja permitido impor, é o bem e a fraternidade; mas não acreditamos que o meio de fazê-los aceitar seja agir com violência: a convicção não se impõe. »

842. **Como todas as doutrinas pretendem ser a única expressão da verdade, por quais sinais se pode reconhecer aquela que tem o direito de se apresentar como tal?**

> « Será aquela que formar mais homens de bem e menos hipócritas, isto é, que pratiquem a lei de amor e de caridade em sua maior pureza e em sua aplicação mais ampla. Por esse sinal vocês reconhecerão que uma doutrina é boa, pois toda doutrina que tenha como consequência semear a desunião e estabelecer uma separação entre os filhos de Deus só pode ser falsa e perniciosa. »

Livre-arbítrio

843. **O homem tem o livre-arbítrio de seus atos?**

> « Já que tem a liberdade de pensar, tem a de agir. Sem livre-arbítrio, o homem seria uma máquina. »

844. **O homem desfruta do livre-arbítrio desde o nascimento?**

> « Há liberdade de agir assim que há vontade de fazer. Nos primeiros tempos da vida, a liberdade é quase nula; ela se desenvolve e muda de objeto com as faculdades. Como a criança tem pensamentos relacionados às necessidades de sua idade, aplica seu livre-arbítrio às coisas que lhe são necessárias. »

845. **As predisposições instintivas que o homem traz ao nascer não são um obstáculo ao exercício do livre-arbítrio?**

> « As predisposições instintivas são as do Espírito antes de sua encarnação; conforme ele seja mais ou menos adiantado, elas podem levá-lo a atos censuráveis, e ele será auxiliado nisso pelos Espíritos que simpatizam com essas disposições; mas não há impulso irresistível quando se tem a vontade de resistir. Lembrem-se de que querer é poder. » (361).

846. **A constituição física não exerce influência sobre os atos da vida? E, se exerce alguma influência, isso não ocorre em prejuízo do livre-arbítrio?**

> « O Espírito é certamente influenciado pela matéria, que pode dificultar suas manifestações; é por isso que, nos mundos onde os corpos são menos materiais do que na Terra, as faculdades se desenvolvem com mais liberdade, mas o instrumento não dá a faculdade. Além disso, é preciso distinguir aqui as faculdades morais das faculdades intelectuais; se um homem tem o instinto de matar, é certamente seu próprio Espírito que o possui e que lhe dá esse instinto, e não seus órgãos. Aquele que anula seu pensamento para se ocupar apenas da matéria se torna semelhante ao animal, e pior ainda, pois já não pensa em se prevenir contra o mal, e é nisso que está sua culpa, já que age assim por sua vontade. » (Veja o nº 367 e seguintes, Influência do organismo).

847. **A perturbação das faculdades tira do homem o livre-arbítrio?**

> « Aquele cuja inteligência é perturbada por uma causa qualquer já não é senhor de seu pensamento e, portanto, já não tem liberdade. Essa perturbação é frequentemente uma punição para o Espírito que, em outra existência, pode ter sido vaidoso e orgulhoso e ter feito mau uso de suas faculdades. Ele pode renascer no corpo de uma pessoa com deficiência intelectual, assim como o déspota no corpo de um escravo, e o rico mau no de um mendigo; mas o Espírito sofre com essa limitação, da qual tem perfeita consciência; é aí que está a ação da matéria. » (371 e seguintes).

848. A perturbação das faculdades intelectuais pela embriaguez desculpa os atos censuráveis?

> « Não, pois o bêbado se privou voluntariamente da razão para satisfazer paixões brutais: em vez de uma falta, comete duas. »

849. Qual é, no homem em estado selvagem, a faculdade dominante: o instinto ou o livre-arbítrio?

> « O instinto; o que não o impede de agir com inteira liberdade em certas coisas; mas, como a criança, ele aplica essa liberdade às suas necessidades, e ela se desenvolve com a inteligência; portanto, você, que é mais esclarecido do que um selvagem, também é mais responsável pelo que faz do que um selvagem. »

850. A posição social não é, às vezes, um obstáculo à inteira liberdade dos atos?

> « O mundo tem, sem dúvida, suas exigências; Deus é justo: leva tudo em conta, mas deixa a vocês a responsabilidade pelos poucos esforços que fazem para superar os obstáculos. »

Fatalidade

851. **Há uma fatalidade nos acontecimentos da vida, no sentido atribuído a essa palavra, isto é, todos os acontecimentos são determinados de antemão? E, nesse caso, o que acontece com o livre-arbítrio?**

> « A fatalidade só existe pela escolha que o Espírito fez, ao encarnar, de passar por esta ou aquela prova; ao escolhê-la, ele cria para si uma espécie de destino que é a própria consequência da posição em que se encontra colocado; falo das provas físicas, pois, quanto às provas morais e às tentações, o Espírito, conservando seu livre-arbítrio em relação ao bem e ao mal, é sempre senhor de ceder ou resistir. Um bom Espírito, ao vê-lo fraquejar, pode vir em seu auxílio, mas não pode influenciá-lo de modo a dominar sua vontade. Um Espírito mau, isto é, inferior, ao lhe mostrar, ao exagerar para ele um perigo físico, pode abalá-lo e assustá-lo; mas a vontade do Espírito encarnado nem por isso deixa de permanecer livre de qualquer obstáculo. »

852. **Há pessoas que uma fatalidade parece perseguir, independentemente de sua maneira de agir; a infelicidade não está em seu destino?**

> « Talvez sejam provas que elas devem enfrentar e que escolheram; mas, mais uma vez, vocês atribuem ao destino o que, na maioria das vezes, é apenas a consequência de sua própria falta. Nos males que afligem você, procure manter a consciência limpa e já terá metade do consolo. »

As ideias certas ou falsas que fazemos das coisas nos levam ao sucesso ou ao fracasso, conforme nosso caráter e nossa posição social. Achamos mais simples e menos humilhante para nosso amor-próprio atribuir nossos fracassos à sorte ou ao destino do que à nossa própria falta.

Se a influência dos Espíritos às vezes contribui para isso, sempre podemos nos livrar dessa influência, rejeitando as ideias que eles nos sugerem, quando são más.

853. **Certas pessoas escapam de um perigo mortal apenas para cair em outro; parece que não podiam escapar da morte. Não há nisso fatalidade?**

> « Só há de fatal, no verdadeiro sentido da palavra, o instante da morte; quando esse momento chega, seja por um meio ou por outro, vocês não podem escapar dele. »

– Assim, qualquer que seja o perigo que nos ameace, não morremos se a hora não tiver chegado?

> « Não, você não morrerá, e há milhares de exemplos disso; mas, quando chega sua hora de partir, nada pode livrar você disso. Deus sabe de antemão de que tipo de morte você partirá daqui, e muitas vezes seu Espírito também sabe, pois isso lhe é revelado quando escolhe esta ou aquela existência. »

854. Da certeza da hora da morte resulta que as precauções tomadas para evitá-la são inúteis?

> « Não, pois as precauções que vocês tomam lhes são sugeridas para evitar a morte que os ameaça; elas são um dos meios para que ela não aconteça. »

855. Qual é o objetivo da Providência ao nos fazer correr perigos que não devem ter consequências?

> « Quando sua vida é posta em perigo, é um aviso que você mesmo desejou para se afastar do mal e se tornar melhor. Quando escapa desse perigo, ainda sob a influência do risco que correu, você pensa com maior ou menor intensidade em se tornar melhor, conforme a ação mais ou menos forte dos bons Espíritos. Quando surge o mau Espírito (digo mau, referindo-me ao mal que ainda existe nele), você pensa que escapará da mesma forma de outros perigos e deixa de novo suas paixões se desencadearem. Pelos perigos que vocês correm, Deus lhes lembra sua fraqueza e a fragilidade de sua existência. Se examinarmos a causa e a natureza do perigo, veremos que, na maioria das vezes, as consequências teriam sido a punição de uma falta cometida ou de um dever negligenciado. Deus assim adverte vocês para que examinem a si mesmos e se corrijam. » (526-532).

856. O Espírito sabe de antemão o tipo de morte ao qual deverá sucumbir?

> « Ele sabe que o tipo de vida que escolhe o expõe a morrer de uma maneira em vez de outra; mas também sabe das lutas que terá de enfrentar para evitá-la e que, se Deus permitir, não sucumbirá. »

857. **Há homens que enfrentam os perigos dos combates com a convicção de que sua hora não chegou; há algum fundamento nessa confiança?**

> « Muitas vezes o homem tem o pressentimento de seu fim, assim como pode ter o de que ainda não morrerá. Esse pressentimento vem de seus Espíritos protetores, que querem avisá-lo para que esteja pronto para partir, ou que fortalecem sua coragem nos momentos em que ela lhe é mais necessária. Pode vir também da intuição que ele tem da existência que escolheu ou da missão que aceitou e que sabe que deve cumprir. » (411-522).

858. **Por que aqueles que pressentem sua morte em geral a temem menos do que os outros?**

> « É o homem que teme a morte, e não o Espírito; aquele que a pressente pensa mais como Espírito do que como homem: compreende sua libertação e espera. »

859. **Se a morte não pode ser evitada quando deve acontecer, ocorre o mesmo com todos os acidentes que nos acontecem ao longo da vida?**

> « Muitas vezes são coisas pequenas o bastante para que possamos avisar vocês a respeito delas e, às vezes, fazê-los evitá-las, dirigindo seu pensamento, pois não gostamos do sofrimento material; mas isso tem pouca importância para a vida que vocês escolheram. A fatalidade, na verdade, consiste apenas na hora em que vocês devem aparecer e desaparecer neste mundo. »

– Há fatos que devem necessariamente acontecer e que a vontade dos Espíritos não pode impedir?

> « Sim, mas que você, no estado de Espírito, viu e pressentiu quando fez sua escolha. No entanto, não acredite que tudo o que acontece esteja escrito, como se diz; um acontecimento é muitas vezes a consequência de algo que você fez por um ato de sua livre vontade, de modo que, se não tivesse feito isso, o acontecimento não teria ocorrido. Se você queima o dedo, isso não é nada; é o resultado de sua imprudência e a consequência da matéria; apenas as grandes dores, os acontecimentos importantes e capazes de influir no estado moral são previstos por Deus, porque são úteis à sua purificação e à sua instrução. »

860. **O homem, por sua vontade e por seus atos, pode fazer com que acontecimentos que deveriam ocorrer não ocorram, e vice-versa?**

> « Pode, se esse desvio aparente puder se encaixar na vida que ele escolheu. Além disso, para fazer o bem, como deve ser e como é o único objetivo da vida, ele pode impedir o mal, sobretudo aquele que poderia contribuir para um mal maior. »

861. O homem que comete um homicídio sabe, ao escolher sua existência, que se tornará assassino?

« Não; ele sabe que, ao escolher uma vida de luta, há a possibilidade de matar um de seus semelhantes, mas ignora se o fará, pois quase sempre há nele uma reflexão antes de cometer o crime; ora, quem reflete sobre fazer alguma coisa é sempre livre para fazê-la ou não. Se o Espírito soubesse de antemão que, como homem, deve cometer um homicídio, é porque estaria predestinado a isso. Saibam, portanto, que ninguém está predestinado ao crime e que todo crime ou qualquer ato é sempre resultado da vontade e do livre-arbítrio.

Além disso, vocês sempre confundem duas coisas bem distintas: os acontecimentos materiais da vida e os atos da vida moral. Se às vezes há fatalidade, é nesses acontecimentos materiais cuja causa está fora de vocês e que são independentes de sua vontade. Quanto aos atos da vida moral, eles sempre vêm do próprio homem, que, por consequência, sempre tem a liberdade de escolha; para esses atos, portanto, nunca há fatalidade. »

862. **Há pessoas para quem nada dá certo e que um mau gênio parece perseguir em todos os seus empreendimentos; não é isso o que se pode chamar de fatalidade?**

> « É de fato fatalidade, se você quiser chamá-la assim, mas ela está ligada à escolha do tipo de existência, porque essas pessoas quiseram ser provadas por uma vida de decepções, a fim de exercitar sua paciência e sua resignação. No entanto, não acredite que essa fatalidade seja absoluta; muitas vezes ela é o resultado do caminho errado que tomaram, que não corresponde à sua inteligência e às suas aptidões. Quem quer atravessar um rio a nado sem saber nadar tem grande chance de se afogar; assim acontece na maioria dos acontecimentos da vida. Se o homem só empreendesse coisas de acordo com suas capacidades, quase sempre teria sucesso; o que o leva à ruína é seu amor-próprio e sua ambição, que o fazem sair de seu caminho e tomar por vocação o desejo de satisfazer certas paixões. Ele fracassa e a culpa é sua; mas, em vez de culpar a si mesmo, prefere acusar sua estrela. Alguém que teria sido um bom trabalhador e ganhado a vida honestamente será um mau poeta e morrerá de fome. Haveria lugar para todos se cada um soubesse ocupar seu lugar. »

863. **Os costumes sociais não obrigam muitas vezes um homem a seguir um caminho em vez de outro, e ele não está sujeito ao julgamento da opinião pública na escolha de suas ocupações? O que se chama de respeito humano não é um obstáculo ao exercício do livre-arbítrio?**

> « São os homens que fazem os costumes sociais, e não Deus; se eles se submetem a esses costumes, é porque isso lhes convém, e esse também é um ato de seu livre-arbítrio, pois, se quisessem, poderiam se libertar deles; então, por que se queixar? Não devem acusar os costumes sociais, mas seu tolo amor-próprio, que os faz preferir morrer de fome a descer de posição. Ninguém lhes dá crédito por esse sacrifício feito à opinião pública, enquanto Deus levará em conta o sacrifício de sua vaidade. Isso não quer dizer que seja preciso desafiar essa opinião sem necessidade, como certas pessoas que têm mais originalidade do que verdadeira filosofia; há tanta insensatez em se fazer apontar pelos outros ou ser visto como um animal curioso quanto há sabedoria em descer voluntariamente e sem reclamar, quando não se pode permanecer no alto da escada. »

864. **Se há pessoas a quem a sorte é contrária, outras parecem ser favorecidas, pois tudo lhes dá certo; a que isso se deve?**

> « Muitas vezes é porque sabem agir melhor; mas também pode ser um tipo de prova; o sucesso as embriaga; elas confiam em seu destino e muitas vezes pagam mais tarde por esses mesmos sucessos com reveses cruéis que poderiam ter evitado com prudência. »

865. **Como explicar a sorte que favorece certas pessoas em circunstâncias nas quais nem a vontade nem a inteligência têm participação: no jogo, por exemplo?**

> « Certos Espíritos escolheram de antemão certos tipos de prazer; a sorte que os favorece é uma tentação. Quem ganha como homem perde como Espírito: é uma prova para seu orgulho e sua cobiça. »

866. **A fatalidade que parece governar os destinos materiais de nossa vida seria, então, também efeito de nosso livre-arbítrio?**

> « Você mesmo escolheu sua prova: quanto mais dura ela for e melhor você a suportar, mais se elevará. Aqueles que passam a vida na abundância e na felicidade humana são Espíritos covardes que permanecem estacionários. Assim, o número dos infelizes supera em muito o dos felizes deste mundo, visto que os Espíritos, em sua maioria, procuram a prova que lhes será mais proveitosa. Eles veem muito bem a futilidade de suas grandezas e de seus prazeres. Além disso, a vida mais feliz é sempre agitada, sempre perturbada: ainda que seja apenas pela ausência da dor. » (525 e seguintes).

867. **De onde vem a expressão: Nascer sob uma boa estrela?**

> « Velha superstição que ligava as estrelas ao destino de cada homem; alegoria que certas pessoas têm a tolice de tomar ao pé da letra. »

Conhecimento do futuro

868. O futuro pode ser revelado ao homem?

> « Em princípio, o futuro lhe é oculto, e somente em casos raros e excepcionais Deus permite sua revelação. »

869. Com que objetivo o futuro é oculto ao homem?

> « Se o homem conhecesse o futuro, negligenciaria o presente e não agiria com a mesma liberdade, porque seria dominado pela ideia de que, se uma coisa deve acontecer, não precisa se ocupar dela, ou então procuraria impedi-la. Deus não quis que fosse assim, para que cada um contribuísse para a realização das coisas, mesmo daquelas às quais desejaria se opor; assim, você mesmo muitas vezes prepara, sem suspeitar, os acontecimentos que ocorrerão ao longo de sua vida. »

870. **Já que é útil que o futuro permaneça oculto, por que Deus permite às vezes a sua revelação?**

> « É quando esse conhecimento prévio deve facilitar a realização da coisa em vez de dificultá-la, levando a agir de modo diferente do que se teria feito sem isso. Além disso, muitas vezes é uma prova. A perspectiva de um acontecimento pode despertar pensamentos mais ou menos bons; se um homem deve saber, por exemplo, que receberá uma herança com a qual não conta, poderá ser levado pelo sentimento de cobiça, pela alegria de aumentar seus prazeres terrenos, pelo desejo de possuir mais cedo, talvez desejando a morte daquele que deve lhe deixar sua fortuna; ou então essa perspectiva despertará nele bons sentimentos e pensamentos generosos. Se a previsão não se cumprir, será outra prova: a da maneira como suportará a decepção; mas nem por isso deixará de ter o mérito ou a culpa pelos pensamentos bons ou maus que a crença no acontecimento fez nascer nele. »

871. **Já que Deus sabe tudo, sabe também se um homem deve ou não sucumbir numa prova; então, qual é a necessidade dessa prova, já que ela não pode ensinar a Deus nada que ele já não saiba a respeito desse homem?**

> « Seria o mesmo que perguntar por que Deus não criou o homem perfeito e completo (119); por que o homem passa pela infância antes de chegar à idade adulta (379). A prova não tem por objetivo esclarecer Deus sobre o mérito desse homem, pois Deus sabe perfeitamente o que ele vale, mas deixar a esse homem toda a responsabilidade por sua ação, já que é livre para praticá-la ou não. Como o homem tem a escolha entre o bem e o mal, a prova tem por efeito colocá-lo diante da tentação do mal e lhe deixar todo o mérito da resistência; ora, embora Deus saiba muito bem de antemão se ele terá êxito ou não, não pode, em sua justiça, puni-lo nem recompensá-lo por um ato que não foi realizado. » (258).

Assim acontece entre os homens. Por mais capaz que seja um candidato, por maior que seja a certeza de que terá êxito, não se lhe confere nenhum grau sem exame, isto é, sem prova; da mesma forma, o juiz só condena um acusado por um ato consumado, e não pela previsão de que ele pode ou deve consumar esse ato. Quanto mais se reflete sobre as consequências que resultariam para o homem do conhecimento do futuro, mais se percebe como a Providência foi sábia ao ocultá-lo dele. A certeza de um acontecimento feliz o mergulharia na inação; a de um acontecimento infeliz, no desânimo; em ambos os casos, suas forças ficariam paralisadas. É por isso que o futuro só é mostrado ao homem como um objetivo que ele deve alcançar por seus esforços, mas sem conhecer a sequência de etapas pelas quais deve passar para alcançá-lo. O conhecimento de todos os incidentes do caminho lhe tiraria a iniciativa e o uso de seu livre-arbítrio; ele se deixaria arrastar pelo curso fatal dos acontecimentos, sem exercer suas faculdades. Quando o sucesso de uma coisa está garantido, já não se preocupa com ela.

Resumo teórico do motivo das ações do homem

A questão do livre-arbítrio pode ser resumida assim: o homem não é fatalmente conduzido ao mal; os atos que realiza não estão escritos de antemão; os crimes que comete não resultam de uma decisão do destino.

Ele pode, como prova e como expiação, escolher uma existência em que terá impulsos para o crime, seja pelo meio em que se encontra, seja por circunstâncias que surgem, mas é sempre livre para agir ou não agir.

Assim, o livre-arbítrio existe no estado de Espírito, na escolha da existência e das provas, e no estado corporal, na faculdade de ceder ou resistir aos impulsos aos quais nos submetemos voluntariamente. Cabe à educação combater essas más tendências; ela o fará com proveito quando se basear no estudo aprofundado da natureza moral do homem.

Pelo conhecimento das leis que regem essa natureza moral, será possível modificá-la, assim como se modifica a inteligência pela instrução e o temperamento pela higiene.

O Espírito livre da matéria, e no estado errante, escolhe suas futuras existências corporais segundo o grau de perfeição a que chegou, e é nisso, como dissemos, que consiste sobretudo seu livre-arbítrio. Essa liberdade não é anulada pela encarnação; se ele cede à influência da matéria, é porque sucumbe às próprias provas que escolheu, e é para ajudá-lo a superá-las que pode invocar a assistência de Deus e dos bons Espíritos. (337).

Sem o livre-arbítrio, o homem não tem culpa no mal nem mérito no bem; e isso é tão reconhecido que, no mundo, sempre se ajusta a censura ou o elogio à intenção, isto é, à vontade; ora, quem diz vontade diz liberdade.

O homem não pode, portanto, buscar uma desculpa para seus atos maus em sua constituição sem abdicar de sua razão e de sua condição de ser humano, para se igualar ao animal.

Se fosse assim para o mal, seria o mesmo para o bem; mas, quando o homem faz o bem, cuida muito de atribuir a si esse mérito e evita atribuí-lo a seus órgãos, o que prova que, instintivamente, apesar da opinião de alguns defensores de sistemas, ele não renuncia ao mais belo privilégio de sua espécie: a liberdade de pensar.

A fatalidade, tal como geralmente é entendida, supõe a decisão prévia e irrevogável de todos os acontecimentos da vida, qualquer que seja sua importância. Se essa fosse a ordem das coisas, o homem seria uma máquina sem vontade. De que lhe serviria sua inteligência, já que seria invariavelmente dominado, em todos os seus atos, pelo poder do destino?

Tal doutrina, se fosse verdadeira, seria a destruição de toda liberdade moral; já não haveria responsabilidade para o homem e, por consequência, nem bem, nem mal, nem crimes, nem virtudes. Deus, soberanamente justo, não poderia castigar sua criatura por faltas que não teria dependido dela evitar, nem recompensá-la por virtudes das quais ela não teria o mérito.

Semelhante lei seria, além disso, a negação da lei do progresso, pois o homem que esperasse tudo da sorte nada tentaria para melhorar sua posição, já que isso não faria diferença alguma.

A fatalidade, porém, não é uma palavra vazia; ela existe na posição que o homem ocupa na Terra e nas funções que nela desempenha, em con-

sequência do gênero de existência que seu Espírito escolheu como prova, expiação ou missão; ele sofre fatalmente todas as vicissitudes dessa existência e todas as tendências boas ou más que lhe são inerentes; mas aí termina a fatalidade, pois depende de sua vontade ceder ou não a essas tendências.

Os detalhes dos acontecimentos estão subordinados às circunstâncias que ele mesmo provoca por seus atos, e sobre as quais os Espíritos podem influir pelos pensamentos que lhe sugerem. (459).

A fatalidade está, portanto, nos acontecimentos que se apresentam, já que são a consequência da escolha da existência feita pelo Espírito; pode não estar no resultado desses acontecimentos, já que pode depender do homem modificar seu curso pela prudência; ela nunca está nos atos da vida moral.

É na morte que o homem está submetido de maneira absoluta à inexorável lei da fatalidade; pois não pode escapar à decisão que fixa o fim de sua existência, nem ao gênero de morte que deve interromper seu curso.

Segundo a doutrina comum, o homem tiraria de si mesmo todos os seus instintos; eles viriam de sua constituição física, pela qual não poderia ser responsável, ou de sua própria natureza, na qual pode buscar uma desculpa aos próprios olhos, dizendo que não é sua culpa ser feito assim.

A doutrina espírita é evidentemente mais moral: admite no homem o livre-arbítrio em toda a sua plenitude; e, ao lhe dizer que, se faz o mal, cede a uma má sugestão vinda de fora, deixa-lhe toda a responsabilidade por isso, já que lhe reconhece o poder de resistir, coisa evidentemente mais fácil do que se tivesse de lutar contra sua própria natureza.

Assim, segundo a doutrina espírita, não há impulso irresistível: o homem pode sempre fechar os ouvidos à voz oculta que o incita ao mal em seu íntimo, assim como pode fechá-los à voz material daquele que lhe fala; pode fazê-lo por sua vontade, pedindo a Deus a força necessária e solicitando, para esse fim, a assistência dos bons Espíritos.

É o que Jesus nos ensina na sublime prece do Pai-Nosso, quando nos faz dizer: « Não nos deixeis sucumbir à tentação, mas livrai-nos do mal. »

Essa teoria da causa que estimula nossos atos decorre evidentemente de todo o ensinamento dado pelos Espíritos; não só é sublime em sua moralidade, como acrescentaremos que eleva o homem aos próprios olhos; mostra que ele é livre para se livrar de um jugo obsessor, assim como é livre para fechar sua casa aos importunos; já não é uma máquina que age por um impulso independente de sua vontade, é um ser dotado de razão, que escuta, julga e escolhe livremente entre dois conselhos.

Acrescentemos que, apesar disso, o homem não fica privado de sua iniciativa; nem por isso deixa de agir por impulso próprio, já que, afinal, é apenas um Espírito encarnado que conserva, sob o envoltório corporal, as qualidades e os defeitos que tinha como Espírito.

As faltas que cometemos têm, portanto, sua fonte primeira na imperfeição de nosso próprio Espírito, que ainda não alcançou a superioridade moral que terá um dia, mas que nem por isso deixa de ter seu livre-arbítrio; a vida corporal lhe é dada para se purificar de suas imperfeições pelas provas que nela sofre, e são precisamente essas imperfeições que o tornam mais fraco e mais acessível às sugestões dos outros Espíritos imperfeitos, que se aproveitam disso para tentar fazê-lo sucumbir na luta que empreendeu.

Se sair vencedor dessa luta, ele se eleva; se fracassar, permanece como era, nem pior, nem melhor: é uma prova a recomeçar, e isso pode durar muito tempo assim. Quanto mais se purifica, mais diminuem seus pontos fracos, e menos abertura ele dá aos que o incitam ao mal; sua força moral cresce na proporção de sua elevação, e os maus Espíritos se afastam dele.

Todos os Espíritos, mais ou menos bons, quando estão encarnados, constituem a espécie humana; e, como nossa Terra é um dos mundos menos adiantados, nela há mais Espíritos maus do que bons; é por isso que vemos nela tanta perversidade. Façamos, portanto, todos os nossos esforços para não voltar a ela depois desta estadia e para merecer ir repousar num mundo melhor, num desses mundos privilegiados onde o bem reina sem divisão e onde só nos lembraremos de nossa passagem por este mundo como de um tempo de exílio.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO III, CAP. XI — LEI DE JUSTIÇA, DE AMOR E DE CARIDADE

✦

Justiça e direitos naturais

873. **O sentimento de justiça está na natureza ou é resultado de ideias adquiridas?**

> « Está tão presente na natureza que vocês se revoltam à ideia de uma injustiça. O progresso moral sem dúvida desenvolve esse sentimento, mas não o produz: Deus o colocou no coração do homem; é por isso que vocês muitas vezes encontram, em homens simples e primitivos, noções mais exatas de justiça do que naqueles que têm muito conhecimento. »

874. **Se a justiça é uma lei da natureza, como é que os homens a entendem de maneiras tão diferentes, e um considera justo o que parece injusto ao outro?**

> « É que muitas vezes se misturam a ela paixões que alteram esse sentimento, como acontece com a maioria dos outros sentimentos naturais, e fazem ver as coisas sob um ponto de vista falso. »

875. **Como se pode definir a justiça?**

> « A justiça consiste no respeito aos direitos de cada um. »

– **O que determina esses direitos?**

> « Eles são determinados por duas coisas: a lei humana e a lei natural. Como os homens fizeram leis adequadas aos seus costumes e ao seu caráter, essas leis estabeleceram direitos que puderam variar com o progresso do conhecimento. Vejam se as leis de hoje, embora não sejam perfeitas, consagram os mesmos direitos que na Idade Média; esses direitos ultrapassados, que lhes parecem monstruosos, pareciam justos e naturais naquela época. O direito estabelecido pelos homens, portanto, nem sempre está de acordo com a justiça; além disso, ele só regula certas relações sociais, enquanto, na vida privada, há uma multidão de atos que são unicamente da competência do tribunal da consciência. »

876. Além do direito consagrado pela lei humana, qual é a base da justiça fundada na lei natural?

> « O Cristo lhes disse: Querer para os outros o que vocês desejariam para si mesmos. Deus colocou no coração do homem a regra de toda verdadeira justiça, pelo desejo que cada um tem de ver seus direitos respeitados. Na incerteza sobre o que deve fazer em relação ao seu semelhante em determinada circunstância, que o homem se pergunte como gostaria que agissem com ele em circunstância semelhante: Deus não poderia lhe dar um guia mais seguro do que sua própria consciência. »

O critério da verdadeira justiça é, de fato, querer para os outros o que se desejaria para si mesmo, e não querer para si o que se desejaria para os outros, o que de modo algum é a mesma coisa.

Como não é natural desejar o mal para si, ao tomar o próprio desejo como modelo ou ponto de partida, pode-se ter certeza de nunca desejar senão o bem para o próximo.

Em todos os tempos e em todas as crenças, o homem sempre procurou fazer prevalecer seu direito pessoal; o sublime da religião cristã foi tomar o direito pessoal como base do direito do próximo.

877. A necessidade de viver em sociedade traz ao homem obrigações particulares?

> « Sim, e a primeira de todas é respeitar os direitos de seus semelhantes; aquele que respeitar esses direitos será sempre justo. No mundo de vocês, onde tantos homens não praticam a lei de justiça, cada um recorre a represálias, e é isso que causa a perturbação e a confusão da sociedade de vocês. A vida social dá direitos e impõe deveres recíprocos. »

878. **Como o homem pode se enganar sobre a extensão de seu direito, o que pode lhe fazer conhecer o limite desse direito?**

> « O limite do direito que ele reconhece ao seu semelhante em relação a si, na mesma circunstância, e reciprocamente. »

– Mas, se cada um atribui a si os direitos de seu semelhante, o que acontece com a subordinação aos superiores? Isso não é a anarquia de todos os poderes?

> « Os direitos naturais são os mesmos para todos os homens, desde o menor até o maior; Deus não fez uns de um barro mais puro que os outros, e todos são iguais diante dele. Esses direitos são eternos; os que o homem estabeleceu desaparecem com suas instituições. Além disso, cada um sente bem sua força ou sua fraqueza e sempre saberá ter certa deferência por aquele que a merecer por sua virtude e sua sabedoria. É importante dizer isso, para que aqueles que se julgam superiores conheçam seus deveres para merecer essas deferências. A subordinação não ficará comprometida quando a autoridade for dada à sabedoria. »

879. **Qual seria o caráter do homem que praticasse a justiça em toda a sua pureza?**

> « O do verdadeiro justo, a exemplo de Jesus; pois ele também praticaria o amor ao próximo e a caridade, sem os quais não há verdadeira justiça. »

Direito de propriedade. Roubo

880. Qual é o primeiro de todos os direitos naturais do homem?

> « É o de viver; por isso ninguém tem o direito de atentar contra a vida de seu semelhante, nem de fazer coisa alguma que possa comprometer sua existência corporal. »

881. O direito de viver dá ao homem o direito de acumular meios de subsistência para descansar quando não puder mais trabalhar?

> « Sim, mas ele deve fazer isso em família, como a abelha, por meio de um trabalho honesto, e não acumular como um egoísta. Até certos animais lhe dão o exemplo da previdência. »

882. O homem tem o direito de defender o que acumulou pelo trabalho?

> « Deus não disse: Não roubarás; e Jesus: É preciso dar a César o que pertence a César? »

O que o homem acumula por meio de um trabalho honesto é uma propriedade legítima que ele tem o direito de defender, pois a propriedade que é fruto do trabalho é um direito natural tão sagrado quanto o de trabalhar e de viver.

883. O desejo de possuir está na natureza?

> « Sim; mas, quando é apenas para si e para sua satisfação pessoal, é egoísmo. »

– Entretanto, o desejo de possuir não é legítimo, já que aquele que tem do que viver não é um peso para ninguém?

> « Há homens insaciáveis que acumulam sem proveito para ninguém, ou para satisfazer suas paixões. Você acha que isso é bem-visto por Deus? Aquele que, ao contrário, acumula por meio de seu trabalho com o propósito de ajudar seus semelhantes pratica a lei de amor e de caridade, e seu trabalho é abençoado por Deus. »

884. Qual é a característica da propriedade legítima?

> « Só é legítima a propriedade que foi adquirida sem prejuízo para os outros. » (808).

A lei de amor e de justiça, ao proibir que se faça aos outros o que não gostaríamos que nos fizessem, condena, por isso mesmo, todo meio de adquirir que seja contrário a essa lei.

885. O direito de propriedade é ilimitado?

> « Sem dúvida, tudo o que é adquirido legitimamente é uma propriedade; mas, como dissemos, a legislação dos homens, por ser imperfeita, muitas vezes consagra direitos convencionais que a justiça natural reprova. É por isso que eles reformam suas leis à medida que o progresso se realiza e que compreendem melhor a justiça. O que parece perfeito em um século parece bárbaro no século seguinte. » (795).

Caridade e amor ao próximo

886. Qual é o verdadeiro sentido da palavra caridade, tal como Jesus a entendia?

> « Benevolência para com todos, indulgência para com as imperfeições dos outros, perdão das ofensas. »

O amor e a caridade são o complemento da lei de justiça, pois amar o próximo é lhe fazer todo o bem que está ao nosso alcance e que gostaríamos que nos fosse feito. Esse é o sentido das palavras de Jesus: Amem uns aos outros como irmãos. A caridade, segundo Jesus, não se restringe à esmola; ela abrange todas as relações que temos com nossos semelhantes, sejam eles nossos inferiores, nossos iguais ou nossos superiores. Ela nos ordena a indulgência, porque nós mesmos precisamos dela; ela nos proíbe humilhar quem sofre com a desgraça, ao contrário do que se pratica com tanta frequência. Quando uma pessoa rica se apresenta, recebe mil atenções, mil gentilezas; se é pobre, parece que não há necessidade de ter qualquer consideração por ela. Quanto mais digna de compaixão for sua situação, mais se deve temer, ao contrário, aumentar seu sofrimento pela humilhação. O homem verdadeiramente bom procura elevar o inferior aos próprios olhos dele, diminuindo a distância.

887. Jesus também disse: Amem até mesmo seus inimigos. Ora, o amor aos nossos inimigos não é contrário às nossas tendências naturais, e a inimizade não vem da falta de simpatia entre os Espíritos?

> « Sem dúvida, não se pode ter pelos inimigos um amor terno e apaixonado; não foi isso que ele quis dizer; amar os inimigos é perdoá-los e retribuir o mal com o bem; assim, a pessoa se torna superior a eles; pela vingança, coloca-se abaixo deles. »

888. **O que pensar da esmola?**

« O homem reduzido a pedir esmola se degrada moral e fisicamente: ele se embrutece. Em uma sociedade baseada na lei de Deus e na justiça, deve-se prover a subsistência do fraco sem humilhá-lo. Ela deve assegurar a existência daqueles que não podem trabalhar, sem deixar sua vida à mercê do acaso e da boa vontade. »

– **Vocês censuram a esmola?**

« Não; não é a esmola que merece censura, mas muitas vezes a maneira como é dada. O homem de bem que compreende a caridade segundo Jesus vai ao encontro do infeliz sem esperar que ele lhe estenda a mão.

« A verdadeira caridade é sempre boa e benevolente; está tanto na maneira quanto no ato. Um serviço prestado com delicadeza dobra de valor; se é prestado com arrogância, a necessidade pode fazer com que seja aceito, mas o coração pouco se comove com ele.

« Lembrem-se também de que a ostentação tira, aos olhos de Deus, o mérito do benefício. Jesus disse: Que a mão esquerda de vocês ignore o que dá a mão direita; com isso, ele ensina a não manchar a caridade com o orgulho.

« É preciso distinguir a esmola propriamente dita da beneficência. O mais necessitado nem sempre é aquele que pede; o medo de uma humilhação contém o verdadeiro pobre, e muitas vezes ele sofre sem se queixar; é esse que o homem verdadeiramente humano sabe ir procurar sem ostentação.

« Amem uns aos outros: essa é toda a lei, lei divina pela qual Deus governa os mundos. O amor é a lei de atração para os seres vivos e organizados; a atração é a lei de amor para a matéria inorgânica.

« Nunca se esqueçam de que o Espírito, qualquer que seja seu grau de adiantamento, sua situação de reencarnação ou de erraticidade, está sempre colocado entre um superior que o guia e o aperfeiçoa e um inferior para com o qual tem os mesmos deveres a cumprir. Sejam, portanto, caridosos, não apenas com essa caridade que leva vocês a tirar da bolsa a pequena quantia que dão friamente àquele que ousa pedi-la, mas vão ao encontro das misérias ocultas. Sejam indulgentes com os defeitos de seus semelhantes; em vez de desprezar a ignorância e o vício, instruam os ignorantes e moralizem os viciosos; sejam brandos e benevolentes com tudo o que lhes é inferior; ajam da mesma forma com os seres mais ínfimos da criação, e terão obedecido à lei de Deus. »

889. **Não há homens reduzidos à mendicância por sua própria culpa?**

« Sem dúvida, mas, se uma boa educação moral lhes tivesse ensinado a praticar a lei de Deus, eles não cairiam nos excessos que causam sua ruína; é disso, sobretudo, que depende a melhoria do globo de vocês. » (707).

Amor materno e filial

890. O amor materno é uma virtude ou um sentimento instintivo comum aos homens e aos animais?

> « É uma coisa e outra. A natureza deu à mãe o amor por seus filhos no interesse da conservação deles; mas, no animal, esse amor se limita às necessidades materiais: cessa quando os cuidados se tornam desnecessários; no homem, persiste por toda a vida e envolve uma dedicação e uma abnegação que são virtudes; sobrevive até mesmo à morte e acompanha o filho além do túmulo; vocês veem bem que há nele algo mais do que no animal. » (205-385).

891. Já que o amor materno está na natureza, por que há mães que odeiam seus filhos, muitas vezes desde o nascimento?

> « Às vezes, é uma prova escolhida pelo Espírito da criança, ou uma expiação, se ele próprio foi mau pai, má mãe ou mau filho em outra existência (392). Em todos os casos, a mãe má só pode ser animada por um mau Espírito que procura criar obstáculos ao Espírito da criança, para que ele sucumba à prova que desejou; mas essa violação das leis da natureza não ficará impune, e o Espírito da criança será recompensado pelos obstáculos que tiver superado. »

892. **Quando os pais têm filhos que lhes causam desgostos, não é desculpável que não tenham por eles a ternura que teriam em caso contrário?**

> « Não, pois é um encargo que lhes foi confiado, e sua missão é fazer todos os esforços para reconduzi-los ao bem (582-583). Mas esses desgostos muitas vezes são consequência dos maus hábitos que os deixaram adquirir desde o berço; eles então colhem o que semearam. »

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO III, CAP. XII — PERFEIÇÃO MORAL

✦

As virtudes e os vícios

893. Qual é a mais meritória de todas as virtudes?

> « Todas as virtudes têm seu mérito, porque todas são sinais de progresso no caminho do bem. Há virtude sempre que há resistência voluntária ao impulso das más inclinações; mas o sublime da virtude consiste no sacrifício do interesse pessoal pelo bem do próximo, sem segundas intenções; a mais meritória é a que se baseia na caridade mais desinteressada. »

894. **Há pessoas que fazem o bem por um impulso espontâneo, sem terem de vencer nenhum sentimento contrário; elas têm tanto mérito quanto aquelas que precisam lutar contra a própria natureza e a vencem?**

> « Aqueles que não precisam lutar já realizaram esse progresso: lutaram antes e triunfaram; por isso, os bons sentimentos não lhes custam nenhum esforço, e suas ações lhes parecem inteiramente simples: o bem se tornou um hábito para eles. Devem, por conseguinte, ser honrados como velhos guerreiros que conquistaram suas patentes.
> Como vocês ainda estão longe da perfeição, esses exemplos os surpreendem pelo contraste, e vocês os admiram tanto mais quanto mais raros são; mas saibam bem que, nos mundos mais avançados que o de vocês, aquilo que entre vocês é uma exceção é a regra. O sentimento do bem é espontâneo em toda parte nesses mundos, porque eles são habitados apenas por bons Espíritos, e uma única má intenção seria ali uma exceção monstruosa. É por isso que os homens são felizes nesses mundos; assim será na Terra quando a humanidade se transformar e compreender e praticar a caridade em seu verdadeiro sentido. »

895. **Além dos defeitos e dos vícios sobre os quais ninguém poderia se enganar, qual é o sinal mais característico da imperfeição?**

> « É o interesse pessoal. As qualidades morais são muitas vezes como o dourado aplicado a um objeto de cobre, que não resiste à pedra de toque. Um homem pode possuir qualidades reais que fazem dele, aos olhos de todos, um homem de bem; mas essas qualidades, embora sejam um progresso, nem sempre resistem a certas provas, e às vezes basta tocar no interesse pessoal para revelar o que há no fundo. O verdadeiro desinteresse é mesmo algo tão raro na Terra que, quando aparece, é admirado como um fenômeno.
>
> O apego às coisas materiais é um sinal evidente de inferioridade, porque, quanto mais o homem se prende aos bens deste mundo, menos compreende seu destino; pelo desinteresse, ao contrário, ele prova que vê o futuro de um ponto mais elevado. »

896. **Há pessoas desinteressadas, mas sem discernimento, que distribuem seus bens sem proveito real, por não lhes dar um uso ponderado; elas têm algum mérito?**

> « Têm o mérito do desinteresse, mas não o do bem que poderiam fazer. Se o desinteresse é uma virtude, a prodigalidade irrefletida é sempre, no mínimo, uma falta de bom senso. A fortuna não é dada a uns para ser jogada ao vento, assim como não é dada a outros para ser enterrada num cofre; é um depósito do qual terão de prestar contas, pois terão de responder por todo o bem que estava ao seu alcance fazer e que não fizeram; por todas as lágrimas que poderiam ter enxugado com o dinheiro que deram a quem não precisava dele. »

897. **Aquele que faz o bem, não em busca de uma recompensa na Terra, mas na esperança de que isso seja levado em conta na outra vida e de que sua posição ali seja tanto melhor, é repreensível, e esse pensamento prejudica seu progresso?**

> « É preciso fazer o bem por caridade, isto é, com desinteresse. »

– No entanto, todos têm o desejo muito natural de progredir para sair do estado penoso desta vida; os próprios Espíritos nos ensinam a praticar o bem com esse objetivo; então é um mal pensar que, fazendo o bem, podemos esperar algo melhor do que na Terra?

> « Não, certamente; mas aquele que faz o bem sem segundas intenções, pelo simples prazer de agradar a Deus e ao próximo que sofre, já se encontra em certo grau de progresso que lhe permitirá chegar à felicidade muito antes de seu irmão que, mais prático, faz o bem por raciocínio, sem ser impelido pelo calor natural de seu coração. » (894).

– Não há aqui uma distinção a fazer entre o bem que podemos fazer ao próximo e o cuidado que dedicamos a corrigir nossos defeitos? Entendemos que fazer o bem pensando que isso será levado em conta na outra vida tem pouco mérito; mas melhorar a si mesmo, vencer as próprias paixões, corrigir o próprio caráter para se aproximar dos bons Espíritos e se elevar também é um sinal de inferioridade?

> « Não, não; por fazer o bem, queremos dizer ser caridoso. Aquele que calcula o que cada boa ação pode lhe render na vida futura, assim como na vida terrena, age como egoísta; mas não há nenhum egoísmo em melhorar a si mesmo para se aproximar de Deus, pois esse é o objetivo para o qual todos devem se dirigir. »

898. **Já que a vida corporal é apenas uma permanência temporária neste mundo, e que nosso futuro deve ser nossa principal preocupação, é útil se esforçar para adquirir conhecimentos científicos que dizem respeito apenas às coisas e às necessidades materiais?**

> « Sem dúvida; primeiro, isso permite que vocês aliviem seus irmãos; depois, seu Espírito se elevará mais depressa se já tiver progredido em inteligência; no intervalo entre as encarnações, vocês aprenderão em uma hora o que lhes exigiria anos na Terra. Nenhum conhecimento é inútil; todos contribuem mais ou menos para o progresso, porque o Espírito perfeito deve saber tudo e, como o progresso deve se realizar em todos os sentidos, todas as ideias adquiridas ajudam no desenvolvimento do Espírito. »

899. **De dois homens ricos, um nasceu na opulência e nunca conheceu a necessidade; o outro deve sua fortuna ao próprio trabalho; ambos a empregam exclusivamente na satisfação pessoal; qual é o mais culpado?**

> « Aquele que conheceu os sofrimentos; ele sabe o que é sofrer; conhece a dor que não alivia, mas, para seu próprio mal, muitas vezes já não se lembra dela. »

900. **Aquele que acumula sem parar e sem fazer o bem a ninguém encontra uma desculpa válida no pensamento de que junta bens para deixar mais aos herdeiros?**

> « É um acordo com a consciência culpada. »

901. **De dois avarentos, o primeiro nega a si mesmo o necessário e morre de privação sobre seu tesouro; o segundo só é avarento com os outros: é pródigo consigo mesmo; enquanto recua diante do menor sacrifício para prestar um serviço ou fazer algo útil, nenhum gasto lhe pesa para satisfazer seus gostos e suas paixões. Se lhe pedem um favor, está sempre em dificuldades; se quer satisfazer um capricho, sempre tem o suficiente. Qual é o mais culpado, e qual terá a pior posição no mundo dos Espíritos?**

> « Aquele que desfruta: ele é mais egoísta do que avarento; o outro já encontrou uma parte de sua punição. »

902. **É repreensível desejar a riqueza quando isso vem do desejo de fazer o bem?**

> « O sentimento é louvável, sem dúvida, quando é puro; mas esse desejo é sempre de fato desinteressado e não esconde nenhuma segunda intenção pessoal? A primeira pessoa a quem se deseja fazer o bem não é, muitas vezes, a si mesmo? »

903. É uma culpa estudar os defeitos dos outros?

« Se for para criticá-los e divulgá-los, há muita culpa nisso, pois é faltar com a caridade; se for para tirar proveito pessoal disso e evitá-los em si mesmo, pode às vezes ser útil; mas não se deve esquecer que a indulgência com os defeitos dos outros é uma das virtudes compreendidas na caridade. Antes de censurar os outros por suas imperfeições, vejam se não se pode dizer o mesmo de vocês. Procurem, portanto, ter as qualidades opostas aos defeitos que criticam nos outros: é o meio de se tornarem superiores; se censuram alguém por ser avarento, sejam generosos; por ser orgulhoso, sejam humildes e modestos; por ser duro, sejam brandos; por agir com mesquinhez, sejam grandes em todas as suas ações; em uma palavra, ajam de modo que não se possa aplicar a vocês esta palavra de Jesus: Ele vê um cisco no olho do próximo e não vê uma trave no seu. »

904. **É uma culpa investigar as feridas da sociedade e revelá-las?**

> « Isso depende do sentimento que leva a fazê-lo; se o escritor tem em vista apenas provocar escândalo, ele busca uma satisfação pessoal ao apresentar quadros que muitas vezes são mais um mau exemplo do que um bom. O Espírito avalia, mas pode ser punido por esse tipo de prazer que sente ao revelar o mal. »

– Como, nesse caso, julgar a pureza das intenções e a sinceridade do escritor?

> « Isso nem sempre é útil; se ele escreve coisas boas, tirem proveito delas; se age mal, é uma questão de consciência que diz respeito a ele. Além disso, se faz questão de provar sua sinceridade, cabe a ele apoiar o preceito com seu próprio exemplo. »

905. **Certos autores publicaram obras muito belas e muito morais que ajudam no progresso da humanidade, mas das quais eles mesmos pouco aproveitaram; como Espíritos, o bem que suas obras fizeram é levado em conta a seu favor?**

> « A moral sem as ações é a semente sem o trabalho. De que serve a semente se vocês não a fazem frutificar para se alimentar? Esses homens são mais culpados, porque tinham inteligência para compreender; ao não praticarem as máximas que davam aos outros, renunciaram a colher seus frutos. »

906. **Aquele que age bem é repreensível por ter consciência disso e por reconhecê-lo para si mesmo?**

> « Já que pode ter consciência do mal que faz, deve também ter consciência do bem, a fim de saber se age bem ou mal. É pesando todas as suas ações na balança da lei de Deus, e sobretudo na da lei de justiça, de amor e de caridade, que poderá dizer a si mesmo se elas são boas ou más, aprová-las ou desaprová-las. Por conseguinte, não pode ser repreensível reconhecer que triunfou sobre as más tendências e ficar satisfeito com isso, desde que não tire daí motivo de vaidade, pois então cairia em outro defeito. » (919).

Das paixões

907. **Já que o princípio das paixões está na natureza, ele é mau em si mesmo?**

> « Não; a paixão está no excesso unido à vontade, pois o princípio foi dado ao homem para o bem, e elas podem levá-lo a grandes coisas; é o abuso que ele faz delas que causa o mal. »

908. Como definir o limite em que as paixões deixam de ser boas ou más?

> « As paixões são como um cavalo que é útil quando é dominado e perigoso quando é ele que domina. Reconheçam, portanto, que uma paixão se torna perniciosa a partir do momento em que vocês deixam de poder governá-la e ela resulta em algum prejuízo para vocês ou para os outros. »

As paixões são alavancas que multiplicam por dez as forças do homem e o ajudam a cumprir os desígnios da Providência; mas, se, em vez de dirigi-las, o homem se deixa dirigir por elas, cai nos excessos, e a própria força que, em suas mãos, poderia fazer o bem volta-se contra ele e o esmaga. Todas as paixões têm seu princípio em um sentimento ou em uma necessidade natural. O princípio das paixões, portanto, não é um mal, pois se apoia em uma das condições providenciais de nossa existência. A paixão, propriamente dita, é o exagero de uma necessidade ou de um sentimento; ela está no excesso, e não na causa; e esse excesso se torna um mal quando tem como consequência algum mal. Toda paixão que aproxima o homem da natureza animal o afasta da natureza espiritual. Todo sentimento que eleva o homem acima da natureza animal anuncia a predominância do Espírito sobre a matéria e o aproxima da perfeição.

909. O homem poderia sempre vencer suas más inclinações por seus esforços?

> « Sim, e às vezes com pouco esforço; é a vontade que lhe falta. Ah! Como são poucos os que se esforçam entre vocês! »

910. O homem pode encontrar nos Espíritos uma ajuda eficaz para superar suas paixões?

> « Se orar a Deus e ao seu bom gênio com sinceridade, os bons Espíritos certamente virão em seu auxílio, pois essa é a missão deles. » (459).

911. **Não há paixões tão intensas e irresistíveis que a vontade é impotente para superá-las?**

> « Há muitas pessoas que dizem: Eu quero, mas a vontade está apenas nos lábios; elas querem, e ficam muito satisfeitas que isso não aconteça. Quando alguém acredita que não pode vencer suas paixões, é porque o Espírito se compraz nelas em razão de sua inferioridade. Aquele que procura reprimi-las compreende sua natureza espiritual; vencê-las é, para ele, um triunfo do Espírito sobre a matéria. »

912. **Qual é o meio mais eficaz de combater a predominância da natureza corporal?**

> « Renunciar a si mesmo. »

Do egoísmo

913. **Entre os vícios, qual pode ser considerado a raiz dos demais?**

> « Já dissemos muitas vezes: é o egoísmo; dele deriva todo o mal. Estudem todos os vícios e verão que, no fundo de todos eles, há egoísmo; por mais que os combatam, não conseguirão extirpá-los enquanto não tiverem atacado o mal em sua raiz, enquanto não tiverem destruído a causa. Que todos os seus esforços se voltem, portanto, para esse objetivo, pois aí está a verdadeira chaga da sociedade. Quem quiser se aproximar da perfeição moral, já nesta vida, deve extirpar de seu coração todo sentimento de egoísmo, pois o egoísmo é incompatível com a justiça, o amor e a caridade: ele neutraliza todas as outras qualidades. »

914. **Como o egoísmo se baseia no sentimento do interesse pessoal, parece muito difícil extirpá-lo completamente do coração do homem; será possível conseguir isso?**

> « À medida que os homens se esclarecem sobre as coisas espirituais, dão menos valor às coisas materiais; além disso, é preciso reformar as instituições humanas que o alimentam e estimulam. Isso depende da educação. »

915. **Sendo o egoísmo inerente à espécie humana, ele não será sempre um obstáculo ao reinado do bem absoluto na Terra?**

> « É certo que o egoísmo é o maior mal de vocês, mas ele está ligado à inferioridade dos Espíritos encarnados na Terra, e não à humanidade em si mesma; ora, os Espíritos, ao se purificarem por meio de encarnações sucessivas, perdem o egoísmo assim como perdem suas outras impurezas. Não há na Terra nenhum homem livre de egoísmo e que pratique a caridade? Há mais do que vocês pensam, mas vocês pouco os conhecem, porque a virtude não procura o brilho da exposição pública; se há um, por que não haveria dez; se há dez, por que não haveria mil, e assim por diante? »

916. **O egoísmo, longe de diminuir, cresce com a civilização, que parece estimulá-lo e alimentá-lo; como a causa poderá destruir o efeito?**

> « Quanto maior é o mal, mais repugnante ele se torna; era preciso que o egoísmo causasse muito mal para fazer compreender a necessidade de extirpá-lo. Quando os homens se livrarem do egoísmo que os domina, viverão como irmãos, sem fazer mal uns aos outros, ajudando-se mutuamente pelo sentimento comum de solidariedade; então o forte será o apoio, e não o opressor do fraco, e não se verão mais homens privados do necessário, porque todos praticarão a lei de justiça. É o reinado do bem que os Espíritos têm a missão de preparar. » (784).

917. Qual é o meio de destruir o egoísmo?

« De todas as imperfeições humanas, a mais difícil de arrancar pela raiz é o egoísmo, porque ele está ligado à influência da matéria, da qual o homem, ainda muito próximo de sua origem, não conseguiu se libertar, e tudo contribui para manter essa influência: suas leis, sua organização social, sua educação. O egoísmo se enfraquecerá com a predominância da vida moral sobre a vida material, e sobretudo com a compreensão que o espiritismo lhes dá de seu verdadeiro estado futuro, sem a distorção das ficções alegóricas; o espiritismo bem compreendido, quando estiver integrado aos costumes e às crenças, transformará os hábitos, os usos e as relações sociais. O egoísmo se baseia na importância da personalidade; ora, o espiritismo bem compreendido, repito, faz ver as coisas de um ponto de vista tão elevado que o sentimento da personalidade desaparece, de certo modo, diante da imensidão. Ao destruir essa importância, ou ao menos ao mostrá-la como ela é, ele combate necessariamente o egoísmo.

« É o sofrimento que o egoísmo dos outros causa ao homem que muitas vezes o torna egoísta também, porque ele sente a necessidade de se manter na defensiva. Ao ver que os outros pensam em si mesmos, e não nele, é levado a se ocupar mais de si do que dos outros. Que o princípio da caridade e da fraternidade seja a base das instituições sociais, das relações legais entre os povos e entre os homens, e o homem pensará menos em si mesmo quando vir que outros pensaram nele; ele receberá a influência moralizadora do exemplo e do convívio. Diante dessa onda de egoísmo, é preciso uma verdadeira virtude para renunciar à própria personalidade em benefício dos outros, que muitas vezes não demonstram nenhuma gratidão por isso; é sobretudo aos que pos-

> suem essa virtude que o reino dos céus está aberto; é sobretudo a eles que está reservada a felicidade dos eleitos, pois eu lhes digo, em verdade, que, no dia da justiça, quem tiver pensado apenas em si será deixado de lado e sofrerá com seu abandono. » (785).

Sem dúvida, fazem-se esforços louváveis para fazer a humanidade avançar; incentivam-se, estimulam-se e honram-se os bons sentimentos mais do que em qualquer outra época, e, no entanto, o verme roedor do egoísmo continua sendo a chaga social. É um mal real que atinge a todos, do qual cada um é vítima em maior ou menor grau; é preciso, portanto, combatê-lo como se combate uma doença epidêmica. Para isso, é preciso proceder como os médicos: chegar à origem. Procurem-se, portanto, em todas as partes da organização social, desde a família até os povos, desde a cabana até o palácio, todas as causas, todas as influências evidentes ou ocultas que estimulam, alimentam e desenvolvem o sentimento do egoísmo; uma vez conhecidas as causas, o remédio se apresentará por si mesmo; bastará então combatê-las, se não todas de uma vez, ao menos em parte, e pouco a pouco o veneno será extirpado. A cura poderá ser demorada, pois as causas são numerosas, mas não é impossível. Aliás, só se conseguirá isso atacando o mal em sua raiz, isto é, pela educação; não a educação que procura formar homens instruídos, mas aquela que procura formar homens de bem. A educação, se for bem compreendida, é a chave do progresso moral; quando se conhecer a arte de trabalhar o caráter como se conhece a de trabalhar a inteligência, será possível endireitá-lo como se endireitam plantas jovens; mas essa arte exige muito tato, muita experiência e uma observação profunda; é um grave erro acreditar que basta ter conhecimento para exercê-la com bons resultados. Quem acompanha tanto a criança rica quanto a pobre desde o instante de seu nascimento e observa todas as influências perniciosas que agem sobre ela em razão da fraqueza, do descuido e da ignorância daqueles que a orientam, e quantas vezes os meios empregados para educá-la moralmente falham, não pode se surpreender ao encontrar tantos defeitos no mundo. Que se faça pela formação moral tanto quanto se faz pela inteli-

gência, e se verá que, embora haja naturezas resistentes, há mais do que se pensa que precisam apenas de um bom cultivo para dar bons frutos. (872). O homem quer ser feliz, esse sentimento está na natureza; é por isso que trabalha sem cessar para melhorar sua situação na Terra; procura as causas de seus males para remediá-los. Quando compreender bem que o egoísmo é uma dessas causas, aquela que gera o orgulho, a ambição, a cobiça, a inveja, o ódio, o ciúme, que a todo instante o ferem, que leva a perturbação a todas as relações sociais, provoca desavenças, destrói a confiança, obriga a se manter constantemente na defensiva diante do próximo, aquela, enfim, que transforma o amigo em inimigo, então compreenderá também que esse vício é incompatível com sua própria felicidade; acrescentamos até: com sua própria segurança; quanto mais tiver sofrido com ele, mais sentirá a necessidade de combatê-lo, como combate a peste, os animais nocivos e todos os outros flagelos; seu próprio interesse o levará a isso. (784). O egoísmo é a fonte de todos os vícios, assim como a caridade é a fonte de todas as virtudes; destruir um e desenvolver a outra: esse deve ser o objetivo de todos os esforços do homem, se quiser garantir sua felicidade tanto neste mundo quanto no futuro.

Características do homem de bem

918. Por quais sinais se pode reconhecer em um homem o progresso real que deve elevar seu Espírito na hierarquia espírita?

> « O Espírito demonstra sua elevação quando todos os atos de sua vida corporal são a prática da lei de Deus e quando compreende antecipadamente a vida espiritual. »

O verdadeiro homem de bem é aquele que pratica a lei de justiça, de amor e de caridade em sua maior pureza. Se interrogar sua consciência sobre os atos realizados, perguntará a si mesmo se não violou essa lei; se não fez o mal; se fez todo o bem que pôde; se ninguém teve motivos para se queixar dele; enfim, se fez aos outros tudo o que teria desejado que fizessem por ele. O homem imbuído do sentimento de caridade e de amor ao próximo faz o bem pelo bem, sem esperar nada em troca, e sacrifica seu interesse à justiça. É bom, humano e benevolente com todos, porque vê irmãos em todos os homens, sem distinção de raças nem de crenças. Se Deus lhe deu poder e riqueza, considera essas coisas um depósito que deve usar para o bem; não se envaidece delas, pois sabe que Deus, que as deu a ele, pode retirá-las. Se a ordem social colocou homens sob sua dependência, trata-os com bondade e benevolência, porque são seus iguais diante de Deus; usa sua autoridade para elevar-lhes o ânimo, e não para esmagá-los com seu orgulho. É indulgente com as fraquezas dos outros, porque sabe que ele próprio precisa de indulgência e se lembra destas palavras do Cristo: Aquele que estiver sem pecado atire nele a primeira pedra. Não é vingativo: a exemplo de Jesus, perdoa as ofensas para se lembrar apenas dos benefícios, pois sabe que será perdoado assim como ele próprio tiver perdoado. Respeita, enfim, em seus semelhantes, todos os direitos que as leis da natureza concedem, assim como gostaria que fossem respeitados em relação a ele.

Conhecimento de si mesmo

919. Qual é o meio prático mais eficaz para melhorar nesta vida e resistir ao impulso do mal?

> « Um sábio da Antiguidade já lhes disse: Conheça a si mesmo. »

– Compreendemos toda a sabedoria dessa máxima, mas a dificuldade está precisamente em conhecer a si mesmo; qual é o meio de conseguir isso?

> « Façam o que eu mesmo fazia quando vivia na Terra: ao fim do dia, interrogava minha consciência, passava em revista o que havia feito e me perguntava se não havia faltado a algum dever; se ninguém havia tido motivos para se queixar de mim. Foi assim que consegui conhecer a mim mesmo e ver o que havia em mim a reformar. Aquele que, a cada noite, recordasse todas as suas ações do dia e se perguntasse o que fez de bem ou de mal, pedindo a Deus e a seu anjo da guarda que o esclarecessem, adquiriria uma grande força para se aperfeiçoar, pois, acreditem em mim, Deus o ajudará. Portanto, façam perguntas a si mesmos e se perguntem o que fizeram e com que objetivo agiram em determinada circunstância; se fizeram algo que censurariam nos outros; se praticaram uma ação que não ousariam confessar. Perguntem-se ainda isto: Se Deus quisesse me chamar de volta neste momento, ao retornar ao mundo dos Espíritos, onde nada fica escondido, eu teria de temer encontrar alguém? Examinem o que podem ter feito contra Deus, depois contra o próximo e, por fim, contra si mesmos. As respostas trarão tranquilidade à consciência de vocês ou indicarão um mal que precisa ser curado.
>
> « O conhecimento de si mesmo é, portanto, a chave do aperfeiçoamento individual; mas, vocês dirão, como julgar a si mesmo? Não

existe a ilusão do amor-próprio, que diminui as faltas e leva a desculpá-las? O avarento se considera simplesmente econômico e previdente; o orgulhoso acredita ter apenas dignidade. Isso é bem verdade, mas vocês têm um meio de verificação que não pode enganá-los. Quando estiverem indecisos sobre o valor de uma de suas ações, perguntem-se como a classificariam se tivesse sido praticada por outra pessoa; se a censuram nos outros, ela não pode ser mais legítima em vocês, pois Deus não tem duas medidas para a justiça. Procurem também saber o que os outros pensam a respeito e não desprezem a opinião de seus inimigos, pois eles não têm nenhum interesse em disfarçar a verdade, e muitas vezes Deus os coloca ao lado de vocês como um espelho, para adverti-los com mais franqueza do que faria um amigo. Portanto, aquele que tem a vontade sincera de melhorar examine sua consciência para arrancar dela as más inclinações, assim como arranca as ervas daninhas de seu jardim; faça o balanço moral de seu dia, como o comerciante faz o de suas perdas e lucros, e eu lhes asseguro que o primeiro lhe renderá mais do que o segundo. Se puder dizer a si mesmo que seu dia foi bom, poderá dormir em paz e esperar sem medo o despertar de outra vida.

« Por conseguinte, façam a si mesmos perguntas claras e precisas e não tenham receio de multiplicá-las: bem se podem dedicar alguns minutos para conquistar uma felicidade eterna. Vocês não trabalham todos os dias para juntar o suficiente para lhes proporcionar descanso na velhice? Esse descanso não é o objeto de todos os seus desejos, o objetivo que os faz suportar fadigas e privações passageiras? Pois bem! O que é esse descanso de alguns dias, perturbado pelas enfermidades do corpo, ao lado daquele que espera o homem de bem? Isso não vale alguns es-

> forços? Sei que muitos dizem que o presente é concreto e o futuro, incerto; ora, é precisamente esse pensamento que temos a missão de destruir em vocês, pois queremos fazê-los compreender esse futuro de modo que não possa deixar nenhuma dúvida em sua alma; por isso, primeiro chamamos sua atenção por meio de fenômenos capazes de impressionar seus sentidos, depois lhes damos instruções que cada um de vocês tem a missão de divulgar. Foi com esse objetivo que ditamos O Livro dos Espíritos. »

Muitas faltas que cometemos passam despercebidas por nós; se, de fato, seguindo o conselho de Santo Agostinho, interrogássemos mais vezes nossa consciência, veríamos quantas vezes falhamos sem perceber, por não examinarmos a natureza e o motivo de nossos atos.

A forma interrogativa tem algo de mais preciso do que uma máxima que muitas vezes não aplicamos a nós mesmos. Ela exige respostas categóricas, por sim ou por não, que não deixam alternativa; são outros tantos argumentos pessoais, e pela soma das respostas podemos calcular a soma do bem e do mal que há em nós.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO IV, CAP. I — PENAS E ALEGRIAS TERRENAS

✦

Felicidade e infelicidade relativas

920. O homem pode desfrutar na Terra de uma felicidade completa?

> « Não, pois a vida lhe foi dada como prova ou expiação; mas depende dele amenizar seus males e ser tão feliz quanto se pode ser na Terra. »

921. Compreende-se que o homem será feliz na Terra quando a humanidade tiver sido transformada; mas, enquanto isso, cada um pode garantir para si uma felicidade relativa?

> « O homem é, na maioria das vezes, o causador de sua própria infelicidade. Praticando a lei de Deus, ele se poupa de muitos males e obtém uma felicidade tão grande quanto sua existência grosseira permite. »

O homem que está profundamente consciente de seu destino futuro vê na vida corporal apenas uma passagem temporária. Para ele, é uma breve parada numa hospedaria ruim; consola-se facilmente com alguns incômodos passageiros de uma viagem que deve conduzi-lo a uma condição tanto melhor quanto melhor tiver se preparado de antemão. Somos punidos já nesta vida pela infração às leis da existência corporal, por meio dos males que resultam dessa infração e de nossos próprios excessos. Se remontarmos, passo a passo, à origem do que chamamos de nossas infelicidades terrenas, veremos que elas são, em sua maioria, a consequência de um primeiro desvio do caminho certo. Por esse desvio, entramos num caminho ruim e, de consequência em consequência, caímos na infelicidade.

922. **A felicidade terrena é relativa à condição de cada um; o que basta para a felicidade de um causa a infelicidade de outro. Existe, porém, uma medida de felicidade comum a todos os homens?**

> « Para a vida material, é a posse do necessário; para a vida moral: a consciência tranquila e a fé no futuro. »

923. **O que seria supérfluo para um não se torna necessário para outros, e vice-versa, conforme a condição de cada um?**

> « Sim, segundo suas ideias materiais, seus preconceitos, sua ambição e todos os seus defeitos ridículos, aos quais o futuro fará justiça quando vocês compreenderem a verdade. Sem dúvida, aquele que tinha cinquenta mil libras de renda e se vê reduzido a dez se julga muito infeliz, porque já não pode ostentar tanto, manter o que chama de sua posição, ter cavalos, criados, satisfazer todas as suas paixões etc. Acredita que lhe falta o necessário; mas, francamente, você acha mesmo que ele merece pena, quando ao seu lado há pessoas que morrem de fome e de frio e não têm um abrigo onde repousar a cabeça? O sábio, para ser feliz, olha para baixo de si, e nunca para cima, a não ser para elevar sua alma ao infinito. » (715).

924. **Há males que independem da maneira de agir e que atingem o homem mais justo; ele não tem nenhum meio de se preservar deles?**

> « Nesse caso, deve resignar-se e suportá-los sem reclamar, se quiser progredir; mas sempre encontra consolo em sua consciência, que lhe dá a esperança de um futuro melhor, se fizer o necessário para alcançá-lo. »

925. **Por que Deus favorece com os dons da fortuna certos homens que não parecem merecê-los?**

> « É um favor aos olhos daqueles que só veem o presente; mas saiba bem que a fortuna é uma prova muitas vezes mais perigosa que a miséria. » (814 e seguintes).

926. **A civilização, ao criar novas necessidades, não é a fonte de novas aflições?**

> « Os males deste mundo são proporcionais às necessidades artificiais que vocês criam. Aquele que sabe limitar seus desejos e vê sem inveja o que está acima de si poupa-se de muitas decepções nesta vida. O mais rico é aquele que tem menos necessidades.
> Vocês invejam os prazeres daqueles que lhes parecem os felizes do mundo; mas sabem o que lhes está reservado? Se desfrutam apenas para si, são egoístas; então virá a reviravolta. Tenham antes pena deles. Deus às vezes permite que o mau prospere, mas sua felicidade não é de se invejar, pois ele a pagará com lágrimas amargas. Se o justo é infeliz, trata-se de uma prova que será levada em conta a seu favor, se ele a suportar com coragem. Lembrem-se destas palavras de Jesus: Felizes os que sofrem, pois serão consolados. »

927. **O supérfluo certamente não é indispensável à felicidade, mas o mesmo não acontece com o necessário; ora, a infelicidade daqueles que estão privados desse necessário não é real?**

> « O homem só é verdadeiramente infeliz quando sofre com a falta do que é necessário à vida e à saúde do corpo. Essa privação talvez seja culpa sua; nesse caso, só deve culpar a si mesmo; se for culpa de outra pessoa, a responsabilidade recai sobre quem a causou. »

928. **Pela natureza específica das aptidões naturais, Deus indica claramente nossa vocação neste mundo. Muitos males não vêm do fato de não seguirmos essa vocação?**

> « É verdade, e muitas vezes são os pais que, por orgulho ou avareza, tiram seus filhos do caminho traçado pela natureza e, com esse desvio, comprometem sua felicidade; serão responsáveis por isso. »

– Assim, vocês achariam justo que o filho de um homem de posição elevada no mundo fabricasse tamancos, por exemplo, se tivesse aptidão para esse ofício?

> « Não se deve cair no absurdo, nem exagerar em nada: a civilização tem suas necessidades. Por que o filho de um homem de posição elevada, como você diz, fabricaria tamancos, se pode fazer outra coisa? Ele sempre poderá ser útil na medida de suas capacidades, desde que elas não sejam empregadas de maneira contrária à sua natureza. Assim, por exemplo, em vez de um mau advogado, talvez pudesse ser um bom mecânico etc. »

Colocar os homens fora de sua esfera intelectual é, sem dúvida, uma das causas mais frequentes de decepção. A falta de aptidão para a carreira escolhida é uma fonte inesgotável de fracassos; depois, o amor-próprio, somando-se a isso, impede o homem que fracassou de buscar um recurso numa profissão mais humilde e lhe apresenta o suicídio como remédio para escapar ao que ele considera uma humilhação.

Se uma educação moral o tivesse elevado acima dos tolos preconceitos do orgulho, ele nunca seria pego desprevenido.

929. **Há pessoas que, sem recurso algum, mesmo quando a abundância reina ao seu redor, só têm a morte em perspectiva; que decisão devem tomar? Devem deixar-se morrer de fome?**

> « Nunca se deve ter a ideia de se deixar morrer de fome; sempre se encontraria um meio de se alimentar, se o orgulho não se interpusesse entre a necessidade e o trabalho. Costuma-se dizer: Não há ofício indigno; não é a profissão que desonra; dizem isso para os outros, e não para si mesmos. »

930. **É evidente que, sem os preconceitos sociais pelos quais nos deixamos dominar, sempre encontraríamos algum trabalho que pudesse ajudar a viver, ainda que fosse preciso descer de posição; mas, entre as pessoas que não têm preconceitos, ou que os deixam de lado, há aquelas que se veem impossibilitadas de atender às próprias necessidades, em consequência de doenças ou de outras causas independentes de sua vontade.**

> « Numa sociedade organizada segundo a lei do Cristo, ninguém deve morrer de fome. »

Com uma organização social sábia e previdente, o homem só pode ficar sem o necessário por sua própria culpa; mas suas próprias faltas são muitas vezes o resultado do meio em que se encontra. Quando o homem praticar a lei de Deus, terá uma ordem social fundada na justiça e na solidariedade, e ele próprio também será melhor. (793).

931. **Por que, na sociedade, as classes que sofrem são mais numerosas que as classes felizes?**

> « Nenhuma é perfeitamente feliz, e o que se acredita ser felicidade muitas vezes esconde tristezas profundas; o sofrimento está em toda parte. Contudo, para responder ao seu pensamento, direi que as classes que você chama de sofredoras são mais numerosas porque a Terra é um lugar de expiação. Quando o homem tiver feito dela a morada do bem e dos bons Espíritos, já não será infeliz nela, e ela será para ele o paraíso terrestre. »

932. **Por que, no mundo, os maus superam tão frequentemente os bons em influência?**

> « É pela fraqueza dos bons; os maus são intrigantes e audaciosos, os bons são tímidos; quando estes quiserem, terão a vantagem. »

933. **Se o homem é muitas vezes o causador de seus sofrimentos materiais, o mesmo acontece com os sofrimentos morais?**

> « Mais ainda, pois os sofrimentos materiais às vezes independem da vontade; mas o orgulho ferido, a ambição frustrada, a ansiedade da avareza, a inveja, o ciúme, todas as paixões, numa palavra, são torturas da alma.
>
> A inveja e o ciúme! Felizes aqueles que não conhecem esses dois vermes roedores! Com a inveja e o ciúme, não há calma nem repouso possível para quem é atingido por esse mal: os objetos de sua cobiça, de seu ódio, de seu despeito erguem-se diante dele como fantasmas que não lhe dão trégua e o perseguem até durante o sono. O invejoso e o ciumento vivem num estado de febre contínua. Será essa, então, uma situação desejável? E vocês não compreendem que, com suas paixões, o homem cria para si suplícios voluntários, e que a Terra se torna para ele um verdadeiro inferno? »

Várias expressões retratam com força os efeitos de certas paixões; diz-se: estar cheio de orgulho, morrer de inveja, consumir-se de ciúme ou de despeito, perder a vontade de comer e beber por isso etc.; esse quadro é mais que verdadeiro. Às vezes, o ciúme nem sequer tem um objeto determinado. Há pessoas que, por natureza, têm ciúme de tudo o que se eleva, de tudo o que sai do comum, mesmo quando não têm nisso nenhum interesse direto, mas unicamente porque não conseguem alcançar o mesmo; tudo o que parece acima do horizonte as incomoda, e, se fossem a maioria na sociedade, gostariam de reduzir tudo ao seu nível. É o ciúme unido à mediocridade. Muitas vezes, o homem só é infeliz pela importância que dá às coisas deste mundo; são a vaidade, a ambição e a cobiça frustradas que causam sua infelicidade. Se ele se coloca acima do círculo estreito da vida material, se eleva seus pensamentos ao infinito, que é seu destino, as vicissitudes da hu-

manidade então lhe parecem mesquinhas e pueris, como as tristezas da criança que se aflige com a perda de um brinquedo no qual encontrava sua felicidade suprema. Aquele que só vê felicidade na satisfação do orgulho e dos apetites grosseiros é infeliz quando não pode satisfazê-los, enquanto aquele que nada exige do supérfluo é feliz com o que outros consideram calamidades. Falamos do homem civilizado, pois o selvagem, tendo necessidades mais limitadas, não tem os mesmos motivos de cobiça e angústia: sua maneira de ver as coisas é inteiramente diferente. No estado de civilização, o homem reflete sobre sua infelicidade e a analisa; por isso é mais afetado por ela; mas também pode refletir sobre os meios de consolação e analisá-los. Esse consolo, ele o encontra no sentimento cristão, que lhe dá a esperança de um futuro melhor, e no espiritismo, que lhe dá a certeza desse futuro.

Perda das pessoas amadas

934. A perda das pessoas que nos são queridas não é uma daquelas que nos causam uma tristeza tanto mais legítima por ser essa perda irreparável e independente de nossa vontade?

> « Essa causa de tristeza atinge tanto o rico quanto o pobre: é uma prova ou expiação, e a lei comum; mas é um consolo poder comunicar-se com seus amigos pelos meios de que vocês dispõem, enquanto esperam ter outros mais diretos e mais acessíveis aos seus sentidos. »

935. O que pensar da opinião das pessoas que consideram as comunicações de além-túmulo uma profanação?

> « Não pode haver profanação quando há recolhimento e quando a evocação é feita com respeito e decoro; a prova disso é que os Espíritos que têm afeição por vocês vêm com prazer; ficam felizes por serem lembrados e por conversar com vocês; haveria profanação se isso fosse feito com leviandade. »

A possibilidade de entrar em comunicação com os Espíritos é uma consolação muito doce, pois nos proporciona o meio de conversar com nossos parentes e amigos que deixaram a Terra antes de nós.

Pela evocação, nós os aproximamos de nós; eles estão ao nosso lado, nos ouvem e nos respondem; por assim dizer, já não há separação entre eles e nós. Eles nos ajudam com seus conselhos, demonstram sua afeição e a satisfação que sentem por serem lembrados por nós.

É uma satisfação para nós saber que são felizes, conhecer por eles mesmos os detalhes de sua nova existência e adquirir a certeza de nos reunirmos a eles quando chegar a nossa vez.

936. **Como as dores inconsoláveis dos que ficaram afetam os Espíritos a quem elas se dirigem?**

> « O Espírito é sensível à lembrança e à saudade daqueles que amou, mas uma dor incessante e sem razão o afeta penosamente, porque ele vê, nessa dor excessiva, uma falta de fé no futuro e de confiança em Deus e, por consequência, um obstáculo ao progresso e talvez ao reencontro. »

Como o Espírito é mais feliz do que na Terra, lamentar por ele a vida que deixou é lamentar que seja feliz. Dois amigos estão presos e trancados na mesma masmorra; os dois devem um dia ter sua liberdade, mas um deles a obtém antes do outro.

Seria caridoso da parte daquele que fica se aborrecer porque seu amigo foi libertado antes dele? Não haveria mais egoísmo do que afeição de sua parte em querer que ele compartilhasse seu cativeiro e seus sofrimentos por tanto tempo quanto ele?

O mesmo acontece com dois seres que se amam na Terra; aquele que parte primeiro é o primeiro a ser libertado, e devemos felicitá-lo por isso, esperando com paciência o momento em que seremos libertados por nossa vez.

Faremos outra comparação sobre esse assunto. Você tem um amigo que, junto de você, está numa situação muito penosa; sua saúde ou seu interesse exige que ele vá para outro país, onde estará melhor em todos os aspectos. Por algum tempo ele não estará mais junto de você, mas vocês continuarão sempre a se corresponder: a separação será apenas material. Você ficará aborrecido com seu afastamento, já que é para o bem dele?
A doutrina espírita, pelas provas evidentes que dá da vida futura, da presença ao nosso redor daqueles que amamos, da continuidade de sua afeição e de seu cuidado, pelas relações que nos permite manter com eles, nos

oferece uma consolação suprema numa das causas mais legítimas de dor. Com o espiritismo, não há mais solidão nem abandono; a pessoa mais isolada sempre tem amigos perto de si, com os quais pode conversar. Suportamos com impaciência as tribulações da vida; elas nos parecem tão intoleráveis que não compreendemos como podemos aguentá-las; e, no entanto, se as tivermos suportado com coragem, se tivermos sabido calar nossas queixas, ficaremos satisfeitos com isso quando estivermos fora desta prisão terrestre, assim como o doente que sofre fica satisfeito, quando está curado, por ter se resignado a um tratamento doloroso.

Decepções. Ingratidão. Afeições desfeitas

937. As decepções que a ingratidão e a fragilidade dos laços de amizade nos fazem sentir não são também, para a pessoa de bom coração, uma fonte de amargura?

> « Sim; mas nós ensinamos vocês a ter compaixão dos ingratos e dos amigos infiéis: eles serão mais infelizes do que vocês. A ingratidão é filha do egoísmo, e o egoísta encontrará mais tarde corações insensíveis como ele mesmo foi. Pensem em todos os que fizeram mais bem do que vocês, que tiveram mais mérito do que vocês e foram pagos com ingratidão. Pensem que o próprio Jesus foi ridicularizado e desprezado em vida, tratado como enganador e impostor, e não se admirem de que aconteça o mesmo com vocês. Que o bem que fizeram seja sua recompensa neste mundo, e não deem atenção ao que dizem aqueles que o receberam. A ingratidão é uma prova para sua persistência em fazer o bem; isso será levado em conta a seu favor, e aqueles que não reconheceram seu valor serão punidos tanto mais quanto maior tiver sido sua ingratidão. »

938. **As decepções causadas pela ingratidão não tendem a endurecer o coração e a fechá-lo à sensibilidade?**

> « Isso seria um erro; pois a pessoa de bom coração, como você diz, fica sempre feliz com o bem que faz. Ela sabe que, se não se lembrarem disso nesta vida, vão se lembrar em outra, e que o ingrato sentirá vergonha e remorso. »

– Esse pensamento não impede que seu coração fique ferido; ora, isso não pode fazer nascer nela a ideia de que seria mais feliz se fosse menos sensível?

> « Sim, se preferir a felicidade do egoísta; é uma triste felicidade essa! Que saiba, portanto, que os amigos ingratos que a abandonam não são dignos de sua amizade e que ela se enganou a respeito deles; assim, não deve lamentar sua perda. Mais tarde encontrará outros que saberão compreendê-la melhor. Tenham compaixão daqueles que tratam vocês de uma maneira ruim que não mereceram, pois haverá para eles um triste retorno; mas não se deixem abalar por isso: é o meio de se colocarem acima deles. »

A natureza deu ao ser humano a necessidade de amar e de ser amado. Uma das maiores alegrias que lhe são concedidas na Terra é encontrar corações que tenham afinidade com o seu; assim, ela lhe dá os primeiros frutos da felicidade que lhe está reservada no mundo dos Espíritos perfeitos, onde tudo é amor e benevolência: é uma alegria negada ao egoísta.

Uniões sem afinidade

939. **Já que os Espíritos que têm afinidade são levados a se unir, como acontece que, entre os Espíritos encarnados, muitas vezes a afeição exista apenas de um lado e que o amor mais sincero seja recebido com indiferença e até repulsa? Como, além disso, a afeição mais viva entre dois seres pode se transformar em antipatia e, às vezes, em ódio?**

> « Você não compreende, então, que isso é uma punição, mas que é apenas passageira? Além disso, quantos não há que acreditam amar perdidamente porque julgam apenas pelas aparências e, quando são obrigados a viver com as pessoas, não demoram a reconhecer que se trata apenas de uma paixão material! Não basta se apaixonar por uma pessoa que lhe agrada e em quem você acredita haver belas qualidades; é vivendo realmente com ela que poderá avaliá-la. Quantas também não são essas uniões que, a princípio, parecem destinadas a nunca ter afinidade e em que os dois, depois de se conhecerem e se estudarem bem, acabam se amando com um amor terno e duradouro, porque se apoia na estima! Não se deve esquecer que é o Espírito que ama, e não o corpo, e, quando a ilusão material se dissipa, o Espírito vê a realidade.
>
> Há dois tipos de afeição: a do corpo e a da alma, e muitas vezes se toma uma pela outra. A afeição da alma, quando é pura e tem afinidade, é duradoura; a do corpo é passageira; eis por que muitas vezes aqueles que acreditavam se amar com um amor eterno se odeiam quando a ilusão acaba. »

940. **A falta de afinidade entre os seres destinados a viver juntos não é também uma fonte de desgostos tanto mais amargos por envenenarem toda a existência?**

> « Muito amargos, de fato; mas esse é um dos infortúnios de que vocês são, na maioria das vezes, a primeira causa; antes de tudo, são suas leis que estão erradas, pois você acredita que Deus obriga você a permanecer com aqueles que lhe desagradam? Além disso, nessas uniões, vocês muitas vezes procuram mais a satisfação de seu orgulho e de sua ambição do que a felicidade de uma afeição mútua; sofrem, então, a consequência de seus preconceitos. »

– **Mas, nesse caso, não há quase sempre uma vítima inocente?**

> « Sim, e isso é para ela uma dura expiação; mas a responsabilidade por sua infelicidade recairá sobre aqueles que a tiverem causado. Se a luz da verdade tiver penetrado sua alma, ela encontrará sua consolação na fé no futuro; além disso, à medida que os preconceitos enfraquecerem, as causas desses infortúnios particulares também desaparecerão. »

Temor da morte

941. **O temor da morte é, para muitas pessoas, uma causa de perplexidade; de onde vem esse temor, já que elas têm o futuro diante de si?**

> « É sem razão que têm esse temor; mas o que você quer! Procuram convencê-las, na juventude, de que há um inferno e um paraíso, mas que é mais certo que irão para o inferno, porque lhes dizem que aquilo que está na natureza é um pecado mortal para a alma: então, quando crescem, se têm um pouco de discernimento, não podem admitir isso e se tornam ateias ou materialistas; é assim que as levam a acreditar que, além da vida presente, não há mais nada. Quanto àquelas que persistiram nas crenças da infância, temem esse fogo eterno que deve queimá-las sem aniquilá-las.
>
> A morte não inspira nenhum temor ao justo, porque, com a fé, ele tem a certeza do futuro; a esperança o faz aguardar uma vida melhor, e a caridade, cuja lei praticou, lhe dá a segurança de que não encontrará, no mundo em que vai entrar, nenhum ser cujo olhar tenha de temer. » (730).

O homem carnal, mais ligado à vida corporal do que à vida espiritual, tem, na Terra, sofrimentos e prazeres materiais; sua felicidade está na satisfação passageira de todos os seus desejos. Sua alma, constantemente preocupada e afetada pelas mudanças da vida, vive em ansiedade e tormento perpétuos. A morte o assusta, porque ele duvida de seu futuro e deixa na Terra todas as suas afeições e todas as suas esperanças. O homem moral, que se elevou acima das necessidades artificiais criadas pelas paixões, tem, já neste mundo, alegrias desconhecidas do homem material. A moderação de seus desejos dá a seu Espírito calma e serenidade. Feliz com o bem que faz, para ele não há decepções, e as contrariedades deslizam sobre sua alma sem deixar uma marca dolorosa.

942. **Algumas pessoas não acharão esses conselhos para ser feliz na Terra um pouco banais; não verão neles o que chamam de lugares-comuns, verdades muito repetidas; e não dirão que, afinal, o segredo para ser feliz é saber suportar a própria infelicidade?**

> « Há pessoas que dirão isso, e muitas; mas acontece com elas o mesmo que com certos doentes a quem o médico prescreve uma dieta; gostariam de ser curados sem remédios e continuando a provocar indigestões em si mesmos. »

Desgosto pela vida. Suicídio

943. **De onde vem o desgosto pela vida que se apodera de certos indivíduos, sem motivos plausíveis?**

> « É efeito da ociosidade, da falta de fé e, muitas vezes, da saciedade. Para aquele que exerce suas faculdades com um objetivo útil e de acordo com suas aptidões naturais, o trabalho não tem nada de árido, e a vida passa mais depressa; ele suporta suas mudanças com tanto mais paciência e resignação quanto age tendo em vista a felicidade mais sólida e mais duradoura que o espera. »

944. **O ser humano tem o direito de dispor da própria vida?**

> « Não, só Deus tem esse direito. O suicídio voluntário é uma transgressão dessa lei. »

– **O suicídio não é sempre voluntário?**

> « O louco que se mata não sabe o que faz. »

945. **O que pensar do suicídio que tem como causa o desgosto pela vida?**

> « Insensatos! Por que não trabalhavam? A existência não lhes teria sido um peso! »

946. **O que pensar do suicídio que tem por objetivo escapar às misérias e às decepções deste mundo?**

> « Pobres Espíritos, que não têm coragem de suportar as misérias da existência! Deus ajuda os que sofrem, e não os que não têm força nem coragem. As tribulações da vida são provas ou expiações; felizes os que as suportam sem murmurar, pois serão recompensados por isso! Infelizes, ao contrário, os que esperam sua salvação daquilo que, em sua impiedade, chamam de acaso ou de sorte! O acaso ou a sorte, para usar a linguagem deles, podem de fato favorecê-los por um instante, mas é para lhes fazer sentir mais tarde, e mais cruelmente, o vazio dessas palavras. »

– Aqueles que levaram o infeliz a esse ato de desespero sofrerão as consequências?

> « Oh! Esses, ai deles! Pois responderão por isso como por um assassinato. »

947. **O homem que luta contra a necessidade e se deixa morrer de desespero pode ser considerado suicida?**

> « É um suicídio, mas os que o causam ou que poderiam impedi-lo são mais culpados do que ele, e a indulgência o espera. Contudo, não acreditem que ele seja inteiramente absolvido se lhe faltaram firmeza e perseverança, e se não fez uso de toda a sua inteligência para sair do atoleiro. Ai dele, sobretudo, se seu desespero nasce do orgulho; quero dizer, se é um desses homens em quem o orgulho paralisa os recursos da inteligência, que se envergonhariam de dever sua subsistência ao trabalho das próprias mãos e que preferem morrer de fome a rebaixar o que chamam de sua posição social! Não há 100 vezes mais grandeza e dignidade em lutar contra a adversidade, em enfrentar a crítica de um mundo fútil e egoísta, que só tem boa vontade para com aqueles a quem nada falta e lhes vira as costas assim que vocês precisam dele? Sacrificar a vida pela consideração desse mundo é uma coisa estúpida, pois ele não dá a isso a menor importância. »

948. **O suicídio que tem por objetivo escapar à vergonha de uma má ação é tão repreensível quanto o causado pelo desespero?**

> « O suicídio não apaga a falta; ao contrário, passam a ser duas em vez de uma. Quando se teve coragem de fazer o mal, é preciso ter coragem de sofrer suas consequências. Deus julga e, conforme a causa, pode às vezes diminuir seus rigores. »

949. O suicídio é desculpável quando tem por objetivo impedir que a vergonha recaia sobre os filhos ou a família?

> « Quem age assim não faz o bem, mas acredita fazê-lo, e Deus leva isso em conta, pois é uma expiação que ele impõe a si mesmo. Sua intenção atenua a falta, mas nem por isso ele deixa de cometer uma falta. Ademais, eliminem os abusos de sua sociedade e seus preconceitos, e vocês não terão mais suicídios desse tipo. »

Quem tira a própria vida para escapar à vergonha de uma má ação demonstra que dá mais valor à estima dos homens do que à de Deus, pois vai retornar à vida espiritual carregado de suas iniquidades e tirou de si os meios de repará-las durante a vida. Deus muitas vezes é menos inexorável do que os homens; perdoa o arrependimento sincero e leva em conta a reparação que fazemos; o suicídio não repara nada.

950. O que pensar de quem tira a própria vida na esperança de chegar mais cedo a uma vida melhor?

> « Outra loucura! Que faça o bem, e terá mais certeza de chegar a ela; pois ele retarda sua entrada em um mundo melhor e pedirá, ele mesmo, para vir terminar essa vida que interrompeu por uma ideia falsa. Uma falta, qualquer que seja, jamais abre o santuário dos eleitos. »

951. **O sacrifício da própria vida não é às vezes meritório quando tem por objetivo salvar a vida de outra pessoa ou ser útil aos seus semelhantes?**

> « Isso é sublime, conforme a intenção, e o sacrifício da própria vida não é um suicídio; mas Deus se opõe a um sacrifício inútil e não pode vê-lo com prazer se estiver manchado pelo orgulho. Um sacrifício só é meritório pelo desinteresse, e quem o realiza às vezes tem uma segunda intenção que diminui seu valor aos olhos de Deus. »

Todo sacrifício feito à custa da própria felicidade é um ato extremamente meritório aos olhos de Deus, pois é a prática da lei de caridade. Ora, sendo a vida o bem terreno ao qual o homem dá mais valor, quem renuncia a ela pelo bem de seus semelhantes não comete um atentado: é um sacrifício que realiza. Mas, antes de realizá-lo, deve refletir se sua vida não pode ser mais útil do que sua morte.

952. **O homem que morre vítima do abuso de paixões que sabe que devem apressar seu fim, mas às quais já não tem o poder de resistir, porque o hábito fez delas verdadeiras necessidades físicas, comete um suicídio?**

> « É um suicídio moral. Não compreendem que o homem é duplamente culpado nesse caso? Há nele falta de coragem e bestialidade, além do esquecimento de Deus. »

– Ele é mais ou menos culpado do que aquele que tira a própria vida por desespero?

> « É mais culpado, porque tem tempo de refletir sobre seu suicídio; naquele que o faz num impulso, há às vezes uma espécie de desvario que se aproxima da loucura; o outro será muito mais punido, pois as penas são sempre proporcionais à consciência que se tem das faltas cometidas. »

953. **Quando uma pessoa vê diante de si uma morte inevitável e terrível, é culpada por abreviar em alguns instantes seus sofrimentos por uma morte voluntária?**

> « É sempre culpado quem não espera o término fixado por Deus. Aliás, apesar das aparências, há plena certeza de que esse término chegou? E não se pode receber um socorro inesperado no último momento? »

– Compreende-se que, nas circunstâncias comuns, o suicídio seja repreensível, mas estamos supondo o caso em que a morte é inevitável e a vida é abreviada apenas em alguns instantes?

> « É sempre uma falta de resignação e de submissão à vontade do Criador. »

– Quais são, nesse caso, as consequências dessa ação?

> « Uma expiação proporcional à gravidade da falta, conforme as circunstâncias, como sempre. »

954. **Uma imprudência que põe a vida em risco sem necessidade é repreensível?**

> « Não há culpa quando não há intenção ou consciência clara de fazer o mal. »

955. **As mulheres que, em certos países, se queimam voluntariamente sobre o corpo do marido podem ser consideradas suicidas e sofrem as consequências disso?**

> « Elas obedecem a um preconceito, e muitas vezes mais à força do que à própria vontade. Acreditam cumprir um dever, e esse não é o caráter do suicídio. Sua desculpa está na nulidade moral da maioria delas e em sua ignorância. Esses costumes bárbaros e estúpidos desaparecem com a civilização. »

956. **Aqueles que, não podendo suportar a perda de pessoas queridas, se matam na esperança de ir ao encontro delas alcançam seu objetivo?**

> « O resultado para eles é bem diferente do que esperam e, em vez de se reunirem àqueles a quem amam, afastam-se deles por mais tempo, pois Deus não pode recompensar um ato de covardia e a ofensa que lhe fazem ao duvidar de sua providência. Pagarão esse instante de loucura com sofrimentos maiores do que aqueles que acreditam abreviar e não terão, para compensá-los, a satisfação que esperavam. » (934 e seguintes).

957. Quais são, em geral, as consequências do suicídio sobre o estado do Espírito?

> « As consequências do suicídio são muito diversas; não há penas fixas e, em todos os casos, elas são sempre relativas às causas que o provocaram; mas uma consequência à qual o suicida não pode escapar é a decepção. Além disso, o destino não é o mesmo para todos: depende das circunstâncias; alguns expiam sua falta imediatamente, outros em uma nova existência que será pior do que aquela cujo curso interromperam. »

A observação mostra, de fato, que as consequências do suicídio nem sempre são as mesmas; mas há algumas que são comuns a todos os casos de morte violenta e que resultam da interrupção brusca da vida. Em primeiro lugar, é a persistência mais prolongada e mais tenaz do laço que une o Espírito e o corpo, pois esse laço está quase sempre com toda a sua força no momento em que foi rompido, enquanto na morte natural ele se enfraquece gradualmente e muitas vezes se desfaz antes que a vida esteja completamente extinta. As consequências desse estado de coisas são o prolongamento da perturbação espírita e, depois, a ilusão que, durante um tempo mais ou menos longo, faz o Espírito acreditar que ainda está entre os vivos. (155 e 165) A afinidade que persiste entre o Espírito e o corpo produz, em alguns suicidas, uma espécie de repercussão do estado do corpo sobre o Espírito, que assim sente, contra a própria vontade, os efeitos da decomposição e experimenta uma sensação cheia de angústia e horror; esse estado pode persistir por todo o tempo que deveria ter durado a vida que interromperam. Esse efeito não é geral; mas, em nenhum caso, o suicida fica livre das consequências de sua falta de coragem e, cedo ou tarde, expia sua falta de uma forma ou de outra. Foi assim que certos Espíritos, que tinham sido muito infelizes na Terra, disseram ter se suicidado em sua existência anterior e ter se submetido voluntariamente a novas provas para tentar suportá-las com mais resignação. Em alguns, é uma espécie de

apego à matéria, do qual procuram em vão se libertar para voar em direção a mundos melhores, mas cujo acesso lhes é proibido; na maioria, é o pesar de ter feito uma coisa inútil, pois só experimentam decepção com isso. A religião, a moral e todas as filosofias condenam o suicídio como contrário à lei da natureza; todas nos dizem, em princípio, que não temos o direito de abreviar voluntariamente a própria vida; mas por que não temos esse direito? Por que não somos livres para pôr fim aos nossos sofrimentos? Estava reservado ao espiritismo demonstrar, pelo exemplo daqueles que sucumbiram, que isso não é apenas uma falta por infringir uma lei moral, consideração de pouco peso para certos indivíduos, mas um ato estúpido, já que nada se ganha com ele, longe disso; não é a teoria que ele nos ensina, são os fatos que põe diante de nossos olhos.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO IV, CAP. II — PENAS E PRAZERES FUTUROS

✦

Nada. Vida futura

958. Por que o homem tem instintivamente horror ao nada?

> « Porque o nada não existe. »

959. **De onde vem ao homem o sentimento instintivo da vida futura?**

> « Já dissemos: antes de sua encarnação, o Espírito conhecia todas essas coisas, e a alma guarda uma vaga lembrança do que sabe e do que viu em seu estado espiritual. » (393).

Em todos os tempos, o homem se preocupou com seu futuro além do túmulo, e isso é muito natural. Por mais importância que dê à vida presente, não pode deixar de considerar como ela é curta e, sobretudo, precária, já que pode ser interrompida a qualquer instante e ele nunca tem certeza do amanhã. O que acontece com ele depois do instante fatal? A questão é grave, pois não se trata de alguns anos, mas da eternidade. Quem vai passar longos anos em um país estrangeiro se preocupa com a situação que terá ali; como, então, não nos preocuparíamos com aquela que teremos ao deixar este mundo, já que será para sempre?

A ideia do nada tem algo que repugna à razão. O homem mais despreocupado durante a vida, ao chegar ao momento supremo, pergunta a si mesmo o que será dele e, involuntariamente, tem esperança.

Crer em Deus sem admitir a vida futura seria um contrassenso. O sentimento de uma existência melhor está no íntimo de todos os homens; Deus não pode tê-lo colocado ali em vão.

A vida futura implica a conservação de nossa individualidade depois da morte; de que nos importaria, de fato, sobreviver ao nosso corpo, se nossa essência moral tivesse de se perder no oceano do infinito? As consequências para nós seriam as mesmas que as do nada.

Intuição das penas e dos prazeres futuros

960. **De onde vem a crença, encontrada em todos os povos, em penas e recompensas futuras?**

> « É sempre a mesma coisa: um pressentimento da realidade trazido ao homem pelo Espírito encarnado nele; pois saibam bem que não é em vão que uma voz interior lhes fala; seu erro é não escutá-la o suficiente. Se pensassem nisso com atenção e frequência, vocês se tornariam melhores. »

961. **No momento da morte, qual é o sentimento que predomina na maioria dos homens: a dúvida, o medo ou a esperança?**

> « A dúvida para os céticos endurecidos, o medo para os culpados, a esperança para os homens de bem. »

962. Por que há céticos, já que a alma traz ao homem o sentimento das coisas espirituais?

> « Há menos do que se pensa; muitos se fazem de livres-pensadores durante a vida por orgulho, mas, na hora de morrer, não são tão fanfarrões. »

A consequência da vida futura é a responsabilidade por nossos atos. A razão e a justiça nos dizem que, na distribuição da felicidade a que todo homem aspira, os bons e os maus não podem ser tratados da mesma forma. Deus não pode querer que uns desfrutem sem esforço de bens que outros só alcançam com esforço e perseverança. A ideia que Deus nos dá de sua justiça e de sua bondade pela sabedoria de suas leis não nos permite crer que o justo e o mau estejam no mesmo nível aos seus olhos, nem duvidar de que um dia recebam, um a recompensa, o outro o castigo pelo bem ou pelo mal que tiverem feito; é por isso que o sentimento inato que temos da justiça nos dá a intuição das penas e das recompensas futuras.

Intervenção de Deus nas penas e recompensas

963. Deus se ocupa pessoalmente de cada homem? Ele não é grande demais, e nós pequenos demais, para que cada indivíduo em particular tenha alguma importância aos seus olhos?

> « Deus se ocupa de todos os seres que criou, por menores que sejam; nada é pequeno demais para sua bondade. »

964. **Deus precisa se ocupar de cada um de nossos atos para nos recompensar ou punir, e a maioria desses atos não é insignificante para ele?**

> « Deus tem suas leis que regem todas as suas ações; se vocês as violam, a culpa é de vocês. Sem dúvida, quando um homem comete um excesso, Deus não pronuncia uma sentença contra ele para lhe dizer, por exemplo: Você foi guloso, vou puni-lo; mas ele traçou um limite; as doenças e, muitas vezes, a morte são a consequência dos excessos; essa é a punição: ela é o resultado da infração à lei. É assim em tudo. »

Todas as nossas ações estão sujeitas às leis de Deus; não há nenhuma, por mais insignificante que nos pareça, que não possa ser uma violação delas. Se sofremos as consequências dessa violação, só podemos culpar a nós mesmos, que assim nos tornamos os próprios responsáveis por nossa felicidade ou infelicidade futura. Essa verdade fica clara na seguinte parábola:

> « Um pai deu a seu filho educação e instrução, isto é, os meios de saber como se conduzir. Ele lhe cede um campo para cultivar e lhe diz: Aqui está a regra a seguir e todos os instrumentos necessários para tornar este campo fértil e garantir sua subsistência. Dei a você a instrução para compreender essa regra; se a seguir, seu campo produzirá muito e lhe proporcionará descanso na velhice; caso contrário, ele não produzirá nada e você morrerá de fome. Dito isso, deixa que ele aja como quiser. »

Não é verdade que esse campo produzirá de acordo com os cuidados dados ao cultivo e que toda negligência prejudicará a colheita? O filho será, portanto, feliz ou infeliz na velhice, conforme tenha seguido ou negligenciado a regra traçada por seu pai.

Deus é ainda mais previdente, pois nos avisa a cada instante se fazemos o bem ou o mal: ele nos envia os Espíritos para nos inspirar, mas não os escutamos.

Há ainda esta diferença: Deus sempre dá ao homem um recurso em suas novas existências para reparar seus erros passados, enquanto o filho de quem falamos já não tem nenhum se empregou mal seu tempo.

Natureza das penas e dos prazeres futuros

965. **As penas e os prazeres da alma depois da morte têm algo de material?**

> « Não podem ser materiais, já que a alma não é matéria: o bom senso o diz. Essas penas e esses prazeres não têm nada de carnal e, no entanto, são mil vezes mais intensos do que os que vocês experimentam na Terra, porque o Espírito, uma vez liberto, é mais sensível; a matéria já não atenua suas sensações. » (237 a 257).

966. **Por que o homem faz das penas e dos prazeres da vida futura uma ideia muitas vezes tão grosseira e tão absurda?**

> « Sua inteligência ainda não está suficientemente desenvolvida. A criança compreende como o adulto? Além disso, isso também depende do que lhe ensinaram: é aí que se faz necessária uma reforma.
> « Sua linguagem é incompleta demais para expressar o que está além de vocês; então foi preciso recorrer a comparações, e foram essas imagens e essas figuras que vocês tomaram pela realidade; mas, à medida que o homem se esclarece, seu pensamento compreende as coisas que sua linguagem não consegue expressar. »

967. **Em que consiste a felicidade dos bons Espíritos?**

> « Conhecer todas as coisas; não ter ódio, nem ciúme, nem inveja, nem ambição, nem nenhuma das paixões que causam a infelicidade dos homens. O amor que os une é para eles a fonte de uma felicidade suprema. Eles não sentem as necessidades, os sofrimentos nem as angústias da vida material; são felizes pelo bem que fazem; além disso, a felicidade dos Espíritos é sempre proporcional à sua elevação. Só os Espíritos puros desfrutam, é verdade, da felicidade suprema, mas nem todos os outros são infelizes; entre os maus e os perfeitos, há uma infinidade de graus em que os prazeres correspondem ao estado moral. Os que são suficientemente adiantados compreendem a felicidade dos que chegaram antes deles: aspiram a ela; mas isso é para eles um motivo de estímulo, e não de ciúme; sabem que depende deles alcançá-la e trabalham para esse fim, mas com a calma de uma boa consciência, e são felizes por não terem de sofrer o que os maus suportam. »

968. **Vocês colocam a ausência de necessidades materiais entre as condições de felicidade para os Espíritos; mas a satisfação dessas necessidades não é, para o homem, uma fonte de prazeres?**

> « Sim, os prazeres do animal; e, quando você não consegue satisfazer essas necessidades, é uma tortura. »

969. **O que se deve entender quando se diz que os Espíritos puros estão reunidos no seio de Deus e ocupados em cantar seus louvores?**

> « É uma alegoria que retrata a compreensão que eles têm das perfeições de Deus, porque o veem e o compreendem, mas que não se deve tomar ao pé da letra, assim como muitas outras. Tudo na natureza, desde o grão de areia, canta, isto é, proclama o poder, a sabedoria e a bondade de Deus; mas não creia que os Espíritos bem-aventurados fiquem em contemplação por toda a eternidade; seria uma felicidade estúpida e monótona; seria, além disso, a felicidade do egoísta, já que sua existência seria uma inutilidade sem fim. Eles já não têm as tribulações da existência corporal: isso já é um prazer; e, além disso, como dissemos, conhecem e sabem todas as coisas; aproveitam a inteligência que adquiriram para ajudar no progresso dos outros Espíritos: essa é sua ocupação e, ao mesmo tempo, um prazer. »

970. **Em que consistem os sofrimentos dos Espíritos inferiores?**

> « São tão variados quanto as causas que os produziram e proporcionais ao grau de inferioridade, assim como os prazeres são proporcionais ao grau de superioridade; podem ser resumidos assim: invejar tudo o que lhes falta para serem felizes e não poder obtê-lo; ver a felicidade e não poder alcançá-la; pesar, ciúme, raiva, desespero diante do que os impede de serem felizes; remorso, ansiedade moral indefinível. Eles desejam todos os prazeres e não podem satisfazer esses desejos, e é isso que os tortura. »

971. **A influência que os Espíritos exercem uns sobre os outros é sempre boa?**

> « Sempre boa por parte dos bons Espíritos, é claro; mas os Espíritos perversos procuram desviar do caminho do bem e do arrependimento aqueles que julgam capazes de se deixar arrastar e que muitas vezes arrastaram para o mal durante a vida. »

– **Assim, a morte não nos livra da tentação?**

> « Não, mas a ação dos maus Espíritos é muito menor sobre os outros Espíritos do que sobre os homens, porque eles não têm como auxiliares as paixões materiais. » (996).

972. **Como os maus Espíritos fazem para tentar os outros Espíritos, já que não contam com a ajuda das paixões?**

> « Se as paixões não existem materialmente, ainda existem no pensamento dos Espíritos atrasados; os maus alimentam esses pensamentos levando suas vítimas aos lugares onde elas presenciam essas paixões e tudo o que pode despertá-las. »

– **Mas de que servem essas paixões, já que não têm mais objeto real?**

> « É justamente esse o seu suplício: o avarento vê ouro que não pode possuir; o devasso, orgias das quais não pode participar; o orgulhoso, honras que inveja e das quais não pode desfrutar. »

973. Quais são os maiores sofrimentos que os maus Espíritos podem suportar?

> « Não é possível descrever as torturas morais que são a punição de certos crimes; mesmo aquele que as experimenta teria dificuldade em lhes dar uma ideia delas; mas certamente a mais terrível é o pensamento de estar condenado sem possibilidade de retorno. »

O homem faz das penas e das alegrias da alma após a morte uma ideia mais ou menos elevada, conforme o estado de sua inteligência. Quanto mais ele se desenvolve, mais essa ideia se purifica e se desprende da matéria; ele compreende as coisas de um ponto de vista mais racional e deixa de tomar ao pé da letra as imagens de uma linguagem figurada. A razão mais esclarecida, ao nos ensinar que a alma é um ser inteiramente espiritual, nos diz, por isso mesmo, que ela não pode ser afetada pelas impressões que agem apenas sobre a matéria; mas disso não se conclui que ela esteja livre de sofrimentos, nem que deixe de receber a punição de suas faltas. (237). As comunicações espíritas têm como resultado nos mostrar o estado futuro da alma, já não como uma teoria, mas como uma realidade; elas colocam diante de nossos olhos todas as peripécias da vida além-túmulo; mas, ao mesmo tempo, mostram essas peripécias como consequências perfeitamente lógicas da vida terrestre e, embora estejam livres do aparato fantástico criado pela imaginação dos homens, nem por isso são menos penosas para aqueles que fizeram mau uso de suas faculdades. A diversidade dessas consequências é infinita; mas pode-se dizer, de modo geral: cada um é punido por aquilo em que pecou; é assim que uns são punidos pela visão incessante do mal que fizeram; outros, pelos pesares, pelo medo, pela vergonha, pela dúvida, pelo isolamento, pelas trevas, pela separação dos seres que lhes são queridos, etc.

974. **De onde vem a doutrina do fogo eterno?**

> « É uma imagem, como tantas outras coisas, tomada pela realidade. »

– **Mas esse medo não pode ter um bom resultado?**

> « Veja se ele contém muitos, mesmo entre os que o ensinam. Se vocês ensinam coisas que a razão mais tarde rejeita, produzirão uma impressão que não será duradoura nem benéfica. »

O homem, incapaz de expressar, por sua linguagem, a natureza desses sofrimentos, não encontrou comparação mais forte que a do fogo, pois, para ele, o fogo é o modelo do mais cruel suplício e o símbolo da ação mais intensa; é por isso que a crença no fogo eterno remonta à mais remota antiguidade, e os povos modernos a herdaram dos povos antigos; é também por isso que, em sua linguagem figurada, ele diz: o fogo das paixões; arder de amor, de ciúme, etc.

975. **Os Espíritos inferiores compreendem a felicidade do justo?**

> « Sim, e é isso que constitui seu suplício; pois compreendem que estão privados dela por sua própria culpa: é por isso que o Espírito, desprendido da matéria, anseia por uma nova existência corporal, porque cada existência pode abreviar a duração desse suplício, se for bem empregada. É então que ele escolhe as provas pelas quais poderá expiar suas faltas; pois, saibam bem, o Espírito sofre por todo o mal que fez ou de que foi causa voluntária, por todo o bem que poderia ter feito e não fez e por todo o mal que resulta do bem que não fez.
>
> O Espírito errante já não tem véu; é como se tivesse saído da neblina e vê o que o afasta da felicidade; então sofre mais, pois compreende o quanto foi culpado. Para ele já não há ilusão: vê a realidade das coisas. »

O Espírito no estado errante abrange, de um lado, todas as suas existências passadas; de outro, vê o futuro prometido e compreende o que lhe falta para alcançá-lo. Assim, um viajante que chegou ao cume de uma montanha vê o caminho percorrido e aquele que ainda lhe resta percorrer para chegar ao seu destino.

976. **A visão dos Espíritos que sofrem não é, para os bons, uma causa de aflição? E, nesse caso, o que acontece com sua felicidade, se ela é perturbada?**

> « Não é uma aflição, pois sabem que o mal terá um fim; ajudam os outros a melhorar e lhes estendem a mão: essa é sua ocupação, e uma alegria quando têm sucesso. »

– Isso se compreende em relação a Espíritos desconhecidos ou indiferentes; mas a visão das tristezas e dos sofrimentos daqueles que amaram na Terra não perturba sua felicidade?

> « Se não vissem esses sofrimentos, seria porque vocês lhes seriam estranhos após a morte; ora, a religião lhes diz que as almas os veem; mas eles consideram suas aflições de outro ponto de vista; sabem que esses sofrimentos são úteis ao progresso de vocês, se os suportarem com resignação; por conseguinte, afligem-se mais com a falta de coragem que os atrasa do que com os próprios sofrimentos, que são apenas passageiros. »

977. **Como os Espíritos não podem esconder uns dos outros seus pensamentos, e todos os atos da vida são conhecidos, disso resultaria que o culpado está na presença perpétua de sua vítima?**

> « Não pode ser de outra maneira, o bom senso o diz. »

– Essa revelação de todos os nossos atos repreensíveis e a presença perpétua daqueles que foram suas vítimas são um castigo para o culpado?

> « Maior do que se pensa, mas somente até que tenha expiado suas faltas, seja como Espírito, seja como homem em novas existências corporais. »

Quando nós mesmos estivermos no mundo dos Espíritos, estando todo o nosso passado a descoberto, o bem e o mal que tivermos feito serão igualmente conhecidos. Será em vão que aquele que fez o mal desejará escapar à vista de suas vítimas: a presença inevitável delas será para ele um castigo e um remorso incessante até que tenha expiado seus erros, enquanto o homem de bem, ao contrário, encontrará por toda parte apenas olhares amigos e benevolentes. Para o mau, não há maior tormento na Terra que a presença de suas vítimas; é por isso que as evita sem cessar. O que será quando, dissipada a ilusão das paixões, compreender o mal que fez, vir seus atos mais secretos revelados, sua hipocrisia desmascarada e não puder escapar à vista delas? Enquanto a alma do homem perverso é atormentada pela vergonha, pelo pesar e pelo remorso, a do justo desfruta de uma serenidade perfeita.

978. **A lembrança das faltas que a alma pode ter cometido, quando era imperfeita, não perturba sua felicidade, mesmo depois de se ter purificado?**

> « Não, porque reparou suas faltas e saiu vitoriosa das provas às quais se havia submetido com esse objetivo. »

979. As provas que ainda restam enfrentar para completar a purificação não causam à alma uma apreensão penosa que perturba sua felicidade?

> « Para a alma que ainda está manchada, sim; é por isso que ela só poderá desfrutar de uma felicidade perfeita quando estiver inteiramente pura; mas, para aquela que já está elevada, o pensamento das provas que ainda lhe restam enfrentar nada tem de penoso. »

A alma que chegou a certo grau de pureza já experimenta a felicidade; um sentimento de doce satisfação a penetra; ela se sente feliz com tudo o que vê, com tudo o que a cerca; o véu se levanta para ela sobre os mistérios e as maravilhas da criação, e as perfeições divinas lhe aparecem em todo o seu esplendor.

980. O laço de simpatia que une os Espíritos da mesma ordem é para eles uma fonte de felicidade?

> « A união dos Espíritos que têm afinidade pelo bem é para eles uma das maiores alegrias; pois não temem ver essa união perturbada pelo egoísmo. Eles formam, no mundo inteiramente espiritual, famílias unidas pelo mesmo sentimento, e é nisso que consiste a felicidade espiritual, assim como, em seu mundo, vocês se agrupam por categorias e sentem certo prazer quando estão reunidos. A afeição pura e sincera que sentem e da qual são objeto é uma fonte de felicidade, pois ali não há falsos amigos nem hipócritas. »

O homem experimenta os primeiros frutos dessa felicidade na Terra quando encontra almas com as quais pode se fundir em uma união pura e santa. Em uma vida mais purificada, essa alegria será inexprimível e sem limites, porque ele encontrará apenas almas afins que o egoísmo não esfriará; pois tudo é amor na natureza: é o egoísmo que o mata.

981. **Quanto ao estado futuro do Espírito, há diferença entre aquele que, em vida, temia a morte e aquele que a encara com indiferença e até com alegria?**

> « A diferença pode ser muito grande; no entanto, muitas vezes ela se apaga diante das causas que produzem esse medo ou esse desejo. Quer se tema a morte, quer se deseje, pode-se ser movido por sentimentos muito diversos, e são esses sentimentos que influem no estado do Espírito. É evidente, por exemplo, que, naquele que deseja a morte unicamente porque vê nela o fim de suas tribulações, há uma espécie de queixa contra a Providência e contra as provas que deve enfrentar. »

982. **É necessário professar o espiritismo e crer nas manifestações para assegurar nosso destino na vida futura?**

> « Se assim fosse, disso resultaria que todos aqueles que não creem ou que não tiveram condições de se esclarecer estariam deserdados, o que seria absurdo. É o bem que assegura o destino futuro; ora, o bem é sempre o bem, qualquer que seja o caminho que conduza a ele. » (165-799).

A crença no espiritismo ajuda a melhorar ao firmar as ideias sobre certos pontos do futuro; ela acelera o progresso dos indivíduos e das massas, porque permite compreender o que seremos um dia; é um ponto de apoio, uma luz que nos guia.

O espiritismo ensina a suportar as provas com paciência e resignação; afasta dos atos que podem retardar a felicidade futura; é assim que contribui para essa felicidade, mas não se afirma que, sem isso, não se possa alcançá-la.

Penas temporais

983. **O Espírito que expia suas faltas em uma nova existência não tem sofrimentos materiais? Sendo assim, é correto dizer que, após a morte, a alma só tem sofrimentos morais?**

> « É bem verdade que, quando a alma está reencarnada, as tribulações da vida são para ela um sofrimento; mas apenas o corpo sofre materialmente.
>
> « Vocês dizem muitas vezes daquele que morreu que já não tem mais de sofrer; isso nem sempre é verdade. Como Espírito, ele já não tem dores físicas; mas, conforme as faltas que cometeu, pode ter dores morais mais pungentes e, em uma nova existência, pode ser ainda mais infeliz. O rico mau pedirá esmola e estará sujeito a todas as privações da miséria; o orgulhoso, a todas as humilhações; aquele que abusa de sua autoridade e trata seus subordinados com desprezo e dureza será forçado a obedecer a um senhor mais duro do que ele próprio foi. Todas as penas e tribulações da vida são a expiação das faltas de outra existência, quando não são a consequência das faltas da vida atual. Quando vocês saírem daqui, compreenderão isso. (273, 393, 399).
>
> « O homem que se julga feliz na Terra porque pode satisfazer suas paixões é aquele que menos se esforça para melhorar. Muitas vezes ele expia, já nesta vida, essa felicidade passageira, mas certamente a expiará em outra existência igualmente material. »

984. **As dificuldades da vida são sempre a punição das faltas atuais?**

> « Não; já dissemos: são provas impostas por Deus ou escolhidas por vocês mesmos no estado de Espírito e antes de sua reencarnação, para expiar as faltas cometidas em outra existência; pois a infração às leis de Deus, sobretudo à lei de justiça, nunca fica impune; se não for nesta vida, será necessariamente em outra; é por isso que aquele que é justo aos olhos de vocês muitas vezes é atingido por causa de seu passado. » (393).

985. **A reencarnação da alma em um mundo menos grosseiro é uma recompensa?**

> « É a consequência de sua purificação; pois, à medida que os Espíritos se purificam, encarnam em mundos cada vez mais perfeitos, até que tenham se despojado de toda matéria e se lavado de todas as suas impurezas, para desfrutar eternamente da felicidade dos Espíritos puros no seio de Deus. »

Nos mundos onde a existência é menos material do que aqui na Terra, as necessidades são menos grosseiras e todos os sofrimentos físicos são menos intensos. Os homens já não conhecem as más paixões que, nos mundos inferiores, os tornam inimigos uns dos outros.

Sem nenhum motivo de ódio ou ciúme, vivem em paz entre si, porque praticam a lei de justiça, de amor e de caridade; não conhecem os aborrecimentos e as preocupações que nascem da inveja, do orgulho e do egoísmo e que atormentam nossa existência terrena (172-182).

986. O Espírito que progrediu em sua existência terrena pode, às vezes, reencarnar no mesmo mundo?

> « Sim, se não conseguiu cumprir sua missão, e ele mesmo pode pedir para completá-la em uma nova existência; mas, nesse caso, isso já não é uma expiação para ele. » (173).

987. O que acontece com o homem que, sem fazer o mal, nada faz para se libertar da influência da matéria?

> « Como não dá nenhum passo em direção à perfeição, deve recomeçar uma existência da mesma natureza daquela que deixa; permanece estacionário, e é assim que pode prolongar os sofrimentos da expiação. »

988. **Há pessoas cuja vida transcorre em perfeita tranquilidade e que, sem precisar fazer nada por si mesmas, estão livres de preocupações. Essa existência feliz é uma prova de que não têm nada a expiar de uma existência anterior?**

> « Você conhece muitas? Se acredita nisso, está enganado; muitas vezes, a tranquilidade é apenas aparente. Elas podem ter escolhido essa existência, mas, quando a deixam, percebem que ela não lhes serviu para progredir; então, como o preguiçoso, lamentam o tempo perdido. Saibam bem que o Espírito só pode adquirir conhecimentos e se elevar pela atividade; se adormece na despreocupação, não avança. É semelhante àquele que precisa, segundo os costumes de vocês, trabalhar, mas vai passear ou se deitar, com a intenção de não fazer nada. Saibam também que cada um terá de prestar contas da inutilidade voluntária de sua existência; essa inutilidade é sempre prejudicial à felicidade futura. A medida da felicidade futura é proporcional ao bem que se fez; a da infelicidade é proporcional ao mal que se fez e às pessoas que se tornaram infelizes. »

989. **Há pessoas que, sem serem propriamente más, tornam infelizes todos os que as cercam por causa de seu temperamento; qual é a consequência disso para elas?**

> « Essas pessoas certamente não são boas, e expiarão isso vendo aqueles que tornaram infelizes, o que será uma censura para elas; depois, em outra existência, suportarão o que fizeram os outros suportar. »

Expiação e arrependimento

990. **O arrependimento ocorre no estado corporal ou no estado espiritual?**

> « No estado espiritual; mas também pode ocorrer no estado corporal, quando vocês compreendem bem a diferença entre o bem e o mal. »

991. **Qual é a consequência do arrependimento no estado espiritual?**

> « O desejo de uma nova encarnação para se purificar. O Espírito compreende as imperfeições que o impedem de ser feliz, e por isso deseja uma nova existência em que poderá expiar suas faltas. » (332-975).

992. **Qual é a consequência do arrependimento no estado corporal?**

> « Avançar já na vida presente, se houver tempo para reparar as próprias faltas. Quando a consciência faz uma censura e mostra uma imperfeição, sempre é possível melhorar. »

993. **Não há homens que só têm o instinto do mal e são incapazes de se arrepender?**

> « Eu lhe disse que é preciso progredir sem cessar. Aquele que, nesta vida, só tem o instinto do mal terá o do bem em outra, e é por isso que renasce várias vezes; pois é preciso que todos avancem e alcancem o objetivo, apenas uns em um tempo mais curto, outros em um tempo mais longo, conforme seu desejo; aquele que só tem o instinto do bem já está purificado, pois pode ter tido o do mal em uma existência anterior. » (894).

994. **O homem perverso que não reconheceu suas faltas durante a vida sempre as reconhece depois da morte?**

> « Sim, sempre as reconhece, e então sofre mais, pois sente todo o mal que fez ou do qual foi a causa voluntária. No entanto, o arrependimento nem sempre é imediato; há Espíritos que se obstinam no mau caminho apesar de seus sofrimentos; mas, cedo ou tarde, reconhecerão o caminho errado em que se encontram, e o arrependimento virá. É para esclarecê-los que os bons Espíritos trabalham, e vocês mesmos podem trabalhar para isso. »

995. **Há Espíritos que, sem serem maus, são indiferentes à própria sorte?**

> « Há Espíritos que não se ocupam de nada útil: ficam à espera; mas, nesse caso, sofrem na mesma proporção; e, como deve haver progresso em tudo, esse progresso se manifesta pela dor. »

– **Eles não têm o desejo de abreviar seus sofrimentos?**

> « Têm, sem dúvida, mas não têm energia suficiente para querer aquilo que poderia aliviá-los. Quantas pessoas há entre vocês que preferem morrer na miséria a trabalhar? »

996. **Já que os Espíritos veem o mal que suas imperfeições lhes causam, como é que alguns agravam sua situação e prolongam seu estado de inferioridade, fazendo o mal como Espíritos e desviando os homens do bom caminho?**

> « São aqueles cujo arrependimento demora a chegar que agem assim. O Espírito que se arrepende pode depois se deixar arrastar novamente para o caminho do mal por outros Espíritos ainda mais atrasados. » (971).

997. **Vemos Espíritos de inferioridade evidente serem receptivos aos bons sentimentos e se comoverem com as preces feitas por eles. Como é que outros Espíritos, que deveríamos considerar mais esclarecidos, mostram uma dureza e um cinismo que nada consegue vencer?**

> « A prece só tem efeito em favor do Espírito que se arrepende; quanto àquele que, levado pelo orgulho, se revolta contra Deus e persiste em seus desvios, agravando-os ainda mais, como fazem Espíritos infelizes, a prece nada pode e nada poderá por eles até o dia em que uma centelha de arrependimento se manifeste neles. » (664).

Não se deve perder de vista que o Espírito, depois da morte do corpo, não se transforma de repente; se sua vida foi censurável, é porque ele era imperfeito; ora, a morte não o torna imediatamente perfeito; ele pode persistir em seus erros, em suas falsas opiniões, em seus preconceitos, até que se esclareça pelo estudo, pela reflexão e pelo sofrimento.

998. **A expiação se realiza no estado corporal ou no estado de Espírito?**

> « A expiação se realiza durante a existência corporal pelas provas às quais o Espírito é submetido, e na vida espiritual pelos sofrimentos morais ligados ao estado de inferioridade do Espírito. »

999. **O arrependimento sincero durante a vida basta para apagar as faltas e alcançar o perdão de Deus?**

> « O arrependimento ajuda o Espírito a melhorar, mas o passado deve ser expiado. »

– Se, diante disso, um criminoso dissesse que, já que deve expiar seu passado em qualquer caso, não precisa se arrepender, qual seria a consequência para ele?

> « Se ele se endurecer no pensamento do mal, sua expiação será mais longa e mais dolorosa. »

1000. **Podemos, já nesta vida, resgatar nossas faltas?**

« Sim, reparando-as; mas não pensem que podem resgatá-las por algumas privações infantis ou fazendo doações depois da morte, quando já não precisarem de nada. Deus não leva em conta um arrependimento estéril, sempre fácil, e que custa apenas o esforço de bater no peito. A perda de um dedo mínimo ao prestar um serviço apaga mais faltas do que o suplício da carne suportado durante anos sem outro objetivo além de si mesmo. (726).

« O mal só é reparado pelo bem, e a reparação não tem mérito algum se não atingir o homem em seu orgulho ou em seus interesses materiais.

« De que lhe serve, para sua justificação, restituir depois da morte os bens mal adquiridos, quando já não lhe são úteis e ele já se beneficiou deles?

« De que lhe serve privar-se de alguns prazeres fúteis e de algumas coisas supérfluas, se o dano que causou aos outros continua o mesmo?

« De que lhe serve, enfim, humilhar-se diante de Deus, se conserva seu orgulho diante dos homens? » (720-721).

1001. **Não há mérito algum em garantir, depois da morte, um uso útil para os bens que possuímos?**

> « Nenhum mérito não é a expressão certa; isso sempre vale mais do que nada; mas o problema é que aquele que só dá depois da morte muitas vezes é mais egoísta do que generoso; quer ter a honra do bem sem ter o esforço. Aquele que se priva de algo em vida tem um duplo benefício: o mérito do sacrifício e o prazer de ver as pessoas que torna felizes. Mas o egoísmo está ali e lhe diz: O que você dá é outro tanto que tira de seus prazeres; e, como o egoísmo grita mais alto do que o desprendimento e a caridade, ele guarda, sob o pretexto de suas necessidades e das exigências de sua posição. Ah! Tenham pena daquele que não conhece o prazer de dar; ele está verdadeiramente privado de uma das mais puras e mais suaves alegrias. Deus, ao submetê-lo à prova da riqueza, tão escorregadia e tão perigosa para seu futuro, quis lhe dar como compensação a felicidade da generosidade, da qual pode desfrutar já aqui na Terra. » (814).

1002. **O que deve fazer aquele que, à beira da morte, reconhece suas faltas, mas não tem tempo de repará-las? Arrepender-se basta nesse caso?**

> « O arrependimento apressa sua reabilitação, mas não o absolve. Ele não tem diante de si o futuro, que nunca lhe é fechado? »

Duração das penas futuras

1003. **A duração dos sofrimentos do culpado, na vida futura, é arbitrária ou está subordinada a alguma lei?**

> « Deus nunca age por capricho, e tudo, no universo, é regido por leis nas quais se revelam sua sabedoria e sua bondade. »

1004. **Em que se baseia a duração dos sofrimentos do culpado?**

> « No tempo necessário para sua melhora. Como o estado de sofrimento e de felicidade é proporcional ao grau de purificação do Espírito, a duração e a natureza de seus sofrimentos dependem do tempo que ele leva para melhorar. À medida que progride e seus sentimentos se purificam, seus sofrimentos diminuem e mudam de natureza. »

1005. **Para o Espírito que sofre, o tempo parece tão longo ou menos longo do que se ele estivesse vivo?**

> « Parece-lhe mais longo: o sono não existe para ele. Só para os Espíritos que chegaram a certo grau de purificação é que o tempo se apaga, por assim dizer, diante do infinito. » (240).

1006. **A duração dos sofrimentos do Espírito pode ser eterna?**

> « Sem dúvida, se ele fosse eternamente mau, isto é, se nunca viesse a se arrepender nem a melhorar, sofreria eternamente; mas Deus não criou seres para que fossem destinados ao mal para sempre; criou-os apenas simples e ignorantes, e todos devem progredir em um tempo mais ou menos longo, conforme sua vontade. A vontade pode demorar mais ou menos a surgir, assim como há crianças mais ou menos precoces, mas ela vem cedo ou tarde pela necessidade irresistível que o Espírito sente de sair de sua inferioridade e de ser feliz. A lei que rege a duração das penas é, portanto, extremamente sábia e bondosa, pois subordina essa duração aos esforços do Espírito; ela nunca lhe tira o livre-arbítrio: se ele faz mau uso dele, sofre as consequências. »

1007. **Há Espíritos que nunca se arrependem?**

> « Há alguns cujo arrependimento é muito tardio; mas afirmar que nunca melhorarão seria negar a lei do progresso e dizer que a criança não pode se tornar adulta. »

1008. **A duração das penas depende sempre da vontade do Espírito, e não há penas que lhe são impostas por um tempo determinado?**

> « Sim, penas podem lhe ser impostas por algum tempo, mas Deus, que só quer o bem de suas criaturas, sempre acolhe o arrependimento, e o desejo de melhorar nunca é estéril. »

1009. **De acordo com isso, as penas impostas nunca seriam para a eternidade?**

« Consultem seu bom senso, sua razão, e perguntem a si mesmos se uma condenação perpétua por alguns momentos de erro não seria a negação da bondade de Deus. O que é, de fato, a duração da vida, ainda que fosse de cem anos, em comparação com a eternidade? Eternidade! Vocês compreendem bem essa palavra? Sofrimentos, torturas sem fim, sem esperança, por algumas faltas! Seu julgamento não rejeita semelhante pensamento? Que os antigos tenham visto no senhor do universo um Deus terrível, ciumento e vingativo, isso se compreende; em sua ignorância, atribuíram à divindade as paixões dos homens; mas esse não é o Deus dos cristãos, que coloca o amor, a caridade, a misericórdia e o perdão das ofensas entre as primeiras virtudes: poderia ele mesmo não ter as qualidades que transforma em dever? Não há contradição em lhe atribuir a bondade infinita e a vingança infinita? Vocês dizem que, acima de tudo, ele é justo, e que o homem não compreende sua justiça; mas a justiça não exclui a bondade, e ele não seria bom se destinasse a penas horríveis, perpétuas, a maior parte de suas criaturas. Poderia fazer da justiça uma obrigação para seus filhos, se não lhes tivesse dado os meios de compreendê-la? Ademais, não é a expressão mais sublime da justiça, unida à bondade, fazer a duração das penas depender dos esforços do culpado para melhorar? Aí está a verdade destas palavras: "A cada um segundo suas obras."

« Empenhem-se, por todos os meios ao seu alcance, em combater, em aniquilar a ideia da eternidade das penas, pensamento que blasfema contra a justiça e a bondade de Deus, fonte mais fecunda da incredulí-

dade, do materialismo e da indiferença que invadiram as massas desde que sua inteligência começou a se desenvolver. O Espírito, prestes a se esclarecer, ainda que tenha apenas saído do estado mais rudimentar, logo percebe sua monstruosa injustiça; sua razão a rejeita, e então quase sempre acaba por envolver na mesma rejeição tanto a pena que o revolta quanto o Deus ao qual a atribui; daí os males sem conta que se abateram sobre vocês e aos quais viemos trazer remédio. A tarefa que lhes indicamos será tanto mais fácil porque as autoridades nas quais se apoiam os defensores dessa crença evitaram todas se pronunciar formalmente; nem os concílios nem os Pais da Igreja decidiram essa grave questão. Se, segundo os próprios Evangelistas, e tomando ao pé da letra as palavras simbólicas do Cristo, ele ameaçou os culpados com um fogo que não se apaga, com um fogo eterno, não há absolutamente nada em suas palavras que prove que os tenha condenado eternamente.

« Pobres ovelhas desgarradas, saibam ver o bom Pastor que vem até vocês e que, longe de querer bani-los para sempre de sua presença, vem ele mesmo ao seu encontro para levá-los de volta ao aprisco. Filhos pródigos, deixem seu exílio voluntário; dirijam seus passos para a morada paterna: o pai lhes estende os braços e está sempre pronto para festejar sua volta à família. »

« Guerras de palavras! Guerras de palavras! Vocês já não fizeram derramar sangue suficiente? Será preciso, então, reacender as fogueiras? Discute-se sobre as palavras: eternidade das penas, eternidade dos castigos; não sabem, então, que os antigos não entendiam como vocês aquilo que hoje entendem por eternidade? Que o teólogo consulte as fontes, e, como todos vocês, descobrirá nelas que o texto hebraico não dava à

palavra que os gregos, os latinos e os modernos traduziram por penas sem fim, irremissíveis, o mesmo significado. A eternidade dos castigos corresponde à eternidade do mal. Sim, enquanto o mal existir entre os homens, os castigos subsistirão; é no sentido relativo que se devem interpretar os textos sagrados. A eternidade das penas, portanto, é apenas relativa, e não absoluta. Que chegue um dia em que todos os homens se revistam, pelo arrependimento, da veste da inocência, e nesse dia não haverá mais gemidos nem ranger de dentes. Sua razão humana é limitada, é verdade, mas, tal como é, ela é um presente de Deus, e, com essa ajuda da razão, não há um só homem de boa-fé que compreenda de outra maneira a eternidade dos castigos. A eternidade dos castigos! Como! Seria preciso, então, admitir que o mal será eterno. Só Deus é eterno e não pode ter criado o mal eterno; caso contrário, seria preciso lhe arrancar o mais magnífico de seus atributos: o poder soberano, pois não é soberanamente poderoso aquele que pode criar um elemento destruidor de suas obras. Humanidade! Humanidade! Não mergulhe mais seus olhares sombrios nas profundezas da terra para buscar ali os castigos; chore, espere, expie e refugie-se no pensamento de um Deus intimamente bom, absolutamente poderoso, essencialmente justo. »

« Gravitar em direção à unidade divina, esse é o objetivo da humanidade; para alcançá-lo, três coisas são necessárias: a justiça, o amor e a ciência; três coisas lhe são opostas e contrárias: a ignorância, o ódio e a injustiça. Pois bem! Eu lhes digo, em verdade: vocês traem esses princípios fundamentais ao comprometer a ideia de Deus pelo exagero de sua severidade; vocês a comprometem duplamente ao deixar penetrar no Espírito da criatura a ideia de que há nela mais clemência, mansidão, amor e verdadeira justiça do que vocês atribuem ao ser infinito;

vocês destroem até mesmo a ideia do inferno ao torná-lo ridículo e inadmissível para suas crenças, como é para seus corações o horrendo espetáculo dos carrascos, das fogueiras e das torturas da Idade Média! Mas como! É quando a era das represálias cegas está para sempre banida das legislações humanas que vocês esperam mantê-la no ideal? Oh! Acreditem em mim, acreditem em mim, irmãos em Deus e em Jesus Cristo, acreditem em mim ou se resignem a deixar perecer em suas mãos todos os seus dogmas em vez de permitir que se modifiquem, ou então deem a eles nova vida, abrindo-os aos fluidos benéficos que os Bons neles derramam neste momento. A ideia do inferno com suas fornalhas ardentes, com seus caldeirões ferventes, pôde ser tolerada, isto é, perdoável numa época de ferro; mas, no século dezenove, já não passa de um fantasma vão, capaz, quando muito, de assustar as criancinhas, e no qual as crianças deixam de acreditar quando crescem. Ao persistir nessa mitologia assustadora, vocês geram a incredulidade, mãe de toda desorganização social; pois tremo ao ver toda uma ordem social abalada e desmoronando sobre sua base por falta de sanção penal. Homens de fé ardente e viva, vanguarda do dia da luz, mãos à obra, então! Não para manter fábulas envelhecidas e agora sem crédito, mas para reanimar, dar nova vida à verdadeira sanção penal, sob formas de acordo com seus costumes, seus sentimentos e os conhecimentos de sua época.

O que é, de fato, o culpado? Aquele que, por um desvio, por um falso movimento da alma, se afasta do objetivo da criação, que consiste no culto harmonioso do belo, do bem, idealizados pelo arquétipo humano, pelo Homem-Deus, por Jesus Cristo.

O que é o castigo? A consequência natural, derivada desse falso movi-

> mento; uma soma de dores necessárias para fazê-lo sentir aversão à sua deformidade, pela experiência do sofrimento. O castigo é o aguilhão que estimula a alma, pela amargura, a voltar-se para si mesma e a retornar à margem da salvação. O objetivo do castigo não é outro senão a reabilitação, a libertação. Querer que o castigo seja eterno, por uma falta que não é eterna, é negar-lhe toda razão de ser.
>
> Oh! Eu lhes digo em verdade: parem, parem de colocar em paralelo, em sua eternidade, o Bem, essência do Criador, e o Mal, essência da criatura; isso seria criar uma penalidade injustificável. Afirmem, ao contrário, a atenuação gradual dos castigos e das penas pelas transmigrações, e vocês consagrarão, com a razão unida ao sentimento, a unidade divina. »

Quer-se estimular o homem ao bem e desviá-lo do mal pelo atrativo das recompensas e pelo temor dos castigos; mas, se esses castigos forem apresentados de maneira que a razão se recuse a acreditar neles, não terão nenhuma influência sobre ele; longe disso, ele rejeitará tudo: a forma e o conteúdo. Que lhe apresentem, ao contrário, o futuro de uma maneira lógica, e então ele não o rejeitará. O espiritismo lhe dá essa explicação. A doutrina da eternidade das penas, no sentido absoluto, faz do ser supremo um Deus implacável. Seria lógico dizer de um soberano que ele é muito bom, muito benevolente, muito indulgente, que só quer a felicidade daqueles que o cercam, mas que, ao mesmo tempo, é ciumento, vingativo, inflexível em seu rigor, e que pune com o suplício extremo três quartos de seus súditos por uma ofensa ou uma infração às suas leis, até mesmo aqueles que erraram por não as conhecer? Isso não seria uma contradição? Ora, Deus pode ser menos bom do que seria um homem? Outra contradição se apresenta aqui. Já que Deus sabe tudo, sabia, portanto, ao criar uma alma, que ela erraria; ela foi, então, desde sua formação, destinada à infelicidade eterna: isso é possível, racional? Com a doutrina das penas relativas, tudo se justifica. Deus sabia, sem dúvida, que ela er-

raria, mas lhe dá os meios de se esclarecer por sua própria experiência, por suas próprias faltas; é necessário que ela expie seus erros para se firmar melhor no bem, mas a porta da esperança não lhe é fechada para sempre, e Deus faz o momento de sua libertação depender dos esforços que ela faz para alcançá-la. Eis o que todos podem compreender, o que a lógica mais meticulosa pode admitir. Se as penas futuras tivessem sido apresentadas sob esse ponto de vista, haveria muito menos céticos. A palavra eterno é frequentemente empregada, na linguagem comum, em sentido figurado, para designar uma coisa de longa duração e cujo fim não se prevê, embora se saiba muito bem que esse fim existe. Dizemos, por exemplo, os gelos eternos das altas montanhas, dos polos, embora saibamos, por um lado, que o mundo físico pode ter um fim e, por outro, que o estado dessas regiões pode mudar pelo deslocamento normal do eixo ou por um cataclismo. A palavra eterno, nesse caso, não quer dizer, portanto, perpétuo até o infinito. Quando sofremos de uma longa doença, dizemos que nosso mal é eterno; o que há, então, de surpreendente em que Espíritos que sofrem há anos, séculos, até mesmo milhares de anos, digam o mesmo? Sobretudo, não esqueçamos que, como sua inferioridade não lhes permite ver o fim do caminho, eles acreditam que sofrerão para sempre, e que isso é para eles uma punição. Além disso, a doutrina do fogo material, das fornalhas e das torturas tomadas do Tártaro do paganismo está hoje completamente abandonada pela alta teologia, e somente nas escolas esses assustadores quadros alegóricos ainda são apresentados como verdades incontestáveis, por alguns homens mais zelosos do que esclarecidos, e isso de maneira muito equivocada, pois essas jovens imaginações, uma vez livres de seu terror, poderão aumentar o número dos incrédulos. A teologia reconhece hoje que a palavra fogo é empregada em sentido figurado e deve ser entendida como um fogo moral (974). Aqueles que acompanharam, como nós, as peripécias da vida e dos sofrimentos de além-túmulo, nas comunicações espíritas, puderam se convencer de que, embora nada tenham de material, esses sofrimentos não são menos pungentes. Mesmo quanto à sua duração, certos teólogos começam a admiti-la no sen-

tido restritivo indicado acima e pensam que, de fato, a palavra eterno pode se referir às penas em si mesmas, como consequências de uma lei imutável, e não à sua aplicação a cada indivíduo. No dia em que a religião admitir essa interpretação, assim como algumas outras que também são consequência do progresso dos conhecimentos, ela trará de volta muitas ovelhas desgarradas.

Ressurreição da carne

1010. O dogma da ressurreição da carne é a consagração do dogma da reencarnação ensinado pelos Espíritos?

> « Como vocês querem que seja de outro modo? Essas palavras são como tantas outras que só parecem absurdas aos olhos de certas pessoas porque são tomadas ao pé da letra, e por isso levam à descrença; mas deem a elas uma interpretação lógica, e aqueles que vocês chamam de livres-pensadores as aceitarão sem dificuldade, justamente porque refletem; pois, não se enganem, esses livres-pensadores desejam muito crer; eles têm, como os outros, talvez mais que os outros, sede do futuro, mas não podem admitir o que é refutado pela ciência. A doutrina da pluralidade das existências está de acordo com a justiça de Deus; só ela pode explicar o que, sem ela, é inexplicável; como vocês poderiam querer que seu princípio não estivesse na própria religião? »

– Assim, a Igreja, pelo dogma da ressurreição da carne, ensina ela mesma a doutrina da reencarnação?

> « Isso é evidente; essa doutrina é, além disso, a consequência de muitas coisas que passaram despercebidas e que em breve serão compreendidas nesse sentido; dentro de pouco tempo se reconhecerá que o espiritismo se revela a cada passo no próprio texto das Escrituras sagradas. Portanto, os Espíritos não vêm derrubar a religião, como alguns afirmam; vêm, ao contrário, confirmá-la, dar-lhe respaldo por meio de provas irrecusáveis; mas, como chegou o tempo de não mais empregar a linguagem figurada, eles se expressam sem alegorias e dão às coisas um sentido claro e preciso, que não possa estar sujeito a nenhuma interpre-

> tação falsa. É por isso que, daqui a algum tempo, vocês terão mais pessoas sinceramente religiosas e crentes do que têm hoje. »

A ciência, de fato, demonstra a impossibilidade da ressurreição segundo a ideia comum. Se os restos do corpo humano permanecessem homogêneos, mesmo dispersos e reduzidos a pó, ainda se poderia conceber sua reunião em um dado momento; mas as coisas não acontecem assim. O corpo é formado de diversos elementos: oxigênio, hidrogênio, nitrogênio, carbono etc.; pela decomposição, esses elementos se dispersam, mas para servir à formação de novos corpos; de tal modo que a mesma molécula, de carbono, por exemplo, terá entrado na composição de muitos milhares de corpos diferentes (falamos apenas dos corpos humanos, sem contar todos os dos animais); que determinado indivíduo talvez tenha em seu corpo moléculas que pertenceram aos homens das primeiras eras; que essas mesmas moléculas orgânicas que vocês absorvem na alimentação talvez provenham do corpo de outro indivíduo que conheceram, e assim por diante. Sendo a matéria de quantidade definida, e suas transformações em quantidades indefinidas, como cada um desses corpos poderia se reconstituir com os mesmos elementos? Há nisso uma impossibilidade material. Portanto, só se pode admitir racionalmente a ressurreição da carne como uma figura que simboliza o fenômeno da reencarnação, e então nada há que choque a razão, nada que esteja em contradição com os dados da ciência. É verdade que, segundo o dogma, essa ressurreição só deve acontecer no fim dos tempos, enquanto, segundo a doutrina espírita, ela acontece todos os dias; mas não há também nesse quadro do juízo final uma grande e bela figura que esconde, sob o véu da alegoria, uma dessas verdades imutáveis que não encontrará mais céticos quando for reconduzida ao seu verdadeiro significado? Que se medite sobre a teoria espírita a respeito do futuro das almas e de seu destino após as diferentes provas pelas quais devem passar, e se verá que, com exceção da simultaneidade, o julgamento que as condena ou absolve não é uma ficção, como pensam os descrentes. Observemos ainda que ela é a consequência natural da pluralidade dos mundos, hoje perfeitamente admitida, en-

quanto, segundo a doutrina do juízo final, a Terra é considerada o único mundo habitado.

Paraíso, inferno e purgatório

1012. Há no universo algum lugar delimitado destinado às penas e às alegrias dos Espíritos, segundo seus méritos?

> « Já respondemos a essa pergunta. As penas e as alegrias são inerentes ao grau de perfeição dos Espíritos; cada um encontra em si mesmo o princípio de sua própria felicidade ou infelicidade; e, como eles estão por toda parte, nenhum lugar delimitado ou fechado é destinado a uns de preferência a outros. Quanto aos Espíritos encarnados, são mais ou menos felizes ou infelizes conforme o mundo que habitam seja mais ou menos adiantado. »

– De acordo com isso, o inferno e o paraíso não existiriam tais como o homem os imagina?

> « São apenas figuras: há Espíritos felizes e infelizes por toda parte. Contudo, como também dissemos, os Espíritos da mesma ordem se reúnem por simpatia; mas podem se reunir onde quiserem quando são perfeitos. »

A localização absoluta dos lugares de penas e recompensas só existe na imaginação do homem; ela provém da tendência a materializar e a delimitar as coisas cuja essência infinita ele não consegue compreender.

1013. O que se deve entender por purgatório?

> « Dores físicas e morais: é o tempo da expiação. É quase sempre na Terra que vocês passam pelo seu purgatório e que Deus os faz expiar suas faltas. »

O que o homem chama de purgatório é também uma figura pela qual se deve entender, não um lugar determinado qualquer, mas o estado dos Espíritos imperfeitos que estão em expiação até a purificação completa que deve elevá-los à categoria dos Espíritos bem-aventurados. Como essa purificação se realiza nas diversas encarnações, o purgatório consiste nas provas da vida corporal.

1014. **Como se explica que Espíritos que, por sua linguagem, revelam sua superioridade tenham respondido a pessoas muito sérias, a respeito do inferno e do purgatório, segundo a ideia que em geral se faz deles?**

> « Eles usam uma linguagem compreendida pelas pessoas que os interrogam; quando essas pessoas estão muito imbuídas de certas ideias, eles não querem contrariá-las bruscamente demais, para não ferir suas convicções. Se um Espírito fosse dizer, sem cuidados na maneira de falar, a um muçulmano que Maomé não é um profeta, seria muito mal recebido. »

– É compreensível que seja assim por parte dos Espíritos que querem nos instruir; mas como se explica que Espíritos interrogados sobre sua situação tenham respondido que sofriam as torturas do inferno ou do purgatório?

> « Quando são inferiores e não estão completamente desmaterializados, conservam uma parte de suas ideias terrenas e expressam suas impressões pelos termos que lhes são familiares. Encontram-se em um meio que só lhes permite sondar parcialmente o futuro, e é por isso que muitas vezes Espíritos errantes, ou recém-libertos, falarão como teriam feito quando vivos. Inferno pode ser traduzido como uma vida de provações extremamente penosa, com a incerteza de outra melhor; purgatório, como uma vida também de provações, mas com a consciência de um futuro melhor. Quando você sente uma grande dor, não diz que sofre como um condenado? São apenas palavras, e sempre em sentido figurado. »

1015. **O que se deve entender por uma alma em sofrimento?**

> « Uma alma errante e sofredora, incerta de seu futuro, e à qual vocês podem proporcionar um alívio que ela muitas vezes solicita ao vir se comunicar com vocês. » (664).

1016. **Em que sentido se deve entender a palavra céu?**

> « Você acredita que seja um lugar, como os Campos Elísios dos antigos, onde todos os bons Espíritos ficam amontoados, sem ordem, sem outra preocupação além de desfrutar, pela eternidade, de uma felicidade passiva? Não; é o espaço universal; são os planetas, as estrelas e todos os mundos superiores onde os Espíritos desfrutam de todas as suas faculdades, sem as tribulações da vida material nem as angústias inerentes à inferioridade. »

1017. Alguns Espíritos disseram habitar o 4º, o 5º céu etc.; o que queriam dizer com isso?

> « Vocês lhes perguntam que céu habitam porque têm a ideia de vários céus dispostos como os andares de uma casa; então, eles respondem segundo a linguagem de vocês; mas, para eles, essas palavras, 4º, 5º céu, expressam diferentes graus de purificação e, consequentemente, de felicidade. É exatamente como quando se pergunta a um Espírito se ele está no inferno; se for infeliz, dirá que sim, porque, para ele, inferno é sinônimo de sofrimento; mas ele sabe muito bem que não é uma fornalha. Um pagão teria dito que estava no Tártaro. »

O mesmo acontece com outras expressões semelhantes, como cidade das flores, cidade dos eleitos, primeira, segunda ou terceira esfera etc., que são apenas alegorias empregadas por certos Espíritos, seja como figuras, seja, algumas vezes, por ignorância da realidade das coisas e até das noções científicas mais simples. Segundo a ideia restrita que antigamente se fazia dos lugares de penas e recompensas, e sobretudo na opinião de que a Terra era o centro do universo, de que o céu formava uma abóbada e de que havia uma região das estrelas, colocava-se o céu no alto e o inferno embaixo; daí as expressões: subir ao céu, estar no mais alto dos céus, ser lançado nos infernos. Hoje que a ciência demonstrou que a Terra é apenas um dos menores mundos entre tantos milhões de outros, sem importância especial; que traçou a história de sua formação e descreveu sua constituição, provou que o espaço é infinito, que não há alto nem baixo no universo, foi preciso renunciar a colocar o céu acima das nuvens e o inferno nos lugares baixos. Quanto ao purgatório, nenhum lugar lhe havia sido atribuído. Estava reservado ao espiritismo dar, sobre todas essas coisas, a explicação mais racional, mais grandiosa e, ao mesmo tempo, mais consoladora para a humanidade. Assim, pode-se dizer que trazemos em nós mesmos nosso inferno e nosso paraíso; nosso purgatório, nós o encontramos em nossa encarnação, em nossas vidas corporais ou físicas.

1018. **Em que sentido se devem entender estas palavras do Cristo: Meu reino não é deste mundo?**

> « O Cristo, ao responder assim, falava em sentido figurado. Queria dizer que só reina sobre os corações puros e desinteressados. Ele está em toda parte onde domina o amor ao bem; mas os homens ávidos pelas coisas deste mundo e apegados aos bens da Terra não estão com ele. »

1019. O reino do bem poderá algum dia se estabelecer na Terra?

« O bem reinará na Terra quando, entre os Espíritos que vêm habitá-la, os bons prevalecerem sobre os maus; então, farão reinar nela o amor e a justiça, que são a fonte do bem e da felicidade. É pelo progresso moral e pela prática das leis de Deus que o homem atrairá para a Terra os bons Espíritos e afastará dela os maus; mas os maus só a deixarão quando ele tiver banido dela o orgulho e o egoísmo.

« A transformação da humanidade foi predita, e vocês estão próximos desse momento, que todos os homens que ajudam o progresso fazem chegar mais depressa; ela se realizará pela encarnação de Espíritos melhores, que formarão na Terra uma nova geração. Então, os Espíritos dos maus que a morte ceifa a cada dia e todos aqueles que tentam deter a marcha das coisas serão excluídos dela, pois estariam deslocados entre os homens de bem, cuja felicidade perturbariam. Eles irão para mundos novos, menos adiantados, cumprir missões penosas nas quais poderão trabalhar pelo próprio avanço, ao mesmo tempo que trabalharão pelo avanço de seus irmãos ainda mais atrasados. Vocês não veem nessa exclusão da Terra transformada a sublime imagem do Paraíso perdido e, no homem que veio à Terra em semelhantes condições, trazendo em si o germe de suas paixões e os sinais de sua inferioridade primitiva, a imagem não menos sublime do pecado original? O pecado original, considerado desse ponto de vista, está ligado à natureza ainda imperfeita do homem, que assim só é responsável por si mesmo e por suas próprias faltas, e não pelas de seus pais.

« Todos vocês, homens de fé e de boa vontade, trabalhem, por conseguinte, com zelo e coragem na grande obra da regeneração, pois colherão cem vezes o grão que tiverem semeado. Ai daqueles que fecham os

> olhos à luz, pois preparam para si longos séculos de trevas e de decepções; ai daqueles que colocam todas as suas alegrias nos bens deste mundo, pois sofrerão mais privações do que terão tido prazeres; ai sobretudo dos egoístas, pois não encontrarão ninguém para ajudá-los a carregar o fardo de suas misérias. »

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CONCLUSÃO

✦

Quem conhecesse do magnetismo terrestre apenas o jogo dos patinhos imantados que se fazem mover sobre a água de uma bacia dificilmente poderia compreender que esse brinquedo encerra o segredo do mecanismo do universo e do movimento dos mundos.

O mesmo acontece com quem conhece do espiritismo apenas o movimento das mesas; vê nele apenas uma diversão, um passatempo de salão, e não compreende que esse fenômeno tão simples e tão comum, conhecido desde a Antiguidade e até por povos semisselvagens, possa estar ligado às questões mais sérias da ordem social.

De fato, para o observador superficial, que relação uma mesa que gira pode ter com a moral e o futuro da humanidade? Mas quem reflete se lembra de que da simples panela, que também ferve desde a mais remota Antiguidade, surgiu o poderoso motor com que o homem atravessa o espaço e elimina as distâncias. Pois bem!

Vocês, que não acreditam em nada além do mundo material, saibam que dessa mesa que gira e provoca seus sorrisos de desprezo surgiu toda uma ciência, assim como a solução de problemas que nenhuma filosofia ainda havia conseguido resolver.

Apelo a todos os adversários de boa-fé e peço encarecidamente que digam se se deram ao trabalho de estudar o que criticam; pois, pela boa lógica, a crítica só tem valor quando quem a faz conhece aquilo de que fala.

Zombar de algo que não se conhece, que não se examinou com o bisturi do observador consciencioso, não é criticar: é dar prova de leviandade e uma pobre ideia do próprio discernimento.

Certamente, se tivéssemos apresentado essa filosofia como obra de um cérebro humano, ela teria encontrado menos desprezo e teria recebido a honra de ser examinada por aqueles que pretendem dirigir a opinião pública; mas ela vem dos Espíritos; que absurdo! Mal merece um olhar deles; julgam-na pelo título, como o macaco da fábula julgava a noz pela casca.

Deixem de lado, se quiserem, sua origem; suponham que este livro seja obra de um homem e digam, em sua consciência, se, depois de lê-lo seriamente, encontram nele motivo para zombaria.

O espiritismo é o adversário mais temível do materialismo; não é de admirar, portanto, que tenha os materialistas como adversários; mas, como o materialismo é uma doutrina que mal se ousa admitir publicamente (prova de que aqueles que a professam não se sentem muito seguros e são dominados pela própria consciência), eles se cobrem com o manto da razão e da ciência; e, coisa estranha, os mais céticos chegam a falar em nome da religião, que não conhecem nem compreendem melhor que o espiritismo.

Seu alvo é sobretudo o maravilhoso e o sobrenatural, que não admitem; ora, segundo eles, como o espiritismo se funda no maravilhoso, só pode ser uma suposição ridícula.

Não percebem que, ao condenarem sem restrições o maravilhoso e o sobrenatural, condenam a religião; de fato, a religião se funda na revelação e nos milagres; ora, o que é a revelação, senão comunicações de além da humani-

dade? Todos os autores sagrados, desde Moisés, falaram desse tipo de comunicação.

O que são os milagres, senão fatos maravilhosos e sobrenaturais por excelência, já que são, no sentido litúrgico, exceções às leis da natureza? Portanto, ao rejeitarem o maravilhoso e o sobrenatural, rejeitam as próprias bases da religião. Mas não é desse ponto de vista que devemos considerar a questão.

O espiritismo não tem de examinar se existem ou não milagres, isto é, se Deus pôde, em certos casos, abrir exceções às leis eternas que regem o universo; a esse respeito, deixa toda a liberdade de crença; afirma e prova que os fenômenos em que se apoia só têm de sobrenatural a aparência; esses fenômenos só parecem assim aos olhos de certas pessoas porque são incomuns e estão fora dos fatos conhecidos; mas não são mais sobrenaturais que todos os fenômenos que a ciência hoje explica e que pareciam maravilhosos em outra época.

Todos os fenômenos espíritas, sem exceção, são consequência de leis gerais; revelam-nos uma das forças da natureza, força desconhecida, ou melhor, incompreendida até aqui, mas que a observação demonstra fazer parte da ordem das coisas.

O espiritismo, por conseguinte, se apoia menos no maravilhoso e no sobrenatural que a própria religião; aqueles que o atacam sob esse aspecto o fazem porque não o conhecem, e, ainda que fossem os homens mais sábios, nós lhes diríamos: se a ciência de vocês, que lhes ensinou tantas coisas, não lhes ensinou que o domínio da natureza é infinito, vocês são sábios apenas pela metade.

Vocês querem, dizem, curar seu século de uma mania que ameaça invadir o mundo. Prefeririam que o mundo fosse invadido pela incredulidade que procuram propagar? Não é à ausência de toda crença que se deve atribuir o enfraquecimento dos laços de família e a maioria das desordens que minam a sociedade?

Ao demonstrar a existência e a imortalidade da alma, o espiritismo reaviva a fé no futuro, reanima os desalentados, faz suportar com resignação as dificuldades da vida; vocês ousariam chamar isso de um mal?

Duas doutrinas estão frente a frente: uma nega o futuro, a outra o proclama e o prova; uma não explica nada, a outra explica tudo e, por isso mesmo, se dirige à razão; uma legitima o egoísmo, a outra dá uma base à justiça, à caridade e ao amor aos semelhantes; a primeira mostra apenas o presente e aniquila toda esperança, a segunda consola e mostra o vasto campo do futuro; qual é a mais nociva?

Certas pessoas, entre elas algumas das mais céticas, se fazem apóstolos da fraternidade e do progresso; mas a fraternidade pressupõe o desinteresse, a renúncia aos interesses pessoais; na verdadeira fraternidade, o orgulho é uma anomalia.

Com que direito vocês impõem um sacrifício àquele a quem dizem que, quando morrer, tudo terá acabado para ele; que amanhã talvez não seja mais que uma velha máquina desmontada e jogada à beira da rua? Que razão ele tem para se impor qualquer privação? Não é mais natural que, durante os breves instantes que vocês lhe concedem, ele procure viver o melhor possível?

Daí o desejo de possuir muito para desfrutar mais; desse desejo nasce o ciúme daqueles que possuem mais que ele; e desse ciúme à vontade de tomar o que eles têm há apenas um passo. O que o detém? A lei? Mas a lei não alcança todos os casos. Vocês dirão que é a consciência, o sentimento do dever? Mas em que baseiam o sentimento do dever?

Esse sentimento tem razão de ser com a crença de que tudo termina com a vida? Com essa crença, uma única máxima é racional: cada um por si; as ideias de fraternidade, de consciência, de dever, de humanidade, até mesmo de progresso, são apenas palavras vazias. Oh!

Vocês, que proclamam semelhantes doutrinas, não sabem todo o mal que fazem à sociedade, nem por quantos crimes assumem a responsabilidade! Mas por que falo de responsabilidade? Para o cético, ela não existe; ele só presta homenagem à matéria.

O progresso da humanidade tem seu princípio na aplicação da lei de justiça, de amor e de caridade; essa lei se funda na certeza do futuro; retirem essa certeza e lhe retirarão a pedra fundamental.

Dessa lei derivam todas as outras, pois ela encerra todas as condições da felicidade do homem; só ela pode curar as feridas da sociedade, e ele pode avaliar, comparando as épocas e os povos, quanto sua condição melhora à medida que essa lei é mais bem compreendida e praticada.

Se uma aplicação parcial e incompleta produz um bem real, o que acontecerá quando ele fizer dela a base de todas as suas instituições sociais! Isso é possível? Sim; pois, se ele deu dez passos, pode dar vinte, e assim por diante. Pode-se, portanto, avaliar o futuro pelo passado.

Já vemos desaparecer pouco a pouco as antipatias entre os povos; as barreiras que os separavam caem diante da civilização; eles se dão as mãos de uma ponta à outra do mundo; uma justiça maior orienta as leis internacionais; as guerras se tornam cada vez mais raras e não excluem os sentimentos de humanidade; a uniformidade se estabelece nas relações; as distinções de raças e de castas se apagam, e os homens de crenças diferentes fazem calar os preconceitos de seitas para se unirem na adoração de um só Deus.

Falamos dos povos que marcham à frente da civilização (789-793). Sob todos esses aspectos, ainda se está longe da perfeição, e ainda há muitas velhas ruínas a derrubar, até que tenham desaparecido os últimos vestígios da barbárie; mas essas ruínas poderão resistir ao poder irresistível do progresso, a essa força viva que é, ela própria, uma lei da natureza?

Se a geração presente está mais avançada que a geração passada, por que aquela que nos sucederá não estaria mais avançada que a nossa? Ela estará, pela força das coisas; primeiro, porque, com as gerações, desaparecem a cada dia alguns defensores dos velhos abusos, e assim a sociedade se forma pouco a pouco de elementos novos que se livraram dos velhos preconceitos; segundo, porque o homem, desejando o progresso, estuda os obstáculos e se empenha em derrubá-los.

Uma vez que o movimento progressivo é incontestável, não se pode duvidar do progresso futuro. O homem quer ser feliz, isso está na natureza; ora, ele só busca o progresso para aumentar sua felicidade, pois, sem isso, o progresso não teria finalidade; onde estaria o progresso para ele, se esse progresso não devesse melhorar sua situação?

Mas, quando tiver todos os prazeres que o progresso intelectual pode proporcionar, perceberá que não tem a felicidade completa; reconhecerá que essa felicidade é impossível sem a segurança nas relações sociais; e essa segurança ele só pode encontrar no progresso moral; portanto, pela força das coisas, ele mesmo impulsionará o progresso nesse caminho, e o espiritismo lhe oferecerá a mais poderosa alavanca para alcançar esse objetivo.

Aqueles que dizem que as crenças espíritas ameaçam invadir o mundo proclamam, por isso mesmo, sua força, pois uma ideia sem fundamento e desprovida de lógica não poderia se tornar universal; se, portanto, o espiritismo se estabelece por toda parte, se conquista adeptos sobretudo nas classes esclarecidas, como todos reconhecem, é porque tem um fundo de verdade.

Contra essa tendência, todos os esforços de seus detratores serão inúteis, e a prova disso é que o próprio ridículo com que procuraram cobri-lo, longe de deter seu avanço, parece ter lhe dado uma nova vida.

Esse resultado justifica plenamente o que os Espíritos tantas vezes nos disseram: "Não se preocupem com a oposição; tudo o que fizerem contra vocês se voltará a seu favor, e seus maiores adversários servirão à sua causa sem querer. Contra a vontade de Deus, a má vontade dos homens não poderá prevalecer."

Pelo espiritismo, a humanidade deve entrar em uma nova fase, a do progresso moral, que é sua consequência inevitável. Deixem, portanto, de se espantar com a rapidez com que se propagam as ideias espíritas; a causa está na satisfação que elas proporcionam a todos os que as estudam a fundo e nelas veem algo além de um passatempo fútil; ora, como se deseja a pró-

pria felicidade acima de tudo, não é de espantar que as pessoas se apeguem a uma ideia que as torna felizes.

O desenvolvimento dessas ideias apresenta três períodos distintos: o primeiro é o da curiosidade provocada pela estranheza dos fenômenos que ocorreram; o segundo, o do raciocínio e da filosofia; o terceiro, o da aplicação e das consequências.

O período da curiosidade passou; a curiosidade dura apenas algum tempo: uma vez satisfeita, abandona-se seu objeto para passar a outro; não acontece o mesmo com aquilo que se dirige ao pensamento sério e ao discernimento. O segundo período começou, e o terceiro virá inevitavelmente.

O espiritismo progrediu sobretudo desde que passou a ser mais bem compreendido em sua essência íntima, desde que se percebe seu alcance, porque toca a corda mais sensível do homem: a de sua felicidade, mesmo neste mundo; aí está a causa de sua propagação, o segredo da força que o fará triunfar.

Ele torna felizes os que o compreendem, enquanto sua influência ainda não se estende às massas. Mesmo aquele que não testemunhou nenhum fenômeno material de manifestação diz a si mesmo: além desses fenômenos, há a filosofia; essa filosofia me explica o que nenhuma outra havia me explicado; nela encontro, pelo raciocínio apenas, uma demonstração racional dos problemas que interessam no mais alto grau ao meu futuro; ela me proporciona calma, segurança, confiança; ela me livra do tormento da incerteza; diante disso, a questão dos fatos materiais é secundária.

Todos vocês que o atacam querem um meio de combatê-lo com sucesso? Aqui está. Substituam-no por algo melhor; encontrem uma solução mais filosófica para todas as questões que ele resolve; deem ao homem outra certeza que o torne mais feliz, e compreendam bem o alcance dessa palavra, certeza, pois o homem só aceita como certo aquilo que lhe parece lógico; não se contentem em dizer que isso não existe, é fácil demais; provem, por fatos, e não por uma negação, que isso não existe, nunca existiu e não pode existir; se isso não existe, digam sobretudo o que haveria em seu lugar; provem, enfim, que as consequências do espiritismo não são tornar os homens melhores e, portanto, mais felizes, pela prática da mais pura moral evangélica, moral que tanto se elogia, mas que tão pouco se pratica.

Quando tiverem feito isso, terão o direito de atacá-lo. O espiritismo é forte porque se apoia nas próprias bases da religião: Deus, a alma, as penas e as recompensas futuras; sobretudo porque mostra essas penas e essas recompensas como consequências naturais da vida terrestre, e porque nada, no quadro que apresenta do futuro, pode ser rejeitado pela razão mais exigente.

Vocês, cuja doutrina inteira consiste na negação do futuro, que compensação oferecem para os sofrimentos deste mundo? Vocês se apoiam na incredulidade, ele se apoia na confiança em Deus; enquanto ele convida os homens à felicidade, à esperança, à verdadeira fraternidade, vocês oferecem ao homem o nada como perspectiva e o egoísmo como consolo; ele explica tudo, vocês não explicam nada; ele prova pelos fatos, e vocês não provam nada; como querem que se hesite entre as duas doutrinas?

Seria ter uma ideia muito falsa do espiritismo acreditar que ele tira sua força da prática das manifestações materiais e que, assim, impedindo essas manifestações, se pode abalá-lo em sua base. Sua força está em sua filosofia, no apelo que faz à razão, ao bom senso.

Na Antiguidade, ele era objeto de estudos misteriosos, cuidadosamente escondidos do povo; hoje, não tem segredos para ninguém; fala uma linguagem clara, sem ambiguidade; nele, nada de místico, nenhuma alegoria sujeita a falsas interpretações: ele quer ser compreendido por todos, porque chegou o tempo de dar a conhecer a verdade aos homens; longe de se opor à difusão da luz, ele a quer para todos; não exige uma crença cega, quer que se saiba por que se crê; apoiando-se na razão, será sempre mais forte do que aqueles que se apoiam no nada.

Os obstáculos que se tentasse impor à liberdade das manifestações poderiam sufocá-las? Não, pois produziriam o efeito de todas as perseguições: despertar a curiosidade e o desejo de conhecer aquilo que fosse proibido.

Por outro lado, se as manifestações espíritas fossem privilégio de um só homem, não há dúvida de que, afastando esse homem, se poria fim às manifestações; infelizmente para os adversários, elas estão ao alcance de todos, e delas se faz uso do menor ao maior, do palácio ao sótão.

Pode-se proibir sua prática pública; mas sabe-se precisamente que não é em público que elas melhor se produzem: é na intimidade; ora, como todos podem ser médiuns, quem pode impedir uma família em sua casa, um indivíduo no silêncio de seu escritório, um prisioneiro atrás das grades, de ter comunicações com os Espíritos, sem que os agentes da repressão saibam e até mesmo diante deles?

Se forem proibidas em um país, será possível impedi-las nos países vizinhos, no mundo inteiro, já que não há uma região, nos dois continentes, onde não existam médiuns?

Para encarcerar todos os médiuns, seria preciso encarcerar metade do gênero humano; mesmo que se chegasse, o que dificilmente seria mais fácil, a queimar todos os livros espíritas, no dia seguinte eles seriam reproduzidos, porque sua fonte é inatacável e não se pode encarcerar nem queimar os Espíritos, que são seus verdadeiros autores.

O espiritismo não é obra de um homem; ninguém pode se dizer seu criador, pois ele é tão antigo quanto a criação; encontra-se por toda parte, em todas as religiões, e na religião católica ainda mais, e com mais autoridade do que em todas as outras, pois nela se encontra o princípio de tudo: os Espíritos de todos os graus, suas relações ocultas e evidentes com os homens, os anjos da guarda, a reencarnação, a emancipação da alma durante a vida, a dupla vista, as visões, as manifestações de todo tipo, as aparições e até as aparições tangíveis. Quanto aos demônios, eles nada mais são do que os maus Espíritos e, exceto pela crença de que os primeiros estão destinados ao mal para sempre, enquanto o caminho do progresso não está fechado aos outros, entre eles só há uma diferença de nome.

O que faz a ciência espírita moderna? Reúne em um conjunto o que estava disperso; explica em termos precisos o que só era explicado em linguagem alegórica; elimina o que a superstição e a ignorância geraram, para deixar apenas a realidade e os fatos concretos: esse é seu papel; mas o de fundadora não lhe pertence; ela mostra o que existe, coordena, mas não cria nada, pois suas bases são de todos os tempos e de todos os lugares; quem, então,

ousaria se julgar forte o bastante para sufocá-la sob os sarcasmos e até sob a perseguição?

Se for banida de um lado, renascerá em outros lugares, no próprio terreno de onde a tiverem expulsado, porque está na natureza, e não é dado ao homem aniquilar uma força da natureza nem impor seu veto aos decretos de Deus.

Que interesse haveria, aliás, em impedir a propagação das ideias espíritas? Essas ideias, é verdade, se levantam contra os abusos que nascem do orgulho e do egoísmo; mas esses abusos, dos quais alguns tiram proveito, prejudicam a massa; o espiritismo terá, portanto, a massa a seu favor e só terá como adversários sérios aqueles que têm interesse em manter esses abusos.

Por sua influência, ao contrário, essas ideias, tornando os homens melhores uns para os outros, menos ávidos por interesses materiais e mais resignados aos decretos da Providência, são uma garantia de ordem e tranquilidade.

O espiritismo se apresenta sob três aspectos diferentes: o fato das manifestações, os princípios de filosofia e de moral que delas decorrem e a aplicação desses princípios; daí três classes, ou melhor, três graus entre os adeptos: 1° os que creem nas manifestações e se limitam a constatá-las: para eles, é uma ciência de experimentação; 2° os que compreendem suas consequências morais; 3° os que praticam ou se esforçam para praticar essa moral. Seja qual for o ponto de vista, científico ou moral, sob o qual se considerem esses fenômenos estranhos, todos compreendem que surge toda uma nova ordem de ideias, cujas consequências só podem ser uma profunda mudança no estado da humanidade, e todos compreendem também que essa mudança só pode ocorrer no sentido do bem.

Quanto aos adversários, também podemos classificá-los em três categorias: 1° os que negam por sistema tudo o que é novo ou não vem deles e que falam disso sem conhecimento de causa.

A essa classe pertencem todos os que nada admitem fora do testemunho dos sentidos; nada viram, nada querem ver e menos ainda aprofundar; ficariam até contrariados se vissem com muita clareza, por medo de serem obrigados a reconhecer que não têm razão; para eles, o espiritismo é uma quimera, uma loucura, uma utopia, não existe: é mais rápido dizer isso.

São os incrédulos por decisão prévia. Ao lado deles, podemos colocar os que se dignaram a dar uma olhada para desencargo de consciência, a fim de poder dizer: Quis ver e nada vi; não compreendem que seja preciso mais de meia hora para conhecer toda uma ciência. – 2° Os que, sabendo muito bem o que pensar sobre a realidade dos fatos, ainda assim os combatem por motivos de interesse pessoal.

Para eles, o espiritismo existe, mas têm medo de suas consequências; atacam-no como a um inimigo. – 3° Os que encontram na moral espírita uma censura severa demais a seus atos ou a suas tendências. O espiritismo levado a sério os incomodaria; não o rejeitam nem o aprovam: preferem fechar os olhos.

Os primeiros são movidos pelo orgulho e pela presunção; os segundos, pela ambição; os terceiros, pelo egoísmo. Compreende-se que essas causas de oposição, por não terem nada de sólido, devam desaparecer com o tempo, pois procuraríamos em vão uma quarta classe de antagonistas, a que se apoiaria em provas contrárias evidentes e que demonstrassem um estudo

consciencioso e trabalhoso da questão; todos opõem apenas a negação, nenhum apresenta uma demonstração séria e irrefutável.

Seria esperar demais da natureza humana acreditar que ela possa se transformar de repente pelas ideias espíritas. Sua ação certamente não é a mesma, nem ocorre no mesmo grau em todos os que as professam; mas, seja qual for o resultado, por menor que seja, é sempre uma melhora, ainda que seja apenas por dar a prova da existência de um mundo extracorpóreo, o que implica a negação das doutrinas materialistas.

Essa é a própria consequência da observação dos fatos; mas, naqueles que compreendem o espiritismo filosófico e veem nele algo além de fenômenos mais ou menos curiosos, ele tem outros efeitos; o primeiro, e o mais geral, é desenvolver o sentimento religioso mesmo naquele que, sem ser materialista, só tem indiferença pelas coisas espirituais.

Disso resulta nele o desprezo pela morte; não dizemos o desejo da morte, longe disso, pois o espírita defenderá sua vida como qualquer outro, mas uma indiferença que faz aceitar, sem murmúrio e sem pesar, uma morte inevitável, como algo mais feliz do que temível, pela certeza do estado que a sucede.

O segundo efeito, quase tão geral quanto o primeiro, é a resignação nas vicissitudes da vida. O espiritismo faz ver as coisas de tão alto que, perdendo a vida terrestre três quartos de sua importância, já não nos deixamos afetar tanto pelas tribulações que a acompanham: daí, mais coragem nas aflições, mais moderação nos desejos; daí também o afastamento da ideia de abreviar os próprios dias, pois a ciência espírita ensina que, pelo suicídio, sempre se perde o que se queria ganhar.

A certeza de um futuro que depende de nós tornar feliz, a possibilidade de estabelecer relações com seres que nos são queridos, oferecem ao espírita uma suprema consolação; seu horizonte se amplia até o infinito pelo espetáculo incessante que tem da vida de além-túmulo, cujas profundezas misteriosas pode sondar.

O terceiro efeito é estimular a indulgência para com os defeitos alheios; mas, é preciso dizer, o princípio egoísta e tudo o que dele decorre são o que há de mais persistente no ser humano e, por consequência, de mais difícil de arrancar pela raiz; fazemos sacrifícios de boa vontade, desde que não custem nada e, sobretudo, não nos privem de nada; o dinheiro ainda tem para a maioria uma atração irresistível, e bem poucos compreendem a palavra supérfluo quando se trata de si mesmos; por isso, a abnegação da própria personalidade é o sinal do progresso mais elevado.

Os Espíritos, dizem algumas pessoas, nos ensinam uma moral nova, algo superior ao que disse o Cristo? Se essa moral não é outra senão a do Evangelho, para que serve o espiritismo?

Esse raciocínio se parece singularmente com o do califa Omar ao falar da biblioteca de Alexandria: "Se ela contém, dizia ele, apenas o que há no Alcorão, é inútil, portanto é preciso queimá-la; se contém outra coisa, é má, portanto também é preciso queimá-la."

Não, o espiritismo não contém uma moral diferente da de Jesus; mas perguntaremos, por nossa vez, se, antes do Cristo, os homens não tinham a lei dada por Deus a Moisés? Sua doutrina não se encontra no Decálogo? Diremos, por isso, que a moral de Jesus era inútil?

Perguntaremos ainda aos que negam a utilidade da moral espírita por que a do Cristo é tão pouco praticada e por que aqueles mesmos que proclamam, com razão, sua sublimidade são os primeiros a violar a primeira de suas leis: a caridade universal.

Os Espíritos vêm não apenas confirmá-la, mas nos mostram sua utilidade prática; tornam compreensíveis e evidentes verdades que só haviam sido ensinadas sob a forma alegórica; e, ao lado da moral, vêm definir os problemas mais abstratos da psicologia.

Jesus veio mostrar aos homens o caminho do verdadeiro bem; por que Deus, que o havia enviado para lembrar sua lei desconhecida, não enviaria hoje os Espíritos para lembrá-la de novo aos homens e com mais precisão, quando eles a esquecem para sacrificar tudo ao orgulho e à cobiça? Quem ousaria impor limites ao poder de Deus e traçar seus caminhos?

Quem diz que, como afirmam os Espíritos, os tempos previstos não se cumpriram e que não estamos próximos daqueles em que verdades mal compreendidas ou falsamente interpretadas devem ser reveladas abertamente ao gênero humano para apressar seu avanço? Não há algo de providencial nessas manifestações que se produzem simultaneamente em todos os pontos do globo?

Não é um só homem, um profeta que vem nos advertir, é de toda parte que a luz surge; é todo um mundo novo que se desenrola diante de nossos olhos. Assim como a invenção do microscópio nos revelou o mundo dos infinitamente pequenos, de que não suspeitávamos; assim como o telescópio nos revelou os milhares de mundos de que tampouco suspeitávamos, as comunicações espíritas nos revelam o mundo invisível que nos cerca, está ao

nosso lado sem cessar e, sem que saibamos, participa de tudo o que fazemos.

Mais algum tempo, e a existência desse mundo, que é o que nos espera, será tão incontestável quanto a do mundo microscópico e dos globos perdidos no espaço. Será então pouca coisa nos ter dado a conhecer todo um mundo; nos ter iniciado nos mistérios da vida de além-túmulo?

É verdade que essas descobertas, se podemos lhes dar esse nome, contrariam um pouco certas ideias aceitas; mas será que todas as grandes descobertas científicas não modificaram igualmente, e até abalaram, as ideias de maior crédito, e não foi preciso que nosso amor-próprio se curvasse diante da evidência?

O mesmo acontecerá com o espiritismo e, em breve, ele terá seu lugar reconhecido entre os conhecimentos humanos.

As comunicações com os seres de além-túmulo tiveram como resultado nos fazer compreender a vida futura, nos fazer vê-la, nos iniciar nas penas e nos prazeres que nos esperam nela segundo nossos méritos e, por isso mesmo, reconduzir ao espiritualismo aqueles que só viam em nós matéria, uma máquina organizada; por isso tivemos razão ao dizer que o espiritismo matou o materialismo pelos fatos.

Ainda que tivesse produzido apenas esse resultado, a ordem social lhe deveria reconhecimento; mas ele faz mais: mostra os efeitos inevitáveis do mal e, por consequência, a necessidade do bem.

O número daqueles que ele reconduziu a sentimentos melhores, cujas más tendências neutralizou e a quem desviou do mal, é maior do que se pensa e

aumenta todos os dias; é que, para eles, o futuro já não é vago; já não é uma simples esperança, é uma verdade que se compreende, que se explica, quando vemos e ouvimos aqueles que nos deixaram lamentar ou se felicitar pelo que fizeram na Terra.

Todo aquele que testemunha isso começa a refletir e sente a necessidade de se conhecer, de se julgar e de se corrigir.

9. **Os adversários do espiritismo não deixaram de usar contra ele algumas divergências de opinião sobre certos pontos da doutrina. Não é de admirar que, no início de uma ciência, quando as observações ainda são incompletas e cada um a considera de seu ponto de vista, tenham surgido sistemas contraditórios; mas, hoje, três quartos desses sistemas já caíram diante de um estudo mais aprofundado, a começar por aquele que atribuía todas as comunicações ao Espírito do mal, como se fosse impossível a Deus enviar bons Espíritos aos homens: doutrina absurda, porque é desmentida pelos fatos; ímpia, porque nega o poder e a bondade do Criador. Os Espíritos sempre nos disseram que não nos preocupássemos com essas divergências e que a unidade se faria; ora, a unidade já se fez sobre a maioria dos pontos, e as divergências tendem a desaparecer a cada dia. A esta pergunta: Enquanto a unidade não se faz, em que o homem imparcial e desinteressado pode se basear para formar um juízo? Eis a resposta deles:**

> « A luz mais pura não é obscurecida por nenhuma nuvem; o diamante sem mancha é o de maior valor; julguem, portanto, os Espíritos pela pureza de seu ensinamento. Não se esqueçam de que, entre os Espíritos, há os que ainda não se despojaram das ideias da vida terrestre; saibam distingui-los por sua linguagem; julguem-nos pelo conjunto do que lhes dizem; vejam se há encadeamento lógico nas ideias; se nada nelas revela ignorância, orgulho ou maldade; em uma palavra, se suas palavras trazem sempre a marca da sabedoria que revela a verdadeira superioridade. Se o mundo de vocês fosse inacessível ao erro, seria perfeito, e está longe disso; vocês ainda estão aprendendo a distinguir o erro da verdade; precisam das lições da experiência para exercitar o julgamento e avançar. A unidade se fará do lado em que o bem nunca se misturou ao mal; é desse lado que os homens se reunirão pela força das

> coisas, pois julgarão que ali está a verdade.
>
> « Que importam, aliás, algumas discordâncias, que estão mais na forma do que no fundo! Observem que os princípios fundamentais são os mesmos em toda parte e devem uni-los em um pensamento comum: o amor a Deus e a prática do bem. Por conseguinte, sejam quais forem o modo de progressão que se suponha ou as condições normais da existência futura, o objetivo final é o mesmo: fazer o bem; ora, não há duas maneiras de fazê-lo. »

Se, entre os adeptos do espiritismo, há os que divergem de opinião sobre alguns pontos da teoria, todos concordam nos pontos fundamentais; há, portanto, unidade, exceto por parte daqueles, em número muito pequeno, que ainda não admitem a intervenção dos Espíritos nas manifestações e que as atribuem ou a causas puramente físicas, o que é contrário a este axioma: Todo efeito inteligente deve ter uma causa inteligente; ou ao reflexo de nosso próprio pensamento, o que é desmentido pelos fatos.

Os outros pontos são apenas secundários e em nada atingem as bases fundamentais. Pode, portanto, haver escolas que procurem se esclarecer sobre as partes ainda controversas da ciência; não deve haver seitas rivais entre si; só haveria antagonismo entre os que querem o bem e os que fariam ou desejariam o mal; ora, não há um só espírita sincero e compenetrado das grandes máximas morais ensinadas pelos Espíritos que possa querer o mal ou desejar o mal de seu próximo, sem distinção de opinião.

Se uma delas estiver no erro, a luz mais cedo ou mais tarde se fará para ela, se a buscar de boa-fé e sem preconceitos; enquanto isso, todas têm um laço comum que deve uni-las em um mesmo pensamento; todas têm um mesmo objetivo; pouco importa, portanto, o caminho, desde que ele conduza a esse objetivo; nenhuma deve se impor pela coação material ou moral, e só estaria errada aquela

que lançasse o anátema sobre outra, pois agiria evidentemente sob a influência de maus Espíritos.

A razão deve ser o argumento supremo, e a moderação assegurará melhor o triunfo da verdade do que os ataques verbais envenenados pela inveja e pelo ciúme. Os bons Espíritos só pregam a união e o amor ao próximo, e jamais um pensamento maldoso ou contrário à caridade pôde vir de uma fonte pura.

Ouçamos sobre esse assunto, e para terminar, os conselhos do Espírito de Santo Agostinho.

> « Por tempo suficiente, os homens se dilaceraram uns aos outros e trocaram anátemas em nome de um Deus de paz e misericórdia, e Deus se ofende com semelhante sacrilégio. O espiritismo é o laço que um dia os unirá, porque lhes mostrará onde está a verdade e onde está o erro; mas ainda haverá, por muito tempo, escribas e fariseus que o negarão, como negaram o Cristo. Querem, então, saber sob a influência de quais Espíritos estão as diversas seitas que dividem o mundo entre si? Julguem-nas por suas obras e por seus princípios. Jamais os bons Espíritos foram os instigadores do mal; jamais aconselharam ou legitimaram o assassinato e a violência; jamais estimularam os ódios partidários, nem a sede de riquezas e honrarias, nem a avidez pelos bens da terra; somente aqueles que são bons, humanos e benevolentes para com todos são seus preferidos e são também os preferidos de Jesus, pois seguem o caminho que ele lhes mostrou para chegar até ele. »

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0